chiang sin

mistérios e magias do TIBET

MISTÉRIOS E MAGIAS DO TIBET

CHIANG SING

Especialista em assuntos orientais, a jornalista e escritora, que se oculta há anos, sob o nome de Chiang Sing, embora sendo genuinamente brasileira, sem nenhum parente oriental, filha da poetisa mineira Maria da Conceição Andrade de Arroxellas Galvão e do Dr. Carlos de Arroxellas Galvão, ex-Ministro do Supremo Tribunal, neto do Barão do Rio Apa, adotou o nome de uma lendária princesa chinesa que viveu na China há mais de quatro mil anos, com o qual é muito conhecida na imprensa do seu país.

Grande admiradora de Mme. Chiang Kai Chek, a jornalista Chiang Sing trabalhou durante vários anos no Departamento Cultural da Embaixada da China Nacionalista, e serviu como secretária da senhora Chiang Kai Chek, por ocasião da visita desta ilustre dama ao Brasil. Semanalmente Chiang Sing escreveu o "Boletim Cultural da Embaixada da China", que era transcrito na maioria dos jornais brasileiros. Ademais, foi também colaboradora assídua das colunas literárias do "Diário de Notícias", "O Jornal", "O Globo" e de diversas revistas como "Querida", "A Cigarra" etc. Seus artigos e poemas atravessaram nossas fronteiras encontrando eco em Goa e Portugal. Em Lisboa, a conceituada revista "Portugal Ilustrado", já publicou diversos artigos de sua autoria.

Após fazer alguns cursos na Europa, Chiang Sing publicou vários livros sôbre temas orientais e durante três anos viajou pela Índia, China, Nepal e Tibet. O presente livro é o fruto dêstes anos de viagem. A autora foi a primeira mulher brasileira que viveu entre os lamas do Tibet, sendo iniciada por êles em certos ritos do ocultismo oriental. "MISTÉRIOS E MAGIAS DO TIBET" é uma preciosa coleção de flagrantes de viagem, que nos conduz ao longínquo País das Neves e nos oferece uma idéia panorâmica sôbre a vida e os costumes do povo tibetano. Êste livro possui uma nitidez fotográfica que empolga o leitor e torna fácil a leitura. Seus capítulos são descritos com tal propriedade que o leitor não pode escapar ao dramático interêsse que despertam seus personagens nem o meio em que atuam, levado pelo sortilégio que a autora opera em seu ânimo pela extraordinária habilidade de aliar a simplicidade aos altos conhecimentos espirituais de que é possuidora.

MISTÉRIOS
E
MAGIAS DO TIBET

Obras de CHIANG SING:

A FLAUTA DE LIN TSU — Poesia (esgotado)

PAVILHÃO DAS PEÔNIAS — Poesia (esgotado)

YOGA PARA A MULHER

CULINÁRIA CHINESA

LENDAS DO CELESTE IMPÉRIO

NEFERTITI E OS MISTÉRIOS SAGRADOS DO EGITO
(romance histórico)

A sair:

ENCICLOPÉDIA VEGETARIANA

PEREGRINAÇÃO AOS TEMPLOS DO HIMALAIA (viagens)

LENDAS DO BUDISMO INDIANO

A HONORÁVEL FILOSOFIA DO CHÁ

LENDAS DO ANTIGO JAPÃO

1.ª edição — 1965

Direitos reservados desta edição pela

Editôra RODEMAR LTDA.
Rua da Alfândega, 107 — 3.º
Tel. — 43-5077 e 43-7385
Estado da Guanabara
Brasil

CHIANG SING

MISTÉRIOS E MAGIAS DO TIBET

Revelações do ocultismo tibetano, tal como foram observadas pessoalmente pela autora, A PRIMEIRA MULHER BRASILEIRA QUE ESTÊVE ENTRE OS MÍSTICOS E OS MAGOS DO TIBET

EDITÔRA RODEMAR LTDA.
RIO DE JANEIRO

CHIANG SING

MISTÉRIOS
E
MAGIAS DO TIBET

ÍNDICE

VII Prólogo

CAPÍTULO I

3 Prelúdio de uma longa experiência
4 O palácio do Rajá Dorge
6 Primeiro contato com a terra e o povo de Sikkim
9 A Festa das Flautas Pastoris
10 A verdade sôbre a Suástica
14 O Buda vivo de Sikkim e suas declarações proféticas
28 A sagrada festa de Wesak

CAPÍTULO II

36 O formoso lago dos lótus
38 Os vampiros da floresta de Nathu-Lha
39 O mosteiro do Kargyompa
42 A vida entre os Lamas
47 O punhal mágico do rei Langdharma

CAPÍTULO III

52 O Lama de Látchem
55 Os sábios alquimistas
59 Prodigiosas visões de um passado longínquo
77 A sombra do Buda
78 O teatro tibetano
85 Os ascetas que meditam nus sôbre a neve
88 As bonzas do Templo da Calma Profunda
96 O rei do mundo e os misteriosos reinos subterrâneos

CAPÍTULO IV

103 Milagres de levitação
106 Tsampa Tendar, o velho da montanha
107 Núpcias tibetanas
111 O Mosteiro de Gandim e sua árvore fabulosa
115 A cura pelas ervas e perfumes
123 A morte de um lama do chapéu amarelo
127 Ritos de um entêrro no País das Neves

CAPÍTULO V

130 Milarepa, ermitão, feiticeiro e poeta
135 O segrêdo de Yeti, o homem das neves
136 Magia negra no teto do mundo
142 O mistério da sucessão dos Lamas
152 Notas sôbre o govêrno tibetano

CAPÍTULO VI

155 Lhassa, a cidade dos deuses
160 Encontro com o Lama-Rei
163 Visita ao palácio Potala
166 A pintura mágica de Padma Sambhava
175 O oráculo de Nechung
181 A Yoga tibetana
186 Visita aos templos de Lhassa
192 O crepúsculo dos Lamas
195 A iniciação final
201 Última visão da cidade proibida
205 Epílogo

PRÓLOGO

"Há épocas, homens e acontecimentos sôbre os quais só a História pode emitir um julgamento definitivo; os contemporâneos e as testemunhas oculares ùnicamente devem referir o que viram e ouviram. A verdade assim o exige."

TITO LÍVIO

Tempos atrás, quando publicamos no "Diário de Notícias" do Rio de Janeiro e no "O Jornal", alguns artigos esparsos sôbre a nossa viagem ao Tibet, inúmeros leitores nos escreveram demonstrando grande interêsse em saber como pudemos viver entre os lamas, como são os seus Templos, os seus deuses e as suas crenças.

Nêste livro procuramos satisfazer esta benévola curiosidade. Fomos ao Oriente buscando os donos da sabedoria milenar e seus ensinamentos secretos. Durante esta busca que durou três anos, viajamos pela China, Índia, Nepal e Tibet, entrevistando os místicos e os magos dêstes longínquos países. Todavia, nesta obra focalizamos apenas a parte referente ao Tibet — o País das Neves — que é considerado por muitos como a pátria do mistério e do impossível.

Como introdução, convém citarmos alguns dados gerais, provàvelmente conhecidos pela maioria dos leitores, mas cuja repetição neste encadeamento de relatos, pode vir a ser útil.

Tibet é o nome de uma terra montanhosa na Ásia Central, situada entre 27 e 39 graus de latitude norte. Êste último fato é especialmente notável porquê o Tibet, graças a esta posição geográfica, é capaz de controlar todo o mundo; de fato, e ainda mais assim, porque a zona compreendida entre 20 e 50 graus de latitude norte é habitada pela maioria da população do mundo.

Ademais, o Tibet, cujo nome original é "Bod-Yul" ou "Terra da Sabedoria Perfeita", ocupa o mais alto platô da terra. Por esta razão é também chamado de "Teto do Mundo", sendo limitada de todos os lados por altas cordilheiras, das quais as mais conhecidas são as montanhas do Himalaia, que se estendem ao longo das fronteiras meridionais.

A população tibetana pertence à raça mongólica, uma das mais antigas do mundo. Possui uma tendência religiosa natural, através da qual a velha e lendária Atlântida ainda se manifesta. Esta tem sido a base para o desenvolvimento do Lamaísmo que é um ramo do Budismo indiano. Um têrço da população masculina do Tibet pertence ao sacerdócio, e o Dalai Lama é o seu chefe simbólico e corresponde ao Papa da religião católica. Diz a tradição que até bem pouco tempo, viviam no Tibet os "Guardiães do Conhecimento Secreto", os misteriosos sábios que possuem em seus arquivos a verdadeira história dos continentes desaparecidos — Atlântida e Lemúria — bem como a história da humanidade futura da qual êles tiveram uma esplêndida visão intuitiva. Diz outra tradição que êstes sábios viveriam no Tibet enquanto os estrangeiros não invadissem o seu país. Sem dúvida êste deve ser o verdadeiro motivo pelo qual o Tibet foi uma terra inacessível para os estrangeiros, durante tantos séculos. Com a invasão do Tibet, provàvelmente êstes sábios deixaram o Teto do Mundo pois sabiam que isto seria o sinal de que o ciclo da evolução tinha mudado para o Ocidente, tal como o afirmam as velhas profecias orientais. A invasão do Tibet foi prevista pelos astrólogos tibetanos no ano de 1850 e escrita num documento intitulado "Fatos que ocorrerão no ano do Dragão e da Madeira". Em 1904, o documento foi visto pelo Coronel Younghusband, chefe das tropas britânicas no Tibet. Neste curioso documento — diz o erudito Sir Charles Bell — "encontra-se predita a I e a II Grande Guerra; a morte do 13º Dalai no ano de 1924, o ocaso do misticismo tibetano e finalmente a invasão do Tibet pelos Filhos da Fenix Vermelha (comunistas), em outubro de 1950. Diz ainda que a luz da sabedoria voltará a brilhar no Ocidente e, em especial, na América do Sul, que tanto os chineses como os tibetanos chamam de "O Fu Sang". Aliás, afirmam os lamas que as terras das Américas são velhíssimas, muito mais velhas do que a Ásia. Sua história está gravada em pedras que existem hoje em regiões peruanas, brasileiras e mexicanas,

Sabe-se que a lingua "otomil' dos antigos aztecas tem um estreito parentesco com o idioma chinês. Ademais, Quetzalcoalt, o grande herói azteca, denominado "Serpente de Plumas", tem uma estreita analogia com os remotos Imperadores Celestes ou T'ien-Huang do período mitológico chinês. Um dêstes Imperadores Celestes foi Fu-Hi, o Grande Onipotente que alguns cronólogos dizem ter vivido em começos do III milênio a.C. Segundo uma tradição chinesa "Fu-Hi desceu da constelação de Kuei em sua nave dourada para vir ensinar aos homens todo o seu poder."

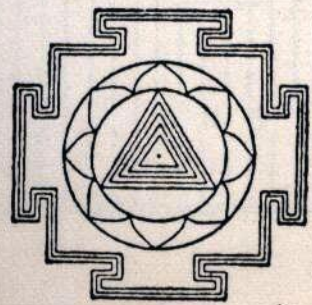
Fu-Hi foi também chamado "A sábia Serpente de Plumas". Aliás, nas conhecidas esculturas de pedra das tumbas de wu-chi-shan, em Shantung, descritas pelo erudito Professor Chavannes, e que datam do século II a.C., há uma representação de Fu-Hi e de uma mulher, talvez sua espôsa. A parte inferior de ambos os corpos está representada por caudas de serpentes enlaçadas.

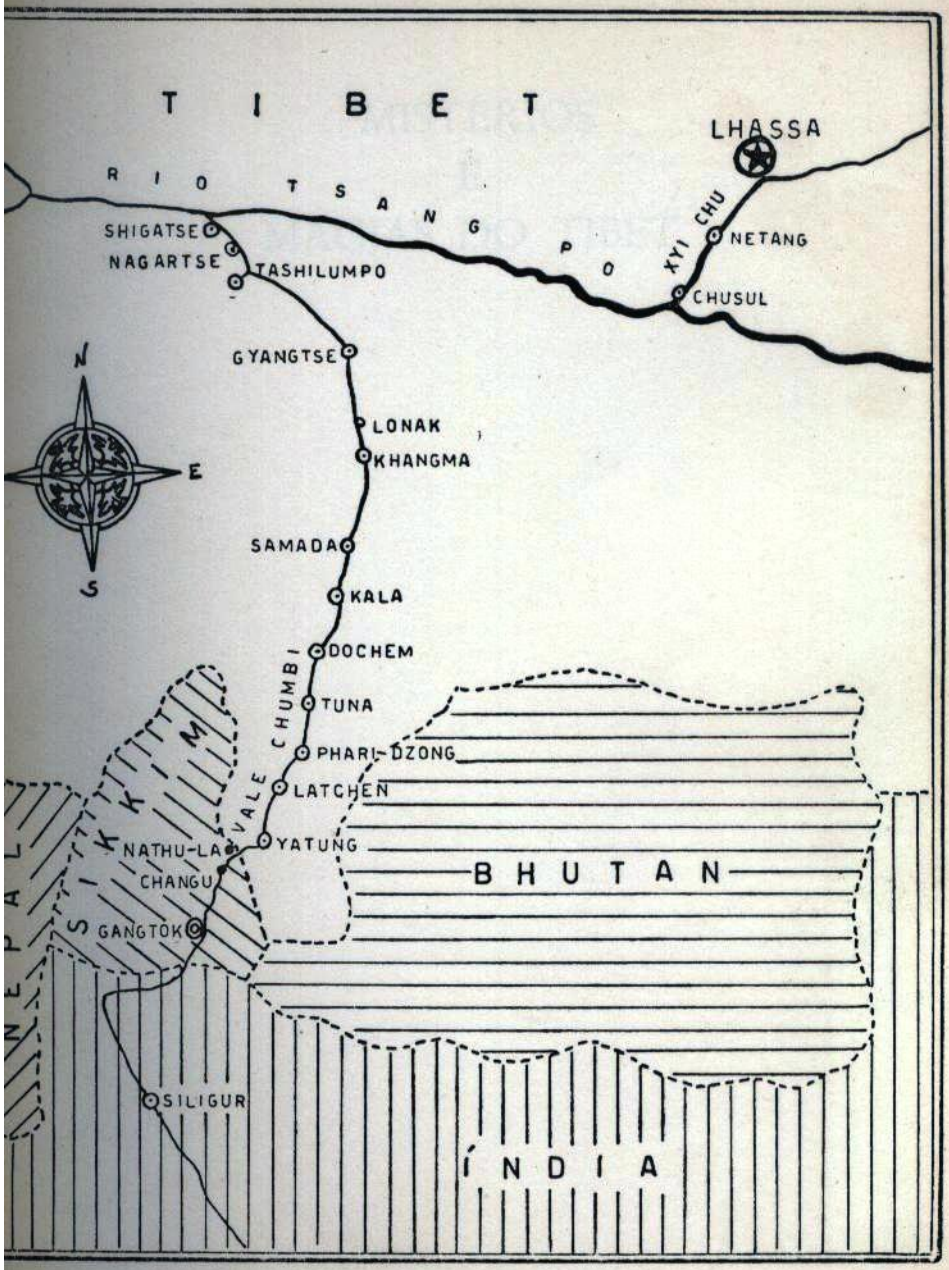
Terminando êste nosso humilde prólogo devemos dizer que é interessante e quase imprescindível para compreender bem esta nossa obra sôbre o Tibet, verdadeira série de aventuras curiosas e apaixonantes que marcaram um bom período da minha vida, que o leitor porcure dominar a sua sêde de verdade exata, de provas materiais — tão próprias da raça ocidental — e considere como possível a comunicação do ser humano com a essência divina do Cosmos, que o lendário Oriente conhece após milenares experiências espirituais. Ouso dizer ainda, para refrescar a memória do querido leitor que tal como ensina a antiga sabedoria oriental:

"Tudo na vida é mutável e ilusório. A lei essencial do ser humano consiste em elevar-se do plano material que é efêmero aos planos espirituais, que são a única realidade."

CHIANG SING

Rio, 18º dia do 5º mês do Ano do Tigre
Vigília das Cinco Estrêlas




TIBET
LHASSA
RIO TSANG PO
XYI CHU
SHIGATSE
NAGARTSE
TASHILUMPO
NETANG
CHUSUL
GYANGTSE
LONAK
KHANGMA
SAMADA
KALA
DOCHEM
CHUMBI VALE
TUNA
PHARI-DZONG
LATCHEN
YATUNG
NATHU-LA
CHANGU
GANGTOK
SIKKIM
BHUTAN
SILIGUR
INDIA
N
E
S

MISTÉRIOS
E
MAGIAS DO TIBET

Capítulo I

PRELÚDIO DE UMA LONGA EXPERIÊNCIA — O PALÁCIO DO RAJÁ DORGE — PRIMEIRO CONTATO COM A TERRA E O POVO DE SIKKIM — A FESTA DAS FLAUTAS PASTORIS — A VERDADE SÔBRE A SUÁSTICA — O BUDA VIVO DE SIKKIM E SUAS DECLARAÇÕES PROFÉTICAS.

O trem atravessou as planícies de Bengala, aos pés dos montes Himalaia, e penetrou no solo nepalês. Uma chuva fina e persistente começava a cobrir a paisagem brumosa. As árvores, ao longe, eram quase invisíveis naquela feia tarde de inverno.

Siligur, nossa última etapa indiana, já se achava a mais de duas horas de distância. Através do vagão do trem em que viajávamos transitavam pessoas dos mais estranhos aspectos: ora era um camponês a sobraçar um cêsto de cereais, ora um grupo de rapazes que embarcava para desfrutar os esportes de inverno no clima gelado de Gangtok. Um empregado indiano, de pele escura e usando um bonito turbante vermelho, servia chá aos viajantes. Bebericávamos a infusão, de um sabor leve e agradável, apreciando com interêsse as paisagens que se sucediam pela vidraça.

Acompanhavam-nos o Dr. Ananda Vessantara, médico e filósofo indiano, amigo particular do Embaixador chinês Koo, a quem fôramos recomendados desde que saíramos do Brasil, sua espôsa Mahima e o arqueólogo francês Pierre Julien Lafoil. Todos estávamos interessadíssimos em conhecer a misteriosa terra dos lamas, porém jamais poderíamos prever as conseqüências extraordinárias daquela viagem.

Chovia forte quando chegamos à estação de Gangtok, capital do Estado de Sikkim — ante-sala do Tibet. Um risonho carregador, de face larga e bem mongólica, se apressa a ajudar-nos na descida das malas. Um representante do Govêrno de Nepal esperava, para, de automóvel, nos conduzir ao Palácio

do Rajá Dorge, em que ficaríamos hospedados. Um vento frio penetrava pelas frestas das vidraças do carro, obrigando-nos a aconchegar ao rosto a gola do nosso casaco de pele. Atravessamos o mercado de Kalimpong, cruzando aquêle curioso mundo de faces mongólicas, cuja semelhança com os índios brasileiros é impressionante. Isto nos fêz pensar na conhecida teoria científica de que êstes índios pertencem ao mesmo tronco da raça mongólica, cujos ramos se espalharam uns pelas Américas e outros pelo sul dos montes Himalaia.

O PALÁCIO DO RAJÁ DORGE

Saltamos em frente da enorme escadaria de mármore do Palácio do Rajá Dorge, Embaixador da Índia no Nepal. À porta, receberam-nos dois indianos que nos conduziram ao interior do Palácio.

Entramos e tudo nos pareceu um sonho, tão exótica era a sua mobília e tão rico o colorido da sua esplêndida decoração oriental. Lindos tapêtes tecidos a fio de ouro ornavam as paredes. Em mesas de ébano finamente entalhadas viam-se antigas esculturas de deuses indianos. Tapêtes grossos e brilhantes forravam o chão. Espalhadas pelo amplo salão havia muitas almofadas de sêda, com estranhos bordados. Em frente ao fogo de uma grande lareira notava-se uma preciosa pele de tigre. Meus olhos se detiveram num armário de ébano, cujas portas, com incrustações de ouro, estavam abertas. Dentro dêle observei uma estatueta de bronze do deus Krishna e, aos seus pés, num lindo estôjo de veludo azul, uma grande estrêla dourada cravejada de brilhantes azulados de tamanho de grão de milho.

O Rajá penetrou no aposento, envergando uma grossa túnica de lã verde-escuro, sorrindo com alegria e satisfação para os hóspedes vindos de tão longe. Era um homem alto e delgado, de uns cinqüenta anos presumíveis. A côr da sua pele era mais escura do que a de um hindu mediano. Usava magnífico turbante branco ornado com uma estranha jóia cintilante. Com êle estavam suas três espôsas, esguias e belas, vestindo saris deslumbrantes. Deram-nos também as boas-vindas com um claro sorriso.

Fomos instalados, confortàvelmente, num magnífico aposento, para um merecido descanso. Horas mais tarde, refeita por um banho perfumado, vesti uma túnica chinesa, bordada em Pequim, e fui ao encontro de nossos anfitriões. Durante o jantar, à moda indiana, serviram-nos diversos pratos, cuja relação merece ser transcrita, pois a culinária indiana é um dos mais interessantes aspectos da velha Índia.. Sopa de lentilhas com creme de leite, caviar de berinjela, peixe com môlho

de caril, panquecas de arroz, com o célebre «amba chutney» ou môlho de manga, foram servidos em primeiro lugar. Ainda não havíamos finalizado, quando surgiram dois pratos fumegantes com macedônia de legumes e um pato de Bombaim. A sobremesa, que no Oriente comparece no decorrer da refeição, constituiu-se de alguns bôlos de amêndoas e de feijão branco.

Deixemos, porém, de lado, estas iguarias asiáticas, para retornar à narrativa do jantar oferecido pelo Rajá. Após a refeição, passamos ao salão de música e o Rajá contou-nos, então, algo sôbre a sua vida. Soubemos que êle conhecia tôda a Europa, Oriente Médio e América do Norte. Relatou-nos pitorescas impressões da China e do Nepal, e, o que é mais estranho, de sua vida num misterioso templo, em Ladak, onde, na mocidade, tinha passado um longo período de recolhimento espiritual.

Em breve falávamos sôbre assuntos mais amplos encarando a antiga sabedoria hermética do Oriente.

— Alguns ensinamentos dos nossos antigos sábios chegaram ao Ocidente — disse êle — de maneira um pouco deturpada pelas traduções. Daí os exageros que se cometem, no Ocidente, em nome da ciência oriental.

Íamos retrucar quando fomos interrompidos pela voz suave da «Râni» (primeira espôsa do Rajá), que, se acompanhando ao «vina» (alaúde), cantava no doce idioma bengali. Eram canções poéticas, que me foram traduzidas para o inglês, pela senhora Vessantara.

Quando a «Râni» terminou, perguntei-lhe de quem eram aquelas canções.

Foi o Rajá quem respondeu:

— Então a jovem senhora não conhece os nossos Upanishads?

Confessei a minha ignorância que começava por não saber sequer o que significava a palavra Upanishad.

— Upanishad — continuou o Rajá — é uma palavra sânscrita. Significa a conquista da inteligência dominando a ignorância. São escrituras santas que fazem parte das antiqüíssimas tradições védicas. Estas escrituras são ao todo 150. Nelas, encontramos a explicação mística do Universo, da Natureza e do Criador. Foi Gautama, o Buda, quem popularizou os ensinamentos dos Upanishads, que só os brâmanes conheciam. Vendo, mais tarde, que a sabedoria secreta ia sendo difundida entre o povo, os brâmanes arrancaram dos livros védicos as páginas principais, referentes ao Cosmos e à criação do homem.

Desde então, negaram, pùblicamente, os ensinamentos de Buda, dizendo que os livros védicos guardavam silêncio sôbre estas questões.

Eu ouvia atentamente aquelas palavras. Elas enchiam o meu coração como a fumaça do incenso enche o altar de um templo. Mas, súbito, o Rajá calou-se. Pouco a pouco tinha elevado a voz, impelido pelo entusiasmo das suas palavras. Todos esperavam que êle continuasse e ficamos em muda expectativa.

Neste momento, o arqueólogo Pierre Julien indagou:

— E a lenda dos sete cisnes do lago Mansaravaro? Está relacionada com os Upanishads?

O Rajá pareceu sair de dentro dos seus pensamentos:

— Sim... dizem remotas tradições que foi às margens do lago Mansaravaro que os Sete Senhores Sublimes — primeiros instrutores da raça ariana — transmitiram os Upanishads. Desde então, todos os anos, na manhã do primeiro dia da primavera na Índia, sete cisnes brancos sobrevoam o lago e depois desaparecem rumo ao Monte Meru. Só tornam a voltar no ano seguinte, no mesmo dia e na mesma hora. Conta-se que êstes cisnes são os Sete Senhores Sublimes, que velam, continuamente, pela humanidade e aguardam 30 mil anos para renascer. Surgem em forma de cisnes porque, segundo a nossa Mitologia, esta ave personifica a sabedoria universal. É o emblema de Brahma — o Criador —, que também é chamado «Hansa Vahara», ou melhor, «o que usa o cisne como veículo».

Ante o relato do Rajá, o tempo parecia ter sido aniquilado. Entretanto, na realidade, a noite avançava ràpidamente. Urgia repousar. Ainda nos restavam algumas semanas junto ao Rajá, antes de partirmos para o Tibet. Com êle muito tínhamos ainda que aprender.

PRIMEIRO CONTATO COM A TERRA E O POVO DE SIKKIM

Na manhã seguinte, bem cedo ainda, saímos para visitar Gangtok. Dispensamos o automóvel e preferimos montar nos bonitos cavalos nepaleses do Rajá. Foi colocado à nossa disposição um simpático nepalês chamado Tsarong, secretário particular do Rajá, que nos serviu de cicerone.

Gangtok é uma bela cidade, com uma aglomeração de casas de pedra branca que lembram muito as construções dos antigos incas. Não é tão formosa como Katmandu, a capital do Nepal,

porém tem seus encantos. É uma cidade em estilo, muito mais tibetana do que nepalesa. As amplas ruas, pavimentadas de pedras, são sombreadas por vetustos pinheiros. A altitude de Gangtok é de cêrca de 1830 metros.

A diferença entre a fresca temperatura do vale do Himalaia e o cálido clima de Calcutá, de onde tínhamos vindo, causou-nos um certo choque. Contudo, tínhamos que nos ir acostumando, pois nos próximos meses iríamos viver numa altitude nunca inferior a 3350 metros. Sôbre as montanhas mais próximas erguiam-se as encostas nevadas dos grandes picos.

A vida em Gangtok está envôlta na serena beleza do vale do Rio Tista, que o povo chama de «Buraco dos Ventos», pois é uma estreita garganta abrindo-se para o céu. Pequenos campos de arroz pendem dos flancos das montanhas, e Gangtok parece suspensa no ar, entre o invisível fundo dos vales e as neves eternas dos montes Kinchijunga. Pelo caminho, encontramos alguns bazares interessantes, exibindo belos trabalhos em cobre e em marfim. Vimos, também, inúmeras casas senhoriais, lares prósperos, suntuosos jardins cheios de rosas, apesar do inverno, e as mais belas orquídeas que já vimos. Aliás, dizem que Sikkim é o paraíso das orquídeas e das borboletas, cuja variedade de formas e de côres é maravilhosa.

O povo de Gangtok, chamado Xerpa, é trabalhador, generoso e hospitaleiro. Tem a pele avermelhada, olhos amendoados e um ar alegre. Em geral, tanto os homens como as mulheres usam longas túnicas tibetanas de côres vivas e por cima um manto de sêda ou algodão, côr de vinho. Na cabeça, pontudos chapéus de fêltro vermelho, que lembram muito o chapéu das bruxas ocidentais da Idade Média. Observamos, também, que alguns Xerpas têm um jeito furtivo que lembra muito os índios da Bolívia, do Peru, do México e do Brasil, bem como os peles-vermelhas da América do Norte. Comentamos isto com Tsarong, o nosso cicerone, que também é Xerpa.

— Dizem nossas tradições — respondeu êle, num inglês perfeito — que nós somos descendentes da raça ameríndia, cuja história é tão milenar que se perdeu na noite dos tempos.

— Mas... não foi do Oriente que surgiram as raças mais antigas do mundo? — indaguei perplexa.

Tsarong teve um breve sorriso e retrucou:

— Nossos livros santos dizem que as Américas surgiram das águas do Oceano, muito antes do Oriente. A nossa história parece antiga, mas, na verdade, é tão nova que ainda pode ser lembrada...

— Sim, é verdade — falou o Dr. Vessantara —, foi das Américas que, há muitos milênios, saíram os primeiros sábios que se fixaram em outros pontos da terra, levando consigo grandes conhecimentos que serviram de base para fundarem muitas civilizações.

— Nossas lendas — continuou Tsarong — afirmam que uma enorme catástrofe destruiu nosso país de origem, uma grande ilha no Oceano, habitada por um povo próspero e notável, do qual alguns grupos puderam alcançar o Egito, a Índia e as Américas, escapando assim do desastre. Contudo, alguns dêsses grupos, por motivos que ignoro, regrediram espiritualmente e tornaram-se selvagens, com exceção dos astecas, dos incas e dos maias. Daí a semelhança que existe entre êstes indígenas e os asiáticos.

Embora bastante admirada, lembrei que a existência de um grande continente ligando a Ásia, a Europa e as Américas e o seu calamitoso desaparecimento são fatos admitidos por muitos cientistas do Ocidente. Súbito, nossos pensamentos foram interrompidos por uma parada que fizemos numa «gompa», ou melhor, capela de dois andares, em estilo tibetano, contendo, em cima, uma biblioteca, e, embaixo, um oratório com deidades budistas. Fomos recebidos por um monge e alguns noviços vestindo o hábito côr de vinho dos lamas «Gelug-pa» (seita do chapéu vermelho). O monge era um homem idoso, pequeno, magro, delicado, como um pássaro, de rosto fino e ascético. Seus dedos esguios percorriam as contas de um rosário de coral.

Visitamos a biblioteca, que constava de duas amplas salas, de paredes divididas por prateleiras de madeira laqueadas de vermelho. Os livros eram colocados nestes compartimentos, envoltos em panos de sêda e mantidos entre duas tábuas envernizadas. As páginas eram fôlhas estreitas de papel de arroz, quase com dois metros de comprimento!

— Uma biblioteca mediana — explicou o bonzo em inglês — consta de uns 300 livros assim.

— E quantos livros tem esta? — indaguei.

O bonzo sorriu e disse mansamente:

— Uns dois mil livros.

— E todos sôbre literatura religiosa? — perguntou Pierre.

— Sim. Especialmente o Lamaísmo. Entre as obras principais, temos o «Kangyur» — coleção de sagradas escrituras — e o «Tengyur», que são comentários do «Kangyur».

Após visitarmos a biblioteca, despedimo-nos do monge e prosseguimos o passeio pela cidade. Passamos pelo pôsto do telégrafo, por várias escolas, um hospital, uma estrada de automóveis e pelo suntuoso palácio do Governador de Sikkim, Sua Alteza o Marajá Tashi Namgial, que é de origem tibetana, como também tôda a classe dirigente do país. *

Finalmente, quando o sol já ia alto, regressamos para almoçar na mansão do Rajá. Ademais, precisávamos descansar, pois à noite assistiríamos a uma festa típica dos Xerpas, celebrada apenas uma vez por ano, em Sikkim.

A FESTA DAS FLAUTAS PASTORIS

Eram cêrca de oito horas da noite, quando nosso grupo, chefiado por Tsarong, deixou a mansão do Rajá Dorge e apressou-se em tomar a direção do vale do Rio Tista, onde, dentro em pouco, começaria a Festa das Flautas Pastoris. Nossos cavalos atravessaram um longo caminho, que nos levou ao fundo de uma garganta e, algum tempo depois, percebemos um extenso vale iluminado pela luz da lua. À medida que nos aproximávamos, notávamos que o centro do vale estava enfeitado com ricos estandartes de sêda colorida, bordada com faisões e outros pássaros. Em volta de uma enorme fogueira de madeira de sândalo, vimos inúmeros Xerpas vestindo trajes festivos. As mulheres, pequenas e graciosas, estavam profusamente enfeitadas com jóias e flôres, que, apesar do inverno, não faltam em Sikkim.

Enquanto desmontávamos e entregávamos nossos cavalos a um servo que nos acompanhava, ouvimos uma música estranha.

— A festa começou! — exclamou Tsarong.

Aproximamo-nos do povo, que se comprimia em volta da fogueira. Nisso, um velho, alto e imponente, vestido com a roupa dos «dokpas», pastôres tibetanos, jogou no fogo um punhado de ervas perfumadas e o povo começou a cantar uma exótica melodia acompanhada de tambores.

— É uma evocação aos deuses — disse Tsarong —, pedindo sua bênção e proteção para as colheitas.

---

* Na época de nossa viagem, Sikkim ainda era governada pelos tibetanos.

Quando terminaram as invocações, o velho pastor, que soubemos ser um chefe religioso dos Xerpas, desenhou no chão, com um pó branco, uma grande cruz Suástica.

Aquilo nos deixou perplexos. E Pierre Julien indagou:

— O que tem a ver a Suástica com a cerimônia desta festa?

A VERDADE SÔBRE A SUÁSTICA

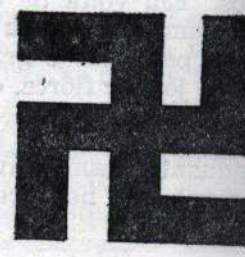
— Esta cruz — falou Tsarong — é um dos mais antigos símbolos sagrados do Oriente. Os budistas chamam-na «Wan». Nos templos tibetanos é comum encontrarmos êste símbolo, gravado nos portais ou nas pedras.

— Na Índia, também podem ver a Suástica sôbre a cabeça da serpente Ananta, no Templo de Ouro, em Amritsar — falou Vessantara. Os brâmanes chamam a Suástica de Cruz Jaina.

— Aliás, existem duas Suásticas — retrucou Tsarong. Uma positiva e outra negativa. Ambas são sagradas, sendo que a positiva é usada pela magia branca e a negativa pela magia negra.

— E qual é a diferença entre ambas? — perguntei, sumamente interessada.

Positiva



Negativa

Apontando para o desenho que o velho estava traçando no chão, Tsarong disse:

— Repare, aquela é a positiva! Tem os braços dobrados no sentido do movimento dos ponteiros de um relógio. A negativa é ao contrário. A positiva representa o contínuo movimento das fôrças do Cosmos. Simboliza a rotação da Terra nos eixos do mundo, porque as linhas que se cruzam significam o espírito e a matéria perfeitamente equilibrados. Aplicada ao homem, representa o elo entre êste e a divindade, emblema de que o Criador está na humanidade e esta no Criador, como as gôtas de água no oceano.

— Então, Hitler usou a Suástica positiva? — indagou Pierre Julien.

— Sim, meu amigo — retrucou Vessantara —, Hitler era um grande mago negro e sabia o poder da Suástica oriental. Por isso, escolheu como símbolo a Suástica positiva, apenas inclinou-a 45 graus, tornando-a um símbolo maléfico. Basta que você examine as fotos da guerra e compare-as com a Suástica positiva. O movimento dos braços é idêntico. Hitler degradou êste poderoso símbolo e pereceu vítima da sua própria maldade.

— Mas como conseguiu tornar a Suástica positiva maléfica, apenas com esta inclinação de 45 graus? — perguntei perplexa.

A Suástica de Hitler Aplicada ao Zodíaco

Vessantara esboçou um leve sorriso e respondeu:

— Bem... para explicar isto teremos que entrar no campo da Astrologia. Segundo os entendidos, a cruz positiva, colocada no círculo do Zodíaco sôbre a influência dos planêtas, está iluminada pelo Sol, que é o doador da vida, positivo, masculino e gerador da fôrça. Se esta mesma cruz fôr inclinada 45 graus, tal como o fêz o déspota alemão, sai da casa do Sol e entra na casa da Lua, que é feminina, negativa e criadora das fôrças maléficas. *

— Mas o senhor tem certeza de que Hitler usou mesmo a cruz positiva? — perguntei um pouco incrédula.

---

* Soubemos mais tarde, através das declarações do célebre astrólogo húngaro Louis De Wolh — que foi Chefe do Escritório de Investigações Parapsicológicas de Londres e, logo, Capitão do Exército Britânico, graças à proteção de Lord Halifax — que "Hitler se interessava profundamente pelas ciências ocultas e, em especial, pela Astrologia". Apesar da Astrologia profissional ser proibida pelo govêrno alemão, sabe-se que Hitler, extra-oficialmente e para uso próprio, mantinha uma plêiade de grandes astrólogos trabalhando para êle. Os demais astrólogos que viviam na Alemanha foram perseguidos e a maioria executada, pois as suas previsões astrológicas poderiam vir a prejudicar a propaganda política de Hitler.

Conta Louis De Wolh que antes da II Grande Guerra morou vários anos em Berlim e lá fêz amizade com Maximiliam Bauer, que era o astrólogo favorito de Gustav Stressemann, Ministro do Exterior da Alemanha. Através de Bauer, Louis De Wolh soube de várias coisas interessantes sôbre o Fueher. Entre outras que "a sagrada cruz suástica dos antigos orientais foi escolhida por Hitler para símbolo do Nazismo, sob a influência de um lama tibetano do Mosteiro de Tulung Tserpung, conhecido como um dos maiores redutos de magos negros do Tibet". Soube também que em 1923, quando Hitler ainda era desconhecido do povo alemão, certa noite ao sair da famosa Cervejaria de Munique, onde se reunia com amigos para falar sôbre política, Hitler encontrou-se com Aub, um velho mago muito conhecido em Munique como vidente. Em companhia de Aub estava um lama tibetano vestindo o hábito vermelho típico da sua seita. Aub conversou com Hitler por algum tempo e logo êste seguiu-o à sua residência. Desde então, consta que Hitler foi iniciado nas ciências ocultas por Aub e o misterioso lama tibetano.

Na primavera de 1940, Louis De Wolh publicou em Londres um estudo sôbre o horóscopo de Hitler, no qual diz o seguinte: "A morte de Hitler será de natureza netuniana, ou seja, uma morte por envenenamento, ou prostração nervosa, ou quiçá se trate de uma morte misteriosa que nunca será esclarecida."

Mais tarde, num dos seus livros, intitulado "Astros, Guerra e Paz", Louis de Wolh declara:

"Após o trágico desaparecimento de Hitler — previsto por mim em 1940 — foi constatada a presença inexplicável de alguns lamas tibetanos da seita do chapéu vermelho nas cercanias de Berghof, o Palácio Montanhês de Hitler, na costa de Obersalzberg. Êstes lamas foram presos, mas,

— Absoluta — respondeu Vessantara serenamente. — Êste foi um dos símbolos que mais estudei na Índia, e muito me surpreendeu observar a Cruz Jaina positiva como símbolo dos nazistas. Sei que alguns estudiosos ocidentais pensam que Hitler usou a Suástica negativa, mas estão errados. Nas inúmeras fotos publicadas nas revistas da época podemos constatar isto perfeitamente.

O velho pastor terminou de desenhar a cruz Suástica no chão e fêz sinal para um môço alto e robusto, que estava à sua direita. O rapaz aproximou-se. Vestia uma túnica de sêda carmesim sôbre umas calças fôfas, que terminavam escondidas sob as longas botas de couro vermelho. Na cabeça, tinha um barrete de pele de castor. Sentando-se sôbre a cruz, êle cruzou as pernas, pousou as mãos sôbre os joelhos, cerrou os olhos e começou a cantar. Sua voz era clara e varonil. Subia através do ar dividindo brandamente as palavras da canção. Soubemos que era uma canção mística, cuja origem era impossível saber. Quando terminou de cantar, houve gritos e vivas de todos os presentes. Então, a uma ordem do chefe, começou uma farta distribuição de «cheng», cerveja nepalesa feita de milho e servida em altos cilindros de bambu, chamados «paips». Havia, também, vinho indiano, montanhas de bôlos de mel e inúmeros outros quitutes estritamente vegetarianos. Mas não havia ordem. O povo avançava em tudo com verdadeira alegria. Muitos até lambuzavam as vestes e riam contentes. Após o banquete começaram as danças. Um grupo de môças e rapazes dançou em volta da grande fogueira. Cascatas de fitas coloridas flutuavam em seus capacetes dourados. Cada um trazia na mão uma flauta, que simulavam tocar. A música era exótica e harmoniosa. As môças usavam máscaras de deusas tutelares. Aliás, em quase tôdas as danças asiáticas, os dançarinos atuam mascarados. Isto, porque acreditam que a máscara ajuda-os a elevarem-se da sua consciência do EU, libertarem-se de si mesmos e alcançar o êxtase divino.

Cêrca de duas horas da manhã terminou a festa. Apesar do cansaço, nenhum de nós percebeu que o tempo passara tão depressa. E assim, regressamos ao Palácio do Rajá, levando nos olhos a beleza agreste daquela festa bizarra aos pés dos montes Himalaia.

---

apesar de tôda a vigilância das autoridades policiais, desapareceram misteriosamente da prisão e jamais foram encontrados."

É possível que êste fato venha ao encontro das afirmações do astrólogo alemão Maximilian Bauer de que Hitler, realmente, foi iniciado nas ciências ocultas por um lama tibetano do Mosteiro de Tulung Tserpung, situado perto de Lhassa.

O BUDA VIVO DE SIKKIM E SUAS DECLARAÇÕES PROFÉTICAS

Uma semana após a nossa chegada a Gangtok, enquanto esperávamos que o Rajá obtivesse do Govêrno tibetano as nossas «Lam-Yig», autorização de trânsito, soubemos que, numa montanha ali perto, próxima ao vale do Rio Tista, vivia um Buda Vivo.

Êste Buda Vivo, ou «corpo fantasma», é uma das mais curiosas facêtas do Lamaísmo. Pertence a uma aristocracia eclesiástica que surgiu no Tibet em 1650.

Conta-se que, naquela época, o quinto grande lama da seita dos «chapéus amarelos», cujo nome era Lobzang Gyatso, tinha sido nomeado soberano do Tibet, por um príncipe mongol, e reconhecido como tal pelo Imperador da China. Todavia, aquelas honrarias não lhe bastavam e o ambicioso lama resolveu fazer-se passar como uma emanação fantasma do deus Tchenrezi. Ao mesmo tempo, resolveu ainda que seu amigo, o grande lama do mosteiro de Tashilumpo era uma emanação fantasma de Eupamed, o Buda místico de quem Tchenrezi é filho espiritual.

Êste exemplo do lama-rei fomentou a criação dos Budas Vivos, que os tibetanos chamam de «tulko». Em seguida, todos os mosteiros importantes consideraram uma questão de honra terem como chefe a reencarnação de um personagem célebre.

Êste breve resumo sôbre a origem das duas dinastias mais ilustres dos «tulkos» — a do Dalai Lama, reencarnação de Tchenrezi e a do Trachi-Lama, «avatar» (reencarnação) de Eupamed — será suficiente para que os leitores compreendam que não se trata de reencarnações de Gautama Buda, que nada tem a ver com estas criações lamaístas.

O número dêstes Budas Vivos, no Tibet, é bastante numeroso. Todavia, a maioria dêles é de «ngags-pas», magos ou feiticeiros, que desempenham funções de oráculos oficiais.

Embora o Budismo original negue a existência de uma alma pessoal permanente, que transmigra, a maioria dos budistas voltou a adotar a antiga crença hindu, que se refere ao «Eu», o qual, de tempos em tempos, muda seu corpo usado por um corpo nôvo, tal como nos diz, o «Bhagavad Gita» ou «Livro do Cântico Celestial».

Existem, também, religiosas «tulkos». De modo geral, são abadêssas de mosteiros de homens, ou então ermitãs. Muitas vêzes, os «tulkos» *se lembram de suas vidas anteriores, e inú*meros são os exemplos disso que se conhece na Índia e no

Tibet. Várias são as antigas lendas, cujos heróis determinam, por um ato de vontade, a natureza de seu renascimento e a carreira de um futuro avatar. Geralmente, os «tulkos» predizem em seu leito de morte a região onde devem renascer, detalhes sôbre os futuros pais, o lugar onde fica a casa, etc.

Dois anos após a morte de um Buda Vivo, o chefe do mosteiro onde êle morreu começa a busca da sua reencarnação. Algumas vêzes encontram logo uma criança com as condições prescritas, e esta se submete, entre outras, à seguinte prova: certo número de objetos pessoais do lama defunto são misturados com cópias idênticas, e a criança tem que assinalar os objetos autênticos, testemunhando, assim, que reconhece as coisas que lhe pertenceram na vida anterior. Os grandes mosteiros de Lhassa contam, às vêzes, com mais de cem «tulkos» entre os seus membros, além do seu chefe.

O fato de que ali, em Gangtok, tão perto de nós, vivia um dêstes Budas Vivos, sôbre quem se contavam muitas histórias estranhas, deixou-nos realmente muito interessados em conhecê-lo. Dizia-se que êle era um velho de cento e dois anos, mas, por um processo mágico qualquer, vinha conseguindo retardar a velhice. Sua pele era fresca e quase sem rugas, os movimentos ágeis e os dentes claros e perfeitos.

Comunicamos ao Rajá o nosso desejo de conhecer o Buda Vivo de Sikkim.

— Impossível — disse êle —, nenhuma mulher pode entrar no mosteiro do Buda Mercúrio...

— Mas por quê? — indaguei decepcionada.

— É contra a ordem dos lamas. Êste mosteiro é cheio de lendas e mistérios. Dizem que a 777 passos do mosteiro havia, outrora, uma grande estátua de Buda, tôda em bronze maciço, que nem mesmo cem homens robustos podiam carregar. Uma noite, esta estátua desapareceu misteriosamente e os lamas tiveram muito trabalho em descobrir a razão dêste desaparecimento.

— E qual foi?

— Não se sabe ao certo. Êstes lamas são muito misteriosos, mas conta-se que a estátua foi levada pelos gênios da quarta dimensão, para algum lugar inacessível aos olhos profanos.

Aquelas palavras atiçaram a minha curiosidade, e insisti com o Rajá para que intercedesse junto aos lamas, a fim de que eu pudesse ver o Buda Vivo. O Rajá Dorge prometeu fazer o que era possível, mas não me deu muitas esperanças. Enviou

Tsarong com muitos presentes para os lamas, objetivando solicitar licença para visitarmos o mosteiro. A resposta foi negativa. Mas mesmo assim não desistimos e rogamos a Tsarong que voltasse a falar com os lamas. Finalmente, após muitas idas e vindas, vimos o nosso desejo satisfeito. O venerável, abrindo uma exceção sem precedentes, concordara em me receber. Impunha apenas uma condição: que eu vestisse o hábito cinzento dos noviços tibetanos e velasse o meu rosto com o amplo capuz do hábito. Ademais, a permissão abrangia só a mim e a Vessantara, Mahima e Pierre Julien não poderiam nos acompanhar.

Nossos companheiros ficaram desolados, mas nada podíamos fazer. No dia marcado, Tsarong, Vessantara e eu partimos em direção à montanha. A ascensão foi lenta e seguia aclives sinuosos. Respirávamos com prazer o ar puro da manhã, impregnado do aroma dos pinheiros. Fazia muito frio. Nenhum pássaro cruzou o belo céu azul. Após cêrca de três quilômetros, caminhando a pé, costeando o vale, a subida tornou-se abrupta. O caminho era por um corte oblíquo na rocha, cujo cimo a bruma ocultava. Logo se aplainou o solo e entramos numa atmosfera clara e cheia de sol. Passo a passo, fomos por um atalho estreito e íngreme, no pendor da montanha. Tivemos que seguir um atrás do outro, reparando atentamente no chão, para não pisar em falso. De um lado, havia o flanco inacessível da serra; do outro, o abismo. O cansaço ia afrouxando os nossos passos. Finalmente, vimos uma colina muito verde e deserta. Em frente, a pouca distância, erguia-se o Templo do Buda Mercúrio, também chamado Colégio dos Santos Magos.

Um grupo de pavilhões coloridos, de tetos recurvos, pendurava-se à encosta da montanha, como uma flor encravada na pedra. A região era cheia de escarpas e coberta de florestas pitorescas. Devagar fomos nos aproximando. A emoção nos dominava. Íamos ver e quiçá ouvir um dos grandes chefes espirituais da Ásia.

Entramos através do grande portão de ferro que dá acesso ao Templo. Grupos de monges, lentos e solenes nas suas longas sotainas brancas e amarelas, andavam pelas veredas que conduziam ao interior do parque. O grande gongo de bronze, semi-oculto entre as traves, acabava de ser tangido, convocando a todos para a oração da manhã. Puxamos bem o capuz do nosso hábito cinzento e entramos no amplo hall, pavimentado de mármore rosado. Vimos uma série de nichos com objetos sagrados. As paredes laterais eram cobertas de pinturas em sêda, representando a vida dos santos lamaístas. A um lado, um grande altar dourado sujeitava uma enorme estátua, também dourada, representando Buda, ainda adolescente. Tinha a face

magra e tranqüila, o olhar semicerrado de quem não olha para o mundo dos mortais. Refletia-se em seu todo uma expressão de misteriosa piedade, sonho e sabedoria.

Um dos «Trapas» (noviços) acompanhou-nos até a grande capela, onde, entre velas coloridas, candelabros de ouro e incensórios de jade, presenciamos um fato singular. Suspenso no ar e sem nenhum apoio, estava um pequeno báculo dourado, que, segundo consta, regula todos os atos da comunidade.

Soubemos que aquêle báculo milagroso pertenceu ao santo Tsong-Kapa, que foi o reformador da religião budista no Tibet. Pensamos que se tratasse de algum truque muito bem dissimulado pelos lamas, pois nossa mente, por mais que raciocinasse, não encontrava nenhuma razão lógica para aquêle fenômeno. Percebendo a nossa incredulidade, Vessantara falou:

— Êste báculo de Tsong-Kapa está neste mosteiro há muitos séculos. Nunca ninguém soube explicar a razão do seu prodígio. Só os lamas o sabem, mas não revelam nada aos profanos. O sábio Nicolas Notovich, que há tempos estêve no Tibet chefiando uma missão de cientistas russos, examinou tudo detidamente e não encontrou nem fraude nem razão lógica para explicar o fenômeno. Êste sábio foi quem, em suas pesquisas, encontrou, em Ladak, a cela do ermitão de Issa, que os lamas dizem ter sido Jesus Cristo.

Perplexos e fascinados, ficamos por algum tempo contemplando o prodígio. Finalmente, tocando de leve em nosso braço, o noviço fêz sinal para que o seguíssemos. Continuamos andando até alcançar um longo corredor penumbroso. Apenas percebíamos a fraca iluminação de algumas tochas. Senti um vago temor, e meu sangue pulsou mais rápido nas minhas artérias. Havia muitos nichos cavados nas paredes do corredor. Nestes nichos distinguimos vultos imóveis. Pensamos que fôssem estátuas, mas, em voz baixa, o noviço disse que eram monges, que, voluntàriamente, se deixavam mumificar em vida. Por meio de Tsarong, que era nosso intérprete, perguntamos como era isso possível. A resposta veio clara e precisa:

— Durante 3 dias e 3 noites fazemos cozinhar sementes de linho misturadas com fava branca. Depois, ambas são trituradas. A parte sêca volta 2 vêzes ao fogo e ao pilão, e, por fim, será exposta ao sol, até se transformar numa farinha muito leve. Então, após um jejum rigoroso, o candidato à mumificação come grande quantidade desta farinha. Durante 3 meses será alimentado por pequenas doses de chá e de sementes de linho, enquanto a sua mente está fixa no Logos Solar. Com êste regime, ressecam os intestinos e o fígado. Tempos depois,

com a pele inteiramente endurecida, o candidato parece mesmo uma múmia. Sòmente a respiração, fraquíssima, continuará... mas por muito pouco tempo... *

Aquela revelação impressionou-nos muito desagradàvelmente, e quando saímos do corredor, num amplo pátio arborisado, respirei aliviada. E ali, à sombra de um pinheiro milenar, vimos o Buda Vivo. Estava sentado com as pernas cruzadas, em cima de uma esteira de bambu. Era difícil precisar-lhe a idade. As feições miúdas, imprecisas, davam-lhe um aspecto indefinido. Vestia uma ampla túnica amarela, um casaco forrado de pele e um barrete, também de pele. No queixo, tinha uma barbicha rala e muito branca. Os olhos eram pequenos e vivos. A pele quase sem rugas. As mãos finas e aristocráticas. Sua fisionomia não me parecia desconhecida, embora não pudesse encontrar a sua imagem na minha memória.

Aproximamo-nos e depositamos aos seus pés as «écharpes» de sêda branca, que os tibetanos chamam de «ka-ta», ou «écharpe» da felicidade, que Tsarong nos fizera trazer.

— Sua Santidade foi muito bondoso em receber-nos — disse, a modo de introdução, em inglês.

O Buda Vivo virou-se para Tsarong e disse algo em tibetano. Adivinho corretamente o que êle quis dizer.

— O Venerável Pai da Alma Diamante entende quando lhe falam em inglês, mas teme que não lhe corresponda o seu, por isso prefere que eu traduza as suas palavras — disse Tsarong.

Olhando-me fixamente, o Buda Vivo falou:

— «Jetsuma» (reverenda dama), é contrário à nossa regra e à nossa ordem recebermos aqui uma mulher. Mas os atos da sua vida anterior conduziram-te ao meu encontro. Seja bem-vinda!

A voz era fraquinha e grave, muito agradável de se ouvir. Eu continuava a pensar intrigada onde já tinha visto aquêle semblante. Como que respondendo aos meus pensamentos, êle falou:

— Tens razão, pequenina irmã, nós não somos desconhecidos. Por várias vêzes estive ao teu lado, embora não soubesses da minha presença etérea. Já dirigi muitas correntes de

---

* Mistério que até hoje não pude compreender e nem sequer saber a sua finalidade.

idéias brotadas do teu cérebro. Tu não te lembras porque o véu de Maya (ilusão) obscurece a tua visão interna...

Minhas mãos tremeram de emoção. Que pensar de tudo aquilo? Recordei as palavras de Gautama Buda: «Nada aceiteis que não seja razoável; nada considereis como contrário à razão, sem um exame conveniente.» Percebendo a minha perturbação, o Venerável dirigiu-se a Vessantara e começaram a conversar em sânscrito. O mais estranho era que, mesmo sem compreender êste idioma, eu entendia perfeitamente tudo o que ambos diziam...*

Falavam sôbre religião, ritos e lendas do povo tibetano.

— O verdadeiro budista — disse êle mansamente — é aquêle que não vive pregando a sua doutrina como sendo a melhor de tôdas. É o que sabe que não há uma religião melhor que outra. Tôdas são raios de uma mesma luz, em diferentes graus de evolução. É aquêle que não deseja semear coisa alguma para a sua própria colheita; trata de semear aquela semente cujo fruto alimentará o mundo. Somos uma parte do mundo: ao lhe darmos alimento, nós o damos a nós mesmos.

— É preciso ser erudito para se compreender os ensinamentos budistas? — indaguei, finalmente.

— O conhecimento da verdade — respondeu o Venerável — é algo que não se pode ler nos livros. Depende de nossas próprias experiências. Basta dizer que Shen Sien, o sexto patriarca budista, descascava arroz para viver. Um dia, a fôrça interna despertou e êle tornou-se um sábio, de repente...

A conversa passou a temas mais simples; muito me surpreendeu saber que o Buda Vivo lê regularmente jornais inglêses e está bem informado dos problemas atuais do mundo fora do seu círculo.

Recordo a crença de Tsarong de que o Venerável possui uma visão profética. Minha curiosidade me induz a pedir-lhe alguma opinião acêrca do futuro do mundo. Antes que pudesse formular a pergunta, veio a resposta:

— Só o entendimento espiritual entre as nações conduzirá à verdadeira Paz. Creio que o remédio para os problemas do mundo é viver e ajudar a viver.

Ao falar assim, fitou-nos com um olhar profundo e expressivo, prosseguindo:

— Os homens são agentes do Carma (lei da causa e efeito), e nós, como agentes dos Mestres, não podemos anular as dívidas que os homens e as nações contraíram com os seus atos.

---

* Creio que esta foi uma das mais belas provas intuitivas que tive no Tibet.

Aquilo que os homens e as nações semeiam devem colhêr; e tanto os deuses como os Mestres não podem anular ou desprezar a lei do Carma. Enquanto os homens fizerem as sementeiras de guerra, a guerra terá que existir. As conseqüências de maus pensamentos e atos não podem ser desfeitas a não ser pelas provas do sofrimento. Por isso digo, devemos «viver e ajudar a viver», guiar e conservar dentro dos seus limites e levar para seu fim determinado êste terrível redemoinho de retribuição cármica, que é a guerra, a epidemia, etc. As provas e os sofrimentos nos levam a uma completa realização consciente de nossa fôrça e desenvolvem as nossas desconhecidas possibilidades internas...

— Quando começará a melhorar o estado do mundo? — indagou Vessantara.

— Isso depende dos homens. Se o sentimento de amor se fortalecer suficientemente, no seu devido tempo, as atuais condições desastrosas darão lugar a coisas melhores; porém, se isto não se der, mergulharemos no caos de uma noite terrível; e, então, através de séculos de luta e sofrimento, será novamente construído, com os fragmentos esparsos do que ficar, talvez um mundo melhor.

O olhar daqueles olhos tranqüilos se encontra com os meus.

Há uma pausa que dura um minuto. O Venerável acaricia a barbicha com os dedos.

Peço permissão para fazer-lhe algumas perguntas pessoais.

— Qual é a sua idade, venerável Pai da Alma Diamante?

A resposta chegou ràpidamente:

— A idade da forma não é a idade da alma. Tu e eu já vivemos na terra muitas vêzes.

Intrigada, procurei fazê-lo prosseguir:

— Se vivemos anteriormente e vos lembrais, por que não sucede o mesmo comigo?

— Primeiramente, a memória cerebral, que é variável e incerta, só registra as experiências desta vida; as vidas passadas têm seus registros na alma. O estudo e a meditação despertam a consciência da alma, e com essa consciência, tôdas as recordações do passado nela conservadas.

Houve uma pausa. Um noviço aproximou-se e acendeu uma varinha de incenso de rosas. O Buda Vivo observou o fumo azul que se elevava em espirais e permaneceu em silêncio.

Recordei que, desde os tempos mais remotos, os orientais associam os odores agradáveis com a essência divina dos deuses. Chegavam mesmo a pensar que a alma tinha uma fragrância própria, muito superior a todos os perfumes que o homem conhecia. Nos templos sagrados, ainda hoje os herboristas misturam poções secretas e preparam raros incensos, os quais acredita-se que são semelhantes à divina fragrância da alma. É crença geral que a inalação do fumo perfumado eleva a alma a grandes alturas, ajuda a produzir a harmonia dos sentidos, tranqüiliza e acalma o corpo e a mente.

Sentindo que nossa entrevista terminara realmente, levantamo-nos do chão, onde estávamos sentados. O Buda Vivo ergueu a mão direita em sinal de bênção. Depois, pegando um dos manuscritos que estavam sôbre uma mesinha baixa, ao seu lado, ofereceu-nos como lembrança. E dirigindo-se a mim, falou :

— Encontrarás ainda outros Mestres mais esclarecidos, que te revelarão muitos segredos. Guarda-os com cuidado. Quando chegar a época, terás a intuição para divulgá-los. Cumpre o teu dever no Ocidente, e que nenhuma obscuridade te impeça de ver a luz ou te desvie do verdadeiro caminho iniciático.

Entardecia quando deixamos o Templo do Buda Vivo de Sikkim. Um vento frio, prenunciando tempestade, agitava nossas vestes. Sentiamo-nos à mercê de alguma fôrça impenetrável e extraordinária. À medida que nos afastávamos do Templo, perguntava a mim mesma se tudo o que me vinha ao espírito fazia parte de uma visão desperta ou de um sonho. O rôlo de sêda em minha mão, contendo uma oração budista, convenceu-me daquela maravilhosa realidade.

Chegamos ao palácio do Rajá Dorge num estado de grande agitação e excitamento. Naquela noite, após o jantar, a conversa girou sôbre a nossa visita ao Buda Vivo e suas declarações proféticas. E súbito, o assunto em pauta foi a reencarnação.

— Mesmo no Ocidente — disse Vessantara — homens famosos, como Henry Ford, acreditam na reencarnação. Algum tempo antes de falecer, Ford foi entrevistado pelo repórter americano Frazier Hunt, e declarou abertamente a sua crença na reencarnação.

E abrindo a carteira, Vessantara tirou dois recortes de jornais.

— Aqui estão dois depoimentos interessantes que gostaria de mostrar-lhes. Um é sôbre esta entrevista de Henry Ford e outro sôbre o estranho caso da menina Shanti Devi.

E passando-me um dos recortes, Vessantara pediu-me que o lesse. Uma das primeiras perguntas do repórter ao velho Ford foi:

— Acredita o senhor na reencarnação?

— Seguramente que sim. Cada vida que vivemos aumenta o total de nossas experiências. Tudo o que se encontra na terra foi pôsto para o nosso bem, para obtermos experiências que devem ser guardadas para um fim futuro. Não existe uma partícula do homem, um pensamento, uma experiência, uma gôta, que não subsista. A vida é eterna; portanto, não existe a morte.

— Isto é ir mais longe do que ensina a nossa religião cristã — disse Frazer.

— Pode ser, mas é nisso que eu creio. E creio, como se cria, em épocas muito anteriores, em tempos bem remotos, nos quais se sabia algo que já perdemos; algo do misterioso enigma da vida. E estou completamente certo de tudo isso... Creio que o que chamamos religião foi, há séculos, uma ciência exata, enunciada em conceitos baseados em fatos e conhecimentos. As coisas que resultam ser agora mistérios sem solução, tais como de onde viemos antes de nascer e aonde vamos depois de morrer, eram conhecidas por todo mundo. Sabia-se tudo concernente à existência.

— Quer dizer, Mr. Ford, que antigamente se sabia o que aconteceria à alma e ao espírito, e que não eram conjeturas o que se dizia acêrca da religião?

— Isso mesmo. Algum dia, nós também seremos bastante sagazes para ver e compreender a vida tôda do universo; o que está passando em outros planêtas; e muitas outras coisas neste estilo.

— Então, acredita o senhor que existe vida em outros planêtas, e que possamos nos trasladar de um a outro?

— A Terra não é mais do que uma estação entre as vidas passadas e futuras. Não sabemos nada do que se passa em outros planêtas, exceto que têm vida. Estou certo de que há vida nos outros planêtas.

— E como elaborou estas teorias, Mr. Ford ?

— Todo homem, certamente, tem que resolver êstes grandes problemas antes de que esteja capacitado para fazer algo

que seja de um valor real, durante seus anos de permanência aqui. Comecei fazendo perguntas a mim mesmo. Passaram-se anos, até que finalmente encontrei as respostas dentro de mim mesmo. Agora, nada disso me preocupa.

— O senhor é um místico, quase tão místico como os que vivem na Índia!

— Pouco importa o que o senhor queira me chamar, mas minhas crenças são essas.

E com o mesmo tom de voz, Henry Ford prosseguiu:

— Devemos servir à humanidade, fazer tudo por ela, assim tudo nos sairá bem. Creio que há certas entidades ou pequenas vidas auxiliares de átomos que flutuam em volta de nós. Quando uma pessoa faz algo para ajudar a outras, algo por um semelhante e não por si mesmo, estas entidades aproximam-se e ajudam. Tudo o que precisamos é dirigir nossas vidas pelo caminho reto, e tudo o mais nos virá.

Fiquei admirada ao ler aquelas palavras do velho Ford. Nunca imaginara que o grande magnata dos carros fôsse um homem místico e se interessasse por êstes assuntos espiritualistas. A seguir, Vessantara entregou-me o outro recorte com a história de Shanti Devi, publicada no número 380 de «La Presse Magazine», de Paris, que aqui transcrevemos:

«Eminentes professôres e médicos das Universidades indianas de Benares, Lucknow e Allahabad procuram resolver, desde há algumas semanas, o enigma vivo constituído pela menina Shanti Devi, de nove anos de idade, que desde que começou a falar, afirma ser a reencarnação da falecida espôsa de um negociante de tecidos, de nome Lugdi, residente em Muttra, isto é, cêrca de 200 quilômetros de Nova Déli, lugar de nascimento e residência da menina.

Cumpre dizer que do interrogatório, minuciosamente feito, por uma comissão especial, resulta que nem os pais nem ela mesmo conhecem a cidade de Muttra nem algum de seus habitantes. Ademais, nunca falaram com a menina sôbre Muttra nem muito menos no senhor Ahmed Ludgi, que lá exerce o comércio de tecidos há mais de trinta anos.

Outra perturbante coincidência: Ahmed é viúvo desde o dia 25 de outubro de 1925 de uma senhora chamada Anned.

O princípio do mistério remonta há seis anos atrás. Shanti Devi tinha três anos de idade e começava a balbuciar apenas algumas palavras. Porém, estas palavras eram sempre as mesmas:

— «Eu me chamo Anned, habito em Muttra e meu marido é um comerciante de nome Ahmed Lugdi.»

Inútil é descrever a confusão dos pais, gente simples e rude, pertencente à humilde classe dos camponeses. Depois de sorrirem das afirmações da menina, êles se propuseram a a fazê-las cessar. Assim que a menina afirmava chamar-se Anned, êles lhe recordavam, àsperamente, que ela se chamava Shanti e que envergonhava sua família contando mentiras. Mas tanto os pedidos carinhosos de sua mãe como os gritos indignados de seu pai deixaram a pequenina insensível. Com uma estranha obstinação, ela repetia em tôdas as ocasiões:

— «Eu sou uma senhora casada; meu marido chama-se Lugdi, vende tecidos em Muttra e eu quero vê-lo.»

Com o tempo, êstes colóquios se enriqueceram de detalhes suplementares, com tal profusão, que os pais ficaram sèriamente preocupados. E quando Shanti começou a falar de seu avô e a descrever os ritos muçulmanos que se observavam na casa do seu marido, êles começaram a perguntar-se se sua filha, então com sete anos, não estaria completamente louca... porém verificaram que em tudo a que não se referisse ao mistério de Muttra, Shanti não dava sinal de demência. Pelo contrário! Dava a impressão de uma menina séria, aplicada, mostrando em todos os seus atos o juízo de uma pequena mulher. Contudo, sua idéia fixa não a abandonava. Se sua mãe cozinhava um prato ou fazia qualquer outro serviço doméstico, a voz pausada de Shanti se elevava recordando :

— «Em Muttra, meu marido queria que eu fizesse o arroz numa panela de cobre.»

Seguidamente a mania tornou-se obsessão. Apesar do desejo de guardar segrêdo da «tara» de sua filha, os pais decidiram consultar um médico brâmane. Esta situação torturava-os; tanto mais que ela implicava numa confissão penosa: Shanti, criada na religião budista, afirmava, sem pejo, ser a espôsa de um muçulmano. Não era isso uma ofensa ao Misericordioso?

O médico examinou a menina detidamente. Pediu aos pais que o deixassem sòzinho com Shanti e observou-a durante um mês. No transcurso dêste tempo o médico fêz múltiplas verificações, que se estenderam até a cidade de Muttra, lugar onde ela declarava ter nascido. Sua conclusão foi a de que a menina não era maníaca, nem anormal no sentido patológico do têrmo. Mas seu caso se apresentava verdadeiramente extraordinário — mesmo para um hindu — e, como médico, julgou-

-se no dever de informar alguns sábios especialistas em parapsicologia.

Sob o contrôle dêste grupo de sábios, começou-se a esclarecer o mistério. Colocaram inesperadamente a menina em presença de um grupo de homens desconhecidos, entre os quais figurava Ludgi, vindo especialmente a Déli, atendendo ao convite da comissão.

A menina reconheceu imediatamente seu «marido».

E mais ainda! Ahmed Ludgi, escutando a voz de Shanti, declarou emocionado que parecia estar ouvindo sua defunta espôsa falar...

E entre o negociante de tecidos, mais do que qüinquagenário, e a menina estabeleceu-se um curioso diálogo, uma sucessão de lembranças, que, por ambos, foram longamente evocados.

Impossível crer num embuste! Shanti declarou que se recordava bem de sua casa em Muttra e que era capaz de encontrá-la, sem ajuda de ninguém.

Tentou-se uma segunda experiência. Shanti foi levada a Muttra. E tudo se passou como se ela tivesse realmente passado ali tôda a sua vida. Dirigiu-se sem hesitação até a casa do negociante e reconheceu coisas e pessoas, a quem chamou pelos nomes. Alguns renderam-se à evidência. A menina não só não conhecia ninguém em Muttra como nunca estivera antes em presença daquelas pessoas. E não apenas as conhecia, mas sabia de seus hábitos e de seus gostos. Assistia-se a um prodígio!

Atualmente, um grupo de doutôres, pertencentes às três célebres Faculdades da Índia, inclina-se sôbre o desconcertante caso da menina Shanti Devi, sem encontrar nenhuma solução para o mesmo, dentro da Medicina. Poderemos, depois do que aconteceu com Shanti Devi, duvidar do fenômeno da reencarnação ?»

Ao terminar a leitura, comentei:

— É um espantoso milagre!

— Milagre? — retrucou o Rajá Dorge. — Não existem milagres; porém, essa palavra designa muita coisa.

— Como assim? — indagou Pierre Julien.

— Os Mestres fazem o que podem para ajudar a evolução do mundo, e, agindo por meio de instrumentos humanos, aproveitam tôdas as oportunidades para a realização dêsse fim.

Shanti Devi é um dos muitos exemplos palpáveis de que a ciência oficial pouco conhece sôbre os mistérios mais profundos...

Após um breve silêncio, Mahima falou com a sua doce voz:

— A alma é eterna e incriada, e passa de uma existência para outra, de um país para outro. Não há dúvida de que o caso de Shanti Devi é um dos mais curiosos exemplos da reencarnação. Lástima, que ainda haja pessoas que duvidem disso.

— Tudo está certo, senhora Vessantara — falou o Rajá. Quando chegar o momento, todos compreenderão esta grande verdade. O mundo ainda não está preparado para isso.

Horas mais tarde, na cama, a minha alma agitada não me permitiu conciliar o sono. Recordei as palavras de Paley, que certa vez lera não sei onde: «Há um princípio, uma razão contra todo argumento, um entrave a todo progresso, que, se alguém persistir nêle, só pode conservar a sua mente na ignorância eterna — a saber: a negação antes do exame.»

Isto serenou um pouco o meu cérebro, e acabei adormecendo profundamente.

A FESTA SAGRADA DE WESAK

Na manhã seguinte, após o chá que uma das criadas nos levou no quarto, saímos para o jardim ao encontro do Rajá Dorge e da Râni (primeira espôsa). Andamos pelo grande pátio de mármore rosado respirando fundo o ar puro e leve. Fomos até o centro do grande jardim, onde um tanque de azulejos azuis punha uma nota decorativa. Ao redor dos muros altos cresciam muitas flôres, especialmente rosas esplêndidas, brancas e vermelhas. Pássaros cantavam aqui e ali. Num quiosque coberto de trepadeiras floridas o Rajá e a Râni conversavam com Mahima e o Dr. Vessantara. A palestra parecia animada e ao me verem chegar todos me saudaram com carinho.

— Foi bom teres vindo — disse Mahima —, pois estávamos falando sôbre a sagrada festa de Wesak.

— Sim, pois, hoje à noite, o povo do Nepal vai festejar o Festival de Wesak, que é um dos mais importantes de tôda a Ásia — falou o Rajá.

Era a primeira vez que ouvíamos falar nesta festa e o seu nome estranho despertou em nós uma viva curiosidade.

— O que significa esta festa? — indagamos.

Foi o Rajá quem respondeu:

— Representa uma tradição multimilenar do Oriente, que todos os anos, na Lua Cheia de Maio, é celebrada aqui no Nepal e também em alguns lugares da Índia e do Ceilão. Na grande hora da Lua Cheia, Maitreya — o Buda da Compaixão — derrama suas bênçãos sôbre o mundo.

— Aliás, estas bênçãos — disse o Dr. Vessantara — são maravilhosamente excepcionais, porque, devido a sua alta categoria nos planos espirituais, nosso senhor Buda tem amplo acesso aos planos da natureza que estão muito longe do nosso alcance. Portanto, êle pode transmutar e transferir ao nosso mundo a divina energia dos mundos superiores. Sem a intervenção de Buda, jamais estas energias poderiam chegar até nós.

— E por que não? — indaguei, curiosa.

Vessantara olhou para o Rajá e os dois sorriram. Após uma pausa o rajá falou:

— Bem... é porque suas vibrações são tão formidáveis e tão incrìvelmente rápidas que nos seria impossível percebê-las. Mas, no plenilúnio de Maio, as bênçãos de Buda se difundem pelo mundo inteiro levando harmonia e paz inefável a todos os que estão preparados para receber os divinos dons.

Estas palavras do Rajá calaram fundo em nossa alma, mas ainda assim não tínhamos percebido o sentido oculto da festa de Wesak. E continuamos indagando:

— Por que razão esta bênção só é dada no plenilúnio de Maio?

O Rajá sorriu docemente e respondeu:

— Porque é no mês de Maio, que no calendário da Índia e do Ceilão é chamado Wesak, que celebramos o aniversário dos mais importantes acontecimentos da última vida terrena de Buda, tais como: o seu nascimento no dia 8 de maio, a sua iluminação na primeira Lua Cheia de Maio e a sua morte no dia 26 de Maio. Durante a festa de Wesak — continuou êle — inúmeros peregrinos, vindos de várias partes do mundo, presenciam, reverentes ao que os budistas da Ásia Central chamam de «A Aparição da Sombra do Buda».

— Mas todos podem ver realmente esta divina aparição? — perguntei, admirada.

— Nem todos — retrucou o Rajá —, sòmente aquêles que estão preparados espiritualmente. Consta que neste dia sa-

grado milhares de peregrinos vagam inùtilmente de um lado para outro nas montanhas, sem poder encontrar o lugar onde é celebrada a cerimônia de Wesak. E é como se um pesado véu de névoa o escondesse dos olhares curiosos.

Gostaríamos imenso de poder assistir à cerimônia de Wesak, mas diante destas palavras ficamos apreensivos. Seríamos acaso dignos de presenciar esta sagrada festa? Como que adivinhando os meus pensamentos, o Rajá falou:

— Hoje, recebi ordens dos Mestres da Fraternidade Branca para levá-los ao Festival da Lua Cheia de Maio...

Nossa alegria foi tanta que mal pudemos balbuciar um agradecimento.

Naquela mesma tarde, às três horas, nosso grupo, liderado pelo Rajá e por um lama tibetano chamado Kázi, deixou o grande palácio no centro da cidade e rumou em direção ao vale do rio Tista. Nossos cavalos atravessaram um longo caminho que nos levou ao fundo de uma garganta. Fomos subindo rumo ao norte dos Himalaias. O estreito caminho serpeava através das rochosas encostas da região, deixando ver raros trechos de vales férteis onde seus habitantes pastoreavam o gado.

Subimos mais de uma hora ganhando altura gradativamente. Alcançamos por fim uma ravina e mais adiante um platô, que parecia situar-se meio caminho entre a base e o tôpo da montanha. Foi então que desmontamos e entregamos nossos cavalos a um servo que nos acomapnhava e continuamos andando a pé. Passo a passo, guiados por Kázi, fomos por um estreito vale que se aprofundava cada vez mais na floresta. Para além do vale se estendia uma tortuosa região, eivada de íngremes colinas. A estrada foi se encaracolando pela extremidade norte, e em seguida, cortando através de uma abertura nas montanhas, chegamos a uma colina muito verde e deserta.

Um pouco mais adiante era a planície a qual chegamos por um caminho árido e pedregoso. Um regato corria manso na parte ocidental da planície. Numa clareira aberta entre majestosos carvalhos erguia-se um altar feito de sólidas pedras, onde já se viam muitas guirlandas de flôres trazidas pelo grupo de ascetas que lá estavam sentados no chão, meditando. Eram todos bem idosos. Os cabelos e as barbas longos e brancos. Vestiam apenas uma tanga de algodão amarelo-laranja.

— Êstes são os «naldjorpas» tibetanos — murmurou o lama Kázi.

— Naldjorpas? — repetimos, intrigados.

— Sim, são os monges peregrinos, que na véspera do plenilúnio descem de suas ermidas e vêm aqui prestar sua homenagem a nosso senhor Buda.

Mais adiante vimos alguns homens armando uma fogueira com madeira de sândalo.

— Breve cairá a noite — falou o Rajá — e êles já estão preparando a fogueira do ritual de Wesak.

Escolhemos um lugar perto do grupo de ascetas e nos sentamos silenciosamente à espera da grande cerimônia. Foram chegando os peregrinos, em religioso silêncio. Sentavam-se ordenadamente no chão, tendo o cuidado de deixar um amplo espaço livre diante do altar. Todos vestiam amplas túnicas amarelo-laranja, a côr dos discípulos de Buda. O Rajá tinha providenciado para que nós também vestíssemos as longas túnicas de linho amarelo, por cima das pesadas roupas de lã, pois o frio era intenso. Também tínhamos nos purificado de acôrdo com a tradição, tomando um banho com pétalas de rosas brancas, queimando incenso e benjoim, antes de partirmos.

Observamos em silêncio os rostos graves e serenos dos ascetas que estavam perto de nós. Em dado momento, um dêles se levantou. Era um velho alto e esguio e tôda a sua pessoa emanava um grande magnetismo. Uma menina, de uns sete anos, aproximou-se e entregou-lhe uma caixa de laca. O velho abriu-a e foi tirando pós coloridos verde e alaranjado. Com êstes pós, traçou um grande círculo de uns três metros de diâmetro. No meio do círculo sentaram-se três velhos de expressão tranqüila e hierática. Uma pequena orquestra, composta de flautas e gongos, começou a tocar uma música suavíssima. Sob o céu estrelado, sentados no chão com as pernas cruzadas, balançavam o corpo ao ritmo de um cântico suave, elevando suas preces às hostes invisíveis do Cósmico, enquanto, perto dêles, subia a espiral prateada do incenso, girando rumo ao infinito. No Oriente, nenhuma cerimônia mística está completa sem a queima de resinas aromáticas. O costume de queimar incenso não é uma fantástica superstição nem um rito extravagante, mas sim um símbolo da harmonia do homem com a grande consciência cósmica, por meio da prece e da meditação. Ademais, o uso de queimar incenso é inteiramente científico. Tôdas as pessoas que estudam ocultismo sabem que não há matéria morta, mas todos os sêres e tôdas as coisas da natureza possuem e irradiam suas vibrações ou combinações de vibrações. Cada elemento químico tem, portanto, suas influências peculiares, que são úteis em determinado sen-

tido e inúteis e até mesmo nocivas em outros. Assim é possível que quando se misturam diferentes resinas, como o incenso, o benjoim, o alecrim e o olíbano, ao serem queimadas estimulam intensamente as emoções puras e nobres, purificando aquela parte da natureza do homem chamada corpo astral. Seu efeito é análogo ao da aspersão de um desinfetante que, ao espalhar-se pelo ar, destrói os germes patogênicos, embora o incenso e outras resinas aromáticas atuem em planos superiores da matéria mais sutil. Ademais, a incensação produz o efeito de atrair os moradores do mundo ultraterreno cuja presença favorece os trabalhos espirituais e de expulsar as entidades que pudessem estorvá-los.

À medida que o cântico dos ascetas se elevava, numa doce cadência, um lama, que me informaram ter vindo de um mosteiro de Lhassa, estendeu as mãos sôbre o braseiro perfumado. Para certificar-me do que êle fazia, indaguei baixinho ao Rajá Dorge:

— O que êle está fazendo?

— Magnetizando o incenso para aumentar o seu poder, estimulando o nosso corpo fluídico para perceber melhor as emoções que nos vêm das influências superiores.

Uma hora antes do momento exato do plenilúnio deu-se um curioso fenômeno. Vimos, nìtidamente, formar-se perto dos três ascetas que estavam sentados no meio do círculo colorido uma nuvem cinzenta. Esta nuvem condensou-se aos poucos até formar a figura de um homem môço, de pele bem morena e olhar brilhante. Usava vestes brancas e um turbante azul, à maneira indiana.

— Que maravilha! Quem é êle? — perguntei.

— É a forma fluídica do Mestre Mória-El, um dos grandes Gurus (mestres) da Fraternidade Branca do Oriente — explicou Kázi.

— Ah!

— Consta que êle viveu num continente antiqüíssimo — continuou Kázi — que há milênios desapareceu da face da terra. Foi êle o primeiro mestre a expor a seus discípulos o significado real, místico e simbólico do batismo e a introduzi-lo nas cerimônias religiosas. Dizia que a água é um poderoso agente de regeneração ou recriação de um corpo puro e estabelece um elo entre o nosso corpo e as fôrças cósmicas.

— Mória-El ! — repeti comovida.

Era como se o nome do mestre pusesse uma nota de paz na minha mente e no meu coração. Seu olhar tinha um brilho tão intenso que penetrava os mais recônditos rincões da alma.

Desviamos os olhos da sua divina presença para ver aparecer diante de nós uma luminosidade branca, com meio metro de altura e cêrca de vinte centímetros de largo. Olhamos atentamente a luminosidade formada. Nós, que pela primeira vez assistíamos ao fenômeno, ficamos atônitos e ao mesmo tempo alegres, observando detidamente a consistência, forma e luz da estranha aparição. Mas ela desapareceu ràpidamente e logo surgiu diante de nós a figura magnífica de um velho de rosto fino e aristocrático, longas vestes brancas e cabelos grisalhos repartidos ao meio e caindo-lhe pelos ombros em sedosas ondas. Êle movimentou os braços num gesto de bênção e deslocou-se até o centro do círculo onde estavam sentados os três ascetas. Tinha uma aparência normal, como teria qualquer um de nós vestidos de branco.

Cinco materializações sucederam-se a esta, num curto espaço de tempo. Todos tinham uma linda formação de ectoplasma, arredondada de uma viva fosforescência meio azulada, dando a impressão do creptar de uma chama. Isto para nós era espantoso, mas para todos que ali estavam não parecia ter a menor importância. Eram fatos que confundiam a nossa inteligência, pois, embora já tivéssemos ouvido falar sôbre os fenômenos de materialização, ainda não tínhamos visto nenhum. Muitas das investigações de homens da ciência como Charles Richet, professor da Universidade de Paris, Enrico Morseli, psiquiatra italiano, Sir Oliver Lodge, Camile Flamarion e numerosos outros nomes importantes já eram do nosso conhecimento. Mas, presenciar o fato, assim, numa noite de lua clara, em plena mata oriental, era algo verdadeiramente deslumbrante.

Os mestres materializados conversavam naturalmente com todos e o mais curioso é que falavam no idioma tibetano ou páli, e todos nós entendíamos suas palavras em nossa própria língua! A um sinal do Mestre Mória trouxeram uma tigela de ouro cheia de água de uma nascente próxima. Pegando na tigela o Mestre aproximou-se do altar e colocou-a por entre as grinaldas de flôres.

Foi então que começaram os cânticos mais sagrados. Uma suave brisa sonora chegou aos meus ouvidos. A isto seguiu-se uma explosão de música astral de uma beleza perfeita, mas diferente de tôdas as músicas que eu já escutara antes. Tinha sons de delicadeza e ternura tão penetrantes, impossíveis de serem reproduzidos por instrumentos feitos pela mão do ho-

mem. Havia no ar cânticos de uma pureza sem igual. Eu escutava perplexa, deslumbrada. De repente pude perceber uma melodia que se destacava de tôdas, uma melodia que era como uma flor de lótus fresca e perfeita. Um sentimento de profunda gratidão enchia o meu ser e agradeci a Deus aquela música divina. Enquanto eu fazia uma prece mental, um débil ramalhete de sons chegou aos meus ouvidos. Era como distantes suspiros de harpas tocadas em uníssono, flutuando pelo ar. Depois pareceu dar voltas em círculos cada vez mais amplos até que os sons morreram gravemente.

Porém, foi doce e enternecedor para mim poder compreender quão gloriosas e cheias de êxtase devem ser as sinfonias das estrêlas que se ouvem nas festas cristalinas, durante o plenilúnio de maio.

Compreendi também que sempre está ressoando no mundo o cântico dos «Devas», embora a maioria da humanidade não tenha ouvidos para escutar a sua beleza. E ouvi a voz do lama Kázi, que murmurava ao meu ouvido:

— Apenas os fragmentos do grandioso cântico dos Mestres é que podem chegar aos teus ouvidos, pequenina irmã. Mas quando os escutares, recorda-os fielmente para não perder a beleza de nenhum dos sons que te chegaram, e procura aprender com êles o significado do mistério que te rodeia. Com o tempo não precisarás de nenhum Mestre, porque o mestre que está dentro do templo vivo que é o teu corpo despertará. Aprenderás com êle que és parte da harmonia divina e conhecerás um dia as leis da harmonia das esferas celestiais. Aprenderás que Deus forma com o pensamento a grande esfera central, na qual habita, e a povoou com as mais puras formas da sua criação. Porque sendo luz pura, êle é também amor puro, o poder ou capacidade do amor, implica a capacidade de amar, a necessidade de ser amado, a existência das coisas para amar. Êste é o segrêdo da criação. Desta permanente inteligência criadora do divino amor procede o círculo vibratório do universo, do qual nasceram todos os mundos.

Sentia-me comovida e incapaz de falar. Um doce espanto grudava os meus lábios. Desejaria fazer inúmeras perguntas ao lama Kázi, mas era como se eu estivesse com a mente em branco, absorvendo àvidamente suas sábias palavras. E êle prosseguiu:

— Dentro em pouco se materializará aqui tôda a grande assembléia dos Mestres da Fraternidade Branca do Oriente. Esta Fraternidade foi constituída há doze mil anos, ao principiar a Idade Negra que terminou em 1918. Desde então, cumpriu-se um círculo evolutivo e começou outro de doze mil anos

que terminará no ano 13 917. A fraternidade é regida pelo grande Baghavam Naraiana e os 39 anjos ou devas, que transcenderam o nível humano e vivem em Badari Vana, nome de uma região montanhosa ao norte do Himalaia e que serve de centro para a poderosa atividade dos Mestres. Êles trabalham para o bem da humanidade e da terra inteira, assim como de sua atmosfera. São os trabalhadores da sorte e da felicidade, os obreiros do amor que deve penetrar tudo e por tôda a parte. São êles que constroem o Templo Cósmico por onde ascenderá um dia tôda a humanidade. Êles procuram sêres com um corpo físico que queiram servir de canal, de porta-voz, de taça de cristal para ser enchida com o seu amor divino, o seu poder, a sua sabedoria, com as suas concepções e que possam por sua vez espalhar essas qualidades pelo mundo físico, em seu redor. Êles procuram sempre tais sêres que possam servir de intermediários entre êles e os sêres humanos. E quando os encontram, começam logo a instruí-los sem que estas pessoas o saibam. E em geral o fazem durante a noite, quando os seus corpos físicos repousam e os seus corpos mentais estão livres das limitações humanas e das ligações que êles mesmos forjaram. Então, os conduzem à oitava luz, aos seus templos e seus palácios que se acham na cintura de fôrça eletrônica que envolve o sol. É lá que estão as nossas moradas espirituais. Durante muito tempo êstes eleitos não são conscientes do passo que dão sôbre o caminho. Depois, um dia, projetam a luz dos seus passos, e começa o trabalho consciente. Então, abre-se diante dêles uma larga avenida, sôbre a qual podem caminhar alegremente. Tudo se ilumina, a claridade inunda a sua mente, e tais sêres gloriosos cumprem então a sua missão divina sôbre a terra. Êles perdem a consciência do seu Eu e aceitam a direção de sua Divina presença em seu coração. Aí começa a sua colaboração conosco que trabalhamos para a evolução da humanidade, e êles se convertem em taças de cristal resplandecente de luz. Todos os podêres lhes são dados e os empregam para o bem de todos. E é então que ingressam na Fraternidade Branca do Oriente.

Deixei que as palavras de Kázi escorregassem docemente pela minha alma e meditei um momento sôbre o seu sentido oculto. Mas logo minha atenção foi despertada por uma intensa luminosidade que se fêz diante do altar. Era como se um grande holofote tivesse sido aceso de repente. Novos sons maviosos vibraram no ar e então por entre a nuvem de luz surgiram os quarenta mestres que regem a Fraternidade Branca do Oriente. Sua aparição era deslumbrante, impossível encontrar palavras para descrevê-la. A princípio pareciam sêres etéreos, vestidos com amplas túnicas brancas que flutuavam

no ar sem tocar a terra. Mas aos poucos suas figuras luminosas foram se tornando mais reais e um dêles falou:

— Nós, os sêres cósmicos, os Eloins, os Arcanjos, vos chamamos e vos estendemos as mãos, ó humanidade sofredora. Deixai a discórdia da terra, deixai-a voluntàriamente e tornai-vos nossos discípulos, tornai-vos o canal por onde fluirá o nosso amor, a nossa sabedoria, o nosso poder.

— Ajudai-nos a libertar aquêles que estão prisioneiros das algemas inumeráveis da maldade e da ignorância que os retêm à terra e às suas limitações. Ajudai-nos a erguê-los para a luz e para a felicidade da união com o cósmico. Ajudai-nos, sêde nossas taças, sêde nossos instrumentos de amor sôbre o mundo! Ó grandes podêres da luz cósmica, vinde em vossos corpos tangíveis e visíveis e cortai com as vossas espadas de chama azul os laços que os humanos forjaram. Jogai uma bomba de Chama Azul em tôda a discórdia e purificai a todos, nesta hora grande do plenilúnio de maio. Que tudo se torne pureza, paz, alegria, perfeição e beatitude, após a passagem da bomba da Divina Chama Azul. Eu ergo a minha mão e envio jatos de chama azul a tôdas as pessoas, a todos os países que necessitem de uma intervenção divina. Nada resiste a êstes jatos de luz cósmica, nada pode subsistir que não seja luz.

Mal acabou de dizer estas palavras, vimos como que relâmpagos azulados e silenciosos brotarem de suas mãos diáfanas estendidas para o céu. Ficamos confusos. Estaríamos mesmo presenciando a materialização de espíritos ou aquilo era pura ilusão hipnótica? Não tive tempo para mais cojecturas, pois acima do altar manifestou-se uma grande luz, como se milhares de sóis alimentassem o seu brilho. Desta luz saíram sete raios dourados que irradiaram por sôbre nós e logo se fundiram numa forma imprecisa.

— Observa — falou o Rajá Dorge, ao meu lado. — É o Buda Maitreya que vem abençoar a humanidade!

Eu tremia de emoção e mal podia acreditar em meus próprios olhos.

Como um grande cântico elevou-se a voz de todos:

— Tudo está pronto, vem, ó Mestre! Vem!

Era o momento exato do plenilúnio. Foi então que acima das colunas meridionais apareceu a colossal figura de Buda. Todos se ajoelharam e inclinaram a cabeça, logo ergueram o busto e com as mãos estendidas para a divina visão entoaram um cântico implorando a sua bênção.

A colossal figura que flutuava acima do altar aparecia sentado, com as pernas cruzadas, vestido com a túnica amarela dos monges budistas, com a mão direita apontando para o céu e a esquerda apontando para a terra. Seu rosto côr de marfim refletia uma extrema harmonia e serenidade. Os olhos eram brilhantes e intensamente azuis. Os cabelos, de um negro azulado, eram lisos, brilhantes e lhe caíam até os ombros. Terminado o cântico de saudação, entoado pelos Mestres da Fraternidade Branca, o Buda Maitreya pegou a tigela dourada que estava sôbre o altar e durante um momento ergueu-a acima de sua própria cabeça. Ao repor a tigela sôbre o altar seu rosto foi iluminado por um sorriso de amor. Logo, uma chuva de pétalas de flôres de lótus caiu sôbre nós e um perfume maravilhoso espalhou-se pelo ar. Lentamente a imagem de Buda esboçou no ar um gesto de bênção. Logo, sua figura divina foi se desvanecendo pouco a pouco e todos prorrompeu-ram em exclamações de «Hari! Omn Tat Sat!»* Ao mesmo tempo que desaparecia a imagem de Buda, também foram desaparecendo as imagens materializadas dos Mestres da Fraternidade Branca. A uma ordem de um dos ascetas vestidos de amarelo, formamos uma fila e cada um de nós bebeu um pouquinho da água que estava na tigela dourada, que continha as vibrações de Buda Maitreya. Depois, todos se cumprimentaram mùtuamente e foram se retirando.

Por longo tempo permaneci imóvel, perguntando a mim mesma se tudo o que eu tinha visto fazia parte de uma visão desperta ou de um sonho. Até hoje nunca pude explicar as desencontradas emoções que senti durante o festival de Wesak aos pés do Himalaia. Hoje, ao tentar reconstituir êste tesouro de lembranças que guardo em minha alma, repito para mim mesma um velho provérbio chinês do «Shan Hai King» ou Livro das Terras e Mares:

— «As coisas que o homem conhece verdadeiramente não podem ser comparadas em número com as que lhe são desconhecidas...»

Ao recordar tudo isto, sinto-me ainda à mercê de uma fôrça impenetrável e misteriosa que faz com que eu pare de ser eu mesma e me transforme no ritmo de tudo, ou melhor, num canal difusor dos sublimes ensinamentos dos Mestres da Fraternidade Branca do Oriente.

Que êles nos abençoem e nos ajudem a cumprir a nossa missão sôbre a terra!

---

* Senhor, Tu és Aquilo! Inexpressável Unidade.

Capítulo II

O FORMOSO LAGO DOS LÓTUS BRANCOS — OS VAMPIROS DA FLORESTA DE NATHU-LA — O MOSTEIRO DE KARGYOMPA — A VIDA ENTRE OS LAMAS — O PUNHAL MÁGICO DO REI LANGDHARMA.

Após três semanas em Gangtok, conseguimos a ambicionada autorização de trânsito do Govêrno tibetano. Deixamos, então, o palácio do Rajá Dorge e partimos rumo à floresta de Nathu-La. Esta primeira etapa, rumo ao Tibet desconhecido, foi a mais difícil de ser organizada. As cargas deviam ser cuidadosamente ajustadas às costas dos animais, e Tsarong insistiu para que levássemos bastantes agasalhos, mantimentos e chá, sabendo, por experiência, que os brancos ficam de mau-humor quando os seus estômagos não podem ser satisfeitos, em certos momentos de solidão.

Por fim, tudo ficou pronto. O Rajá e suas três espôsas, sempre amáveis e hospitaleiros, acenaram-nos um adeus e desejaram-nos boa sorte. Generosamente, nosso anfitrião enviou-nos dois servos, uma cozinheira chamada Tsering Khan, de origem tibetana, que ansiava rever o seu país, e o lama chamado Kázi, que ia em peregrinação mística ao Tibet e encarregou-se de ser o nosso guia. Quando o último animal cruzou a divisa da cidade de Gangtok e voltamos a cabeça para contemplar o monte Kichijunga, senti uma grande alegria. Finalmente, estávamos a caminho do mais desconhecido e misterioso país do mundo!

Durante algum tempo trotamos por um caminho pavimentado de pedras, mas logo entramos na selva, onde tivemos que conduzir nossos cavalos cuidadosamente, pelo caminho lamacento, entre gigantescos bambus e figueiras selvagens.

Nada pode dar idéia da luxuriante selva do Himalaia. À medida que íamos contornando o vale do rio Tista, os últimos

murmúrios da civilização gradualmente desapareciam. Tivemos a extraordinária impressão que subíamos em direção às nuvens, deixando para trás êste mundo científico e técnico, que tanto tem afastado o homem da Natureza.

A abundância de água nos vales do Himalaia é qualquer coisa que faz mêdo. Por tôdas as partes vemos cascatas, rios e fontes. De quando em quando lianas e cipós abriam-se tìmidamente, deixando ver flôres desconhecidas, de uma beleza impressionante. Aos poucos comecei a compreender como aquela serena atmosfera pôde inspirar Gautama Buda a procurar um caminho mais rápido que levasse o homem à eternidade.

Meus pensamentos foram interrompidos pela voz de Mahima :

— Veja, ali está Karponang, a uma altitude de 2750 m!

E apontou para uma distante aglomeração de casas. Mais adiante, avistamos um oceano de brumas, no qual íamos mergulhando. O caminho era quase invisível. Pouco depois saímos daquela névoa e avistamos o grande lago de Changu. Continuamos cavalgando durante várias horas até avistarmos a floresta de Nathu-La.

O caminho estava marcado por várias bandeiras de preces, muito usadas no Tibet. São feitas em pele de carneiro bem curtida, e nelas os lamas gravam a fórmula sagrada «OM MANI PADME HUM», que, entre outras coisas, significa «Ó meu Deus que estás em mim!». Estas originais bandeiras de preces são suspensas por cordões de crina de iaque (espécie de boi peludo) e atadas numa corda grossa. Oscilam nos galhos das árvores para que o vento as leve ao Criador. Consta que todo aquêle que passar por uma destas bandeiras e agitá-la com fé obterá o mérito da bênção de Buda. E quantas vêzes o fizer, tantas serão as bênçãos recebidas. Quando a caravana passou por um montículo de pedras encimado por bandeiras de côres vivas, que traziam inscritas orações budistas, cada qual dos piedosos tibetanos que nos acompanhavam colocou mais uma pedra no montículo, murmurando a tradicional ladainha «So-ya-lo-se». Esta frase, que significa «Salve a jóia do lótus», sendo Buda a jóia, gira constantemente nos moinhos de orações que se encontram em todos os templos, em quase tôdas as casas.

Entardecia quando chegamos ao umbral da floresta. Resolvemos acampar ali, numa clareira. Os animais foram aliviados da sua carga, as tendas de couro armadas e logo acenderam uma boa fogueira.

OS VAMPIROS DA FLORESTA DE NATHU-LA

Sentamo-nos era volta da fogueira, enquanto a cozinheira Tsering Khan preparava uma frugal refeição. Quando terminamos de comer ja era noite cerrada. Fazia bastante frio, pois estávamos a 3 050 m de altitude. Embora vestindo pesadas roupas de lã, forradas de pele de castor, ainda assim tiritávamos. Ao longe, os montes Himalaia, cobertos de neve, brilhavam à luz da lua. Cansada pela longa jornada, fechei as cortinas da minha tenda e fui repousar. Os outros também se recolheram. E logo tudo era silêncio. Ouvia-se, apenas, o crepitar da fogueira. Estava quase dormindo quando ouvi um estranho vozerio do lado de fora. Abri a tenda e olhei. Apenas os dois servos estavam sentados calmamente junto ao fogo, fumando os seus longos cachimbos de barro. Pareciam alheios ao ruído. Súbito, senti um sobressalto. Por entre as árvores, avistei as ruínas de um maravilhoso palácio. Iluminadas pela luz da lua, eram de uma beleza singular. Uma fôrça sobrenatural parecia impelir-me naquela direção. Dei alguns passos para fora da tenda, mas, logo, algo dentro de mim fêz-me parar. Após uma certa relutância, permaneci parada, olhando extática as maravilhosas ruínas que os dois servos pareciam ignorar. De quem teria sido aquêle palácio? Que tesouros arqueológicos encerraria? Senti contato com um passado longínquo e ao meu cérebro acudiram evocações fabulosas. À minha frente, pouco além, entre montanhas numerosas, aquelas ruínas fascinavam-me com um apêlo mudo! Cheguei a ver diáfanas sombras que pareciam acenar-me. Mas... sem saber como, uma fôrça poderosa obrigou-me a desviar os olhos; automàticamente fechei as cortinas da tenda. Por algum tempo fiquei deitada sôbre o macio colchão de borracha pensando nas ruínas e nas sombras que me chamavam. Logo, o sono acalmou a minha agitação e adormeci profundamente.

Na manhã seguinte, bem cedo, procurei o lama Kázi, que conhecia tôda aquela região. Pedi-lhe que me acompanhasse até as ruínas ali próximas. Olhando-me surprêso, êle indagou:

— Que ruínas, minha jovem senhora?

Contei-lhe, então, o que ocorrera durante a noite.

O lama ficou pensativo por um instante. Logo, falou convicto :

— Esta sua visão não passou de uma grande «Maya» (ilusão).

— Como assim? — indaguei perplexa.

— Nesta região — continuou êle —, muita gente costuma ver ruínas fantásticas durante a noite. Elas não são reais, mas sim criadas pela vibração do pensamento dos lendários vampiros que, há séculos, vivem nesta floresta. Com os fios dos seus pensamentos, êles fazem uma espécie de teia mágica, com a qual atraem os incautos para sugar-lhes o sangue. Depois, abandonam o cadáver em algum lugar da floresta e os corvos se encarregam dêle.

Mais tarde soubemos que o Tibet é cheio de esqueletos mal-assombrados por demônios, dos quais se conhecem milhares de exemplos macabros. De um extremo a outro, o país está cheio de místicos, filósofos, santos lamas, ermitões e magos. É unânime a crença num mundo espiritual, povoado de sêres invisíveis, que em determinadas ocasiões aparecem aos mortais. Segundo antiga crença das regiões da Ásia Central, a terra e seu interior, assim como a circundante atmosfera, estão cheios de sêres espirituais, que exercem sua benéfica ou maléfica influência no conjunto da natureza orgânica e inorgânica... Especialmente nos desertos e lugares agrestes e desabitados, em que as influências da natureza se desdobram em escala gigantesca, pois são residências prediletas e lugares de encontro de espíritos malignos.

Sem dúvida, a negação rotunda dêstes fatos é o único recurso dos críticos, e o mais seguro abrigo em que se refugiará algum dia o último dos céticos. Inútil é conversar com quem nega, sistemàticamente, os irrefutáveis fatos apresentados pelo adversário, evitando, assim, ter que conceder algo. Creuzer, o mais erudito dos mitólogos alemães, talvez tenha invejado a plácida confiança em si de alguns céticos, ao ver-se forçado a admitir, num momento de desesperada perplexidade, que: «Somos obrigados a retroceder às teorias dos gnomos e dos gênios, tal como os compreenderam os antigos; pois, sem elas, é absolutamente impossível explicar algo do que concerne aos Mistérios.» *

O MOSTEIRO DE KARGYOMPA

Ao sairmos da floresta de Nathu-La, alcançamos um caminho sinuoso que parecia conduzir-nos aos píncaros do céu. Fomos subindo e, a uma altitude de 3 600 m, todos os traços de vegetação da selva foram desaparecendo. Aqui e ali víamos apenas gigantescos carvalhos e rododendros, que também foram rareando para dar lugar a velhos pinheiros. Algum tem-

* Creuzer. "Introdução aos Mistérios", vol. III, pág. 456.

po depois, perto de um rio, vimos um enorme boi peludo, que os tibetanos chamam de iaque. A 3 900 m desapareceram todos os traços de vegetação. Abismos e precipícios, rochas e pedras semeavam o caminho. O frio era intenso à medida que continuávamos subindo. Quando atingimos 4 300 m, começou a nevar. Lagos e rios, rochas e montanhas pareciam blocos de gêlo, e tive a impressão de que ia morrer de frio.

— Faça a respiração yogue! — aconselhou o Dr. Vessantara.

Assim o fiz, e logo consegui equilibrar a minha circulação sanguínea. Senti-me mais animada a prosseguir viagem através daquela região gelada, porém belíssima. Afinal, chegamos à fronteira entre Sikkim e o Tibet. Paramos um pouco no alto da montanha e pela primeira vez olhei a terra tibetana. Pareceu-me uma imensa massa de montanhas nevadas e vales profundos, cheios de nuvens. Cautelosamente, prosseguimos viagem pela neve. A descida era tão íngreme que tivemos de desmontar. Súbito, a neve cessou de cair e os primeiros raios de sol começaram a brilhar, tìmidamente, entre as nuvens. Até que, tanto a neve como o gêlo foram desaparecendo e divisamos novamente a terra. Para nós, isso foi um espetáculo estranho e maravilhoso. Era quase inacreditável observar aquela transformação dentro de poucas horas. Milagres do vale de Chumbi...

Apareceram os pinheiros e logo algumas florinhas vermelhas e azuis, cada vez mais numerosas, à medida que descíamos rumo ao vale. Entardecia quando acampamos no vale de Chumbi e, após uma noite serena e repousante, prosseguimos viagem. Cêrca de duas horas da tarde avistamos o primeiro mosteiro tibetano, o Kargyompa. Era um singelo edifício de pedra no alto de uma montanha. Kázi informou-nos que neste mosteiro vivem 60 lamas e 30 noviços. À medida que nos aproximávamos fomos vendo, gravados nos altos muros de pedra, afrescos, representando divindades lamaístas. Na entrada do mosteiro havia uma pequena fonte onde os animais pararam para beber. A fôrça hidráulica fazia girar um moinho de preces, fixado dentro daquela fonte.

Assim que transpusemos o umbral do mosteiro, veio ao nosso encontro um lama, baixinho, gorducho e sorridente, que se apresentou como Om-Tsé. Sorriu ainda com mais agrado quando Vessantara entregou-lhe uma bôlsa cheia de moedas de prata e pediu-lhe pousada para a nossa caravana, dizendo-lhe que vínhamos da Índia, em peregrinação aos lugares santos do Tibet.

O Lama Kázi, guia da nossa caravana.

Ao contemplarmos o rosto simplório daquele homem, recordamos o fato de muita gente acreditar que os lamas constituem uma classe de sábios extraordinários. Nada mais falso, conforme pudemos constatar no decorrer da nossa viagem. É certo que existem alguns sábios. Mas... como são raros! A maioria é exatamente como Om-Tsé: simplório, bonachão, ignorante e astuto. Fazem da vida monástica uma profissão, muitas vêzes rendosa...

Uma vez franqueados os grandes portões de ferro, alcançamos o pátio sombreado por árvores centenárias. Grupos de noviços, vestidos com o longo hábito cinzento, colhiam amoras na ala oeste. Observamos que todos tinham cabelos compridos e usavam uma espécie de capacete pontudo de pele de iaque. Soubemos depois que isto é uma das características dos lamas do Kargyompa. Conduzidos por Om-Tsé, entramos numa grande sala forrada de esteiras de palha. No fundo, vimos um altar com um grande Buda sentado sôbre uma flor de lótus. A estátua era de bronze e tinha uma doce atitude meditativa.

— Esperai um momento — disse Om-Tsé —, vou avisar vossa chegada ao abade Rimpotche (Grande e Precioso Lama). Preparem as vossas «écharpes» da felicidade.

Como já dissemos, no Tibet é costume, quando se visita alguém, levar uma «écharpe» de sêda branca, chamada «ka-ta». E, em troca, recebe outra semelhante. Após alguns momentos, apareceu o lama Rimpotche, seguido de Om-Tsé. Desta vez tive uma surprêsa agradável. O abade era um homem alto, magro, de uns setenta anos presumíveis. Brilhava em seus olhos serenos uma luz radiosa. Vestia uma ampla túnica amarelo-açafrão, de uma elegância nobre e remota. Na cabeça, o mesmo capacete de pele, sôbre os longos cabelos brancos e muito lisos. Por entre as pregas da sua túnica vi um grande punhal, cujo cabo era incrustado de turquesas — a pedra sagrada do Tibet. Estranhei. Afinal, por que um lama andava armado? Não havia explicação lógica no momento. Mais tarde, soube a estranha e maravilhosa história daquele punhal.

Após a troca das «écharpes», o abade conversou com o lama Kázi em tibetano. Embora nada compreendesse, senti uma certa emoção ao ouvir sua voz grave e macia. Após um breve diálogo, o abade saudou-nos com um sorriso e retirou-se.

— O abade concordou em que ficássemos aqui até passarem as grandes chuvas — disse Kázi, enquanto Om-Tsé nos conduzia aos aposentos dos hóspedes, situados na ala norte do mosteiro.

A VIDA ENTRE OS LAMAS

Estava ocupada em arrumar os meus pertences e a desdobrar o meu colchão de borracha, pois, no mosteiro, não há camas e cadeiras (os lamas sentam-se em pequenas almofadas e dormem no chão sôbre o próprio hábito), quando ouvi soar um gongo de modo peculiar.

Olhei através da ampla janela e vi os lamas reunidos no pátio. Uma música estranha chegou aos meus ouvidos. A orquestra era reduzida. Compunha-se de «gyalings» (espécie de oboés), duas «ragdongs» (gigantescas trombetas tibetanas de três a quatro metros de comprimento) e dois tambores.

— Que será isto? — perguntei a mim mesma.

Um instante depois bateram na porta da minha cela. Era a senhora Vessantara. Com o rosto afogueado e os olhos brilhantes, ela falou:

— Venha! Vamos assistir à cerimônia da saudação ao sol poente!

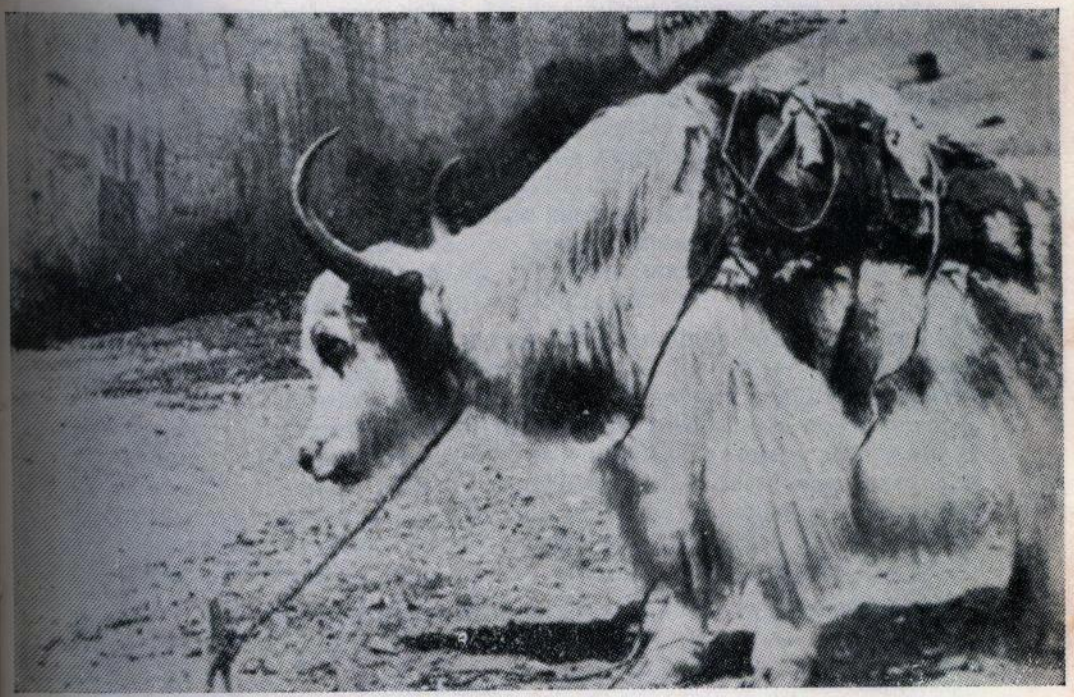
Descemos uma tôsca escada de pedras e logo nos encontramos no pátio, diante dos lamas. Ali havia um altar primitivo feito de pedras rosadas. Nêle brilhavam as chamas de um fogo, que soubemos depois simbolizar os quatro princípios da Natureza. Além, no horizonte azul, picos abruptos surgiam entre as nuvens e o sol poente derramava um cálido brilho em tôda a paisagem. Aproveitamos a claridade para tirar uma fotografia dos lamas tocando as longas trombetas. Mas, a um sinal de Kázi, tivemos que guardar a máquina, pois as fotos eram proibidas.

O abade estava de pé, olhando para o Oeste, com os braços estendidos para o alto e as palmas das mãos para cima. Pareciam indicar que êle recebia, agradecido, a luz Divina.

Enquanto isso, a orquestra dos lamas continuava a tocar em surdina. A música fluía pura, límpida e serena; baixinho, os lamas murmuravam estranhas orações. Quando terminou a cerimônia, já era noite. Foram acesos diversos lampiões de óleo de iaque, muito usados no Tibet.

Conduziram-nos, então, ao refeitório dos lamas. Uma sala ampla, forrada de esteiras de palha, com fileiras de mesinhas baixas cobertas com alvas toalhas. Sentamo-nos no chão, sôbre almofadas, à maneira oriental. Ofereceram-nos frutas, coalhada e mel. Após a refeição, recolhemo-nos aos nossos aposentos.

De madrugada, começaram as fortes chuvas, que deviam durar tôda a semana.



O iaque tibetano

À medida que o tempo passava, íamos aprendendo algumas coisas, colhendo lendas e tradições, gravando músicas de rituais, procurando saber mais sôbre a vida dos lamas naquele longínquo mosteiro tibetano.

A disciplina religiosa parecia ser bastante severa. O dia para os lamas começava às quatro horas da manhã, quando soavam as trombetas gyalings, ecoando através de todo o mosteiro. Após as orações matinais, os lamas faziam uma refeição frugal e trabalhavam em todos os setores. Faziam alegremente todo o serviço doméstico, pois acreditam na santidade do trabalho manual, não evitando nenhum serviço, por mais humilde e desprezível que seja. Muitas vêzes vimos com espanto o abade Rimpotche na cozinha, preparando o «tsampa», que é o alimento principal dos tibetanos. É feito de grãos de cevada torrados e pilados até se transformarem numa farinha fina e leve. Esta farinha é colocada em tigelas, junto com chá quente e manteiga. A mistura é mexida vigorosamente até ficar bem cremosa. Juntam-se, então, sal e mais manteiga. O resultado é uma massa elástica, que pode ser enrolada em diversas formas decorativas. Soubemos que certos lamas da seita do chapéu vermelho costumam fazer com esta massa as famosas tortas voadoras, que assombram os tibetanos.

As história destas tortas está ligada à magia negra, e é das mais curiosas. Têm uma forma cônica ou piramidal e chamam-se «tormas». Primeiramente, os magos celebram um rito especial, chamando as divindades protetoras. E conta-se que, mal terminam a invocação, as tortas se animam, começam a voar e, viajando pelo ar como pássaros, entram nas casas das pessoas que os magos querem enfeitiçar e causam os maiores estragos. Quando alguém tenta segurar uma destas tortas, cai logo morto, vítima de um estranho poder infernal.

Em Kargyompa soubemos que o ensino monástico lamaico consiste no seguinte:

Filosofia e metafísica.

Ritual, magia e astrologia.

Medicina natural e o poder das ervas.

Regras monásticas.

Traçado dos círculos mágicos ou Kiilkors.

O traçado dêstes círculos mágicos é sumamente interessante. Tivemos oportunidade de ver alguns, durante a nossa permanência em Kargyompa. São uma espécie de diagrama desenhados no chão ou no papel, bem como sôbre metal, pedra ou madeira. Há uma grande variedade dêles. São desenhados

com pós coloridos, em diversas camadas, que permitem um desenho em relêvo. Alguns têm cêrca de três metros de diâmetro... No centro dos mesmos, são colocadas lamparinas de azeite e bandeirolas de papel com inscrições mágicas. Os lamas levam anos estudando as regras de Kiilkor. O menor êrro no desenho, nas côres, ou na disposição dos acessórios pode acarretar sérias conseqüências. Dizem os lamas que êstes círculos mágicos são uma arma de dois gumes; ferem e destroem aquêles que não sabem manejá-los. Cada variedade de Kiilkor exige uma iniciação diferente. Se fôr traçado por uma pessoa não iniciada não tem o mínimo poder.

Os lamas animam êstes desenhos mágicos (que lembram muito os pontos traçados da Umbanda) e também às imagens dos santos, antes de render-lhes culto. Êste rito chama-se «prana pratisha», e tem por objetivo transmitir, por meio de fluidos psíquicos, a energia do lama ao objeto inanimado. Esta vida se conserva enquanto houver um culto diário, ao círculo mágico ou à estátua. Ela se alimenta pela concentração de pensamento daquele que praticou o rito. Se êste alimento sutil lhe falta, os fluidos morrem e o objeto volta a ser matéria inerte.

Êstes ritos são praticados tanto pelos lamas do chapéu vermelho como pelos lamas do chapéu amarelo. A história destas duas congregações que formam o clero tibetano é muito curiosa.

Outrora, o Tibet era governado pelos «Bon», ou magos adeptos da feitiçaria. Todavia, em 1368 um santo homem, chamado Tsong-Kapa, nascido em Sining, discordou das normas nigromantes do magos e empreendeu uma reforma religiosa, proibindo a magia negra e o casamento do clero. Formaram-se, então, dois grupos antagônicos: os magos do chapéu amarelo, seguidores de Tsong-Kapa, e os magos do chapéu vermelho, adeptos dos «Bon». Durante muitos anos houve uma terrível luta e, por fim, venceram os magos do chapéu amarelho, chefiados por Padma Sambhava, o maior herói do Tibet. Mas ainda hoje existem inúmeros mosteiros dos magos do chapéu vermelho, espalhados por todo o País das Neves.

Cumpre dizer que Padma Sambhava é venerado pela maioria dos tibetanos. Difícil é explicar quem foi êle, pois sua vida é cheia de lendas. Sabe-se que sua existência histórica está suficientemente provada por diversos sábios ocidentais, mas seus detalhes são velados por histórias e lendas extraordinárias. A mais importante delas é sôbre o seu nascimento milagroso. Conta-se que êle veio ao mundo sem o concurso de pais humanos e saiu, de repente, do coração de um grande lótus branco que floresceu no lago do jardim do Rei Indrabhouti, na Índia.

É a esta circunstância que se deve o seu nome, «Padma Sambava», ou nascido de um lótus. Na época em que êle nasceu, os tibetanos tinham voltado a praticar um Budismo degenerado — tal como o que ainda hoje existe no Nepal —, que combina certos ensinamentos fundamentais da doutrina budista com as concepções místicas e os ritos das seitas tântricas Xivaístas, onde a magia negra tem um lugar preponderante.

Parece que as tentativas feitas por Tsong Kapa para difundir o verdadeiro Budismo no Tibet não obtiveram quase sucesso. Diz a tradição que, durante a luta entre os lamas, um monge chamado Santarakchita aconselhou o rei a mandar chamar Padma Sambava, na Índia, assegurando que sòmente êle — sendo um mago branco poderoso — poderia dominar os demônios que serviam aos magos negros do Tibet.

E assim foi. Padma Sambava venceu realmente a luta e fêz com que os tibetanos adotassem, não o Budismo puro, oriundo da Índia, mas uma mistura heterogênea de teorias e práticas mágicas, mais de acôrdo com o gôsto do povo, às quais êle acrescentou numerosos ritos de magia branca. E, assim, nasceu o Lamaísmo.

Diz a lenda que, após cumprir sua missão no Tibet, Padma Sambhava montou num cavalo branco e partiu rumo à Lanka (Ceilão), para converter os demônios que moravam lá. A conversão dêstes demônios parece ter sido mais difícil do que a dos tibetanos, mas o grande mago o conseguiu e, depois de conduzi-los ao bom caminho, retirou-se para meditar no alto da Nobre Montanha Côr de Cobre, que se eleva ao sul do Ceilão, e nunca mais foi visto. Dizem que êle ainda hoje reside nestas paragens, junto com alguns discípulos e milhares de «dakinis», fadas e gênios da quarta dimensão, que ajudam o progresso da humanidade, sob a orientação do santo nascido do lótus...

Na véspera de nossa partida rumo ao coração do Tibet, tivemos uma interessante entrevista com o abade Rimpotche. Como sempre, o lama Kázi serviu-nos de intérprete, traduzindo as palavras do abade para o inglês. E assim, entre outras coisas, perguntei: — Por que os grandes iniciados são sempre homens?

— Não é freqüente encontrar uma criatura que alcance a Grande Iniciação, enquanto habita um organismo feminino, pois a mulher representa a fôrça negativa da Natureza, e não se presta tão bem quanto o homem para o desenvolvimento da energia e da fôrça. Assim, sucede, às vêzes, que as mulheres muito avançadas no caminho do adeptado devem reencarnar

em um corpo masculino para conseguir o resultado final. Contudo, há raras exceções. Em cada ser humano se entrefundem os elementos peculiares de cada sexo. Geralmente, predomina nas mulheres o elemento feminino, e nos homens, o masculino, embora não seja difícil encontrarmos mulheres de caráter positivo e homens de caráter negativo. Por isso, dizem nossas remotas tradições que a futura sétima raça dourada, que nascerá no Ocidente, será andrógina.

Esta revelação excitou a minha curiosidade e pedi ao abade que continuasse a falar.

— A próxima raça, dos sêres andróginos, fundará a nova civilização durante o terceiro Milênio. Eis por que haverá, em todos os países civilizados, um aumento assombroso de inversões sexuais. Isto indicará o início de uma violenta fase de transição e preparação para uma forma de evolução biológica, espiritual e moral, mais alta e mais elevada. Por isso, temos que ser tolerantes com êstes sêres em transição, cujo número aumenta cada vez mais, em todo o mundo. Os sêres que habitam outros planêtas, tais como os venusianos e os marcianos, já passaram por esta fase, e hoje são sêres andróginos perfeitos. Êstes sêres já têm vindo à terra em seus «vimanas» (naves espaciais) com propulsão própria sendo que alguns emitem um som melodioso quando percorrem a rota aérea. O livro sânscrito «Samarangana Sutradhara» dedica duzentas e trinta estâncias sôbre os «vimanas» e os remotos livros tibetanos «Tantjua e Kantjua» contêm muitas referências a êstes sêres andróginos de outros planêtas. * Alguns dêles já estiveram em contato e ainda estão com certos homens da Terra, embora isto não tenha sido devidamente divulgado, talvez devido ao temor de cair no ridículo. Com o correr dos tempos os contatos irão se amiudando para que os terráqueos se habituem aos poucos com êste fato. Caso contrário, haveria uma grande perturbação entre os homens da terra.

— Desde quando sêres de outros planêtas vêm à Terra?

— Dizem as Tábuas Bramânicas que deizoito milhões, seiscentos e dezessete mil oitocentos e quarenta e um anos antes de Cristo, veio de Vênus o primeiro «vimana», que aterrou no nosso planêta. Neste «vimana» vieram alguns sêres celestiais para ajudar seu vizinho e irmão, o Planêta do Esfôrço doloroso, ou Terra.

---

* Mais tarde, soubemos que êstes livros tibetanos foram traduzidos para o inglês pelo Professor W. Y. Evans-Wrntz e publicado em Londres no ano de 1935, pela "Oxford University Press".

— Tenho ouvido dizer que andam homens de outros mundos pelas ruas da terra. Será isso verdade? — indaguei.

— Sim — respondeu o abade. — São êles os enviados que ajudarão a formar a sétima raça dourada.

— E como são êles?

O abade teve um largo sorriso, moveu a cabeça para um lado, e logo percebi que não estava disposto a dar-me qualquer informação a tal respeito.

O PUNHAL MÁGICO DO REI LANGDARMA

Havia mais uma coisa que me interessava: conhecer a história do punhal do abade Rimpotche. Soube, então, que se tratava de um punhal mágico, ligado à história do Tibet.

E na sua voz mansa, o abade falou:

— Êste purba (punhal mágico) foi retirado por meu mestre, o venerável Lama de Látchen, das mãos de um feiticeiro, cujos antepassados roubaram-no do antigo Rei Langdarma. Os lamas negros há séculos enfeitiçaram êste punhal e, então, êle passou a ser manipulado mentalmente, a distância. Um dia, êle voou pelos ares e cortou o pescoço do Rei Langdarma, que odiava os feiticeiros. Desde então, todos que o tocavam morriam, com exceção dos feiticeiros. Até que, finalmente, o lama de Látchen dominou os feiticeiros, apoderou-se do punhal e retirou-lhe a fôrça maléfica. Quando completei a minha iniciação, o Mestre fêz-me presente do purba. Guardo-o como um talismã contra o mal.

— E o lama de Látchen vive ainda?

— Sim... ainda está vivo, apesar de ter mais de quatrocentos anos...

— Como? — indaguei espantada. Essa assombrosa lenda de longevidade era demasiado fantástica para ser aceita pela lógica.

— Através de certos ritos secretos, os Mestres podem conservar o corpo físico por tempo indefinido, até completarem a sua missão na terra.

Naquela época, as palavras do abade fizeram-me sorrir incrédula; hoje, porém, após ter passado por tantas experiências no campo espiritual, aceito-as plenamente como verdades irrefutáveis.

— Gostaria de conhecer o lama de Látchen — falei.

— Mais cedo do que espera êste encontro se dará — retrucou o abade.

— E onde poderei encontrá-lo? — indaguei curiosa

— Espere e verá — foi a enigmática resposta.

E assim dizendo, o abade ergueu-se, fêz uma leve reverência e desapareceu atrás dos pesados reposteiros côr de açafrão.

* * *

Na manhã seguinte, deixamos o mosteiro e seguimos rumo à cidade de Yatung. Durante horas, cavalgamos pelo vale lamacento, bordado de pinheiros e rododendros. Cavalgamos bastante, até que, à luz do sol matinal, avistamos o maravilhoso lago Padma-Pulgo-Cho. Nas suas águas verdes e serenas floresciam centenas de lótus. As grandes fôlhas verdes flutuavam na superfície, realçando o colorido suave das flôres, brancas, azuis, rosadas e vermelhas.

— Eis a flor sagrada de tôda a Ásia... — murmurou Mahima, com um brilho nôvo nos grandes olhos negros.

A singular beleza da flor despertou-me uma grande emoção. Eu já tinha visto lótus muito lindos na Índia e na China, contudo, os lótus tibetanos pareceram-me maiores e de um colorido mais intenso. Quando estávamos bem próximos das margens do lago, vimos com espanto que o lama Kázi desmontou e ajoelhou-se diante dos lótus, numa atitude de grande reverência. Decidimos parar também. Desmontamos e ali permanecemos mudos e estáticos, contemplando aquela formosa obra da natureza. Escutei o cântico dos pássaros na margem oposta do lago. E logo, nos chegaram também alguns roucos grasnidos de um corvo. Após alguns momentos, Kázi ergueu-se e veio para junto de nós.

— Perdoem-me — disse êle — mas nós, os tibetanos, vemos nas flôres do lótus a representação simbólica da Suprema Divindade. Por isso, julguei meu dever saudá-la, tal como mandam os nossos antigos ritos.

— Foi ótimo pararmos aqui — disse Vessantara —, pois assim pudemos admirar calmamente esta bela paisagem. Aliás, na minha terra, o lótus é também considerado emblema do Criador.

E virando-se para a espôsa, Vessantara acrescentou:

O lago de Padma-Pulgo-Cho, com sua bela floração de lótus.

— Mahima, lembras daquela lenda do lótus, descrita no livro Xiva Purana?

— Sim, lembro-me — respondeu Mahima.

— E poderia contá-la para nós? — indaguei curiosa.

— Com prazer — disse ela sorrindo —, mas venha, sentemo-nos mais perto do lago para sentirmos melhor o aroma das flôres.

Assim o fizemos, e Mahima começou a narrar na sua doce voz:

«— Conta-se que certa vez a deusa Dolma pediu ao deus Brahma que lhe contasse a origem da flor do lótus. E Brahma falou: Quando o deus Vixnu ia criar o mundo, fêz surgir nas águas do Rio de Prata, da Via-Láctea, um formoso lótus branco, de cujas pétalas eu nasci. Por um momento perguntei-me: quem sou eu? De onde vim. E, finalmente, após pensar muito, cheguei à conclusão de que o lótus era o meu pai e a minha mãe. Então, resolvi descer pelo seu caule até alcançar a raiz. Levei cem anos descendo, sem que a minha viagem alcançasse o fim. Então, voltei atrás e levei outros cem anos até chegar à corola do lótus. Por fim, avistei o deus Vixnu, que me repreendeu por eu ter feito aquela viagem inútil. Discutimos até aparecer o deus Xiva, que evitou continuássemos a altercar. Então, Vixnu desceu pelo talo da flor até chegar à misteriosa cidade de Patala e eu subi para o infinito, na forma de um alvo cisne...»

— Isto faz-me recordar — disse Pierre Julien — que no velho Egito também havia o culto do lótus. Diziam os antigos sacerdotes de Tebas que o lótus é símbolo de Viraj-Hórus — o deus andrógino, filho de Ísis e Osíris. Para os egípcios, o lótus representava o Sol Central do nosso sistema planetário. Suas pétalas são o emblema dos sete espíritos guardiães que regem os astros. Com as sementes torradas, os sacerdotes preparavam manjares para os deuses e com a raiz, que é redonda e do tamanho de uma maçã, faziam um bálsamo perfumado para se ungirem.

— Que interessante! — exclamei, e virando-me para Kázi, perguntei:

— Qual é o simbolismo do lótus aqui no Tibet?

Kázi, por um momento, permaneceu em silêncio. Esperamos pacientemente as suas palavras, que foram as seguintes:

— Para os tibetanos o lótus é o emblema da difusão da vida e da fertilidade da terra. Está relacionado com as vibra-

ções do Sol, pois quando o Sol surge no horizonte, a flor surge entre as águas. E quando o Sol desaparece, a flor também mergulha sob as águas. Consta que as fôlhas dos lótus, por serem redondas, representam o movimento do intelecto humano. A raiz do lótus, fundida na lama, representa a vida material, o ser humano que, com os pés presos na terra, ergue o pensamento para o infinito. Quanto à flor, é o emblema da vida espiritual.

Kázi cessou de falar. Fiquei tão impressionada com a sua narrativa, que até a minha inquisitiva língua permaneceu calada.

— Tudo isto é fascinante! — exclamou Pierre Julien. — Creio que quando voltar à França, escreverei um livro sôbre o lótus.

— Então comece logo a escrevê-lo — disse Vessantara rindo —, antes que Chiang Sing o faça...

Todos nós rimos também e levantamo-nos para prosseguir viagem.

O caminho estava marcado com bandeiras de preces religiosas. À medida que nos aproximávamos, íamos observando que Yatung era uma bela aglomeração de casas de pedra branca que pareciam elevar-se em direção a um grande edifício retangular. Cada casa, algumas delas com três andares, tinha as paredes ligeiramente inclinadas; estas eram perfuradas por janelas esculpidas, em tôrno das quais estavam entalhadas figuras geométricas e decoradas com cortinas multicoloridas. Para entrar na povoação, tomamos uma estrada pavimentada com lajes, à moda dos antigos romanos; passava por baixo de um arco de triunfo em miniatura, cuja fachada era adornada com coloridos frescos: azuis, vermelho e ouro.

Nossa primeira visita foi ao Prefeito da cidade, que nos informaram chamar-se Mingyur. Subimos até a sua bela casa, levando conosco várias «écharpes» da felicidade. O Prefeito recebeu-nos num grande salão coberto por tapêtes chineses e coxins de sêda carmesim. Fomos acolhidos cordialmente. Diante dos nossos documentos autenticados pelo Govêrno tibetano, e que nos permitia entrar livremente no Tibet, Mingyur deixou-nos seguir, após fazer algumas perguntas triviais. Mais uma vez agradeci mentalmente ao Rajá Dorge, Embaixador da Índia, no Nepal, a cuja gentileza devíamos a ambicionada permissão do Dalai Lama para visitar o seu país.

E assim, rumamos para uma pequena hospedaria ao norte de Yatung. Quando estávamos desfazendo as malas, Mahima

veio chamar-me. Na sala, junto à Kázi e Vessantara, achava-se um jovem lama. Estava vestido com uma ampla túnica amarela, cujas mangas arrastavam pelo chão.

— Êste homem veio dar-nos as boas-vindas e trazer-nos uns presentes de parte de seu Mestre, o Grande Lama de Látchen — disse Kázi.

E apontou para uma salva de prata que êle oferecia, repleta de manteiga, chá e biscoitos.

— O lama de Látchen! — exclamei deslumbrada.

— Êle nos convida para ficarmos hospedados no mosteiro, que fica a alguns quilômetros daqui.

Quando voltei a mim da emoção, perguntei:

— E o que estamos esperando?

Capítulo III

O LAMA DE LÁTCHEN — OS SÁBIOS ALQUIMISTAS — PRODIGIOSAS VISÕES DE UM PASSADO LONGINQUO — A SOMBRA DO BUDA — O TEATRO TIBETANO — OS ASCETAS QUE MEDITAM NUS SÔBRE A NEVE — AS BONZAS DO TEMPLO DA CALMA PROFUNDA — O REI DO MUNDO E OS MISTERIOSOS REINOS SUBTERRANEOS.

Eram quatro horas da tarde quando chegamos ao Mosteiro da Sagrada Luz de Buda, onde vive o Lama de Látchen, com seus duzentos discípulos. Situado na encosta de um monte, êle domina as casinhas da aldeia.

O andar térreo do mosteiro só tinha duas amplas janelas, mas havia três portas de cedro, acima das quais estava fixado o emblema budista: uma suástica branca. O Lama de Látchen recebeu-nos num grande salão do primeiro andar. Ao longo da parede, em que se abriam as janelas, havia um pequeno palanque com vários centímetros de altura, coberto com coxins e suntuosos tapêtes tibetanos, alaranjados, azuis e rosados, decorados com flôres e borboletas estilizadas.

Nesse palanque ou tablado havia mesas estreitas, com diferentes alturas. Na parede oposta às janelas, via-se uma imensa peça de mobiliário composta de prateleiras e armários embutidos, ocupando tôda a extensão. Nas prateleiras notavam-se diversos objetos de arte sacra.

Foi neste ambiente que o Lama de Látchen nos recebeu. Ofereci-lhe uma «écharpe» de sêda branca e arranjei-me de modo a retribuir um delicado cumprimento com os meus parcos conhecimentos do idioma tibetano.

— «Todechi» (obrigado).

Era a primeira vez que eu tentava falar tibetano, e os meus esforços pareciam divertir o Grande Lama.

Seu rosto bondoso pareceu-me muito familiar. Tinha um sorriso manso, revelando um ser que pôs em ordem a sua própria mente e encontrou a Paz Profunda. Parece um homem de uns sessenta anos. Seu rosto brilha como bronze polido. Tem um corpo esguio, o nariz fino e a bôca firme. Seus olhos são pequenos e vivos; em volta dêles, parece contrair-se a pele em pequenas rugas. Recordei as palavras do abade de Kargyompa:

«... Meu Mestre, o Lama de Látchen, vive ainda, apesar dos seus quatrocentos anos de idade...»

Tenho a estranha impressão de que o abade se referia ao mesmo lama que estava diante de nós naquele momento. Mas seria realmente possível que alguém vivesse quatrocentos anos? E acaso poderia um velho desta idade ter a aparência de um homem de sessenta? Observo-o em silêncio, enquanto Vessantara e Kázi conversam com êle. Sua expressão é modesta e tranqüila e apesar de não usar os singelos hábitos monásticos, e sim uma rica túnica amarela bordada a fios de ouro, êle irradia doçura e humildade. Pendia-lhe do peito um longo rosário de brilhantes azuis e contas de jade verde-musgo. Na cabeça, um estranho barrete.

— Provàvelmente, serão meus hóspedes por algum tempo — disse o Grande Lama, em inglês —, e devem considerar-se perfeitamente em suas casas. As cerimônias e formalidades são próprias apenas do mundo de hipocrisia. Deixo-os a cargo do meu discípulo Kázi, que já conhece êste mosteiro.

E assim dizendo, o Grande Lama afastou-se e desapareceu por uma das portas da sala.

Kázi parecia feliz em retornar ao Templo da Sagrada Luz de Buda. Havia uma terna expressão em seus olhos escuros, quando falou:

— Quando eu tinha oito anos meus pais mandaram-me estudar neste mosteiro. Êles eram muito pobres para educar-me, e um lama amigo nosso ofereceu-se para tomar conta de mim nesta lamasseria. Aprendi muito pouco com êle e sòmente após a chegada do Grande Lama Trinadzin foi que descobri o meu verdadeiro «guru» (Mestre).

— É verdade mesmo que êle tem quatrocentos anos? — indaguei incrédula.

Kázi sorri jovialmente e responde:

— Talvez mais, minha jovem senhora... Há séculos que o Mestre Trinadzin ilumina, com a sua presença, as regiões do Himalaia... Seu corpo tem sempre a mesma aparência de se-

rena maturidade. Quando caminha, não projeta nenhuma sombra e seus pés não deixam marcas sôbre a terra... Consta que há milênios, juntamente com outros gurus, êle assumiu um compromisso relacionado com o progresso evolucionário da humanidade e aqui exerce a sua influência em silêncio e de maneira desconhecida.

Escuto perplexa estas assombrosas afirmações. Tenho a mente aberta, sem nenhuma intenção crítica e não ofereço nenhuma resistência às suas idéias.

Kázi conduziu-nos através do mosteiro. Andamos por vários claustros, altares, celas, corredores, espaços cobertos e descobertos. Aquêles vastos ambientes pareciam-me muito familiares e a cada aposento eu parecia reconhecer com uma certa saudade. Aquilo deixou-me profundamente intrigada. Afinal, eu nunca tinha estado antes ali, por que aquela impressão tão estranha? Continuamos andando pelo mosteiro. Cruzamos corredores dèbilmente iluminados, chegando finalmente a um pátio exterior. Ante os nossos olhos se estende uma fila de claustros ornados de grande colunas esculpidas com caras de deuses.

— Aqui ficam os aposentos dos hóspedes — falou Kázi. — Queiram escolher os vossos.

Assim o fizemos. Fazia muito frio e a cela que escolhi era úmida e singela como aquela que ocupamos no mosteiro de Kargyompa.

Um noviço trouxe-nos água quente para o nosso banho. Tirei as pesadas botas de couro e as roupas grosseiras forradas de pele e, após me lavar numa bacia, vesti roupa limpa e quente, Mais tarde apareceu Kázi e nos conduziu a um amplo salão onde a refeição estava servida. Compunha-se de uma espécie de sopa, à qual acrescentaram creme de leite fresco, pão de centeio e chá amanteigado. Nunca nenhuma comida nos pareceu mais deliciosa, também nunca comemos tanto!

Soubemos que os lamas não comem nada à noite. Limitam-se a fazer apenas uma refeição por dia. Kázi, porém, fêz-nos companhia no jantar, pois também estava cansado e faminto.

Após o jantar, pedimos licença para repousar e, na minha cela, em meu macio colchão de borracha, dormi profundamente a noite tôda. No dia seguinte, estávamos repousados e bem dispostos.

* * *

Assim, foi que penetramos no Templo da Sagrada Luz de Buda, onde permanecemos quatro semanas. Alguns dias depois,

já os simples e bondosos lamas nos tratavam como grandes amigos. Eram todos velhos: o mais môço não teria menos de sessenta e cinco anos.

Tal como em Kargyompa, o dia para êles começava às quatro horas da manhã. A música religiosa que escutava pela manhã, ao nascer do sol e à tarde, ao crepúsculo, era doce, melodiosa e convidava a meditação. Além dos ritos cotidianos, tivemos oportunidade de assistir a certas experiências alquimistas muito interessantes, durante aquela nossa temporada de estudos.

Tinha chegado um inverno intenso e, tal como o previámos, cobriu tôda a paisagem com seu manto de neve imaculada e bloqueou os vales que conduziam à montanha. O Lama de Látchem encerrou-se para alguns dias de retiro. Aproveitamos para aprender algo com os seus discípulos.

OS SÁBIOS ALQUIMISTAS

Certa manhã, bem cedo, ainda, Kázi veio bater em minha cela.

— Venha conhecer o nosso laboratório alquímico. Já falei com Vessantara, Mahima e o senhor Pierre. Êles estão à sua espera.

Vesti-me apressadamente, fiz uma ligeira toalete e saí ao encontro do grupo. Guiados por Kázi, descemos corredores que ainda não conhecíamos, e fomos dar a uma grande porta de ferro que, a um sinal de Kázi, Pierre Julien abriu. Uma onda de luz se escapou pela porta. Era um aposento amplo, sem janelas, mas recebia luz de uma cúpula de cristal transparente, sôbre a qual, muito por cima das nossas cabeças, havia um duplo triângulo entrelaçado, de grandes dimensões, rodeado por uma serpente dourada mordendo a própria cauda. No meio da sala, exatamente debaixo do símbolo, via-se uma grande mesa redonda tôda de mármore branco, em cujo centro havia uma diminuta cruz suástica em metal dourado.

Súbito, ouvimos rolar alguma coisa como que uma pesada porta de ferro, e vimo-nos envolvidos por uma luz deslumbrante. Notei que a parede fronteira se abrira, e que estávamos todos no limiar de um outro aposento, em cuja extremidade se erguia um altarzinho de pedra e sôbre êle um triângulo, tendo no centro um grande ôlho fosforescente.

Dêsse ôlho jorrava uma intensa luz, que atravessava o espêsso emparedamento que o protegia, como se tal empareda-

mento fôsse não de granito, mas de fina gaze. Os raios, dirigidos para cima iam bater num bloco de metal dourado suspenso por grossas correntes também douradas.

A um canto havia uma enorme mesa de mármore, sôbre a qual viam-se um par de alambiques, alguns frascos coloridos e dois livros.

Olhei em volta, esperando encontrar algum forno, estufa, retorta ou outros utensílios mencionados pelos livros de alquimía que eu conhecia. Como que adivinhando meus pensamentos, Kázi falou:

— Amigos, aqui no Tibet, como em outras partes do mundo, a verdadeira Alquimia é espiritual, não exige nenhum trabalho mecânico. Consiste na purificação da alma e na transmutação do homem inferior em ser divino.

— E como é possível esta transformação? — perguntou Pierre Julien.

— Os lamas chamam «metais» aos princípios invisíveis que constituem o homem, pois são mais eternos do que a carne e o sangue. Os metais formados por nossos pensamentos e desejos continuam existindo mesmo depois que foi dissolvido o elemento perecível, que é o nosso corpo físico. Os princípios animais do homem representam os metais de qualidade inferior, que devem ser transformados em metais mais puros, trocando os vícios sem valor pelo ouro puro da espiritualidade.

— E como podemos alcançar isso? — indaguei.

— Para isto — respondeu Kázi — é preciso que os mais grosseiros elementos da forma morram naturalmente e se dissolvam de tal modo que o raio do espírito chame o ser verdadeiro que mora nas profundezas da vida, despertando-o, chamando-o à atividade. Na alquimia material, usamos processos diferentes.

Ouvimos passos atrás de nós. Voltamo-nos. Era um velho lama que acabava de entrar. Seu nobre rosto moreno é fino e espiritual. Sua expressão é modesta e suave, sendo incrìvelmente tranqüilos e belos seus grandes olhos côr de mel. Tem a cabeça raspada e veste o hábito amarelo dos lamas, que os tibetanos chamam de «Zen».

— Bem-vindo seja, irmão Kuchog! — disse Kázi.

— Ouvi as suas últimas palavras, meu filho — falou o lama, em inglês. Orgulho-me de ter sido o teu Mestre em outros tempos...

Kázi sorriu, e mudou de assunto:

— Foi graças ao lama Kuchog — explicou —, que ingressei neste mosteiro, aos oito anos de idade.

— Foi graças ao teu Carma e não a mim... — retrucou o lama.

— Bem... irmão... já que teve a bondade de honrar-nos com a sua presença, poderia comprovar experimentalmente a verdade de nossas teorias, para êstes nossos amigos? — pediu Kázi.

— Vou tentar — foi a resposta do lama.

E aproximando-se, serenamente, pegou num crisol que estava sôbre a mesa, e após verificar que estava vazio, colocou-o sôbre uma trípode, em cima da chama que ardia diante do altar. Depois, virando-se para nós, indagou:

— Poderiam ceder-me alguma moeda ou medalha de prata ou de cobre?

Vessantara tirou do bôlso uma medalha de cobre e perguntou:

— Isto serve?

— Sim — respondeu o lama. E pegando na medalha, colocou-a dentro do crisol. Após alguns minutos, vimos que a medalha começou a derreter-se. Apanhando em cima da mesa um vidrinho com um pó verde-claro, Kázi entregou-o ao lama Kuchog. Êste, com uma colherinha de marfim, colocou alguns grãozinhos do pó dentro do crisol. Era uma quantidade tão ínfima que mal se notava. Ela se queimou imediatamente e, no mesmo instante, o metal fundido entrou em ebulição. O líquido subiu precipitadamente até a borda do crisol, porém não transbordou. Vimos, então, que êle estava irisado de côres maravilhosas.

O espetáculo durou uns dez minutos. A ebulição cessou e a massa espumosa precipitou-se no fundo do crisol. O lama esperou até que a massa ficasse imóvel, depois, retirou-a do fogo e verteu o líquido lentamente sôbre a mesa de mármore. E, oh, maravilha! Imediatamente a massa se solidificou e transformou-se em ouro puro.

— Será realmente ouro? — perguntou Pierre, incrédulo.

— Se não crê, pode mandar analisar a medalha. Assim ficará certo de que não foram vítimas de uma ilusão... — falou o lama Kuchog. *

Fiquei atônita. Quanto não dariam os homens para conhecer o segrêdo daquela Alquimia? Gostaria de perguntar algo mais sôbre o estranho pó verde, mas calei-me, temendo que o lama pensasse que eu desejava conhecer o segrêdo que não devia ser revelado.

Vendo o nosso assombro, o lama prosseguiu:

— Tôda substância possui o germe do ouro em sua própria matéria primordial. Alguns sábios ocultistas podem conseguir a transmutação destas substâncias em ouro puro, no espaço de poucos minutos. Todavia, para isso, é preciso possuir a semente ou princípio do ouro, que é aquêle pòzinho verde que ali está. Os alquimistas ocidentais talvez nunca tenham conseguido a transmutação de qualquer metal para o ouro, devido as suas ambições de riquezas. Nós, aqui no mosteiro, só almejamos o progresso da ciência.

Neste momento ouvimos o som de um gongo chamando para as orações matinais. Imediatamente Kuchog interrompeu suas explicações e disse que deveria ausentar-se; pediu-nos, porém, que permanecêssemos no laboratório com Kázi. Êste mostrou-nos diversas peculiaridades desconhecidas, que nos deixaram atônitos. Foi, então, que Pierre Julien falou:

— Esta alquimia lamaica me faz pensar em Paracelso, o grande médico ocultista da Idade Média. Li certa vez, não sei onde, que um dos mais notáveis prodígios da arte alquímica consiste em provocar a criação de um ser humano fluídico e minúsculo, através da putrefação do esperma humano.

— Mas isto é possível? — indaguei.

— Não sei... mas Paracelso dizia que podemos conseguir êste fenômeno, do seguinte modo: Durante algum tempo, devemos encerrar um pouco de esperma humano num recipiente.

---

* Tivemos mais tarde uma prova real da alquimia dos lamas, de que êles tinham conseguido descobrir o segrêdo que os químicos até hoje não resolveram — a transmutação de metais comuns em metais preciosos. Ao chegarmos, tempos depois, de volta à cidade de Laddak, fronteira da Índia com Tibet, Vessantara mostrou a medalha a um joalheiro indiano e pediu-lhe que testasse o material. Fê-lo com ácidos e outros meios próprios e afirmou-nos que era puro ouro, de 24 quilates, se não me engano. O mesmo aconteceu quando bem mais tarde, a medalha foi examinada por diversos joalheiros da Europa e da América, durante as viagens do Dr. Vessantara.

Depois que êle entrar em putrefação e começar a viver e a mover-se, surgirá, então, uma pequena forma humana, leve e transparente, que deve ser alimentada de modo especial, que não me ocorre no momento. Obteremos um ser humano em miniatura, perfeito. É necessário que êle seja criado numa temperatura adequada, cercado do maior cuidado, para que cresça e demonstre sinais de inteligência. Segundo Paracelso, êste é um dos maiores segredos que Deus revelou ao homem mortal. Apesar dêste segrêdo ser desconhecido pela maioria dos homens modernos, certos sábios antigos conheciam-no como sendo a origem dos faunos, das ninfas e dos gigantes. Se algum dêstes homúnculos alcançar a idade viril, se transformará nestes gigantes ou pigmeus de que falam as mais antigas tradições. Que diz a isto, amigo Kázi?

Após uma breve pausa, Kázi respondeu:

— A humanidade pode sorrir das crenças de Paracelso, mas para nós elas também são uma grande verdade. Contudo, Paracelso aconselhava usar o esperma humano nestas experiências.* Nós aqui usamos a essência do que é feito o esperma.

— E como conseguem isto? — indagou Pierre.

— É um segrêdo que não podemos revelar, pois se trata de um assunto muito sublime, que atinge as fronteiras divinas...

— E o que fazem com êstes homúnculos?

— Nós os destruímos após a experiência, porque a Natureza fêz o laboratório humano, que é o macho e a fêmea, para esta função divina e devemos respeitar êste mandato cósmico. Paracelso, e outros sábios que poderão vir, jamais conseguirão os seus objetivos de criarem um homem perfeito através de suas experiências científicas. Os Sêres Sublimes não o permitirão porque sabem que suas intenções são as de ultrapassar a própria Natureza criadora.

E após uma breve pausa, Kázi prosseguiu:

— Bem... por hoje basta, amigos. Todos devem estar cansados de tantas divagações e precisam de repouso.

PRODIGIOSAS VISÕES DE UM PASSADO LONGÍNQUO

Estivemos na companhia dos lamas durante vários dias, e neste tempo êles nos ensinaram só o que era belo e puro. Suas vidas eram repletas de bela simplicidade e sacrifício pró-

* Ver "Obras Completas de Paracelso", Paris, Edit. Chacornac, 1914 e também "A Alquimia e os Alquimistas", Paris, Edit. Hachete, 1860.

prio. Agiram sempre com uma grande nobreza e não pudemos duvidar das suas palavras. Entre outras coisas, ensinaram-nos que existem podêres protetores que envolvem todos os sêres e êstes podêres são fortes, na proporção das fôrças desenvolvidas da Divindade residente no ser humano. Acreditei nestes ensinos, não apenas porque me disseram que assim era, mas porque a minha razão estava convencida disso e meu coração também. Esta crença nos podêres protetores trouxe grande paz à minha alma.

Um dos pontos mais interessantes dêstes ensinos é o que se relaciona com a aura ou atmosfera psíquica da criatura humana e as coisas etéreas que se manifestam nesta mesma aura.

Por «Aura» queremos dizer uma emanação invisível, ou exalação que cria uma atmosfera especial em tôrno da pessoa ou coisa de quem emana. Esta é, afinal, a definição do têrmo, mas nos escritos e ensinos ocultos há uma significação especial para isto. Emprega-se para definir a «atmosfera psíquica» que rodeia todo o indivíduo, o têrmo «Aura», que é invisível ao sentido comum da vista mas perceptível pela visão clarividente.

Dizem os lamas que a «Aura» é mais energia do que matéria, possui uma certa substancialidade, o que justifica vários escritores que dela trataram como sendo uma sutilíssima matéria. A «Aura» humana compõe-se de vários elementos, bons ou maus, e corresponde aos elementos que se manifestam na alma da pessoa. Assim como as manifestações das almas de diferentes pessoas diferem grandemente umas das outras, assim variam suas «Auras» no mesmo grau. Às vêzes, ela é visível mesmo às pessoas que não têm clarividência e se apresentam em forma de ar vibrante, à semelhança do ar quente que emana de uma rua asfaltada em dia de sol muito intenso e que se percebe de uma certa distância, ou como o emanado de uma chapa metálica quando acaba de sair de um forno bem quente.

Um ocultista adiantado pode ler o caráter mental e emocional de qualquer pessoa, como um livro aberto, pela intensidade de vibração e côr da «Aura» desta pessoa. Geralmente, ela lembra uma nuvem colorida, que muda de tom de acôrdo com o estado emocional, podendo mesmo atingir uma irradiação luminosa. Cada uma das côres da «Aura» representa um pensamento particular, estado mental, emocional ou sentimental. Há uma variação quase infinita destas côres áuricas, devido à variação dêstes estados.

Eis aqui o que representam as côres áuricas, segundo os lamas:

Prêto — melancolia, ódio, malícia, vingança.

Verde brilhante — sabedoria terrena, suavidade, tato, delicadeza.

Quando se trata de um verde opaco, significa astúcia, ciúme, inveja, cobiça e intrigas.

Vermelho-escuro — bestialidade e maldade. O vermelho-cereja representa a raiva. O vermelho-carmim representa o amor carnal ou paixão. O carmim-claro é o amor misturado com os sentimentos e ideais nobres.

Pardo — avareza e avidez.

Laranja — Espiritualidade. O laranja-escuro indica orgulho e ambição.

Amarelo — Poder intelectual, raciocínio claro e bondoso.

Azul — Quando é claro, representa a alta espiritualidade. Quando é escuro, indica apenas emoção religiosa.

Cumpre dizer que existem várias outras côres, que não podem ser reveladas.

Ensinam, ainda, que podemos modificar a nossa «Aura», para que ela se torne uma capa protetora, agindo como uma couraça contra tôdas as formas de ataque de ordem psíquica, tais como: magnetismo mental ou pessoal (como, por exemplo, o que o vulgo chama de mau-olhado), magia negra e outras maneiras de ataque. Para isso, é preciso que modifiquemos, para melhor, nossos atos e pensamentos, procurando aperfeiçoar-nos cada vez mais, criando, assim, uma «Aura» mais vibrátil e radiosa, em tôrno de nós.

* * *

Certa tarde, após meditar sòzinha nestes ensinamentos, atendendo ao chamado do Lama de Látchen, fui ao seu encontro, no pavilhão ao sul do jardim. Entrei numa ala ajardinada e cheguei diante de uma porta dourada, que se abriu. Entrei numa grande sala branca, de forma hexagonal. Segui adiante e penetrei em outra sala, cujas paredes eram forradas de brocado azul, e sôbre elas viam-se pinturas representando símbolos místicos, triângulos, círculos, linhas, letras e signos alegóricos. A um lado, havia um Buda gigantesco, talhado em madeira clara. A expressão calma daquele rosto fino e meditativo era realmente notável. No centro da sala via-se um divã branco, em forma de uma flor de lótus. Mezinhas de laca, finamente pintadas, continham pergaminhos e rolos de sêda, escritos com os textos sagrados do lamaísmo. Sôbre um tamborete, coberto

de peles de rapôsa branca, estava uma mulher magra, esguia, de idade indefinível. Ao seu lado, Trinadzin — o lama de Látchen.

Ambos vestiam um hábito monástico em sêda amarelo-ouro. Perto dêles já estavam Vessantara, Mahima, Kázi e Pierre Julien. Sorri contente ao vê-los também ali.

Voltando-se para mim, e lama falou:

— Vinde, pequenina irmã e saudai a Antiga Mãe.

Compreendi que se tratava da abadêssa do templo e inclinei-me numa reverência. E para meu espanto ouvi-a dizer, em inglês:

— Há muitos ciclos que estamos a tua espera, pequenina irmã! Os pés do Deus do Destino foram lentos em conduzir-te... mas chegou o tempo, não é mesmo?

Intrigada, eu não sabia o que responder. Olhei para os meus companheiros. Todos também pareciam perplexos. Fixando-me perscrutadoramente, o lama falou:

— As palavras da nossa abadêssa te parecem estranhas, não é verdade, ó flor esperada ?

Falou num tom sério que não compreendi perfeitamente, porém aproveitei a oportunidade para dizer:

— Confesso que sim, ó Pai da Alma Diamante.

— E no entanto — retrucou êle —, em outros tempos o teu cérebro não era tão obtuso, velado pelos véus da ilusão... mas, breve a luz se manifestará e terás os sete preciosos dons.

Nisso comecei a notar uma corrente incessante de pensamentos que me chegava ao cérebro. O lama pegou na minha mão direita e murmurou um mantra (palavras de poder, ou oração mágica). Imediatamente comecei a ver misteriosos reflexos azuis e alaranjados, ao mesmo tempo que uma névoa deslizava pelo teto. Pensei que estivesse sendo acometida de alguma doença. Eu me afastava de mim mesma e a voz do lama soou, longínqua:

— Em nome de Buda eu te confiro o poder de lembrar hoje, tuas existências passadas, através da imensidão do tempo.

— Fixa a tua mente, irmã, e lê *o passado!*

Seguiu-se um silêncio. Depois, algo penetrante como o brilho de um punhal passou ante os meus olhos, produzindo uma sensação vertiginosa. Fiz um esfôrço para mover-me...

falar... mas em vão... Quadros se desenrolaram ante os meus olhos assombrados. Vi-me como se fôsse uma princesa chinesa, vestal de um templo perdido nas montanhas. E tôda uma vida de há quatro mil anos foi recordada.

— Não permita que a saudade perturbe a tua mente — aconselhou uma voz que me pareceu ser a do lama Trinadzin.

— Prossiga! — ordenou a voz.

E como por magia, senti-me como se fôsse um sacerdote egípcio num templo de Amon. E, noutra existência, sacerdotisa do sol, na Etiópia.

— Continue! — disse a voz.

E então vi que fôra bailarina consagrada à Deusa Cáli, na antiga Índia. E depois... que maravilha! Um pastor na velha Atlântida.

— Volta! — ordenou ainda a voz. E novamente encontrei-me junto de Trinadzin.

Perplexa e emocionada, agradeci ao mestre aquelas experiências psíquicas. Foi, então, que êle falou:

— Tiveste a oportunidade de contemplar as tuas vidas passadas...

Ainda sob o impacto da emoção, perguntei:

— E por que só em tão remotas épocas?

— Porque não reencarnaste após sêres vestal e princesa chinesa, e isto se deu há quatro mil anos. Fôste amaldiçoada pelos lamas, porque traíste os teus votos de castidade e fugiste com um homem. Verás, agora, como nós te libertamos desta terrível maldição, quando isto foi permitido pelas fôrças superiores.

Senti que se formava uma névoa diante dos meus olhos, e logo vi-me numa grande sala subterrânea, acompanhada por Trinadzin. Junto de nós estavam vários lamas. Seus rostos eram graves, seus crânios raspados e seus hábitos cinzentos.

No centro da sala havia uma essa com um caixão de cristal. Dentro, um vulto impreciso. Ouvi o som de um gongo, logo, os lamas rodearam a essa. Trinadzin aspergiu o corpo imóvel com perfumes. O gongo soava sempre. Seria eu a morta? Queria sabê-lo, porém, ao mesmo tempo, temia a verdade. Súbito, uma fôrça interior fêz com que eu me aproximasse. E com assombro vi que, amarrada e amordaçada, ali estava eu mesma!

Senti um terror indescritível. Quis desviar os olhos, mas não pude. Aproximando-se do corpo imóvel, Trinadzin introduziu o dedo mínimo num orifício que aos poucos se abria no alto da cabeça. Pronunciou de modo especial a palavra:

— «Hick!»

Quando retirou o dedo vi um vapor cinzento se condensar, até formar um corpo etéreo. Estava ligado ao cadáver por um longo cordão umbilical de névoa, que se alargava indefinidamente. O pior é que eu me sentia dentro do cadáver e fora dêle! Foi, então, que os lamas entoaram uma misteriosa palavra. E... o cordão rompeu-se. O mais curioso é que o cadáver foi encolhendo, até desaparecer completamente. Cerrei os olhos atônita. Senti que alguém apertava a minha mão direita com energia. Logo, uma voz falou:

— Confia em mim, fixa a tua mente e vai a qualquer lugar da terra onde quiseres!

E, de um lugar a outro, de continente a continente, até mesmo a lugares impossíveis e impenetráveis, voei. Meu corpo etéreo não tinha pêso e estava ligado a uma forma imprecisa que era o meu corpo físico, por meio de um fio violáceo, de substância vaporosa. Tudo o que me rodeava era feito de matéria fluídica. Repentinamente, tudo se obscureceu e, ao voltar à minha consciência, ouvi Trinadzin dizer:

— Vem, pequena irmã!

Acompanhei-o através de uma longa escadaria de mármore branco, que nos conduziu a um aposento, que soube chamar-se a Sala do Saber. O que lá se passou foi maravilhoso, mas o voto de silêncio me impede de descrever o que vi. Posso apenas transcrever o que me foi dito sôbre os ensinamentos dos antigos yogues do País das Neves.

— O mundo ocidental e parte do oriental está com a mente imbuída da idéia da MORTE, sendo comum ouvirmos: a morte levou-o em plena primavera da vida, sinto que as minhas atividades vão terminar, findou-se uma vida ativa, etc. Nestas expressões, dá-se a idéia de que o indivíduo fica reduzido a nada quando é retirado da existência terrena. Embora quase tôdas as religiões ocidentais ensinem que existem os gozos do ALÉM, nas formas do «Paraíso ou Céu», a maioria de seus crentes parece hesitante. E, em vez de vermos parentes e amigos com roupas alegres e ornados de flôres, quando os seus entes queridos passam a um plano de vida mais feliz, o que vemos é bem o contrário. Devido à falsa fé, os «devotos» temem a aproximação da «Grande Ceifeira», e os que aqui ficam

vestem luto e demonstram por «meios externos» os seus sentimentos de dor por terem perdido os seus entes queridos...

Apesar de afirmarem a sua crença religiosa, ficam atemorizados ante a expectativa da morte. De duas uma: estas pessoas ou crêem na morte do corpo e na continuação da vida da alma num plano superior, chamado «Paraíso ou Céu», ou então são falsos crentes, enganando o próximo e muito mais a si próprios.

Os que adquiriram a consciência da morte ilusória nada temem, sentem apenas a separação temporária do ente amado, que passou desta para outra vida e que nada se perdeu.

Há uma fábula indiana que nos fala sôbre a tristeza de uma lagarta, ao encasular-se e morrer, ignorando que renascerá numa forma mais bela, como borboleta. No entanto, muita gente ri da ignorância da lagarta. Sem dúvida, a vida persiste enquanto a Natureza elabora as suas transmutações. A morte é um ilusão proveniente da ignorância. A vida tem muitas fases e formas, e algumas delas são chamadas, errôneamente, de «MORTE».

Os ensinamentos do Oriente falam em «planos da vida», que, para o mundo Ocidental, é um pouco estranho e difícil de compreender. A responsabilidade disto recai na teologia ocidental, que faz crer num «Céu», com suas maravilhas, situado em algum lugar do espaço. Há, também, a crença num «purgatório», situado em outro lugar, e o «inferno», cheio de fogo e demônios, em outro. Contudo, é preciso dizer que «céu, purgatório e inferno» são estados psíquicos e não lugares. Dizem os mestres orientais que êstes estados estão dentro de nós mesmos. Ademais, os planos de vida são um estado de atividade, na eterna energia do espírito, onde o «Todo» vive e se movimenta e tem a sua existência. Em qualquer ponto do espaço podem viver muitos planos de atividade, sem se interferirem. Em nosso plano físico podemos dar como exemplo as vibrações dos sons, que ocupam o mesmo espaço no ar. Entretanto, não se chocam devido às suas vibrações diferentes. O mesmo acontece com os múltiplos instrumentos de uma orquestra, tocando ao mesmo tempo. As vibrações dos sons não se chocam e geralmente podemos distinguir as notas de cada instrumento, separadamente. Nem uma nota se perde, apesar do volume inteiro manifestar-se no pequeno espaço do tímpano de nossos ouvidos. E quantos sons existem, inaudíveis para nós, por serem de vibrações muito altas ou muito baixas!

O telégrafo nos dá um outro exemplo interessante, no qual vários graus de ondulações vibratórias ocupam o mesmo

espaço ao mesmo tempo. Através do fio passam muitas mensagens, orientadas em várias direções, separadas uma das outras e sem se confundirem. O mesmo ocorre com o telégrafo sem fio que enche o ar com milhares de mensagens, cada uma com o seu rumo certo. As várias escalas de vibrações interpenetram-se mùtuamente, sem tomarem conhecimento umas das outras.

Além do plano da matéria existe o plano da energia-além-material. Para que fique bem clara a idéia de tais planos, devemos pensar em cada um dêles como se manifestando no mesmo ponto do espaço ao mesmo tempo. Logo, não há um mais baixo que outro nem em lugares diferentes.

Em antigas obras ocultistas encontramos referências a grande série de planos imediatamente superiores ao mundo material, a que dão o nome de planos e subplanos inferiores do astral e que vão até os planos e subplanos superiores do astral. Geralmente, usa-se o têrmo «plano astral» para designar tôda a série de planos e subplanos. Na escala de vibração mais baixa do plano astral, agem as atividades psíquicas denominadas clarividência, telepatia, etc. Em outras regiões, também inferiores, encontram-se formas de espíritos-fantasmas, de pessoas desencarnadas que muitas vêzes são vistas e sentidas por sêres humanos ou por certos animais. Em alguns dêstes planos é comum viajarem os corpos astrais de criaturas humanas, durante o sono ou durante transes espirituais.

Cumpre dizer que, segundo os mestres, há côres astrais, que são «Auras» circundando os corpos físicos e se manifestam em vários subplanos do astral. Há, ainda, subplanos chamados «planos das fôrças psíquicas», e é por meio destas fôrças que se operam inúmeros fenômenos. Podemos encontrar nestes planos os pensamentos-formas, as ondas de pensamentos, que são emanadas pelas mentes humanas e andam à procura dos pensamentos e emoções dos que as atraem, aos quais se fundem devido à lei da atração dos semelhantes.

Alguns subplanos inferiores do astral são muito desagradáveis e mesmo perigosos para as pessoas que não têm o devido preparo para nêles penetrar. Os ocultistas experimentados esquivam-se dêles e os iniciantes devem evitar experiências em tais regiões, do mesmo modo como evitam os lugares infectados de febres que existem no plano terrestre. Muitos incautos já sofreram danos no corpo e na mente, por penetrarem nestes planos sem o devido preparo, chegando alguns a perderem o juízo. Nestas regiões estão, também, as formas astrais de inúmeras pessoas desencarnadas, ainda ligadas à terra e aos atrativos do mundo material. É triste saber que pessoas que nunca se misturaram com esta classe de gente, enquanto vivem na terra, pro-

curam e amam as comunicações psíquicas com êstes sêres inferiores, acatando-os errôneamente como espíritos bem-aventurados. Quanto desgôsto teriam se conhecessem o caráter das entidades que habitam nestas regiões inferiores! Muitos velhacos de tais regiões apresentam-se como se fôssem amigos ou parentes dos que andam pelas reuniões espíritas, à procura de conselhos, de palavras de confôrto, etc...

À medida que as almas se aperfeiçoam nos graus dêstes planos, vêem ficar para trás estas entidades negativas e chegam, então, a planos habitados pelas almas mais espiritualizadas. E vão se elevando na escala de outros planos e subplanos, até que chegam aos mundos celestiais, que cada religião, aqui na terra, procura definir segundo os seus dogmas; mas a existência do inferno está sempre oposta à do céu. Todavia, para os que seguem a filosofia espiritualista, é sabido que a alma desencarnada, através de seus esforços e méritos, pode progredir até alcançar a beatitude nos mundos celestiais.

Dizem os mestres que o que a religião católica chama de purgatório nada mais é do que alguns subplanos do astral inferior, onde as almas estagiárias expiam suas faltas. Aliás, sempre houve, em todos os povos, tradições sôbre o lugar onde vivem as almas desencarnadas.

As pessoas, ao chegarem no estado que chamamos «pré-morte», mas que é apenas uma simples mudança de vida, sentem um enfraquecimento físico da vista, ouvido e tato. A vida do moribundo, neste estado, assemelha-se à luz de uma vela que se está extinguindo e isto indica que «a morte» está se aproximando. Há casos em que, quando os sentidos físicos estão se enfraquecendo, despertam-se cada vez mais os sentidos psíquicos e, freqüentemente, há moribundos que têm a consciência do que se passa no quarto ao lado, ou mesmo em lugar distante. Fatos por demais conhecidos, registram que pessoas, no estado de «pré-morte», aparecem a pessoas amigas ou parentes, momentos antes de soltarem o último suspiro. Isto porque o moribundo projetou sua personalidade com tanta energia que, mesmo através de longa distância, mostrou-se e até mesmo conversou com os amigos ou parentes. Quando a pessoa prestes a fazer a «passagem» para outros planos é ou torna-se consciente psìquicamente, em geral, entra em comunicação espiritual com os que já se acham no além.

Cada corpo físico tem um corpo astral ou fluídico, que os yogues chamam de «duplo físico». Êste corpo astral é feito de matéria fluídica, que só os clarividentes vêem, pois ainda não há neste mundo nenhum instrumento físico que o possa pesar e medir.

Quando o corpo físico está prestes a morrer o corpo astral vai desligando-se gradualmente, até que ambos ficam ligados apenas por um fio fluídico que depois arrebenta e então o corpo astral fica totalmente livre do corpo físico. É neste instante que êle é habitado pela alma que habitou o corpo físico. Logo, o corpo astral não é a alma assim como não era a alma o corpo físico, e sim apenas a roupagem provisória da alma.

A alma que abandonou o envoltório físico e tomou o corpo astral como veículo cai num sono profundo, ou estado comático, semelhante ao estado do feto, alguns meses que precedem o nascimento. Nada mais está fazendo do que preparando-se, obtendo fôrças para começar sua nova fase de existência espiritual e o mesmo acontece com o feto, que se prepara para enfrentar a vida material. Assim como o útero serve de proteção ao feto, o corpo astral protege a alma que vai viver no outro plano.

É comum a alma dormir em paz neste período, sendo protegida para isto. Só a podem perturbar dois motivos: primeiro, os fortes desejos de amor, ódio ou deveres não cumpridos, quando ainda estava no plano material. E, em segundo lugar, desejos e pensamentos muito fortes, por parte de pessoas vivas, que estão em estreita relação com a alma desencarnada, o que comumente se faz em reuniões espíritas. Isto causa na alma adormecida um certo desassossêgo, atraindo-a para as cenas terrestres, através de um estado telepático, ou de um estado que se aproxima do sonambulismo no plano físico. Isto é de se lamentar, pois, além de perturbar a alma, desviam-na do seu progresso evolutivo normal, na sua nova fase espiritual.

A pessoa que faz a passagem do estado material para o astral de uma maneira tranqüila e com conhecimento de causa, não é perturbada no sono astral pelas ditas causas que citamos. Passa pelo estado comático e depois evolui para o nôvo plano, tão naturalmente como uma pessoa que, ao deitar-se, está tranqüila e com a consciência límpida acorda calma e refeita, para a labuta de mais um dia.

Aquêles que morrem repentinamente, por acidente ou mesmo assassinadas, ficam «acordadas» por algum tempo, em plena posse das suas faculdades mentais. A maior parte desconhece que «morre» e não compreende o seu nôvo estado. Julgando-se ainda com o corpo terreno, podem penetrar e se locomover para qualquer lugar, podem ouvir e ver através dos sentidos astrais, assim como falar sem serem ouvidas, e isto lhes causa um grande espanto. Por fim, chegam os auxiliares do astral, que são almas abnegadas de planos superio-

res e procuram restituir-lhes a compreenção para entenderem a verdadeira situação, cuidando dêles até que o sono se apodere de suas almas. Isto é uma das tarefas das almas abnegadas para com as que sofrerem morte repentina, sejam estas almas boas ou más, pois tôdas são irmãs espirituais perante o Criador.

A alma quando atinge um grau de discernimento espiritual desperto, passa a conhecer o significado, a causa e as consequências dos seus atos na vida terrena. E, neste estado, julga suas ações. Isto serve para a formação de suas futuras qualidades, em vidas futuras, escolhendo, então, os próximos acontecimentos e destino.

A duração do sono da alma varia com o seu adiantamento na escala evolutiva. Quanto maior fôr a evolução da alma, maior é o período do sono. Isto porque a alma mais evoluída necessita de mais energias para descarregar maior número de baixos fragmentos ou escórias da sua personalidade. Acontece o contrário com a alma pouco evoluída, que, apesar do muito que tem para descartar, pouco o faz devido ao seu baixo grau de entendimento. Logo, o seu período de sono é pequeno.

A alma vai pouco a pouco se desligando do corpo astral, despertando sua consciência, da mesma forma que a alma encarnada vai despertando com o correr dos anos, desde que deixou o ventre que a guardou por nove meses. Quando a alma desperta realmente, está livre de todos os envoltórios usados, tornando-se claras tôdas as cenas das suas novas tarefas e existências no mundo astral. É só então que ela vai expandir os seus melhores e mais elevados ideais.

No plano terreno, muitas vêzes sentimos o desejo de fazer algo muito elevado, porém circunstâncias terrenas não o permitem. Todavia, no além, a alma está liberta, podendo assim desenvolver as qualidades do que há de mais belo e nobre dentro de si mesma. Nestes planos, a alma não tem mais forma, é apenas «ondas vibratórias».

O corpo astral abandonado é também chamado «cascão astral», e vai para os planos mais baixos, onde se desintegra lentamente. Há almas de vibrações tão baixas, tão apegadas às coisas vis da terra, que se recusam a abandonar os seus cascões astrais, para gozarem o contato com as cenas e os amigos da vida terrena.

Livre do sono astral, a alma vai, pouco a pouco, passando de plano a plano, proporcionalmente ao seu desenvolvimento. Aumentando o seu campo vibratório ela é atraída para o plano imediatamente superior ao que ocupa. É impossível à alma visitar planos superiores, porque não tem campo vibratório

rio próprio a êsses planos. Contudo, pode, por livre vontade, visitar os planos e subplanos inferiores ao seu campo vibratório, a fim de, lá, estudar os fenômenos vibratórios dêsses planos e auxiliar seus irmãos atrasados, no que fôr possível.

Cumpre dizer que nos planos astrais e suas divisões não existem cenários, a não ser os que são fornecidos pelos pensamentos — formas das almas que nêles habitam. Um desalmado caçador de feras na terra, quando vai para o astral, encontra «vastas regiões com abundante caça», isto criado apenas pela sua imaginação. Acontece o mesmo com as almas das pessoas que viviam nos lupanares, bem como com os cientistas, que, arraigados à terra, criam no astral o seu laboratório.

Nos planos astrais inferiores, as almas de baixas vibrações que nêles habitam têm um progresso relativo, pois tudo o que desejam obtêm em abundância e nos matizes que lhes convém, diminuindo, assim, os sentimentos de inveja, ciúmes, ganância, aumentando desta forma a camaradagem e amizade com os seus companheiros de plano. E esta amizade elementar nada mais é do que um passo para o seu progresso, semente do amor universal. Logo, em cada permanência no astral, consome algo da natureza inferior, despertando um pouco mais as faculdades superiores. Se isto não ocorresse, não haveria o progresso da alma humana nas suas reencarnações.

No plano astral, a consciência impõe-se forçosamente à alma. Na terra, geralmente, esta voz é fraca e portanto sufocada, mas no astral esta mesma voz é mais forte e a alma escuta-a e obedece. A consciência do homem, quando fala alto e claro, é o juiz mais severo que existe de si mesmo.

O ser humano pode fugir ao julgamento dos outros homens, mas não escapa ao julgamento da sua consciência, quando está no plano astral. Daí advém a dor que invade a alma quando nota o resultado de suas más ações, confessando a si próprio que «isso podia ter sido diferente»...

A alma, quando está no plano astral superior, trabalha incessantemente para o seu progresso. Em primeiro lugar, repara os seus erros passados. Em segundo, planeja e cria, no dito plano, a fim de poder passar para outros planos mais adiantados, ou então prepara-se para reencarnar no plano terreno. Esta preparação nada mais é do que determinar sua tarefa, marcar aquilo que deseja fazer quando voltar à terra.

Quando sentem intuição para isto, um escultor, um cientista, um músico, etc, elaboram na mente um belo trabalho de escultura, um importante conceito científico, ou uma formosa sinfonia. Isto nada mais é do que aquilo que já foi ela-

borado por suas almas no plano astral, que se propuseram a concretizar seus ideais no plano material.

Quanto ao caso de encontrarem ou não os amigos ou parentes no plano astral, depende apenas do grau de vibração e intensidade que há entre êles. Quando o pai, o filho, a espôsa ou o amigo, aqui no plano terreno, são de vibrações diferentes, mais tarde não poderão ser atraídos para um mesmo plano astral; logo, advém, daí, a separação. Entretanto, se entre êles existe afinidade espiritual, com igualdade de vibrações, por certo encontrar-se-ão no além, porém, não como pai, filho, espôsa ou amigo, e sim como irmãos da mesma intensidade vibratória. A não ser que a alma que esteja em plano astral superior, por livre e espontânea vontade, como já foi dito mais atrás, penetre nas esferas inferiores para consolar e mostrar algo que esteja ao alcance de ser entendido, às almas dos que foram seus parentes na terra. Todavia, o fazem simplesmente como alma irmã, perante a natureza criadora.

A alma que labutou no plano astral precisa descansar para começar sua nova tarefa, encarnando entre nós ou em plano superior da vida espiritual. Êste descanso é chamado de «O Segundo Sono da Alma». Neste segundo sono, a alma, com uma vibração que foi criada por desejos que estavam latentes dentro de si, ou seja, missões a cumprir aqui na terra, por exemplo, é atraída e levada ao renascimento, em condições e entre pais adequados para a missão a que se propôs, ou afins com o seu campo vibratório.

Depois de nascida a criança, onde a alma adotou outra forma, esta continua num sono parcial e vai acordando lentamente, acompanhando o desenvolvimento cerebral da infância e da juventude. Há casos em que a alma desperta ràpidamente, advindo daí as crianças-prodígio. Há, também, casos em que a alma só desperta após muitos anos de idade. Homens ou mulheres que levam uma vida medíocre e que, num dado momento, se tornam brilhantes, se projetam na arte, na música, na ciência, em grandes organizações, etc.

Segundo a filosofia yogue, a alma, quando de passagem pela terra, deve procurar desfazer os laços que a prendem à matéria. Quando tiver o total conhecimento da natureza das coisas terrenas, a alma está liberta para alcançar vôos muito altos, em regiões superiores da vida espiritual. Por isto é recomendável que siga a filosofia yogue ou qualquer outra Religião-Sabedoria, que entre outras coisas recomendam:

«Mata a ambição.

Mata o desejo de viver.

Mata o desejo de bem-estar.

Mata o desejo de sensação.

Mata o desejo pessoal.

Procura o caminho penetrando no teu interior.»

.....

Naquele estado fluídico, concluí que, em resumo, a alma larga a matéria física, caindo num sono profundo, no plano astral, para repousar. Êste sono é tanto mais longo quanto o é o seu grau de desenvolvimento espiritual. Acorda para passar em retrospectiva os seus atos passados, construir e desenvolver-se, no astral, como elaborar e preparar-se para a sua nova fase, no plano espiritual ou no plano material se tiver que reencarnar. Então, para um repouso merecido dorme o segundo sono, como um lavrador que arou o dia inteiro e tem um justo descanso à noite, para que no dia seguinte esteja em condições de recomeçar outra jornada de labor.

A alma não está sujeita a «Juízes Celestiais ou Infernais», mas sim ao seu próprio juizado, isto é, a sua própria consciência. Cumpre dizer que o Carma de cada um não é determinado e impôsto por fôrças externas e sim pela própria alma, pois o campo vibratório por ela criado é ou deixa de ser atraído por tal ou tal ponto, no plano encarnado, no astral ou no espiritual. Esta lei de repulsão e atração é invariável e absoluta, e age em todos os casos, sem favoritismo, sem injustiças, no destino de cada alma. Seja ela boa ou má, pois a lei atração e repulsão é uma só, a mesma para todos.

De nada adianta oferecimentos ou promessas a entidades inferiores ou superiores, pedir proteção ou rogar aos «santos» tais e tais coisas. O que devemos ùnicamente é procurar penetrar e lapidar a nossa alma, criando, assim, uma defesa própria em tôrno de nós, dos malfeitores de vibração negativa, como por exemplo: intensificando cada vêz mais o nosso campo vibratório positivo, e assim sermos atraídos para meios cada vez melhores.

A alma reencarna tantas vêzes quantas forem necessárias a fim de serem esgotados todos os seus desejos, mesmo os altruísticos e superiores, pois basta serem desejos da esfera terrena para que a prendam (a alma) aos planos da reencarnação, isto é, o Carma. Quando êste Carma estiver esgotado, queimado, a alma vai para planos superiores, ou seja, o plano espiritual, ou irá reencarnar, em corpos diferentes dos nossos,

quiçá em planêtas mais adiantados. Enfim... somos os arquitetos do nosso próprio destino.

Após pensar em tudo isto, ouvi novamente uma voz dizer:

— Vem !

E novamente, mais rápido que o vento, atravessei o espaço infinito, guiada por Trinadzin, que flutuava ao meu lado. Deslizamos através de nuvens irisadas como a madrepérola. Minha forma transparente parecia movida por uma fôrça superior. Repentinamente, fui atraída para baixo por uma sucção como se fôsse um redemoinho, e momentos depois, estava junto a uma cadeira baixa, em que se achava o meu corpo adormecido. Súbito, fui levada para dentro do meu corpo, caindo na inconsciência.

Ao despertar, encontrei-me novamente na sala forrada de brocado azul, ao lado de Trinadzin e da abadêssa. Não tinha, então, lembrança da experiência que acabei de descrever, as quais foram recordadas depois. Tinha uma lembrança vaga de um conhecimento perdido, mas apertei em vão a minha cabeça no esfôrço de recordá-la. Abri e fechei os olhos várias vêzes. Depois, olhei em volta. Tive um sobressalto. Meus companheiros de viagem estavam imóveis nos seus lugares. Pareciam hipnotizados.

— Não estavam preparados para ver e compreender aquilo que tu viste — disse Trinadzin, mansamente. — Porém eu precisava das suas correntes vibratórias.

E assim dizendo, Trinadzin fêz um gesto de bênção e saiu acompanhado pela abadêssa.

Pouco depois, meus companheiros voltaram a si. Não se lembraram de como tinham adormecido e nada lhes contei do que ouvira do lama. Nisso, entrou um discípulo trazendo uma bandeja com chá amanteigado e bolinhos de farinha de cevada.

Nunca pude me explicar as emoções que senti no Templo da Sagrada Luz de Buda, também chamado Templo das Três Razões Alegres. Meus nervos ficaram numa tensão quase insuportável. Após beber o chá, saí para o jardim e o ar da noite me acalmou um pouco. Logo, meus companheiros seguiram-me e Pierre disse em tom de brincadeira :

— Nunca pensei que pudesse ser vítima de um sono inesperado como êste de hoje!

Sorri e comentei :

— Ah ! meu caro, ninguém pode desvendar os mistérios e as magias do Tibet...

* * *

Daí a dois dias, deixamos Látchen e pusemo-nos a caminho com o nascer de um sol tímido de inverno. Em nossa jornada, que durou vários dias, passamos por Phari Dzong, Tuna, Dochen e Kala, aos pés do monte Chomolari (Montanha da Senhora Deusa). Destas cidades a mais interessante foi Phari Dzong, que fica numa altitude de 4 450 metros, e é, provàvelmente, uma das mais altas cidades do mundo. Embora bastante suja, as ruas são amplas e as casas graciosas. O povo tem um cheiro muito desagradável, mistura de manteiga rançosa com alho. Os tibetanos geralmente não tomam banho, nem mudam de roupa com freqüência. Lavam-se uma vez por ano, no verão, quando mergulham nos rios e esfregam o corpo com uma pedra enrolada várias vêzes numa fôlha de fibra resistente.

Se não fôsse pelo fato da extrema altitude destruir a maioria dos micróbios, tais hábitos anti-higiênicos teriam destruído quase tôda a população do Tibet.

Deixando Phari Dong, Tuna e Dochen, marchamos às margens do rio Rham, onde vimos algumas gazelas, que fugiram ao perceberem a nossa aproximação. Passamos pelo vale desolado de Kala, um deserto completamente desabitado, alcançamos um pequeno povoado onde pernoitamos na casa de um pastor de iaques. Prosseguimos viagem até alcançar o próspero vale de Nyang-Chu. Nossos cavalos tiveram certa dificuldade de andar devido ao excesso de lama que havia nas margens do rio Nyang (rio da Alegria). Mais além, vimos pequenos campos com plantação de trigo e legumes, cercados por um pequeno grupo de casas de pedra. Alguns camponeses trabalhavam nos campos, conduzindo arados puxados por iaques.

À medida que avançávamos pelo vale de Nyang-Chu, êste perdia o seu aspecto próspero: casas, campos e árvores foram desaparecendo, dando lugar a um vale escarpado, cheio de rochas e precipícios e a uma estreita garganta chamada «Garganta do Ídolo Vermelho». É assim chamada devido aos coloridos magníficos dos estupas (monumentos religiosos de origem indiana), que dominam o lugar. Nestes monumentos vimos maravilhosas imagens de divindades, pintadas em vibrantes azuis, verdes, vermelhos e amarelos. A imagem maior e mais bonita é a da Padma Sambhava, o famoso herói do Lamaísmo tibetano.

Tivemos que desmontar e seguir, passo a passo, conduzindo os nossos cavalos, até que a garganta se alargou e pude-

mos montar novamente. Saímos num vale bonito, no qual se viam inúmeros rododendros. Meia hora depois encontramos dois soldados indianos montados em magníficos cavalos. Pararam à nossa frente e pediram os nossos documentos, em nome do Govêrno inglês (nesta época o Tibet estava sob o protetorado britânico). Após examinarem tudo e darem o seu consentimento para prosseguirmos rumo a Samada, sugeriram que nos hospedássemos na «British-Indian-trade-agency», um grande forte tibetano pouco adiante, sob o comando do Major Pearson.

Mas já estávamos acostumados a desfrutar a paz e a solidão dos mosteiros tibetanos, com seus distantes e misteriosos sons de tambores e trombetas, e preferimos prosseguir viagem até encontrar uma Lamaseria que nos desse hospedagem. Contudo, isto não aconteceu.

Horas mais tarde chegamos a uma grande casa branca ocupada por um velho pastor, sua mulher e sua filha. Como estávamos muito cansados, decidimos repousar um pouco, atendendo ao convite do pastor, que se inclinou para beijar a fímbria do hábito amarelo do lama Kázi, guia da nossa caravana. Ofereceu-nos chá com manteiga e sal e pela primeira vez eu tomei aquêle chá tibetano sem repugnância. As mulheres vestiam longas vestes de lã forradas de pele de carneiro e nos seus cabelos lisos de mongóis brilhavam grampos e travessas de prata. O pastor usava casaco e calças de lã, botas de couro e uma capa forrada de pele de carneiro. A casa era simples e acolhedora. Constava de uma sala, uma cozinha e quatro quartos grandes. Os móveis toscos eram apenas uma grande mesa baixa, um armário e alguns tamboretes. Os quartos não tinham cama, pois, em geral, os tibetanos dormem no chão, em cima de esteiras ou almofadas.

Após uma noite repousante, prosseguimos viagem. Pouco além da cidade de Samada havia uma gruta famosa por seus prodígios. Disse-nos Kázi que esta gruta sagrada era muito conhecida no Tibet pelos milagres que ali se produziam.

Enquanto caminhávamos pelos estreitos caminhos que conduziam à gruta, aprendemos muita coisa com Kázi. O caminho descia bruscamente no meio de uma magnífica floresta. A temperatura era gelada e nossa marcha difícil.

Com sua voz mansa e pausada, Kázi nos contava diversas coisas curiosas sôbre a gruta. Era como se uma página do Lamaísmo desconhecido se desvendasse para nós, a fim de fazer-nos compreender melhor êste povo estranho, que outrora foi predestinado.

— Há séculos que uma presença divina santificou a gruta aonde vamos — disse êle. A sombra do santo Avalokiteshevara, o mestre bem-amado, habita nesta gruta. Diz a lenda, foi nesta gruta que outrora Buda converteu o rei dos demônios e prometeu, ao seu nôvo discípulo, deixar ali a sua sombra para que, se os maus instintos do demônio se revelassem de nôvo, a sombra de Buda haveria de recordar-lhe os juramentos de seguir o bom caminho.

— E realmente aparece a todos esta sombra divina ? — indaguei.

— Sòmente àqueles que têm fé e um coração puro ! — foi a resposta. Os caminhos que conduzem à gruta eram outrora infestadas por bandidos. Raro o peregrino que voltava destas paragens. Hoje, porém, é um lugar de peregrinação constante, e nas cercanias há alguns mosteiros, cujos «trapas» (noviços) servem de guias aos forasteiros.

Continuamos andando por um declive montanhoso, cujo terreno acidentado, apertado entra serras e encostas, oferecia um caminho estreito, cheio de subidas e descidas. Picos gelados se inclinavam sôbre os lados dos caminhos. Rajadas de vento passavam por nós a cada instante. Algum tempo depois chegamos a um lugar onde o caminho parece terminar. À direita, havia um rochedo enorme, com um muro todo esculpido de figuras sacras e que descia quase a pique por um desfiladeiro.

«A gruta»! Foi a nossa exclamação alegre e comovida que vibrou no espaço, quando, após têrmos percorrido a trilha irregular e apertada, entre a floresta e as colinas áridas, vimos a gruta muitas vêzes secular. Sentimos contato com o passado, e à nossa mente acudiram evocações fabulosas de outros tempos. Ali, estava a gruta da sombra do Buda, pouco além, entre montanhas numerosas. E impacientes como estávamos para chegar logo, desmontamos, entregamos os cavalos aos dois servos que nos acompanhavam, e avançamos apressados para a vasta cavidade redonda que dá ingresso à gruta.

— Não entrem! — gritou Kázi.

Paramos atônitos. Meu coração pulsava estranhamente.

— Por quê? — indagou Vessantara.

— Esta gruta é guardada pelos gnomos — os elementais da terra —, e antes de entrar temos que cumprir com o ritual.

— Que ritual ?

— Observem em silêncio...

E Kázi tirou do «ambag» (bôlso interno da túnica monástica) um estranho pó vermelho, com o qual traçou um círculo mágico, tal como vimos no mosteiro de Kargyompa. Depois, postou-se no meio do círculo e começou a fazer uma invocação que dizia :

— «Rei invisível dos gnomos, que habitas o ventre da terra, Tu, que fazes correr sete metais nas veias das pedras, monarca das sete luzes, remunerador dos operários subterrâneos, permite que entremos no teu reino e que os mistérios nos sejam revelados!»

Uma fôrça sobrenatural pareceu encher os ares.

— Agora podemos entrar — disse Kázi tranqüilamente.

A SOMBRA DO BUDA

Penetramos numa galeria subterrânea, estreita e sombria. Mais adiante havia uma tôsca escada de pedra que ia dar num amplo túnel.

O solo estava gasto, liso, como se fôsse o caminho trilhado por muita gente, há muitos séculos. Avançamos mais, dominados por um sentimento de respeito e maravilha. Por todos os lados reinava o silêncio. O ruído dos nossos passos ecoava surdamente, como se viesse de longe. Depois de andar uns cinqüenta passos, súbito o caminho se alargou numa caverna, tão grande que mal podíamos ver o teto à luz de nossas lanternas de bôlso. Fina areia juncava-lhe o solo. Havia um nicho cavado numa das paredes e, em volta dêle, viam-se numerosas inscrições esculpidas na pedra.

Do outro lado havia uma espécie de coluna de pedra apoiada sôbre uma elevação rochosa. Sob esta coluna, vimos algumas imagens de bronze representando divindades budistas, diversas flôres espalhadas pelo chão e quatro ânforas, também de bronze, cheias de um bálsamo perfumado.

— São oferendas dos fiéis — explicou Kázi. — É justamente ali, atrás daquela coluna de pedra, que a sombra do Buda costuma aparecer.

E prosternando-se diante do lugar sagrado, Kázi cerrou os olhos e começou a orar.

Após examinar ligeiramente a gruta, nós nos sentamos com as pernas cruzadas sôbre a areia branca e fina. Decorreram alguns instantes sem que nada sucedesse. Comecei também a orar, desejando sinceramente a bênção da emanação

búdica, sem, contudo, deixar que a curiosidade invadisse a minha mente. Sùbitamente senti que a atmosfera da caverna esfriou bastante. Uma leve brisa, vinda de não sei onde, agitou os nossos cabelos. A influência oculta dos deuses invocados fazia-se sentir. Reconheço esta sensação de fascinação, angústia e incredulidade. Abri os olhos e olhei em volta. Tudo continuava sereno. Pierre murmurou qualquer coisa ao ouvido de Vessantara, quando, inesperadamente, soltei uma exclamação de espanto.

Kázi abriu os olhos e olhou-me com uma expressão interrogativa.

— Continuem concentrados ! — falou.

Meu coração batia apressadamente, pois tive o primeiro contato com uma visão luminosa. Seria acaso uma alucinação ? Um estado hipnótico que me fazia ver algo que não havia ? De repente, todos nós vimos formar-se na parede da gruta uma auréola de luz dourada e azul. Depois formou-se um globo de luz fosforescente. Dêle saíram sete raios dourados, que logo se dissiparam juntamente com o globo. Então... deu-se o milagre! Tôda a caverna ficou iluminada por uma luz tão bela, que me é impossível descrevê-la. E a luz aos poucos se condensou numa forma humana. Era a visão etérea de Gautama Buda, sentado sôbre uma flor de lótus. Sua face tranqüila era jovem e radiante e seu corpo magro, esguio como um junco num lugar sem vento...

Esfreguei os olhos assustada e tornei a olhar. A visão parecia sorrir docemente para nós. Meus companheiros também olhavam boquiabertos a estranha visão, que durou apenas alguns momentos e logo se desvaneceu lentamente.

* * *

Horas mais tarde, quando saímos da gruta, voltamo-nos mais uma vez para olhar aquela misteriosa morada. Nossos olhos observaram demoradamente o lugar sagrado e, ainda hoje, aquela visão mística e enigmática, que tantos viajantes já contemplaram, e que nos emociona e entorpece como um filtro encantado de algum poderoso mago.

O TEATRO TIBETANO

Quando regressamos à Samada, havia um ar de festa na pequena cidade tibetana. Soubemos que naquela tarde haveria uma representação teatral no Templo da Garganta do Ídolo Vermelho. Exultamos diante desta oportunidade de conhecer o teatro tibetano, que é profundamente religioso e lendário.

O recanto da gruta onde, há séculos, aparece a sombra luminosa de Buda

Repousamos um pouco, trocamos de roupa, e às cinco horas da tarde já estávamos à caminho do Templo. Pela estrada fomos encontrando muita gente, que também ia à festa. Todos vestiam alegres trajes coloridos; a maioria das mulheres enfeitava os cabelos com um bonito «Patruk» (broche de madeira, coral e veludo). É curioso observar o penteado das tibetanas: os cabelos escuros, muito longos e lisos, são enrolados e armados em arco dentro de um grande aro de madeira polida. Na parte de trás do penteado colocam, então, o «Patruk».

Andamos durante meia milha ao longo das margens do rio. Era uma bonita tarde tibetana. No céu azul flutuavam nuvens côr de pérola. Uma brisa leve e fria agitava nossas vestes. A certa altura do caminho encontramos várias tendas de festas e, perto delas, homens, mulheres e crianças indo e vindo, cantando alegres canções. O jantar estava sendo preparado sôbre a relva, diante das tendas. Dispostos sôbre uma grande toalha branca, notava-se pequenos recipientes de porcelana: taças, pratos e copos de madeira e de metal para servir bebidas. Via-se as mulheres arrumando os bôlos, doces, carnes assadas e tôdas as espécies de legumes.

Após comermos nosso farnel, lavamos as mãos nas águas geladas do rio e sentamo-nos perto do lugar onde se daria a representação teatral. Enquanto aguardávamos a hora do espetáculo, Kázi contou-nos algo sôbre o teatro tibetano. E assim, ficamos sabendo que as peças são sempre levadas ao ar livre. Os mistérios sagrados (cham) são representados no pátio dos mosteiros; os dramas profanos (ache-lhamo), nas escadarias principais do mosteiro. A divisão dos dois gêneros não é muito clara, pois ambos versam sôbre lendas e histórias budistas. Mas, enquanto os dramas religiosos são representados pelos próprios lamas, os profanos o são por atôres profissionais ou saltimbancos, que vão de cidade em cidade. Acontece, também, que são os próprios aldeões que às vêzes formam pequenos grupos de amadores; uma ou duas vêzes por ano, êles fecham suas lojas e vão fazer teatro, cantar e dançar.

O espetáculo que ia começar naquela tarde seria representado por um dêstes grupos de amadores. A peça seria longa e só terminaria lá pela meia noite.

— Conte-nos o enrêdo da peça de hoje! — pedimos à Kázi. E, após informar-se com alguém, Kázi começou a contar a história do amor entre uma princesa chinesa e um rei do Tibet. O prólogo começa com um poema, que diz:

«A primeira lua cheia do ano viu
chegar ao Tibet a formosa princesa

Wen Cheng — a de olhos de damasco e cintura de salgueiro.

Não tenhais mêdo, princesa, dos nossos amplos prados desertos, pois cem bravos guerreiros formarão o vosso séquito.

Não tenhais mêdo dos nossos rios profundos, pois cem barcos grandes sulcarão suas águas tranqüilas, trazendo os vossos pertences.

Chegareis a um formoso lugar cujo nome é Beiguisiong e sereis amada pelo nosso rei que é belo como um deus.

Então, a princesa Wen Cheng sorriu feliz e prosseguiu viagem tranqüilamente levando um tesouro em sementes de três mil e oitocentas espécies, impossíveis de enumerar e se descrever...»

— Êste poema, intitulado «Emalanching» em tibetano, é um dos incontáveis relatos referentes à doce princesa Wen Cheng, que o povo do Tibet canta com amor.

Diz a tradição que, quando Srong-tsan-Gampo, rei do Tibet, completou dezoito anos, era um rapagão forte e bonito. Foi, então, que chegou aos seus ouvidos a fama da beleza da princesa Wen Cheng, da côrte imperial da Dinastia T'ang (618-907 de nossa Era). Esta princesa era extraordinàriamente formosa e inteligente. Conhecia a fundo a literatura e praticava com maestria a música, a pintura e os trabalhos de artesanato. Infinito número de pretendentes chegavam à capital da China, para pedir a mão desta princesa adorável. Mas, seu pai, o Imperador Tai Chong, aspirava encontrar para ela um marido bom, discreto e inteligente.

O jovem rei do Tibet era também muito talentoso e possuía uma plêiade de Ministros que não lhe ficavam atrás. Entre todos, o rei escolheu Gar, versado em assuntos civis e militares, para ser o seu emissário junto à côrte chinesa, a fim de pedir a mão da princesa. Gar partiu acompanhado por cem guerreiros, levando preciosos presentes em ouro, jóias e pedras preciosas desconhecidas na China. Após uma viagem longa e penosa por montes e rios, Gar e seus cavalheiros chegaram à China.

Emissários de outras regiões também já haviam chegado para pedir a mão da princesa. Então, o Imperador chinês convocou todos para uma audiência e disse:

— Já que todos vieram em demanda da mão da princesa, quero convidá-los para competir numa prova de inteligência. Aquêle que se mostrar mais talentoso ganhará a princesa para o seu rei.

Como cada um dos emissários se considerava o mais inteligente, todos aceitaram o convite sem vacilar. E assim, começou uma competição interessante e divertida.

Para a primeira prova, o Imperador pediu uma pérola grande como uma taça de chá. Tinha um orifício que mudava nove vêzes de direção. E foi exigido dos candidatos que passassem um fio de sêda pelo orifício. Os emissários das outras regiões tentaram e fracassaram, apesar dos seus esforçados intentos. Porém Gar teve uma idéia curiosa: amarrou uma formiga no fio de sêda, colocou-a numa das entradas do orifício, soprou 3 vêzes e a formiga percorreu todo o orifício, até sair pelo outro lado com o fio de sêda. Gar tinha ganho a primeira prova!

Na segunda prova, o Imperador ordenou a um servo que trouxesse cem éguas e cem potros, e pediu aos emissários que emparelhasse os potros com suas respectivas mães. Os emissários empregaram um tempo enorme estudando as côres e outras características dos animais, mas não conseguiram encontrar a solução. Gar não perdeu tempo. Levou todos os potros para o estábulo e ali deu-lhes uma comida muito salgada, mas não lhes deu água. No dia seguinte, quando soltou os potros, cada um correu para sua própria mãe, em busca de leite. Gar também ganhou fàcilmente a segunda prova.

Para a terceira prova, o Imperador ordenou que dessem a cada um dos emissários cem jarros de vinho e cem cordeiros. Tinham que beber todo o vinho e comer tôda a carne, sob a vigilância dos guardas chineses. Ademais, era preciso que curtissem tôdas as peles, num só dia. Os outros emissários e seus auxiliares se apressaram em beber o vinho em grandes copos e sacrificaram logo os animais, enchendo de lã e de sangue o grande pátio do palácio. E... antes de terminar com os carneiros já estavam embriagados; portanto, não puderam curtir as peles. Gar, porém, procedeu de uma maneira tranqüila e ordenada: seus cem cavalheiros sacrificaram os cordeiros; logo Gar e seus homens bebêram o vinho e comeram a carne em pequenas porções, sem pressa, parando de vez em quando para curtir as peles. E assim, logo tinham bebido todo o vinho, comido tôda a carne e curtido tôdas as peles. Não se embriagaram; e o chão do pátio ficou relativamente limpo.

Então veio a quarta prova. Uma noite soou o tambor do palácio. O Imperador convocava os emissários em conferên-

cia. Como Gar, não conhecia a capital, pensou que seria conveniente ir assinalando, com cruzes, o caminho para não se perder quando regressasse do palácio. Assim que os emissários se apresentaram ante o Imperador, foi-lhes ordenado que regressassem às suas moradas. Aquêle que chegasse primeiro ganharia a prova, pois êles estacam alojados próximos um do outro, na parte norte da cidade, e a distância era quase a mesma para todos. Gar, guiado pelas cruzes que havia deixado nas pedras, chegou à sua casa fácil e ràpidamente. Os outros, pouco precavidos, andaram de lá para cá e se desorientaram por completo.

Desta vez Gar já havia granjeado a admiração dos outros emissários, que reconheceram que êle havia ganho o direito de levar a princesa ao Tibet. Contudo, o Imperador queria realizar ainda outra prova. Ordenou à princesa e às suas 2 500 damas, tôdas lindas e jovens, que se misturassem no salão do palácio, vestidas e adornadas da mesma maneira. E disse, então, que aquêle que lograsse encontrar a princesa entre tôdas podia levá-la para o seu senhor.

Cada uma das môças era, na verdade, uma beldade, vestida com traje deslumbrante, adornos de jade e braceletes de ouro que tilintavam lindamente quando elas andavam. Seus semblantes eram formosos como a lua cheia ou como um bosque no outono; seus corpos eram graciosos e esbeltos como um cipreste. Os emissários ficaram aturdidos; e o próprio Gar, com todo o seu talento, estava perplexo. Pensou que a vitória lhe escapava. Mas como ia permitir que todos os seus triunfos ficassem reduzidos a nada ? Porém, nunca tinha visto a princesa, nem havia ouvido falar de que tivesse um sinal especial que a distinguisse. Que fazer?

Gar pensou, pensou e não achou nenhuma solução. Até que resolveu invocar os deuses do seu país para que lhe dessem uma orientação. E naquela mesma noite sonhou com a deusa Dolma, que lhe mostrou num espelho mágico o doce semblante de Wen Cheng. Quando no dia seguinte Gar regressou à côrte, cada um dos emissários já havia escolhido uma jovem, acreditando que ela era a princesa. Afortunadamente, Gar viu logo que nenhuma delas correspondia à imagem que vira em sonhos. Já tranqüilo, começou a procurar a princesa. Olhou atentamente tôdas as damas, uma após outra, até que distinguiu a imagem mostrada pela deusa. Sob a sua pele clara e delicada, como uma nuvem de verão ou uma flor de lótus, resplandecia uma côr rosada. Tinha na testa uma pequena marca vermelha, e nela, a pequenina imagem de Buda. Seu corpo era fragrante. Correspondia à imagem em todos os

detalhes. Gar aproximou-se do Imperador e disse que aquela é que era a verdadeira princesa.

O Imperador ficou atônito com a sabedoria de Gar. Que maior prova podia haver de que o rei do Tibet era mais sábio ainda? Estava feliz e orgulhoso de ter elegido um bom marido para a sua filha. Preparou um rico enxoval de roupas, utensílios domésticos, remédios, ervas, livros de poesia e de história, livros sôbre a técnica de produção agrícola, incluindo ainda 360 manuscritos sôbre arte e tipos de artesania, uma orquestra, instrumentos musicais, sementes de cereais, ovos do bicho-da-sêda, imagens de Buda e inúmeras outras riquezas. Enviou ainda 300 técnicos e sábios para que acompanhassem a princesa ao Tibet.

Assim que chegou à cidade de Lhassa, celebrou-se a boda suntuosa da princesa Wen Cheng com o jovem rei Sron-tsan-Gampo. Viveram felizes até o fim da vida e juntos governaram o país das neves. Os técnicos e artesãos, que tinham chegado junto com a princesa, ensinaram o povo tibetano a cultivar a terra, fiar, tecer, construir suas casas, fabricar papel e tinta, destilar o vinho, fazer a cerâmica, o ferro e outras coisas importantes. Pouco a pouco, o rei e seus cortesãos trocaram seus trajes de lã grossa e suas peles sem beleza por sêda e cetins forrados de peles preciosas.

E o rei mandou erigir o mosteiro de Yojan, no centro da cidade de Lhassa, atendendo aos desejos da princesa. Durante a construção, se fizeram jardins maravilhosos e lagos artificiais. E uma cabra sagrada chegou espontâneamente às obras, para ajudar a encher o lago, que se cobriu de água clara e fresca a um só de seus balidos. A imagem da cabeça desta cabra encantada pode ver-se, hoje, alçando-se sôbre o muro do mosteiro. Um dia chegou a rainha para ver as obras. E os operários ficaram deslumbrados com a sua grande beleza. Um dêles ficou tão distraído que não podia afastar os olhos da rainha. E assim, cortou o focinho de um leão de pedra. E, para que todos os leões ficassem iguais, a rainha mandou que cortassem o focinho dos outros leões que adornavam a entrada do templo.

Quando tudo ficou pronto, a rainha Wen Cheng escolheu um altar precioso para colocar as imagens budistas que trouxera da China. Visitava o mosteiro com freqüência e dava conferências místicas diante do edifício, contando ao povo tudo o que sabia sôbre o Budismo.

Sob a influência de Wen Chang, o rei tornou-se um fervoroso difundidor da doutrina de Buda, e o budismo flores-

ceu no Tibet com uma fôrça extraordinária. Desde então, muitos tibetanos faziam peregrinações ao mosteiro de Yogan, para venerar as suas imagens santas e oferecer seus respeitos ao lindo salgueiro que havia diante do mosteiro, plantado pelas próprias mãos da rainha. Outra lenda conta que êste salgueiro nasceu de uma mecha sedosa dos cabelos de Wen Chang...

E assim, a formosa Wen Chang incorporou-se à linhagem do povo tibetano e viveu feliz com o seu rei um perfeito romance de amor.

Mal nosso amigo Kázi acabara de falar, chegaram os atôres e o espetáculo começou. Os olhos de todos se voltam para os artistas, vestidos ricamente, como nobres chineses e tibetanos. Tôda a representação é de uma poesia doce e profunda. O público parece extasiado, com os olhos perdidos num passado fantástico. Perdemos de vista os limites que separam o sonho da realidade: de repente, os pássaros cantam e falam; as flôres conversam diálogos diáfanos; o vento procura dar conselhos a um galo boêmio que inscreve notas rubras na pauta do silêncio... e tudo isto é evocado docemente pelos atôres, que cantam e dançam de modo delicado e gracioso.

Mas eis que o romance alcança o seu fim, e tudo termina numa apoteose louvando o amor imortal de Wan Cheng e Sron-tsan-Gampo. Depois de aplaudir com veemência, o público se levanta e começa a ir embora. Por algum tempo, continuamos sentados, pensando, enquanto o vento frio da noite parecia despetalar o passado em memórias de fumo. Finalmente, levantamo-nos também e partimos de volta à Samada, lançando um último olhar de ternura para aquêles que tão bem souberam reviver um teatro primitivo e poético, que, no mundo moderno, talvez seja considerado um verdadeiro anacronismo.

* * *

De nôvo a lenta caravana de cavalos. De nôvo as monótonas etapas, as marchas intermináveis pelas montanhas, através de caminhos sinuosos e escarpados. Deixamos as grandes planícies cinzentas e a cidade de Samada, para prosseguir viagem rumo Khangma. O vento frio do norte tornava o ar quase irrespirável. Inúmeras vêzes tivemos que recorrer às práticas das respirações yogues. Aproximamo-nos das margens do rio Bhongh-cha, com suas águas serenas e escuras. Fomos seguindo, passamos pelo estreito vale de Gya-chu e subimos por um caminho íngreme que conduzia à Lonak. O caminho estava coberto de neve, e tiritávamos dentro de nossas roupas de montaria, forradas de pele. O vento glacial e o ar rarefeito atrasavam consideràvelmente a marcha da nossa cara-

vana. Afinal, ao longe, na bruma da tarde, avistamos um mosteiro cravado no flanco da montanha.

— Ali habitam os «lung-om-pas» ! — disse Kázi, apontando para o mosteiro.

— Como ? — indaguei surprêsa.

— São os lamas que levitam, os dragões alados do Tibet — explicou.

— Ora, não creio nestas baboseiras — resmungou Pierre Julien, visìvelmente contrariado.

— Contudo, amigo, elas existem — retrucou Vessantara, convicto.

O arqueólogo francês olhou-o irônico e permaneceu em silêncio.

— É singular — disse eu.

— Sim, bastante singular — falou Pierre, com um certo sarcasmo.

Refletimos sôbre isso, mas o assunto parecia demasiado nebuloso para o discutirmos. Já a tarde declinava, e o sol descia redondo e vermelho como um gongo de metal, quando chegamos perto de um lago gelado, onde vimos algo que nos deixou atônitos.

OS ASCETAS QUE MEDITAM NUS NAS MONTANHAS

Sentados, com as pernas cruzadas, às margens do lago, um grupo de ascetas meditava. Estavam inteiramente nus, sob uma temperatura inferior a zero grau, e fustigados por um vento forte, enquanto dois ou três lamas de túnica amarela quebravam gêlo para mergulhar lençóis na água e os envolverem nêles.

— Estão fazendo a prova do «tumo», ou calor interno — falou Kázi. Fazem isto umas dez vêzes ou mais, e os ascetas secam os lençóis ràpidamente, no próprio corpo.

— Mas como fazem isto ? — indagamos.

— Conservam ou aumentam o calor do corpo pela simples fôrça da vontade.

Embora esta explicação nos parecesse pouco convincente, aproximamo-nos mais para apreciar melhor a prova dos la-

mas. Ensaiamos tirar umas fotografias, mas Kázi não o permitiu, dizendo que se tratava de uma iniciação e os lamas não gostam que os fotografem nestas ocasiões.

Os ascetas, sete ao todo, eram magros, secos como pergaminhos e nodosos como raízes, numa imobilidade de ídolos contemplando incessantemente o umbigo.

E enquanto olhávamos aquelas estranhas práticas, Kázi ia explicando:

— Êles possuem um método secreto de estimular o calor interno, que nós chamamos «tumo». Há o «tumo» esotérico, que surge, naturalmente, durante certos ensinos de meditação profunda e que, aos poucos, envolve o asceta num «suave e abrigado manto dos deuses». O «tumo» esotérico assegura o bem-estar dos ascetas nas montanhas nevadas e dizem que o conduzem ao êxtase divino. Em nossos ensinamentos secretos, «tumo» é, também, o fogo sutil que dá calor ao fluido gerador e faz subir a energia latente nêle, ao longe dos canais filiformes ou veias «tsas», ocasionando extremo conhecimento espiritual.

— São muitos os ascetas que praticam o «tumo»?

— Não, só um pequeno número dêles se submete às duras provas exigidas pelos Mestres.

— Quais são as condições mais importantes para isso?

Kázi teve um leve sorriso.

— Creio que ser hábil na prática dos vários exercícios respiratórios, ser capaz de uma concentração intensa e ter recebido a iniciação especial do «tumo», de algum lama que tenha poder para conferi-lo.

— Duvido que possam praticar o «tumo» os ascetas de pulmão delicado — replicou Pierre, saboreando a sua ironia secreta.

— Os ascetas jamais têm pulmões débeis, pois a respiração yogue cura até a própria tuberculose.

— E êles andam sempre despidos ? — indaguei.

— Sim, porque uma vez iniciados na prática do «tumo», têm que renunciar a tôdas as roupas e nunca se aproximar muito do fogo. Às vêzes, quando têm que ir a um lugar muito habitado, êles vestem uma espécie de sunga de algodão chamada «res», daí serem chamados «respas». Consta que, durante anos, o noviço tem que praticar os exercícios todos os dias, antes de amanhecer, e terminar antes do pôr do sol.

Tem que estar em jejum e não pode beber nenhuma bebida quente. Alimenta-se apenas uma vez ao dia, com raízes sêcas e um pouco de «tsampa» (farinha de cevada torrada).

Observamos que assim que os lençóis secavam, os lamas de túnica amarela tornavam a mergulhá-los na água gelada. Os lençóis saíam tesos e gelados e eram logo enrolados em volta do corpo dos ascetas.

— Isto se repete até o amanhecer — disse Kázi. — Então, aquêle que secou maior número de lençóis obtém o primeiro lugar na prova. Alguns chegam a secar até quarenta lençóis numa noite. É preciso ter secado muitos lençóis durante três anos, antes de ser considerado um verdadeiro «respa», digno de usar a sunga de algodão branco, que distingue os iniciados na arte do «tumo». Contudo... não faltam «respas», no Tibet, que escondem roupa de lã sob uma leve túnica de algodão... êstes impostores, que, deliberadamente, tentam enganar o povo para tirar proveito de suas esmolas, jamais conseguem alcançar a verdadeira meta do «tumo». Os tibetanos se orgulham das proesas dos ascetas que meditam nus nas montanhas e fazem pouco dos yogues que encontram pelos caminhos, quando vão à Índia.

— Quando param de praticar os exercícios voltam a sentir frio ? — indagou Mahima.

— Sim, quando cessam a concentração profunda, gradualmente, seus corpos voltam a ficar sensíveis. Mas isto só acontece com os iniciantes, pois os mestres do «tumo» que praticaram as regras durante anos, a produção do calor em seus corpos se converte numa função natural, que entra em ação quando a temperatura desce. Contam os membros de uma expedição americana que tentou alcançar o monte Evereste que viram muitos dêstes anacoretas durante a ascensão. Êles estavam sentados sôbre a neve, completamente despidos, e a neve parecia que ia derretendo-se em volta dêles, formando um raio extenso, devido ao calor que irradiavam os seus corpos franzinos...

Enrolada na minha peliça tive um estremecimento de admiração por aquêles anacoretas tão estranhos, que passam, quiçá a vida tôda, meditando, nus, nas montanhas nevadas do Tibet.

— É melhor prosseguirmos viagem — disse Vessantara. — Deixemos os «respas» entregues às suas práticas. Que tal se fôssemos visitar aquêle misterioso mosteiro dos «lung-om-pas»?

— Impossível, senhor — replicou Kázi. Os lamas alados não permitem visitas em seu mosteiro. Mas, a alguns quilô-

metros daqui, fica o Templo da Calma Profunda, dirigido por monjas budistas e que costumam dar pousada aos viajantes.

— Então, vamos até lá.

AS BONZAS DO TEMPLO DA CALMA PROFUNDA

Prosseguimos através da vasta região montanhosa, desabitada, inexplorada em sua maior parte e varrida pelos ventos. Ao cair da noite, chegamos ao Templo. Parecia uma flor branca encravada num penhasco. Tivemos grande dificuldade em subir a serra escalavrada.

Afinal, alcançamos o pátio e lá fomos penetrando no templo pela grande porta de madeira lavrada de monstros ondeantes. Pouco adiante erguiam-se dois arcos triunfais, unidos no alto por um telhado oblongo de telhas esverdeadas, que rebrilhavam, cobertas de neve. Era um vasto templo, entre arvoredos ressequidos, com seus telhados de um ouro velho. Atravessamos uma pontezinha rústica, pintada de escarlate. Pairava no ar um sussurro de cânticos sagrados, de nota monótona e triste. No umbral, vimos uma grande quantidade de saquinhos de sêda colorida, cheios de ervas fragrantes. Estavam pendurados no teto, dentro de grande balões feitos de papel de arroz transparente.

— São ervas santas, que afastam os demônios — explicou Kázi. Antes de serem colocadas nos saquinhos, as monjas benzem as ervas e consagram-nas por meio de antigos ritos.

Desprendia-se das ervas um doce aroma de sândalo e heliotrópio.

Aqui e além, ao passar pelos terraços cobertos, vimos algumas velhas monjas, vestindo longos hábitos azul-índigo. Uma delas veio ao nosso encontro. Kázi manteve com ela um breve diálogo em tibetano. Logo, virando-se para nós, falou:

— Só há dois quartos disponíveis no Templo...

— Não importa — retrucou Vessantara. Nós ficaremos num e as senhoras no outro. Os servos poderão dormir na cozinha, como é costume aqui no Tibet...

E assim foi.

Descarregamos as bagagens, e os cavalos foram levados para a estrebaria. Depois de mandar uma noviça acompanhar nossos servos até a cozinha, a velha monja conduziu-nos atra-

vés de uma longa galeria, suavemente iluminada por umas estranhas tochas sem fumaça.

— Que tochas são essas ? — perguntou Pierre Julien.

— São as Tochas das Vestais — disse Kázi —, feitas com mechas de amianto. As monjas dêste convento possuem certos segredos herméticos, com que fabricam estas tochas que ardem inalteráveis durante milênios. No século XVIII, uns arqueólogos holandeses acharam entre as ruínas de um templo tibetano duas destas tochas ardendo numa tumba subterrânea, aproximadamente desde o século III antes de Cristo.

— E onde estão estas tochas ?

— Atualmente estão no Museu de Raridades de Leyden, na Holanda. O fato de que existem estas tochas perenes num Museu da Europa é uma advertência contra a incredulidade de muitos ocidentais...

E Pierre Julien concordou, com afetação:

— Assim o creio, realmente.

Olhei os dois numa expectativa que tinha o seu tanto de divertida. Sempre achei prazer em observar o choque de duas mentalidades opostas. E prometia ser interessante aquela retidão arqueológica de Pierre, aplicada aos mistérios lamaístas. Contudo, o diálogo interrompeu-se quando chegamos aos nossos aposentos, que ficavam no fim da galeria das tochas.

O quarto em que nos alojamos Mahima e eu era singelo e sereno. As paredes caiadas de branco, o chão forrado de grossas esteiras de bambu; a um canto, uma mesinha baixa com uma estatueta de Buda. Nas duas janelas que davam para o jardim coberto de neve havia, também, uma cortina de bambu. Todavia, o mais estranho de tudo era a iluminação do aposento. Em cima da mesa estava uma pequena esfera luminosa, fosforescente, de uma côr branca verdosa, que aumentou de luminosidade quando a monja o ordenou e, após a sua saída, foi se apagando gradualmente, até não ficar mais que uma pequena chama, que ardia perenemente.

— Quando quiserem aumentar a luz — explicou ela através do lama Kázi — basta que pronunciem a palavra «RAM», que é a semente do fogo.

Assim que ambos saíram, Mahima e eu examinamos, detidamente, a esfera verdosa. Era do tamanho de uma bola de bilhar e parecia feita de cristal lapidado.

— Lembro-me, agora, que os antigos sacerdotes brâmanes — disse Mahima — empregavam um raio de luz solar para acender as velas dos seus altares.

— Como assim ? — indaguei perplexa.

— Concentravam o raio sôbre um diamante ou um cristal lapidado de modo especial, que tinha o poder de atrair o fogo divino dos deuses e de concentrar suas energias para pô-las ao serviço do homem. Êstes cristais eram chamados «espelhos ustóricos». Possìvelmente êste aqui é algo semelhante.

— Sem dúvida, é realmente maravilhoso! Como eu gostaria de possuir um dêstes cristais !

— Não adianta — replicou Mahima, sorrindo ante o seu entusiasmo —, em suas mãos o cristal perderia o seu poder.

Olhei admirada e exclamei :

— Por quê?

— Por falta do culto magnético que as monjas imprimem a estas esferas. Certa vez, na Índia, Vessantara e eu conseguimos, com um brâmane pouco honesto, um «espelho ustórico», roubado de um templo. E, embora êle fôsse autêntico, conforme pudemos comprovar, dias depois perdeu o seu poder. Soubemos, então, que era por falta do culto magnético, que só os iniciados conhecem...

— Meu Deus !... É notável, na verdade !

Parecia um sonho, ou a invenção extraordinária de um cérebro especulativo, e todavia era um fato — fato maravilhoso...

* * *

No dia seguinte, os sinos nos despertaram antes do raiar do sol. Dominava-nos um grande bem-estar, como se a própria atmosfera que respirávamos fôsse qualquer coisa boa e repousante. Estranhamente, sentíamos que ali só havia bondade e boas intenções. Não sei como explicar isto, mas creio que deve haver muitas pessoas que o saibam.

Pouco depois, saímos do nosso quarto; encontramo-nos com nossos companheiros e, conduzidos por uma das noviças, entramos num longo corredor que ia dar ao refeitório. Não

havia porta. O corredor desembocava numa grande sala circular, iluminada por muitas janelas. Espalhadas em volta, havia mesas de pedra, de tampo côncavo. Sôbre quase tôdas elas se encontrava grande quantidade de frutas sêcas, coalhada e mel. Na parede esquerda, por baixo da janela, havia pequenas portas, como portas de fornos. A noviça abriu algumas. Por trás de cada uma existia uma cavidade contendo uma bandeja grande, com pedaços de pão quentinho.

Comemos com satisfação. Depois, voltamos pelo longo corredor e, guiados pela noviça, fomos visitar o Templo. Andamos pelo grande pátio, em meio a várias dezenas de monjas de idades diversas. Vestiam hábitos longos, azul-índigo, e tinham os cabelos lisos penteados em coque. Observamos que algumas usavam um hábito branco barrado de azul. Um grupo de crianças brincava a um canto do pátio. Soubemos que no convento há uma escola e uma espécie de asilo para crianças abandonadas que as monjas recolhem nas cidades e aldeias próximas.

Caminhamos ao longo dos claustros, das capelas com seus deuses estranhos. dos pálidos pavilhões mergulhados num repouso encantador. Percebemos uma janela em forma de lua cheia, muito acima do terraço pavimentado de mármore róseo. Seria ali que as monjas se entregavam à contemplação interior e à busca da sabedoria? Estariam, nesse momento, praticando as suas devoções? O problema parecia de solução simples: bastava entrar pela galeria à direita e subir até lá. Sabia, porém, que, se fôsse permitido, a noviça nos levaria. Mas tal não aconteceu. Ela nos conduziu a uma série de pátios internos, cada um dêles com outro pátio menor ao centro, separados por filas de grandes colunas. Depois, subimos uma grande escadaria de pedra, de degraus carcomidos, e encontramo-nos numa cela, cavada na espessura da muralha. Ali, deparamos um curioso espetáculo. No fundo da cela havia uma coluna ígnea, refulgente como um relâmpago. Por alguns momentos a chama crescia, crepitava em relâmpagos de luz. O fogo misterioso rutilava, girando lentamente sôbre si mesmo, e depois desvanecia-se deixando atrás de si uma esteira rósea e brilhante. Perto da chama, via-se um grupo de monjas vestidas de branco. Ao lado delas, uma espécie de cesta cheia de hábitos brancos. Pegando os hábitos que estavam na cesta, as monjas jogavam um a um dentro do fogo. E, oh! maravilha! Os hábitos não se queimavam. Momentos depois eram retirados, tão alvos e perfeitos como se tivessem sido lavados com água e sabão...

A noviça falou, então:

— Esta é a Fonte e o Coração da Vida, que pulsam no âmago dêste grande mundo. Banhando nossos hábitos nestas chamas vivazes, absorvemo-lhes a virtude em tôda a fôrça virginal e dela impregnamos o nosso corpo.

— De que material são feitos êstes hábitos? — indagamos.

— De uma substância mineral chamada amianto, que se encontra nas montanhas tibetanas. Dêsse material tiramos um fio grosso, semelhante à lã, com que tecemos os hábitos e fazemos, também, um óleo especial, que possui propriedades interessantes. Fricionando-se o corpo com êste óleo, êle desaparece imediatamente na pele e, por algum tempo, podemos ficar imunes a qualquer queimadura.

— É curioso — comentou Pierre Julien. — Eu gostaria de saber como fazem isso.

— Mas, infelizmente, não lhe podemos revelar nossos segredos — retrucou a noviça e fêz um sinal para que a acompanhássemos.

Fomos seguindo-a através de vários pátios, até darmos com outra cena inesperada, de beleza sem igual. Partindo de uma colunata, descia uma escadaria para um jardim interno, onde se encravava um pequeno lago. Ao redor do lago, vimos uma grande quantidade de flôres que pareciam grandes rosas brancas.

— Lindo recanto ! — observou Vessantara, enquanto a noviça, apontando para as flôres, explicou :

— Estas plantas são oriundas dos vales do Himalaia, e possuem a maravilhosa virtude de variar de coloração, segundo a hora do dia, e não parecem mortas, mesmo depois de murchas.

Vessantara, que conhecia botânica a fundo, examinou a planta detidamente e, voltando-se para nós, comentou:

— O nome latino desta planta é Hibiscus Mutabili. O sábio Linneu, em sua «Botânica Clássica», nos fala de 37 espécies diferentes de hibiscus, entre as quais esta fabulosa planta que aqui está, cuja semente tem um perfume de almíscar.

— Mas será verdade o que diz esta noviça ? — perguntou Pierre, incrédulo como sempre.

— Sim, o Hibiscus Mutabili é uma planta extraordinária. (*) De noite as flôres fecham-se, porém, assim que ama-

(*) Há no Jardim Botânico do Rio de Janeiro um exemplar desta curiosa planta do Himaláia.

nhece, elas se entreabrem e parecem grandes rosas brancas. Ao meio-dia começam a ficar rosadas e durante a tarde ficam de um vermelho púrpureo, muito lindo. Pertencem à família das Malváceas e os tibetanos consagraram-na ao deus Sol.

— Então, Pierre ? Que diz disso tudo ? — indaguei.

— Nada posso dizer. Mas... isso impressiona a gente.

— A verdade, dita com simplicidade, sempre impressiona — falou Kázi.

— Não sei se êle tem razão... — murmurou Pierre.

— E eu creio que tem... Acredito no que dizem Vessantara e a noviça e também penso que aqui pode estar a semente de uma grande sabedoria, superior ao que o mundo ocidental conhece.

— Pode ser... Eu...

— Ouça, Pierre. Isso são coisas que nós sentimos que existem, mas não temos coragem de declarar, por mêdo de parecer ridículos.

Pierre olhou-me de um modo particular, e murmurou, lentamente:

— É... talvez... Nesta viagem tenho compreendido, de relance, uma porção de coisas que até então me eram inexplicáveis, apesar dos meus sessenta anos bem vividos.

Com um gesto gracioso, a noviça inclinou-se e colheu duas flôres. Entregou uma a Mahima e outra a mim.

Exultei de alegria com aquela inesperada oferenda. Ergui a flor e aspirei o seu perfume. Era muito suave, quase a sombra de um aroma, levemente almiscarado.

— Faz bem a gente respirar êste perfume — disse Mahima contente. E enchia os pulmões, como para saborear, num hausto profundo, a doce alma da flor.

Apontando para outra planta, perto do lago, a noviça falou :

— Aquela é a noiva do deus Mahakala. Breve, celebraremos o casamento do deus e desta planta. Chama-se Mandrágora.

— Na minha terra a Mandrágora é uma planta maléfica! — exclamou Pierre. No sul da França, os camponeses sabem, por tradição, o terror que só o nome desta planta despertava em seus antepassados. Para êles a Mandrágora tem algo do

Ser Humano e as obras de magia como algo excepcional, a que é forçoso render um culto.

— Aliás — comentou Vessantara —, a maior parte dos processos da Inquisição na Espanha tem, como corpo de delito, as manipulações com a Mandrágora. Contudo, não creio que seja uma planta tão maléfica assim, se é que realmente é maléfica...

— Para nós, tibetanos, a Mandrágora não é maléfica — interveio o lama Kázi. Todos os anos, em fins de setembro, costumamos celebrar as núpcias desta planta com o deus Mahakala, tal como o disse a noviça Dolma.

— Que estranho rito é êste — indagamos curiosos.

— Bem... — começou Kázi, com um leve tom de alvorôço na voz grave — é um costume muito antigo no Tibet. Primeiramente, traça-se um círculo mágico no jardim de um Templo, colocando a planta no meio, enquanto um lama retira do altar a estátua do deus Mahakala. A cerimônia começa quando um lama e uma monja seguram, por cima da planta e do deus, um rico xale de musselina bordado a ouro. O lama recita as orações, ao mesmo tempo em que grupos de jovens noviças espalham punhados de arroz cru e açafrão sôbre os noivos, isto é, a planta e o ídolo. Terminada a cerimônia, o lama guarda o xale, o ídolo é colocado à sombra de sua noiva, enquanto as monjas cantam e dançam celebrando as virtudes de um e de outro.

— Qual é o significado dêste casamento — perguntamos.

— Êste rito possui um profundo significado oculto, que não podemos revelar... Contudo, dizem nossas tradições que um Deus-átomo dorme em cada pedra. Logo, desperta em cada planta. Move-se em cada animal. Pensa em cada homem e ama em cada anjo. Daí, deduzimos que devemos tratar cada pedra como uma planta. A cada planta como um animal querido. Cada animal como um Ser Humano e todo Ser Humano como anjos ou deuses. Eis tudo o que posso dizer...

— Não compreendo — atalhou Pierre.

Todavia, não conseguiu arrancar de Kázi senão esta frase calma, que quase encerrava uma censura:

— Não está na minha alçada explicar-lhes mais.

— Certamente, isto faz parte do mistério que cerca tôdas as coisas aqui — comentou Pierre, com ironia.

ANTONIO

Kázi pôs-se a rir — um riso agudo e sacudido, e tão evidentemente forçado, que reconhecemos nêle essa simulação polida de perceber um gracejo imaginário, com o qual os orientais salvam as aparências num momento difícil.

— Estou certo de que o senhor não terá motivos de queixas quando se fôr do Tibet — respondeu êle. Não há dúvida que, no devido tempo, poderemos prestar-lhe tôdas as explicações que necessite. É preciso encararmos as coisas sem pressa desnecessária.

— Não exigi pressa. Peço, apenas, informações sôbre algo que não compreendo — retrucou Pierre.

— Diz um aforisma oriental — replicou o lama, num tom comedidamente majestoso — que «quando o discípulo está preparado o Mestre aparece». Portanto, aguarde serenamente a chegada do Mestre, senhor Pierre.

Entrementes, prosseguiu o nosso giro pelos domínios do Templo. Visitamos inúmeras salas e pátios, embora notássemos que certos aposentos iam ficando sem exame. Vimos, porém, o suficiente para confirmar as impressões já formadas.

Naquela tarde, uma forte tempestade de neve impediu a nossa partida. Todavia, sentíamos um certo prazer em prolongar a nossa estada entre as monjas.

Em nossos aposentos, colocamos as flôres de hibiscus num jarro com água e vimos, com espanto, que, de fato, elas mudavam de côr. Já não eram brancas como no momento em que foram colhidas, mas sim de um belo tom rosado. Mais tarde, à noite, as flôres ficaram púrpuras, tal como dissera a noviça Dolma. Contudo, sua beleza durou apenas dois dias. Mas, embora murchas, as flôres pareciam ainda vivas, e resolvemos guardá-las como **souvenir**. Isto valeu-nos uma experiência curiosa. Conversando com a Superiora do Templo sôbre as flôres, ela observou, após uma ligeira pausa:

— Poderia mostrar-me a sua flor?

— Certamente, respondi retirando a flor de um saquinho que estava no bôlso do meu casaco.

A monja pegou a flor e colocou-a sôbre a esteira, onde estava sentada. E começou a murmurar umas estranhas palavras.

Enquanto ela ia falando eu a observava.

Seu rosto magro e sereno refletia uma suave expressão de recolhimento. Os olhos pequenos e amendoados estavam

semicerrados. As mãos, belas e morenas, repousavam sôbre os joelhos. O talhe, fino e erecto, estava realçado pela túnica branca, feita de amianto. Os cabelos lisos e negros, repartidos ao meio e penteados em coque sôbre a nuca, emolduravam docemente suas feições asiáticas.

— Que pretende ela fazer ? — murmurou Pierre ao ouvido de Vessantara.

— Observa em silêncio — atalhou o indiano.

Pierre preparou a máquina e começou a filmar, a fim de certificar-se que não ia ser vítima de um truque hipnótico.

Observamos que, aos poucos, a flor murcha ressuscitou de suas próprias cinzas!

— É inacreditável! — murmurei estupefata. Como pôde fazer isto ?

— A forma astral da flor — explicou a monja — permanece perfeita, até que esta seja completamente deteriorada. Pelo poder da vontade, qualquer pessoa pode revestir esta forma de matéria astral e torná-la visível outra vez, mas só por alguns momentos...

Mais tarde, quando Pierre revelou o filme, vimos reproduzida a mesma cena da flor ressuscitando das próprias cinzas.

O REI DO MUNDO E OS MISTERIOSOS REINOS SUBTERRÂNEOS

«O primeiro encontro de nossa Reverenda Mãe com o Rei do Mundo constitui uma história realmente maravilhosa, e é uma das poucas que nos oferece um vislumbre detalhado do imortal Rimpóche» (guia espiritual).

Estas palavras serviram de preâmbulo à monja Dolma para relatar-nos uma remota tradição tibetana referente a Melquisedec, o Rei do Mundo, que habita os misteriosos reinos subterrâneos. A primeira vez que ouvi esta lenda fiquei literalmente fascinada. Em muitas outras ocasiões, induzi a nossa gentil anfitriã a repetir a história.

— Êste encontro teve lugar neste mesmo Templo, quando eu tinha trinta e oito anos — disse Dolma.

Ficamos atônitos, pois ela não parecia ter mais do que vinte anos. Acaso seria um outro fenômeno de longevidade, tão freqüente no Oriente? *

---

* As ervas do Himalaia são empregadas em tratamento de rejuvenescimentos espantosos. Soubemos, mais tarde, que as monjas daquele

— Quem é Melquisedec ? E por que êste título de Rei do Mundo? — indagou Pierre Julien, abruptamente.

— É uma das Entidades mais sublimes e elevadas na Hierarquia dos planos superiores. Foi o Rei de Salém, Sacerdote do Altíssimo, contemporâneo de Abraão. Não teve pai nem mãe. Foi autocriado, nasceu de si mesmo, como poderosa manifestação de Deus na terra.

Tudo me pareceu tão inesperado, que não interferi no seu pensamento. Dispus-me a ouvir Dolma falar:

— O Rei do Mundo — prosseguiu — é um ser elevadíssimo, oriundo de sistemas solares desconhecidos, com milhões de anos de existência e experiências. Tão grande é a sua evolução, que o Mestre Jesus Cristo estêve filiado a sua Ordem, como Supremo Sacerdote e Pontífice, segundo se lê na Epístola de São Paulo aos Hebreus, capítulos VI e VII.

Sem dúvida, ouvir uma monja tibetana citar uma obra cristã causou-nos ainda maior espanto. Contudo, não ousamos romper o fio dos seus pensamentos, e continuamos ouvindo:

— É Melquisedec, o grande rei do govêrno oculto e espiritual do nosso mundo quem, juntamente com alguns outros mestres, dirigem e orientam tôda a evolução do globo terrestre e os grandes movimentos políticos, religiosos, artísticos e metafísicos do planêta Terra. O título de Rei do Mundo significa o Legislador Primordial e Universal, cujo nome se encontra, sob formas diversas, entre a maioria dos povos antigos. Dizem as tradições que Melquisedec é o Arquetipo do homem ou ser pensante. Vive êle na cidade subterrânea de Paradesha, ou

---

Mosteiro faziam uso destas ervas misteriosas. Segundo nos foi dito, a mais jovem monja do Templo da Calma Profunda tinha noventa e oito anos de idade. Aliás, estas ervas do Himalaia chamaram, poderosamente, a atenção do mundo em 1938, quando se empregou tal método com o Pandit Madan Moham Malaviya, de setenta e sete anos, Vice-Conselheiro da Universidade de Calcutá. De modo assombroso, o catedrático recuperou, em quarenta e cinco dias, sua saúde, fôrça e vigor, assim como a memória, vista e indícios de uma terceira dentição, enquanto tôdas as rugas desapareciam. O Pandit submeteu-se ao tratamento em mãos do Suami Beshundasji, que dizia ter nascido em 1766, e possuía documentos que provavam isso. Os repórteres de inúmeros jornais notaram, porém, que êle parecia um homem de quarenta anos. Contudo, o Suami não revelou o segrêdo das ervas, e disse que quis, apenas, provar ao mundo que, no Oriente, os sábios possuem realmente o segrêdo da longevidade e da eterna juventude. Êste método de rejuvenescimento chama-se "Kaya-Kalpa"; trata-se de um dos 80 métodos descritos na remota ciência médica indiana, "Ayurveda".

centro do mundo. Aliás, foi desta palavra que os caldeus formaram a palavra «Pardes» e os ocidentais a palavra «Paraíso».

— Mas onde se localiza esta cidade subterrânea, longínqua e misteriosa ? — indaguei, sumamente interessada.

— Sua localização é conhecida apenas por alguns grandes iniciados. Certas grutas e covas são as entradas e saídas misteriosas e ocultas dos mundos subterrâneos. Daí, a razão profunda e secreta da aparição de entidades elevadas e sublimes da quarta dimensão, nestas grutas.

— Tal como a gruta de Lourdes, na França ? — indagou Pierre a Vessantara.

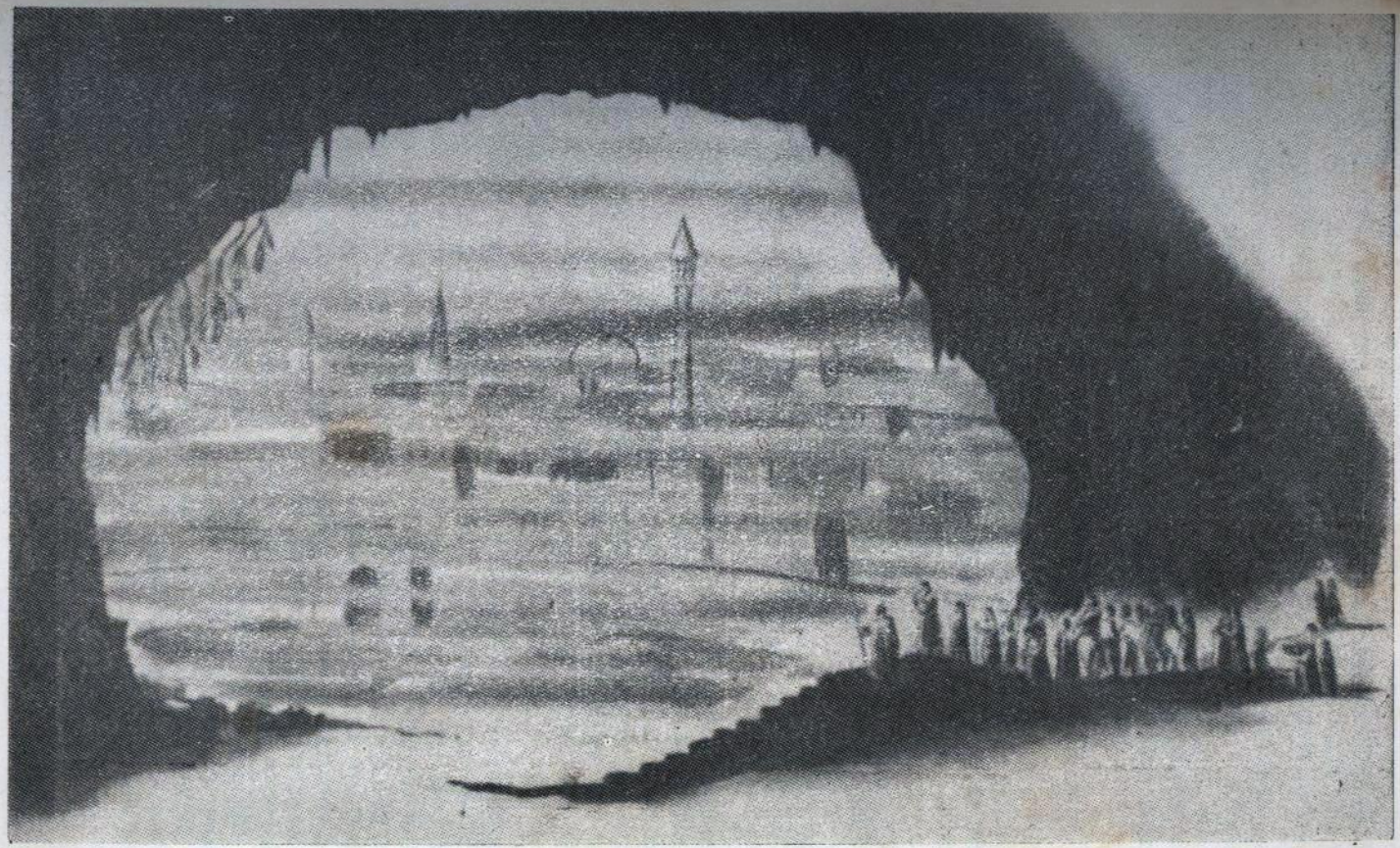
— Sim... — falou Vessantara —, lembre-se que quando Jesus veio ao mundo, nasceu, também, numa gruta, nas montanhas de Belém.

— É uma estranha analogia ! — comentou Pierre. Mas acho que esta teoria dos mundos subterrâneos não passa de uma bela fantasia, um conto de fadas, ou um relato de Júlio Verne. Duvido muito da possibilidade da existência do homem no interior da terra.

— A ciência acadêmica — falou Vessantara — nega, por absurda, a possibilidade dos mundos subterrâneos, baseada ùnicamente nas falsas investigações da própria ciência materialista e positiva, que outrora manteve a errônea teoria de que a Terra estava fixa no espaço.

— Também os sábios de Paris riram-se dos micróbios de Pasteur, disse eu para Pierre. Ademais, segundo S. Mateus (XII, 40), os mundos subterrâneos existem e o centro do nosso globo terreno está habitado, pois ali, em pleno coração da terra, estêve o próprio Cristo três dias e três noites. E certa vez, o próprio Jesus falou: «Quem é digno de abrir o livro dos mistérios ? Ninguém, nenhum ser, no céu nem na terra, nem debaixo da terra...»

— Nos tempos védicos, na Índia, a região subterrânea era chama Cidade das Sete Pétalas do deus Vixnu — disse Vessantara. Para os celtas, era conhecida como Duat de Dananda, ou «Cidade dos Mistérios». Ademais, os ciganos, povo estranho, que alguns julgam ser oriundos da Boêmia, falam na terra de sua origem, dizendo que vieram de um país distante, debaixo da terra, onde eram governados por um Rei Divino. Conta-se que quando os primeiros grupos de ciganos apareceram na França, ao serem interrogados quem eram, responderam : «Eu sou o Rei, ela a Rainha, êste outro o Conde (ou Valete) e aquêles dez os soldados da nossa côrte.» Com



Uma das entradas para os misteriosos reinos subterrâneos, segundo um desenho rosacruz.

isso, simbolizavam um naipe, entre os quatro do baralho, cujo jôgo êles fazem uso na arte da cartomancia. Consta que êles foram expulsos dos reinos subterrâneos por abusarem da magia.

Achei estranho tudo aquilo, pois é fato conhecido, hoje, que os ciganos vieram da Índia, conforme nos diz a «História da Índia», do sábio Basham. Sua língua é indo-ariana, e é parecida com o sânscrito. Todavia, os ciganos esqueceram completamente sua origem, chegando a pensar que eram originários do Egito. Daí o nome de «gypsies».

Alheia ao nosso diálogo, Dolma continuou falando :

— A cidade de Paradesha ou Erdemi, onde vive o Rei do Mundo, está ao abrigo de tôdas as maldades. Os que ali vivem, ficam sempre jovens e sadios. Possuem um tão grande adiantamento espiritual que não devem mais reencarnar sôbre a terra. Dizem as profecias que, num futuro remoto, os povos dos mundos subterrâneos sairão de suas misteriosas cidades e aparecerão na superfície da terra. Então, êste impenetrável enigma será revelado à humanidade, permitindo-lhe vencer a natural incredulidade para um tema tão estranho. Foi exatamente isto que nos disse o Rei do Mundo, quando aqui estêve em sua última visita.

Obtivemos informações mais detalhadas dos lábios da própria Superiora do convento. Esta nos narrou a história da chegada do poderoso Rei do Mundo e sua saída do reino subterrâneo; sua aparição em diversos templos tibetanos, seus milagres, suas profecias, e, então, começamos a pensar nesta terra de sonhos, cuja descrição, segundo a «Gyalmo» (superiora) é a seguinte :

«Nos mundos subterrâneos tudo vive em perfeita tranqüilidade. Seu povo é sábio e conhece as leis da Natureza, lê em tôdas as almas humanas e no grande livro do Destino. Êste reino se estende através dos acessos subterrâneos do mundo inteiro. Tôdas as cavernas da América do Sul, aquelas cuja entrada é de mui difícil acesso, estão guardadas pelos gnomos e habitadas por êste antigo povo que desapareceu da terra. As cavernas profundas estão iluminadas por uma luz particular, que permite o crescimento de cereais, vegetais e frutas. A capital chama-se Erdemi, também conhecida por Shambala, e lá habitam os sacerdotes e os sábios. O palácio do Rei do Mundo está circundado pelas casas dos gurus, que possuem o domínio das fôrças visíveis e invisíveis da terra e do céu. Diz a lenda que, às vêzes, êstes gurus enviam emissários a tôdas as partes do mundo terreno. Para isso, adormecem profundamente algum jovem discípulo. Depois, o gurú se aproxima e olha fixamente o discípulo adormecido. Len-

tamente o corpo astral se desprende e desaparece. O gurú permanece sentado, meditando. Uns fios invisíveis sujeitam o discípulo à vontade do Mestre. Alguns dêles viajam não só por esta terra como, também, por outros planêtas, assistem aos acontecimentos e observam povos desconhecidos, seus costumes e condições de vida. Outros se lançam em busca dos sêres do ar, do fogo e do mar. Estudam seu reino e dirigem suas vontades, ensinando-lhes a progredir espiritualmente.»

— Que faz o Rei do Mundo em relação àqueles que dirigem os destinos da humanidade ? — indaguei.

— Êle conhece seus planos e intenções. Se agradam ao Grande Arquiteto do Universo, o Rei do Mundo os favorece com sua ajuda sobrenatural. Caso contrário, êle provoca o seu fracasso. Reúne o seu Supremo Conselho de Sábios e julga as nações e os pensamentos de seus líderes.

— E alguém, sem ser os iniciados, já viu, realmente, o Rei do Mundo ? — perguntei, curiosa.

— Sim — respondeu a moja. — Durante as festas solenes do Budismo, na Índia e no Sião, o Rei do Mundo já apareceu a alguns leigos. Conta-se que, à sua passagem, os cegos recobraram a vista, os surdos ouviram e os paralíticos andaram.

Continuou, então, após uma ligeira pausa :

— Em Erdemi, os sábios escrevem em tábuas de pedra tôda a ciência do nosso planêta e de outros mundos. Os iniciados chineses não o ignoram e sabem que, de século em século, cem dêstes iniciados se reúnem em um lugar secreto, para trabalharem em prol de ajudar, cada vez mais, a evolução da humanidade. Diz a lenda que, durante esta reunião, saem do mar cem tartarugas-princesas de cascos dourados. E, em seus cascos, os sábios escrevem suas conclusões sôbre a ciência divina daquele século. Por esta razão, alguns templos orientais têm colunas sustentadas por simbólicas tartarugas, consideradas como as emissárias dos deuses das águas límpidas...

Fêz outra pausa, e prosseguiu :

— Por várias vêzes os pontífices de Lhassa enviaram embaixadores à côrte do Rei do Mundo, mas poucos foram os que alcançaram o seu destino. Conta-se que, certa vez, uma destas missões encontrou uma misteriosa caverna, com a inscrição: «Esta porta conduz aos reinos subterrâneos.» Da caverna saiu um homem belo como um deus, que lhe mostrou uma plancha de ouro com letras desconhecidas, e disse:

— O Rei do Mundo aparecerá diante dos homens quando chegar a hora em que os bons terão que lutar com os maus. Mas esta hora ainda não chegou.

Todo êste curioso relato sôbre o Rei do Mundo fêz-nos lembrar a história de Guésar de Ling, o grande herói tibetano, cuja saga há doze séculos é cantada pelo povo tibetano. Sua missão foi a de fazer reinar a ordem sôbre a terra, reprimir a injustiça e a violência. O sábio indiano Sarat Chandra Das, explorador do Tibet meridional, em seu **Dicionário Tibetano-Sânscrito-Inglês**, dá Guésar como sendo um rei que reinou na China, na província de Chensi, e assinala, ainda, que os tibetanos e os chineses se disputam a honra de serem seus compatriotas. Mas as tradições tibetanas dizem que foi uma princesa chinesa, por nome Ronga Goa, que foi ao Tibet para encontrar um marido digno dela, e tornou-se a espôsa de Guésar de Ling. O território de Ling, onde viveu Guésar, fazia parte do país de Kham, no Tibet. Tchang ou Shambala, a mística Cidade do Norte, ou cidade subterrânea da calma, tem um lugar importante nas profecias concernentes à volta de Guésar. Quase todos os tibetanos falam nesta hipotética cidade de Shambala ou Erdemi, e crêem que se trata de um lugar secreto, que fica ao norte do Tibet. Um mago, Bon-mag, que encontramos no curso de nossa viagem, e que acampou dois dias perto de nossas tendas, disse-nos que seus mestres transmitem, oralmente, antigas tradições concernentes a uma terra de quietude, situada no Norte do país. O Norte é tido como a direção mística, pois os livros santos da Índia e do Tibet dizem que «os caminhos do Norte conduzem o yogue à emancipação suprema». Diz a tradição que um dia Guésar e seus guerreiros sairão da cidade subterrânea de Shambala e voltarão à terra para combater o mal. Quem sabe se Guésar não seria o próprio Rei do Mundo, de que nos falava a monja?

Para mim é difícil admitir a existência de mundos subterrâneos, habitados por pessoas de matéria densa. Até agora, posso crer apenas que êles existem sòmente no plano etéreo.

Durante os dias que passamos no Templo da Calma Profunda aprendemos coisas realmente surpreendentes. Aliás, parodiando Louis Jacolliot, podemos dizer: «Presenciamos coisas que não nos atrevemos a relatar, por temor de que nossos leitores se riam de nós e duvidem da nossa razão ou de nossa boa-fé, não obstante serem certas tôdas as coisas que vimos.»

* * *

Alguns dias depois, a tempestade cessou, e já era possível caminhar sôbre a superfície da neve. Assim, depois de

agradecer os ensinamentos e a hospedagem das monjas, prosseguimos viagem. Nossas hospedeiras replicaram que a viagem era perigosa, pois o tempo podia mudar de um momento para outro. Contaram-nos, no entanto, que na encosta da montanha, perto do Templo dos Dragões Alados, havia uma gruta natural, onde, em caso de necessidade, nos poderíamos abrigar. Assim, partimos ao amanhecer. Guiados pelo lama Kázi, atingimos a encosta do pico pouco antes do meio-dia. Ali, encontramos uma grande caverna, cuja abertura era protegida pela saliência de um rochedo. Que vista magnífica! A nossos pés estendia-se uma cinta de montanhas de formas fantásticas, coroadas de neve. Centenas delas, à frente, à esquerda e à direita, a perder de vista. Ao Norte, via-se o Templo dos Dragões Alados, que tanto desejávamos conhecer. Insistimos com Kázi, para que fôsse o nosso mensageiro junto aos lamas. Gastamos dois dias à espera de que êle voltasse do mosteiro. Na tarde do segundo dia, o ar soprou menos frio, e nessa noite caiu pouca neve. Na manhã seguinte não caiu nenhuma, mas começou uma chuva forte, que durou até ao anoitecer. E a neve se foi derretendo e com ela, também, se derreteu a negativa dos lamas. Kázi chegou, com um olhar alegre, comunicando que podíamos visitar o Templo, mas que não poderíamos ser hospedados lá, pois era contra a regra dos lamas.

— Não importa — disse eu, exultando de contente. — Basta que possamos visitar o Templo e ver alguns dos lamas que conhecem o segrêdo da levitação!

Deixamos os servos na gruta, juntamente com as nossas bagagens, e partimos rumo ao Templo, guiados por Kázi.

Capítulo IV

MILAGRES DE LEVITAÇÃO — TSAMPA TENDAR O VELHO DA MONTANHA — NÚPCIAS TIBETANAS — LENDAS E CRENÇAS TIBETANAS — O MOSTEIRO DE GANDIN E SUA ÁRVORE FABULOSA — A CURA PELO PODER DAS ERVAS E DOS PERFUMES — A MORTE DE UM LAMA DO CHAPÉU AMARELO — RITOS DE UM ENTÊRRO NO PAÍS DAS NEVES.

Caminhamos através de extensa planície coberta de neve, e durante a jornada fomos colhendo algumas informações de nosso guia, o lama Kázi. Soubemos, assim, que os Dragões Alados são ascetas que estudam a vida inteira, procurando alcançar a neutralização do pêso, e, conseqüentemente, a levitação. Consta que alguns dêles conseguem tamanha perfeição, que chegam mesmo a poder sentar-se sôbre o talo de uma flor, sem dobrá-la. Cumpre dizer que não são apenas os membros de comunidades religiosas que podem praticar tais adestramentos psíquicos, mas, também, homens e mulheres que desejam sinceramente dedicar-se a êstes estudos, que exigem muitos exercícios respiratórios e ginástica especiais. O período de estudo dura três anos, três meses, três semanas e três dias.

Continuamos andando, e uma hora depois passamos por uma garganta de rochas brutas, que marginavam a terra plana. Ali foi dada ordem de pararmos, e percebi a razão disso mal desembocamos de entre os penedos. Ao longe, erguia-se o Templo dos Dragões Alados, que, em suas linhas gerais, não diferia de outros templos tibetanos já por nós conhecidos.

Através da extensa planície avistamos um grande tronco de árvore ressequida e, acima dêle, vimos uma figura imóvel que nos pareceu a de um grande pássaro. Com o binóculo, porém, pudemos verificar que se tratava de um ser humano.

— É um «lung-om-pa»! — disse Kázi, apontando naquela direção.

Pierre Julien preparou a máquina de filmar, com uma lente de grande alcance, e, à medida que nos aproximávamos, começou a filmar. Mas, de repente, a estranha figura moveu-se no ar com uma rapidez incrível e desapareceu por entre as altas montanhas. *

Prosseguimos a jornada até chegarmos ao Templo. Fomos recebidos por quatro noviços, altos, magros, de cabeça raspada, vestindo túnica de um grosso tecido amarelo. Entramos numa sala pequena, muito rústica, sem nenhuma mobília, onde nos sentamos no chão, à moda oriental e nos foi servido chá com manteiga e sal.

Soubemos que o chefe dos Dragões Alados é um velho lama, chamado Tsampa Tendar, que, há oito anos, vive imóvel em sua cela, meditando em silêncio e dirigindo oitenta discípulos, telepàticamente. Após visitarmos o templo, onde vários discípulos meditavam serenamente, um dos noviços levou-nos até a cela onde estava o lama Tendar. Observamos que a cela do grande lama é de uma simplicidade extrema. As paredes são de pedra e o chão de terra batida. Por uma fenda na pedra penetra a luz do dia, iluminando a doce fisionomia de Tendar. Seu rosto era de um tom de marfim, o cabelo branco, mal cuidado, a túnica grossa de tecido amarelo e, nas mãos, um rosário. Sentado no chão, com as pernas cruzadas, o velho lama tinha o olhar fixo no infinito e uma expressão de absoluta serenidade.

Soubemos que, pelo bárbaro processo da mumificação em vida, conseguiu êle ressecar o fígado e os intestinos, e hoje vive apenas de «Prana» (fôrça sutil do ar). Diante dos seus olhos antigos, sentimos uma sensação de alheamento de tudo. Ficamos alguns minutos contemplando o lama Tendar e depois, a um sinal do noviço, seguimo-lo até uma das salas do mosteiro, onde nos sentamos no chão, para conversar um pouco. E, assim, soubemos que, entre os exercícios praticados pelos Dragões Alados, figuram os seguintes:

O noviço senta-se, com as pernas cruzadas, sôbre um grosso cobertor ou almofada. Aspira o ar lenta e profundamente pelo nariz, depois, retendo a respiração, tem que saltar, conservando sempre as pernas cruzadas e sem fazer uso das mãos como ponto de apoio, e voltar a cair sem alteração na postura inicial. Consta que certos lamas chegam a saltar assim a grande altura.

---

* Mais tarde, quando o filme revelado, mal pudemos acreditar em nossos próprios olhos. Ali estava, bem nítida, a figura de um homem magro, ascético, com a túnica dos lamas, em plena levitação.

Dizem que os que perseveram assìduamente neste gênero de exercício durante anos conseguem neutralizar o pêso e, assim, levitar sem nenhuma dificuldade. Alguns lamas usam correntes pesadas nos braços e nas pernas a fim de ficarem mais pesados, pois o adestramento para a levitação deixa seus corpos leves demais, que se expõem a flutuar no ar. Soubemos, ainda, que esta seita foi fundada em 1284, por Yuton Dorgi Pal, célebre lama tibetano, dotado de podêres sobrenaturais.

O primeiro passo, antes de iniciar a ginástica, é a iniciação dada por um mestre. Depois, quando o noviço se exercita durante vários anos, o mestre lhe dá uma fórmula mística para meditar. O noviço concentra seu pensamento na repetição mental desta fórmula ao compasso de um modo especial de pronunciá-la, que regula a respiração durante a marcha em volta do Templo. O noviço não pode falar, nem pensar em nada, nem olhar para a direita, nem para a esquerda, e sem jamais distrair a atenção. Fica numa espécie de transe hipnótico, e caminha mecânicamente. Afirmam os entendidos que, após uma certa prática, os pés dos «lung-om-pas» não chegam a tocar o chão e deslizam pelo espaço, com enorme rapidez.

Tudo isto fêz-nos recordar que também a tradição da igreja católica aceita a teoria da levitação. Basta citar S. Teresinha de Jesus, S. Tomás de Aquino, os próprios discípulos andando sôbre as águas e S. Antônio de Pádua. Embora, por outros modos, êles também possuíam o segrêdo da levitação.

Contudo, a maioria dos lamas dos grandes mosteiros tibetanos desaprova as práticas dos «lung-om-pas». Não dão importância alguma a êstes fenômenos. Muitas vêzes, quando alguém comenta o assunto, êles contam a seguinte história, atribuída a Gautama Buda:

Durante uma de suas viagens, Buda, acompanhado de discípulos, encontrou um asceta, cansadíssimo, à porta de uma cabana em meio ao bosque. O mestre parou e quis saber quanto tempo vivia ali o asceta, naquela vida austera.

— Vinte e cinco anos — respondeu o asceta.

— E qual o resultado de tanto esfôrço ? — indagou Buda.

— Sou capaz de atravessar um rio andando naturalmente sôbre as águas — declarou o outro, orgulhosamente.

— Pobre amigo ! — disse Buda, compassivamente. — Pouparias muito mais o teu tempo se, mediante módico pagamento, tivesses atravessado o rio num barco.

TSAMPA TENDAR, O VELHO DA MONTANHA

São inúmeras as lendas que correm sôbre Tsampa Tendar, o lama chefe dos «lung-om-pas». Entre elas, conta-se que, no último dia de cada ano, Tendar voa em direção ao monte Potala, e lá reúne-se com alguns Mestres da Montanha Nevada. Através do noviço Laikey, pudemos colhêr alguns dados interessantes sôbre a vida de Tendar, que aqui relatamos aos nossos leitores.

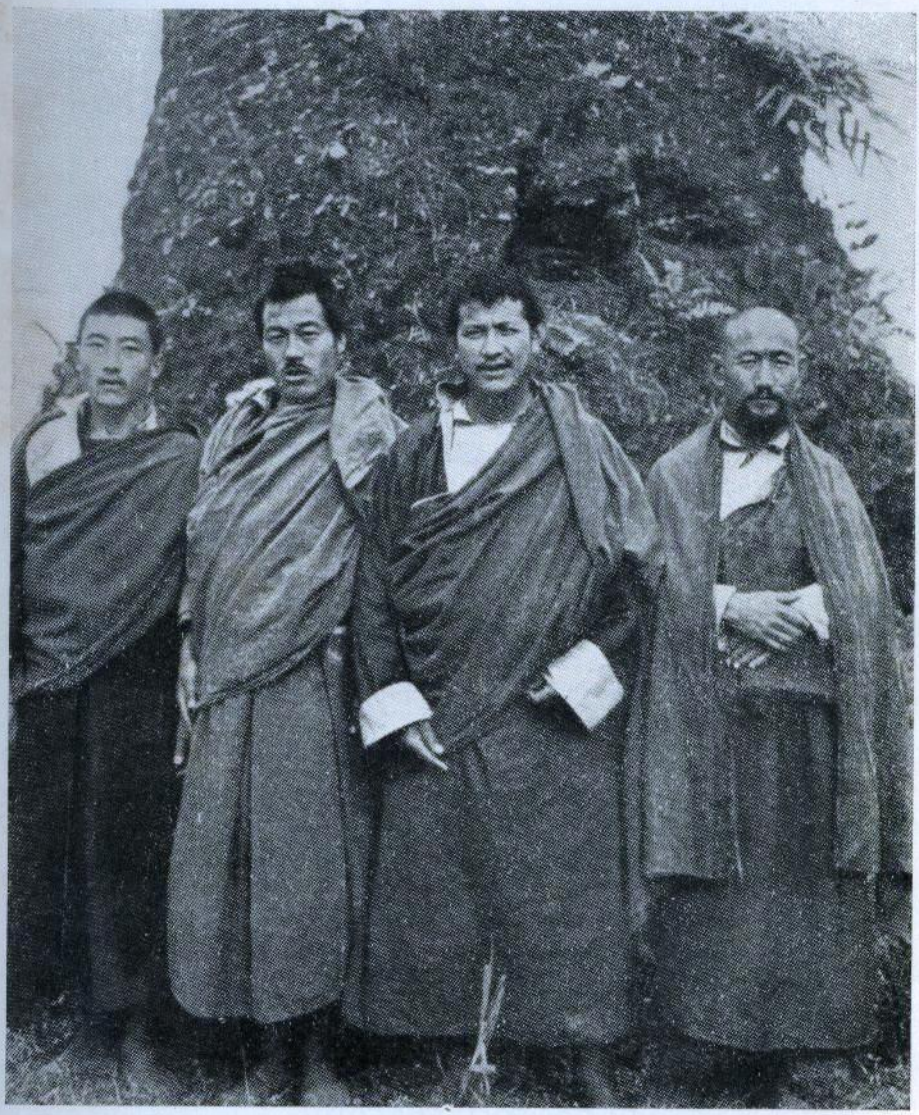
Nasceu Tendar de pais humildes, na região de Ngari, entre a tribo dos aborígines «lepchas». Desde tenra idade êle foi levado para o mosteiro de Tulung Tserpug, em Lhassa, sendo educado pelos lamas. Êste mosteiro é célebre no Tibet por seus ritos de magia negra. Acreditamos que os pais de Tendar tenham querido que êle fôsse um «Dugpa», isto é, mago do chapéu vermelho. Tendar estudou com os lamas, trabalhou àrduamente nas plantações de trigo e de arroz pertencentes ao Templo e, finalmente, aos vinte e cinco anos de idade, chamaram-no para a iniciação superior. Tendar ficou desagradàvelmente surpreendido quando verificou que os lamas veneráveis, que o haviam acolhido e educado, nada mais eram do que perigosos magos negros. Levaram o jovem neófito a um misterioso subterrâneo e ali êle viu cenas bárbaras e terríveis. Entre grandes placas de ferro, amarrados e amordaçados, estavam dois jovens e robustos camponeses. Sugestionados hipnòticamente, pelos magos, êles deixavam-se morrer de fome e de sêde. Quando os cadáveres entravam em decomposição, os bruxos recolhiam o líquido esverdeado produzido pela carne putrefata, dêle fazendo uma bebida da imortalidade!

— Com isto — explicaram — podemos viver mais de mil anos e conservar sempre o mesmo aspecto jovem.

— Mas como ? — indagou Tendar, atônito.

— É simples — responderam os lamas. — Em certa noite de lua nova, nós viemos a êste subterrâneo. Despimo-nos e banhamos o corpo neste líquido emanado dos cadáveres. Assim, ficamos impregnados de essência vital e prolongamos a nossa vida e mocidade. É uma espécie de vampirismo... todavia, êste líquido é mortal para os que não são iniciados e não conhecem as palavras mágicas do nosso ritual.

Petrificado de horror, o jovem Tendar contemplou aquela cena repugnante e recusou-se a ser iniciado. Foi amaldiçoado e prêso num calabouço. Mas um dia conseguiu fugir. Partiu para bem longe de Lhassa, esmolando de cidade em cidade.



O Lama Laikey (o primeiro à esquerda) e três noviços "lung-om-pas".

Teve um contato duro e constante com as vicissitudes da vida. Suas mãos, dotadas de um maravilhoso dom curativo, aliviaram muitos males. Por onde passava, Tendar deixava sempre um rastro de bondade e de amor. Aos cinqüenta anos de idade, resolveu votar-se à solidão. Escolheu uma vasta região montanhosa, desabitada e inexplorada. Ali, tornou-se um ermitão contemplativo. Alimentava-se de raízes, ervas e frutas. Praticou intensamente a Hatha e a Raja Yoga, tornou-se um mestre do «tumo», ou calor interno, e, finalmente, dedicou-se à levitação. Passaram-se os tempos, e sòmente aos oitenta anos Tendar tornou-se um verdadeiro «lung-om-pa».

Um dia, Tendar caiu em transe profundo e, levitando, atravessou a montanha em que vivera tantos anos. E quando voltou a si, estava em Lonak, pequena cidade perto de Khangma. Foi visto por Laikey, que, naquela época, era pastor de ovelhas e apascentava um rebanho. Julgando-o um imortal, Laikey caiu de joelhos e beijou-lhe a fímbria da veste. Mas Tendar, bondosamente, desfez o engano e passou a ensinar-lhe o muito que sabia. Assim, Laikey foi o primeiro discípulo de Tendar. Ambos construíram uma pequena ermida de pedra. Mais tarde vieram outros discípulos que construíram o Templo. Disse-nos Laikey que Tendar só dorme de 25 em 25 anos e que, no dia seguinte, estava marcado o início do seu longo sono. Fizemos inúmeras perguntas, mas, em dado momento, Laikey negou-se a responder. Com certa nostalgia, vimos que a nossa entrevista estava terminada. E assim deixamos o Templo dos Dragões Alados — os famosos lamas da literatura mística do Tibet, tantas vêzes citados por autores ocidentais, conforme mais tarde ficamos sabendo. Entre as obras mais famosas que a êles se referem, podemos citar o precioso livro de Bellegeti **Relazione Inedita de un Viaggio al Tibet,** e o livro do padre jesuíta Antônio de Andrade, intitulado **Nôvo Descobrimento do Reino do Tibet,** publicado em Lisboa.

Daquela região distante e brumosa, onde vivem os «lung-om-pas», trouxemos uma viva lembrança e algumas notas escritas às pressas, num bloco de papel, as quais serviram hoje para rememorarmos, neste livro, a história de Tsampa Tendar, o homem que parece haver escapado às limitações físicas.

NÚPCIAS TIBETANAS

Eram quatro horas da manhã quando levantamos acampamento e, deixando a caverna das montanhas de Khangma, prosseguimos viagem rumo à região do Gyangtse. O céu estava de um azul-índigo e o ar leve e frio. Entramos numa profunda

garganta cavada durante séculos pelo rio Nyang, e através da qual êle ainda corria, com suas águas parcialmente geladas. À direita e à esquerda, fantásticas rochas de formas curiosas, pareciam ter mais de mil metros de altura. Andamos cautelosamente por aquêle caminho perigoso, puxando os nossos animais pelas rédeas, até que alcançamos um vale e pudemos montar novamente. À medida que prosseguíamos, o vale ia se ampliando e, finalmente, avistamos a grande distância a magnífica planície de Gyangtse.

Gyangtse está situada no centro de uma área muito fértil e populosa. Pelo caminho fomos encontrando várias pessoas, camponeses e negociantes, que sorriam à nossa passagem e botavam a língua para fora, num sinal de boas-vindas. Encontramos alguns lamas, a cavalo, envoltos nas suas túnicas amarelo e violeta, acompanhados de jovens noviços. Aos poucos, foram surgindo casas de campo e residências de nobres. A uma certa distância, percebemos pequenas colinas, no meio das quais brilhavam os tetos dourados dos templos. Notamos seus muros brancos, as muralhas que cercam a cidade, e o vento trouxe até nós a voz profunda das longas trombetas que existem em todos os mosteiros tibetanos. Atravessamos uma ala cheia de bandeiras de preces, que palpitavam ao sôpro leve do vento. Os tetos dourados brilhavam como gôtas de sol, sôbre as colinas.

As graciosas casas brancas de Gyangtse estavam cheias de gente alegre, que viera para os balcões e varandas ver a entrada de uma caravana de mercadores chineses, que acabava de entrar na cidade. Era domingo, e as ruas estavam cheias de gente, vestindo suas melhores roupas; havia em tudo um ar de festa. Não demorou muito e chegamos a um vasto campo, onde inúmeras pessoas se reuniam, em meio a tendas de couro. A um canto, observamos um grupo de môças, que dançavam ao som de um tambor. Suas vestes eram alegres, com muitos tons de vermelho, verde e amarelo. Usavam longa saia franzida, uma blusa de amplas mangas compridas e um avental de tecido listrado. Usavam, ainda, apenas um brinco na orelha esquerda. Soubemos que o tamanho dêste depende do grau de importância da possuidora.

Desmontamos, e um amável tibetano veio ao nosso encontro. Kázi explicou-lhe que éramos todos peregrinos, rumo a Lhassa, e que acabávamos de chegar à cidade. O homenzinho explicou que aquela festa era em honra do casamento de Maitrei Kuchog, a filha do Governador de Sikkim, que, naquele dia, se casava com um capitão da guarda pessoal do Dalai Lama. A cerimônia seria ao pôr do sol, portanto, teríamos tempo para procurar pousada numa hospedaria, descansar um

pouco e voltar. E assim foi. Pouco antes de baixar o crepúsculo, voltamos para assistir à cerimônia nupcial. Compramos uma bonita braçada de flôres e fomos em direção ao palácio do Governador de Gyangtse, onde estava a noiva, vinda de Sikkim. O pátio era em forma de arco, lembrando um pouco o estilo espanhol e estava cheio de gente. Era amplo e bem cuidado. Piscinas floridas espalhavam-se pelos bosquezinhos de bambus. Num pavilhão ao Sul, os convidados deixavam os presentes destinados aos noivos. Ali também depusemos a nossa humilde oferenda. Sôbre um grande tablado forrado de sêda azul e semeado de almofadas coloridas estavam sentados o Governador e altas personalidades de Gyangtse. Num outro tablado em frente estavam sentados três lamas, vestindo hábitos amarelo-dourados e os irmãos do noivo. Para nossa grande surprêsa, soubemos que, segundo a lei do Tibet, a noiva desposaria também os irmãos do noivo...

Ao todo eram cinco, bem jovens ainda, sendo que um dêles era um belo rapagão de uns vinte anos, vestindo uma rica túnica dourada, ornada de peles. A noiva, por certo, teria um belo harém de maridos!

O Tibet é um dos poucos países do mundo onde há a poliandria oficial. No Teto do Mundo impera o regime matriarcal. Apesar da escassez de homens livres, pois, entre cada dois rapazes, um é monge, a mulher pode casar-se com vários homens ao mesmo tempo. Basta que tenha meios para sustentá-los. Numa família onde não há varões, o marido número 1 é obrigado a adotar o sobrenome da mulher. O ciúme é pràticamente desconhecido. Nunca houve, no Tibet, um crime passional. Não costumam apurar quem é o pai de uma criança nascida numa família onde há muitos maridos. Geralmente, a criança chama de pai ao marido número 1 e de tios aos outros. A questão da virgindade também não é exigida pelos homens. As môças tibetanas têm uma vida sexual livre. Entretanto, há uma lei severa que as proíbe de engravidar enquanto são solteiras. Por isso os meios anticoncepcionais são amplamente conhecidos.

O divórcio é permitido, porém muito caro. Se um marido pede divórcio, êle tem que pagar, de acôrdo com uma velha lei em vigor, uma quantia proporcional ao número de anos que viveu com a espôsa.

Tudo isso nos explicava Kázi, enquanto esperávamos o início da cerimônia nupcial.

Súbito, ouvimos o som de um gongo e, em seguida, apareceu a noiva. Era uma jovem de uns dezoito anos. Vestia um «chuba» (túnica) de brocado vermelho, uma camiseta rosa-cra-

vo e um bonito «Pang-den» (avental) listrado de verde e dourado. Seus cabelos lisos e negros estavam repartidos ao meio e reunidos numa grossa trança sinuosa como uma serpente, que lhe caía além da cintura. Ela usava um barrete de pele de rapôsa branca e belíssimas jóias de ouro, incrustadas de turquesas, esmeraldas e rubis. Soubemos que esta coleção de jóias começa quando a menina nasce. Numa família abastada como a de Maitrey, a coleção era grande e preciosa.

O povo rompeu em aclamações e vivas, enquanto a môça andava ao encontro do noivo número 1. Embora no Tibet não haja nenhuma indústria de cosméticos, notamos que a maioria das mulheres usava maquilagem. As pálpebras estavam meio azuladas, as faces rosadas e os lábios vermelhos como romãs. Ah! A eterna vaidade feminina...

Ouvimos uma música estranha, e um dos lamas oficiantes traçou, no chão, com um pó branco, uma grande cruz suástica — o velho e sagrado emblema budista. O noivo ergueu-se e sentou-se sôbre a cruz, com as pernas cruzadas. Ao lado dêle, o lama traçou, com o mesmo pó branco, uma grande flor de lótus. Maitrey avançou lentamente e sentou-se sôbre a flor. Tirando do seio um grande lenço de gaze vermelha, ela amarrou-o em volta da cabeça do noivo à guisa de um turbante. Êle sorriu e tirou do braço uma larga pulseira de ouro, entregando-a à noiva. Segurando a pulseira nas mãos, ela ergueu-a acima da cabeça e começou a falar em voz alta numa espécie de oração. Era um cântico à água, ao ar, ao fogo e à terra, pedindo a bênção para a sua união. Depois, colocou a pulseira na terra, apoiou as mãos abertas em cima dela, e pronunciou o juramento:

Juro por ti, Terra Sagrada, que pertencerei aos meus esposos alegremente. Dêles, germinarei tal como as plantas germinam em ti. Como tu esperas a chuva, assim esperarei a chegada de cada um dêles, que serão para mim como raios de sol. Juro em tua presença, Mãe Terra, que nossa união será feliz e fecunda. Tu me escutas, Antiga Mãe, e sabes que não posso mentir. Dai-me fôrças para amar os meus maridos e oferecer-lhes uma felicidade que as outras criaturas ignoram. Que nossa vida em comum seja como a das plantas, que docemente se reproduzem em ti. Que nosso primeiro abraço seja doce como a chegada do primeiro dia de primavera e que nosso carinho seja como o orvalho claro da manhã!

Eu escutava fascinada, até o momento em que suas palavras se tornaram ininteligíveis. Ouvíamos apenas um som estranho. Adivinhávamos uma ou outra palavra, mas o sentido do encantamento nos escapava. Quando se calou, Maitrey parecia tocada por um halo sobrenatural.

Acenderam uma grande fogueira que estava armada no pátio, e os lamas oficiantes jogaram no fogo ervas perfumadas, um pouco de leite, manteiga e arroz cru. De mãos dadas, Maitrey e seus noivos andaram em volta do fogo cantando hinos de grande beleza. Depois, um dos lamas, empunhando um bastão dourado, ornado de fitas multicores, tocou-lhes o alto da cabeça, a testa e o coração, pronunciando palavras do ritual lamaísta.

Após a cerimônia, houve gritos e vivas de todos os presentes. Então, a uma ordem do Governador, houve uma farta distribuição de «Koumi», a bebida nacional dos tibetanos. Além do «Koumi», vinhos e licores indianos, «Cheng», a cerveja nepalesa muito apreciada no Tibet, verdadeiras montanhas de carne de carneiro cozida em leite, frutas, bôlos e tortas de mel brotos de rododendro em calda e mil e uma especiarias da cozinha tibetana. O povo era servido fartamente e comia e bebia alegremente. Depois, todos começaram a dançar em volta da fogueira.

Em dado momento, o noivo número 1 fêz um sinal, e um servo trouxe-lhe um bonito cavalo branco ricamente ajaesado de ouro. O rapaz montou, depois abaixou-se e ergueu abruptamente a noiva pela cintura e saiu galopando em direção à montanha. Soubemos que ela ficaria com êle durante sete luas. Caso não concebesse, teria que passar outras sete luas com cada um dos outros maridos. Êste costume milenar é uma prova de que os tibetanos desconhecem o exclusivismo amoroso.

A festa continuou com cânticos e danças. Mas já tínhamos visto o suficiente sôbre as núpcias tibetanas, e assim regressamos à hospedaria.

O MOSTEIRO DE GANDIN E SUA ÁRVORE FABULOSA

Levantamo-nos tarde no dia seguinte e, após o almôço, saímos para visitar a cidade. A paisagem dividia-se em três zonas coloridas: o azul-cobalto do céu, o ocre-alaranjado das rochas e das muralhas e, ao longe, as verdes montanhas coroadas de neve. Sôbre um prodigioso rochedo amarelo, cercado de precipícios, erguia-se o «Dzong», isto é, o forte da cidade de Gyangtse. Contornamos, a pé, o rochedo, sôbre a qual se ergue o forte, e lá estava a cidade aos nossos pés. A maioria das casas e das lojas era construída em terreno plano; no semicírculo que descrevem as colinas encontram-se os templos, os mosteiros, as cabanas dos ermitães e o célebre Templo das Mil Imagens, ou Kum Bum.

Voltamos à cidade, seguidos por grupos de crianças que gritavam alegremente e corriam, seguidos por alguns cachorros vadios. Os cachorros tibetanos em sua maioria parecem uma mistura de pequinês com o pêlo de arame e são muito vivos e inteligentes.

Um pouco perturbados pela algazarra das crianças, não sabíamos o que fazer. Fomos andando, até depararmos com o mercado. Felizmente, havia um velho vendendo doce de rododendro, e Kázi deu dinheiro às crianças mandando-as comprar doces e nos deixar em paz. Enquanto a garotada se espalhava pelo mercado, fomos parando aqui e ali, examinando as coisas. Havia apenas produtos do artesanato local: bules de porcelana, objetos de prata e de cobre. Os mercadores eram numerosos, mas seus produtos não mereciam atenção.

As rúpias indianas circulam aqui tal como o Tranka, dinheiro tibetano, que é em couro ou em prata. As moedas de ouro há tempos desapareceram de circulação. Circula, também, o papel moeda de 10, 50, 100 e 500 Trankas; são grandes notas, cobertas de arabescos fantásticos, de côres vivas, e no meio vê-se a figura do leão do Tibet, ao longe as montanhas nevadas, os oito signos da sorte e os carimbos do Govêrno.

O mercado estava cheio de gente. As mulheres usavam roupas coloridas e o grande «Patruka», ou arco de madeira e de coral no qual enrolam os longos cabelos, em estranhos penteados. Os homens são feios e hirsutos como ursos. Usam longas túnicas de lã, botas de couro e barrete de pele, lembrando o dos russos. Usam sempre um brinco na orelha esquerda. Inúmeros mendigos faziam girar, vertiginosamente, seus velhos moinhos de preces.

Passamos por um enorme portão de madeira pesada. Dois monges vieram ao nosso encontro. Conversaram com Kázi e ofereceram-se para guiar-nos até o Templo das Mil Imagens. Existe, em Gyangtse, três seitas diferentes, coexistindo em paz, cada uma com seus Templos e seus fiéis: a seita de Sakya, a seita de Sha-lu e a seita amarela dos Gelug-pa. O chefe de tôdas elas é o abade Khampo, oriundo de Lhassa, e nomeado pelo Dalai Lama.

O Templo das Mil Imagens, ou «Kum-Bum Gandin», é um dos templos mais famosos e um dos monumentos mais interessantes do Tibet. Diz a lenda que pouco antes do nascimento de Tsong Kapa — o grande reformador religioso do Tibet —, um profeta disse que o menino seria um ser excepcional, com a missão de reformar a religião lamaica. E, assim, Tsong Kapa nasceu na montanha, num lugar desolado, onde sua mãe

tinha ido levar oferenda aos deuses. Êste lugar foi encontrado por um dos discípulos do profeta, que ali construiu uma cabana para meditar. Algum tempo depois, exatamente no lugar onde nasceu a criança, brotou uma árvore. Ela cresceu ràpidamente e surgiram suas primeiras fôlhas. Nelas apareceram sinais misteriosos que, mais tarde, se transformaram em palavras das escrituras santas do budismo. Tempos depois, no lugar onde havia a cabana do discípulo do profeta foi construído o atual Templo das Mil Imagens, também chamado Mosteiro de Gandin.

A parte superior do templo é inteiramente dourada. O resto do edifício é branco, com algumas faixas de côres vivas. Assim que nos aproximamos, pudemos observar dois enormes olhos enigmáticos, pintados na cúpula do templo. As pinturas, que ornam quase todos os seus muros exteriores, representam motivos fundamentais da religião budista. Consta que a base do templo representa a iluminação da alma, constituída por dois elementos principais: «Upaya», ou beatitude, e «Prajna», ou sabedoria. Sôbre a base repousa, ainda, um elemento intermediário, que simboliza as quatro nobres verdades de Buda; sôbre êste elemento erguem-se cinco estágios psíquicos, qus são: a imperturbabilidade, as dez fôrças místicas, os podêres taumaturgos, a fôrça da fé e o desapêgo às coisas terrenas.

Os afrescos são de uma grande beleza. São imagens simbólicas de Dorje Chang, o Absoluto. Ao lado dos afrescos há os diagramas sagrados, chamados «Mandala», dos quais podemos dizer que correspondem, para os iniciados, o que são para um matemático os símbolos complexos da ciência dos números. No último andar do edifício, vê-se uma grande estátua de Dorje Chang sorrindo um misterioso sorriso. Atravessamos um pátio e um vestíbulo precedido de um pórtico. Media cêrca de oito metros por doze de largura. O chão era recoberto de pedras redondas, lisas e rosadas. Dêste pátio passamos por um outro pórtico. Saímos num parque cheio de árvores centenárias, onde vários lamas, com suas túnicas amarelo-laranjas, passeavam em silêncio, rezando longos rosários de contas de coral.

Passamos por entre colunas de alabastro e entramos num salão imenso, grandioso e sombrio, revestido de ouro já gasto e mortiço, que passou ao avermelhado do cobre. No fundo, alinhavam-se nove portas misteriosas, cujos batentes duplos e suntuosos foram selados com o sinête do Dalai Lama. Em cada extremidade da sala havia longas cítaras, suportadas por dragões de porcelana azul. No lado oeste, via-se a mesa das oferendas. Era em ébano e lápis-lazúli. Sôbre ela, jarros vo-

tivos, em ouro e prata, eram as testemunhas mudas do último sacrifício oferecido aos deuses... Visitamos as setenta e três capelas. No seu afã de arqueólogo, Pierre Julien «trabalhou» cada uma delas, copiando inscrições arcaicas, escrevendo, anotando, fazendo-se ajudar de vez em quando pelo lama Kázi, para a interpretação artística, simbólica e paleográfica, tôdas de um interêsse excepcional.

A capela mais bonita é a de Maitreya, o Buda do futuro, a caridade personificada. Nela predomina o estilo indiano nas estátuas e pinturas. Após visitarmos as celas dos «ri-tro» (ermitães), continuamos andando até o fundo de um amplo vestíbulo, onde, atrás de uma fileira de candeeiros de prata, acesos, viam-se as estátuas douradas dos lamas chefes, já falecidos, e os relicários de ouro e pedras preciosas que contêm suas cinzas.

Estávamos extremamente curiosos em ver a famosa árvore milagrosa do Templo. No seu relato de viagem, os abades Huc e Gabet afirmam ter visto as palavras «Om Mani Padme Hum» (Ó meu Deus que estás em mim ou Salve a preciosa jóia do lótus), inscritas nas fôlhas e no tronco da árvore. Insistem, especialmente, sôbre o fato de que as letras, em vias de formação e muito dèbilmente visíveis, apareciam, também, nas fôlhas novas e debaixo da casca da árvore, quando êles a levantaram um pouco com a ponta de um canivete.

A descrição dos reverendos abades católicos do século XVI é realmente exata, conforme pudemos constatar **in loco**. Atualmente, a preciosa árvore está protegida por um **chorten** de doze a quinze metros de altura, que se ergue em meio a um templo aberto, pavimentado de placas de ouro. Em frente ao templo há uma muda de árvore milagrosa. Está rodeado por uma balaustrada de madeira, e é objeto de grande veneração. Outra muda da árvore milagrosa encontra-se no pequeno jardim que precede o templo. Os lamas recolhem as fôlhas caídas destas árvores, para distribuí-las entre os fiéis.

O lama que nos guiava através do templo ofereceu-nos uma das fôlhas da árvore milagrosa e, nela, vimos, perfeitamente gravados, o símbolo dos princípios masculino e feminino do Cosmos. Guardamos cuidadosamente a preciosa relíquia e continuamos passeando pelo imenso parque. Pouco depois, deixamos os monges entregues à sua meditação e partimos de volta à hospedaria.

A CURA PELAS ERVAS E PERFUMES

Naquela noite comecei a passar mal. Há tempos eu contraíra uma febre perniciosa. Mas não dei muita atenção ao caso. No dia seguinte, amanheci pior. A senhora Vessantara sugeriu, então, que consultássemos um médico tibetano. Falamos com Kázi, mas êle achou melhor levar-me aos lamas de Kum-Bum Gandin. E assim, com certa dificuldade, montei a cavalo, e partimos rumo ao mosteiro. Ao guardião do portal, oferecemos uma écharpe de sêda branca e algumas frutas. No pátio, amarramos os cavalos, enquanto um noviço veio ao nosso encontro. Kázi explicou-lhe a que vínhamos e êle fêz um sinal para que o seguíssemos.

Entramos por uma ampla porta redonda, atravessamos vários salões cheios de divindades e saímos num pátio interno, que não tínhamos visitado no dia anterior. Ali, alinhavam-se as «Garbas» (celas) dos doutôres do templo.

O noviço parou junto a uma delas e entramos. Era um pequeno aposento, iluminado por um candeeiro votivo a óleo. Nas paredes, viam-se inúmeras ervas sêcas e um odor agradável se desprendia delas. Sentado no chão, com as pernas cruzadas, estava um rapazinho de uns vinte anos. Era magro, de rosto ascético e na cabeça raspada viam-se as sete cicatrizes do ritual místico. Folheava um grande livro, de capa de madeira. À nossa chegada, ergueu os olhos e contemplou-nos fixamente. O noviço falou com êle em voz baixa e o rapaz fêz um sinal para que nos sentássemos perto dêle.

Então, com a mão direita traçou no ar figuras estranhas, como se fôsse um apêlo às potências invisíveis. Aplicou o ouvido à minha mão esquerda, tomando, assim, o meu pulso à moda chinesa, isto é, observando os meus 14 pulsos, 8 à direita e 6 à esquerda. Consta que cada um dêstes pulsos corresponde à atividade hiper, hipo ou normal de um órgão.

Após ouvir os meus pulsos, o lama falou:

— Escuta e crê, pois o que te direi é a pura verdade. A doença da pequenina irmã não é grave. Trata-se de um pequeno desequilíbrio entre o Inn e o Yang. Amanhã estará curada.

Tive um sorriso incrédulo, mas permaneci em silêncio. O lama queimou num braseiro um punhado de ervas perfumadas e mandou que eu aspirasse profundamente. E, olhando-me bem dentro dos olhos, disse:

— Êste é o seu perfume-remédio. Nós aqui tratamos pelo processo da Osmoterapia e da Acupuntura. Acreditamos que

cada pessoa está em vibração com as plantas, que, por sua vez, estão ligadas aos astros. Sei que a nossa pequena irmã nasceu no mês de maio, sob a influência de Vênus e de Saturno, portanto, a sua planta é esta, cujo aroma acaba de aspirar. Amanhã já não terá mais febre. Contudo, como o seu fígado está um pouco congestionado, volte aqui amanhã para fazer uma aplicação de Acupuntura.

O que será isto ? — pensei, mas estava demasiado débil para fazer perguntas. Mais tarde, caso as ervas fizessem realmente efeito, eu perguntaria a Kázi. Terminada a consulta, deixamos o mosteiro e voltamos à hospedaria. Naquela noite eu piorei muito. Já estava descrente do poder medicinal dos lamas, quando, súbito, senti que a febre baixava e um grande bem-estar me invadia todo o corpo. Adormeci. Quando acordei já era dia alto e eu me sentia completamente bem, como se nunca tivesse sentido nada. Meu corpo parecia mais leve, as idéias mais frescas e claras.

— Benditas ervas! — murmurei contente, e saltei da cama feliz como um passarinho em manhã de primavera.

— Já sei que está curada —, disse a senhora Vessantara, entrando no quarto. Seu aspecto é dos melhores.

— Graças a Deus estou bem — respondi —, tanto assim que gostaria de ir passear em vez de consultar novamente o lama.

Mahima sorriu e retrucou brandamente:

— Não, o melhor é voltarmos lá. Nada de ingratidões!

— Como será o tratamento que êle quer me aplicar?

— Disse-me Kázi que é um tratamento feito por meio de picadas de agulhas de ouro e de prata.

— O quê ! — exclamei apavorada. Não... eu não tenho nenhuma vocação para faquir...

— Não se assuste. O tratamento é completamente indolor. Antes de dar a picada, os lamas anestesiam o local, com suco de plantas.

Eu já ouvira falar vagamente dêste antigo tratamento chinês. Mas, naquela época, adepta como era dos tratamentos alopáticos ocidentais, não tinha nenhuma fé nas tais agulhas.

Procurei Kázi para que êle me explicasse algo sôbre os segredos das agulhas de ouro e de prata. E êle falou:

— A Acupuntura é um método terapêutico fabuloso, que reequilibra o nosso organismo de um modo assombroso e rápido, conforme hoje poderás constatar pessoalmente.

— Em que se baseia êste método? — indaguei.

— Primeiramente num conceito filosófico — falou Kázi — e mais profundamente sôbre uma concepção ontológica do Universo. Conta-se que o filósofo chinês Fou-Hi, no ano 2 950 antes da era cristã, descobriu que, tanto na Natureza como no organismo humano, há duas formas de energia chamadas Yin e Yang. O Yang corresponde à atividade criadora, à sensibilidade, ao calor, à plenitude, ao positivo, ao princípio masculino. Yin é a delicadeza, a fragilidade, o frio, a obscuridade, o negativo, o princípio feminino.

Eu ouvia sumamente interessada aquela curiosa explicação. Após uma breve pausa, Kázi continuou dizendo:

— Estas duas formas de energia são coexistentes e antagônicas: o excesso de um indica a insuficiência do outro. Para que haja boa saúde, é preciso haver um equilíbrio perfeito entre o Yin e o Yang.

Fiquei satisfeita com aquela breve explicação e parti para o mosteiro de Gandin mais confiante nas agulhas de ouro e de prata. Após perscrutar os meus pulsos, o médico lama introduziu apenas a ponta das agulhas em certos pontos vitais do meu corpo, que disse chamar-se meridianos.

— Que meridianos são êsses? — indaguei, de Kázi.

E êle respondeu:

— São doze linhas invisíveis e não perceptíveis à apalpação, por onde circula a energia vital.

Nisso o médico espetou uma das agulhas no alto da minha cabeça, bem na região do chacra coronário, outra na testa, no entrecenho, duas nos dedos grandes dos pés e 4 nas mãos, nos pulsos e nos antebraços. Senti um grande bem estar e nenhuma dor. Era como se eu estivesse flutuando num céu sem nuvens.

— Os metais brancos como o aço, a prata e a platina — disse o médico lama para Kázi — exercem uma ação sedativa nos pacientes. O ouro e o cobre, ao contrário, têm uma ação excitante.

Após algum tempo, o médico retirou as agulhas de maneira lenta e delicada, e eu me senti maravilhosamente repousada.

— Sua reação é ótima! — disse o lama. O meridiano do fígado já está equilibrado. A pequenina irmã está curada.

Agradecemos ao lama e aproveitamos a oportunidade para pedir-lhe algumas explicações sôbre as ervas curativas do Tibet.

Êle pensou um momento. Fêz uma pausa e respondeu:

— Para conhecermos o mundo das plantas, sob o ponto de vista curativo, é absolutamente necessário estudá-las em suas relações com o Macrocosmos (Universo) e com o Microcosmos (homem). Cada planta é uma estrêla terrestre. Suas propriedades celestes estão inscritas sôbre as pétalas das flôres, e suas propriedades terrestres, nas fôlhas; tôda a magia está contida nelas, pois as plantas representam, em seu conjunto, tôdas as potências dos astros.

Sem querer, sua voz ia tomando o tom das narrativas. Percebi que me encontrava no umbral de curiosas revelações e aguardei atentamente as suas palavras.

— O mundo das plantas está sob a influência dos astros e destinado a alimentar as criaturas e curar as suas doenças. As plantas podem nutrir o homem; reparar suas fôrças orgânicas decaídas, em seu corpo físico, ou seja, através da alimentação; em seu corpo eletromagnético, com a cura de suas doenças; e em seu corpo astral, cura o sonambulismo e ajuda, através do banho de ervas e queima de plantas, ao êxtase místico, as cerimônias mágicas e a clarividência. As plantas podem ser empregadas em Medicina em seus dois estados: vivas ou mortas, isto é, sêcas. A planta viva geralmente é melhor para a maioria dos casos, ademais serve de modificadora da vibração dos corpos fluídicos, sobretudo quando é aromática. Seu perfume tonifica as inflamações das mucosas respiratórias. Assim, os tísicos acalmarão o seu estado geral respirando o odor dos eucaliptos, dos pinheiros, da lavanda e da hortelã.

Ousei vencer o meu silêncio e dirigir-lhe uma pergunta que foi traduzida pelo lama Kázi:

— Muitas pessoas, no Ocidente, gostam de se tratar com ervas. Poderia dar-me alguns detalhes sôbre as ervas medicinais mais simples, e o seu uso apropriado?

— Muitas de nossas ervas são desconhecidas no Ocidente, mas posso indicar-lhe algumas, com seus nomes latinos. Para as úlceras e feridas, usamos Polygonum Persicaria e Symphitum. Para a amenorréia uterina, Menta Polegium. Estas plantas são usadas vivas, em forma de chá. Para as picadas de insetos, usamos Boccomia Cordata. Para as nevralgias ovarianas, temos o Lillium Tigrinum. Contra as disenterias crônicas, temos

Polygonum Bistorta. Tôdas estas são plantas muito comuns, todavia, as outras ervas tibetanas são desconhecidas do mundo ocidental, e não se tem nomes latinos para designá-las.

Ia fazer outra pergunta ao lama, quando êle falou:

— Daqui a dois dias festejaremos o nascimento de Gautama Buda. A pequenina irmã gostaria de assistir a esta festa?

— Muito! — exclamei, contente com mais aquela oportunidade de estudar os costumes tibetanos.

— Pois então, esteja aqui com seus companheiros ao cair da tarde.

E assim dizendo, o lama deu por terminado o nosso encontro. Levantei-me do chão, onde estava sentada, agradeci mais uma vez e saí junto com Mahima e Kázi.

Atravessamos o grande parque, e mais uma vez paramos junto à árvore milagrosa dos mil caracteres. Observei mais atentamente o alto monumento de pedra que encerrava a árvore milenar. Estava coberto de musgo e de florinhas silvestres.

— Diga-me, Kázi, a palavra «chorten» não representa um monumento em forma de obelisco? — perguntei, olhando para o alto muro que protegia a árvore sagrada.

— Sim — respondeu Kázi —, mas pelo fato de estar protegendo uma relíquia, êste muro é considerado simbòlicamente um «chorten».

— E quanto aos verdadeiros «chortens»? — indaguei.

— São sempre usados no Tibet como um relicário de oferendas ou de objetos sagrados. São símbolos místicos muito importantes.

— Como assim? — indaguei.

— O «Chorten» — prosseguiu Kázi — representa a própria religião lamaísta. Sua base recorda-nos a vida material na terra. Os degraus estreitos representam os degraus do saber; acima dêles, a parte arredondada é o elemento água. Depois, temos o fogo, isto é, as provas ou sofrimentos pelos quais devemos passar, para atingir a auto-realização. A meia lua representa o hálito divino do Criador. E o sol que encima o «Chorten» é o emblema do espírito e do éter imponderável. Isto é, num dos chortens mais comuns.

— Qual a origem dêstes monumentos? — perguntei.

— São oriundos da Índia. A palavra «chorten» é uma tradução tibetana da palavra sânscrita «dhatugarbha» (que se corrompeu, posteriormente, em «dagaba», de onde provém a palavra «pagoda»).

— Ah! — exclamou Mahima —, quer dizer, então, que os «Chortens» correspondem aos «Estupas» indianos?

— Exatamente — retrucou Kázi —, mas, no Tibet, êstes Estupas alongaram-se e transformaram-se no que aqui vemos. Contudo, ao contrário dos Estupas, os nossos «Chortens» raramente contêm as cinzas dos santos lamas. São mais relicários do que tumbas. Êles representam um diagrama esotérico, simbolizando uma pequena parte da Cosmologia lamaísta.

* * *

— Descobri o enderêço de um adivinho que possui um curioso livro mágico. Vamos visitá-lo esta manhã?

Esta interessante sugestão vinha de Vessantara, e foi logo aprovada por todos nós.

A manhã estava escura, fria e ventosa, mas saímos assim mesmo, curiosos e alegres. Depois de muito andar por um vale deserto, cercado de serras abruptas, chegamos à ermida. Ficava num recanto sombrio da mata e era tôda em pedra branca. Encontramos o adivinho, sentado entre dois discípulos.

Era um ancião admirável. Vestia uma tanga de algodão branco e um manto, que lhe caía folgadamente pelo corpo. Tinha a cabeça raspada, nariz aquilino, encimado por um par de olhos escuros, acerados como os de uma serpente; enquanto a fisionomia respirava uma experiência da vida e uma autoconfiança, impossíveis de descrever.

Kázi explicou-lhes a que vínhamos, e êle nos mandou sentar no chão, perto de si. Um dos discípulos trouxe-lhe um grande embrulho. Era o famoso livro mágico, do qual Vessantara ouvira falar. O livro, despojado de seus envoltórios de linho branco, resultou ser um manuscrito comum, sôbre fôlhas de pergaminho, com estranhos caracteres traçados em tinta dourada. Pareceu-me antiquíssimo. Suas margens estavam amareladas e as letras um pouco apagadas pelos anos e constante manuseio. O ancião colocou o livro no colo de Vessantara e disse-lhe que pegasse no cordão vermelho do registro e o passasse ao acaso entre duas fôlhas, abrindo-as logo naquele lugar. Vessantara obedeceu e o adivinho começou a ler o que estava escrito sôbre aquelas páginas e as seguintes, enquanto Kázi

Um velho Chorten tibetano.

traduzia suas palavras e eu tomava notas. Eis o que lhe disse o livro:

«Quando o consultante nasceu, a Lua estava em conjunção com o planêta Mercúrio e sob o signo de Touro.»

Seguiram, depois, detalhes precisos sôbre a vida passada e presente de Vessantara, que resultaram ser exatíssimos. Comigo, Mahima e Pierre ocorreu o mesmo. Estávamos todos atônitos. Acaso o adivinho lia o nosso pensamento e pretendia que tudo estava escrito naquele livro mágico? Não sei. Ali estava Kázi, que traduzia as palavras do livro serenamente, e dêle não podíamos duvidar.

E o adivinho continuou falando por muito tempo, com a sua voz rouca e cansada. Revelou-me fatos surpreendentes, muito íntimos, que só eu sabia. Revelou nomes de parentes e amigos que estavam longe, no Brasil, falou sôbre o destino angustiado que me segue há milênios e, finalmente, exclamou:

— Não te deixes absorver por pensamentos de poderio que tivestes em outras épocas. Tenta esquecer os erros, pois o remorso é uma forma de presunção. Por mais longe que possamos buscar na noite das idades, é impossível descobrir a origem de um sofrimento que não tenha uma causa. Esquece-te do EU e sê um instrumento que semeia a Paz, a Sabedoria e o Amor.

Fiquei perplexa e admirada com aquêle homem estranho. Finalmente, o adivinho calou-se. Sua fisionomia sofreu uma grande mudança. Cerrou os olhos e empalideceu ràpidamente. Seu corpo ficou rígido como uma estátua. Vessantara quis tocar no adivinho, mas, imediatamente, um dos discípulos falou:

— Não o toque, senhor! O mestre está em transe e se o interrompermos, podemos causar-lhe algum mal. Convém que se retirem...

Pierre tentou entregar aos discípulos algum dinheiro para pagar a consulta. Êles não aceitaram. E pediram que o déssemos de esmola aos pobres.

E assim, saímos da ermida do adivinho, que lá ficou entregue às suas meditações, enquanto partíamos de volta à cidade, perplexos e maravilhados com seus podêres mágicos.

* * *

No dia seguinte nos preparamos para assistir à festa do nascimento de Buda, no Templo das Mil Imagens. Entardecia quando chegamos. Um serviço religioso já começara no grande

pátio, em frente ao pavilhão central. O ar estava pesado de incenso. Sinos batiam. Soavam as longas trombetas tibetanas. Uma compacta multidão reunia-se no recinto da festa. No chão, viam-se os célebres círculos mágicos, desenhados com pós coloridos. A música religiosa prosseguia lenta e monótona. Seguiu-se um rito no qual o Abade queimou um boneco de cêra, com face humana. Consta que neste boneco os lamas concentram os pecados de tôda a comunidade. Depois, o súbito chamado do tambor precipitou as vozes num impulso mais forte. Trouxeram a estátua de um deus de quatro cabeças e oito braços.

— Por que tantas cabeças e tantos braços? — perguntei a Kázi.

— É muito simples — respondeu —, essas 4 caras olham para os 4 pontos cardeais, porém, tôdas pertencem a um só corpo e a um só deus. Como acreditamos que nosso excelso Guru é onipresente, seus rostos estão voltados para as quatro direções. Seus oito braços revelam sua onipotência e seu corpo nos expressa que é Uno, embora se encontre em tôdas as partes, sem que nada possa escapar aos seus olhos, que tudo vêem, nem às suas mãos justiceiras.

Eu ia replicar, quando cêrca de duzentos lamas começaram a dançar em volta da estátua de bronze. Era uma dança bárbara. Êles saltavam e gritavam, ao som dos tambores e das trombetas. Súbito, cessaram as danças. No centro ficaram apenas sete lamas. Altos e imponentes nas suas longas sotainas côr de laranja. Um toque mais cadenciado dos tambores advertiu ao povo que ia ser iniciado um rito mágico importante. E os lamas dançaram com movimentos lentos e harmoniosos.

De repente, deu-se um curioso fenômeno. Vimos, nìtidamente, formar-se, perto dos lamas, uma nuvem cinzenta. Esta nuvem condensou-se aos poucos, até formar a austera figura de um velho esguio e erecto. Seguiram-se palmas dos assistentes, as quais pareciam aclamar o recém-chegado. Ouvimos, então, a saudação unânime: AUM! AUM!

Era a palavra sagrada, pronunciada de um modo especial. Corresponde ao triângulo superior da Yoga e desperta as fôrças do Cosmos.

Seis materializações sucederam-se à primeira em curto espaço de tempo. Vessantara preparou a máquina e filmou o grandioso espetáculo. Estávamos confusos. Estaríamos mesmo presenciando a materialização de espíritos, ou sendo vítimas de uma alucinação coletiva? Mais tarde constatamos a veracidade do fato, pois o filme reproduziu exatamente o fenômeno das materializações. Soubemos que êstes estranhos fantasmas

Lama do chapéu vermelho, exorcizando os demônios.

TEIXEIRA

fluídicos, formados pelo ectoplasma dos presentes, não são espíritos de gente morta, mas sim espíritos encantados, fôrças vivas da Natureza, que vivem em seus quatro elementos: terra, água, fogo e ar. São chamados «Yidans» pelos tibetanos, que os consideram uma espécie de divindades tutelares.

Os tambores tocavam com maior fôrça à medida que iam surgindo os «Yidans». E êles dançaram um bailado cósmico, acompanhados pelos sete lamas. Nossa emoção era tanta que mal podíamos respirar. O filme provou-nos que não tínhamos sido hipnotizados. Sem dúvida, nada é mais fantástico do que a própria realidade!

A cerimônia terminou quando os lamas trouxeram, num andor florido, a estátua de Buda Menino e colocaram-na no pátio, para ser venerada pelos fiéis. Era uma bela estátua de ouro, e nela víamos as 32 marcas sagradas que distinguem os Budas. Entre êstes signos destacam-se as longas orelhas, que escutam sempre as músicas celestiais, a flor de lótus nas palmas das mãos e a suástica positiva, na planta dos pés.

Saímos do Templo, de madrugada, ao som de um grande búzio, que um menino noviço soprava lentamente. Partimos rumo à cidade e deixamos ali o Templo místico e enigmático, que nos emocionou e entorpeceu, como um filtro mágico de que nos falam as velhas lendas orientais.

A MORTE DE UM LAMA DO CHAPÉU AMARELO

— Partimos hoje para Tashilumpo — disse Kázi. Sua bagagem já está pronta?

— Falta apenas fechar as malas — respondi.

Nisso, um forte dobrar de sinos me sobressaltou, e um oboé iniciou uma melodia melancólica, em tom menor.

— Que será isso? — indaguei.

— Alguém partiu para a eterna morada! — disse Kázi.

Aproximamo-nos da grande janela da hospedaria e olhamos a rua. Havia um certo burburinho entre o povo. O morto devia ser alguém importante.

— Vou sair para saber quem foi! — falou Kázi.

Momentos depois Kázi voltou, dizendo:

— Deixou esta vida repentinamente o lama Sithar, um dos Budas Vivos de Gyangtse.

— Coitado! — exclamei, num impulso.

— Coitado, não! — disse Vessantara. Nós, os orientais, sabemos que a morte é pura ilusão e sentimos apenas, por algum tempo, a falta do convívio pessoal daqueles que partem para o além. Não sentimos pena porque sabemos que a alma é imortal e a morte não existe...

— Sim, é verdade — concordei, envergonhada porque tinha esquecido esta assertiva. Nunca devemos lamentar os que partem para outro estágio da vida.

— Seria interessante assistirmos ao entêrro de um lama — comentou Pierre.

Kázi teve um breve sorriso e disse:

— Nós não enterramos ninguém, tal como se faz no Ocidente. Aqui, é costume incinerar os corpos das pessoas, na parte do Tibet que tem bosques. Nas vastas regiões inóspitas do centro e do norte, onde não há outro combustível senão o estêrco dos rebanhos, o povo abandona seus mortos aos corvos, em lugares destinados para isso. Quanto ao corpo dos grandes dignitários religiosos, em geral são embalsamados por um processo duplo: sal grosso e cozimento na manteiga. Estas múmias chamam-se «mardong». Geralmente são encerradas num caixão de prata maciça, ornado de pedras preciosas, vestidos com suas togas de gala e com o rosto pintado de dourado. Em alguns dêstes caixões, guardados nos mosteiros, há um visor de vidro, colocado na altura da cabeça do morto, que permite aos visitantes contemplar a sua face dourada. Outros grandes lamas são simplesmente incinerados e suas cinzas conservadas num pequeno cofre.

E assim, soubemos que, quando o moribundo solta o último suspiro, os parentes vestem-no com as roupas ao contrário (a parte da frente do traje vestida para trás); logo amarram o cadáver na posição de Buda, com as pernas cruzadas, ou, então, com os joelhos dobrados, tocando o peito. Depois, nas aldeias, geralmente colocam o corpo dentro de um grande caldeirão. Quando mais tarde o cadáver é retirado, aquêle mesmo caldeirão, contaminado pelos líquidos que produzem a putrefação, é lavado sem grandes cuidados e ali se preparam chá ou uma sopa para as pessoas que assistem ao funeral...

O entêrro de uma pessoa comum é sempre tardio. Demora uns sete ou oito dias. Enquanto isso, os lamas rezam e dão conselhos ao morto, para que êle não se sinta muito aturdido no outro mundo. Informaram-nos, ainda, que há um célebre

livro tibetano, intitulado «Guia do Espírito no Além» Tse hdas kyi rmanches thog grang), que diz o seguinte:

«Os cadáveres devem ser transportados ao alto de uma montanha; ali, os despedaçadores dos corpos cortam seus quatro membros com um facão afiado. Colocam no chão as entranhas, o coração e os pulmões. Os corvos, os lôbos e as rapôsas se saciam.

O cadáver pode, também, ser jogado em algum rio sagrado, onde o sangue e os humores se dissolvem nas águas. Os peixes e as nútrias comem a carne e a gordura.

Os lamas devem ser queimados, para que a carne e os ossos se transformem em cinzas e os espíritos dos elementais «tisas» se nutram com o seu odor.

O Dalai Lama e os Budas Vivos devem ser embalsamados e colocados em criptas subterrâneas, nos templos em que viveram.»

As famílias tibetanas que têm meios de pagar aos lamas, repetem, diàriamente, os ofícios fúnebres, durante seis semanas. Logo, constroem uma efígie de madeira e vestem-na com as roupas do morto. Uma fôlha de papel branco representa a cabeça. Às vêzes, desenham o retrato do morto, porém o mais comum é comprar êstes retratos impressos, nos mosteiros. Há dois modelos: um, com a imagem de um homem e outro com a de uma mulher. Sob a imagem deixam um espaço em branco para que os parentes escrevam, à mão, o nome da pessoa que morreu.

No fim de seis semanas, os lamas queimam a fôlha que representa a pessoa morta. As roupas que vestiram a efígie fazem parte dos seus honorários, e, geralmente, se destinam aos pobres.

Após a incineração simbólica, os laços que uniam o morto com os parentes são considerados definitivamente destruídos. Aliás, os tibetanos se mostram extremamente desejosos de evitar qualquer contato com os mortos. Em geral, antes de o defunto ser conduzido para onde deve ir, um membro mais velho da família se dirige ao morto, mais ou menos nestes têrmos:

— «Escuta, fulano — diz êle —, tu estás morto. Lembra-te bem disso. Já não tens nada que fazer aqui. Come bastante pela última vez; pois tens que fazer uma longa viagem, enche-te de fôrças e não voltes nunca mais!»

Consta que, enquanto fazem esta cerimônia, o «espírito» anda através do «bardo» (região astral). Lá, êle há de encon-

trar sêres luminosos e formas horrendas. Se não consegue escutar os conselhos que lhe dão na terra, fica espantado e apavorado com estas visões. Mas, se, em vida, aprendeu algo sôbre o «bardo», entra consciente no além e quiçá encontre o caminho que o conduzirá aos deuses. Os que nada sabem sôbre êste assunto caminham como um autômato até o Tribunal de Chindjé, o juiz dos mortos. Êste, tal como o deus Thoth do velho Egito, examina os atos passados do morto, pesa-os, e, segundo a proporção que predomine o bem ou o mal, determina as condições de sua próxima reencarnação.

Quando ocorrem coisas estranhas na residência do morto, ou parentes começam a sonhar muito com o defunto, crêem que êste está sofrendo e precisa de auxílio. Nestes casos, algumas pessoas recorrem aos lamas adivinhos, que indicam o que devem fazer. Outras, porém, preferem as antigas práticas espíritas da antiga religião do país, a seita dos Bön-pas, os feiticeiros.

Assim, consultam um médium, «pao pamo» (homem ou mulher), que empreste seu corpo ao espírito do morto e fale por êle. As sessões espíritas do Tibet são muito diferentes das que se fazem no Ocidente. Geralmente, são feitas ao ar livre. Começam por uma salmodia, acompanhada por um tambor e uma sinêta. Depois, o médium começa a dançar lentamente. Em seguida, com passo mais rápido, até começar a tremer convulsamente. Isto revela que o espírito já tomou conta do corpo. Então, fica frenético e canta com voz entrecortada, o que o espírito deseja comunicar. É sempre muito difícil compreender as palavras dos médiuns, e, por isso, escolhem, para interpretá-las, os homens mais inteligentes da aldeia.

Durante as sessões acontece que diferentes espíritos se apoderam, sucessivamente, do médium. Às vêzes, êste último, impelido por algum espírito, atira-se sôbre um dos presentes e o cobre de pancadas. Ninguém oferece resistência a esta surra inesperada. Os tibetanos imaginam que ela concorre para livrá-los de futuros males.

Geralmente, os espíritos, interpretados pela pessoa eleita, a fim de conversar com êles, pedem o sacrifício de um porco ou de uma vaca, para serem libertados no astral. A família faz tudo o que lhe pedem durante esta cerimônia e, quando tudo termina, fica aliviada, crente que ajudou muito ao parente morto...

Quando se confia a um lama o cuidado de libertar o espírito, não se oferece sacrifício algum por sua redenção, pois o budismo proíbe o sacrifício de animais. Os lamas limitam-se a

rezar pelo defunto. Mas tal não acontece entre a maioria dos tibetanos que só têm um ligeiro verniz de lamaísmo, e, na realidade, são verdadeiros feiticeiros ignorantes.

RITOS DE UM ENTÊRRO NO PAÍS DAS NEVES

Durante todo aquêle dia, os cânticos lúgubres se elevaram lentos e monótonos pela cidade de Gyantsé, que chorava a morte do seu Buda Vivo. No dia seguinte, na terceira hora da tarde, partimos rumo ao mosteiro onde viveu o lama. Um rito misterioso ia ser cumprido, e os grandes lamas dos outros mosteiros de Gyangtsé estavam todos presentes. Penetramos no mosteiro, muito semelhante ao de Kargyompa em Sikkim, e ali no parque, sôbre uma grande essa, estava o corpo do defunto, cuidadosamente embalsamado. Estava quase nu, apenas com uma tanga amarela, e o corpo amarrado na posição de Buda. Em volta dêle os lamas recitavam as preces mágicas. O lama, rodeado de seus fiéis discípulos, parecia estar vivo e a meditar, sereno. Os domínios da vida e da morte se confundem ràpidamente nesta terra, onde quase todos os lamas julgam ter atravessado, ainda em vida, os umbrais do além...

Antes de morrer, o Buda Vivo tinha indicado o corpo onde sua alma iria habitar. Tratava-se de um garôto de oito anos, filho de uma pobre família de Gyangtsé. Num canto do imenso parque, um grupo de lamas cerca a criança, que está vestida com uma túnica amarela. Seu rosto reflete um certo mêdo de tudo.

Súbito, os gongos ressoaram, os tambores se agitaram, e os sinos começaram a lançar no espaço os seus apelos agudos. O menino teve uma espécie de estremecimento. Os lamas trouxeram-no para junto do cadáver. O sândalo e o incenso sobem em volutas espêssas do grande braseiro de prata.

Lentamente, avança uma procissão de lamas, cantando hinos. Com grande cuidado, êles desamarraram os braços do morto que repousava na sua eterna meditação. Depois, colocaram o corpo do menino sôbre os joelhos cruzados do cadáver e tornaram a amarrar os braços... Um véu de musselina branca cobriu a ambos e, bruscamente, os tambores começaram a tocar.

A voz grave de um dos lamas pronuncia as palavras ritualísticas. A alma dos tibetanos, religiosa até à loucura e mística até o fanatismo, exala um suspiro durante esta misteriosa invocação, que possui um encanto estranho.

Então, deu-se um fato singular. Ouviu-se um grito agudo. Os lamas se precipitaram para o grupo coberto pelo véu. E, completamente surpresos, vimos os braços do morto se abrirem lentamente e logo, de pé, com os olhos brilhantes e uma voz de homem maduro, numa atitude de absoluta autoridade, o menino avançou para os lamas e disse:

— Sou eu, o lama Sithar! Desci de onde estava repousando para vir habitar novamente entre vós, amados discípulos, e continuar a minha missão na terra, até que esteja terminada.

E numa exaltação bizarra, o menino continuou falando. A expressão infantil do seu rosto tinha desaparecido e, em vez dela, vimos uma energia espiritual, uma experiência mística madura e profunda saindo da bôca infantil, numa voz de homem...

Diante dêle os lamas colocaram as taças de chá da comunidade, misturando, intencionalmente, objetos que tinham pertencido a Sithar. Percebemos que o menino, ao ser solicitado pelo abade, escolheu, ràpidamente, alguns objetos sagrados.

— «Êste é o meu punhal, êste é o meu chapéu e aquela é a minha taça!»

Um a um, os lamas vêm prestar homenagem ao nôvo Buda Vivo, que, com gestos graves e solenes, abençoa a todos. Chegou a vez do povo e todos se aproximam reverentes. Após abençoá-los, o menino prosseguiu dizendo:

— ... «Possuir a sabedoria penetrante que descobre em tôdas as coisas os elementos de que elas são compostas, assim é o infinito; possuir a sabedoria que dissipa a ilusão da realidade durável das formas e da personalidade é indispensável para que sejam eficazes a compaixão, e todos os atos que praticamos. Sei que durante minhas vidas anteriores possuí muitos dons, mas não os usei totalmente. O reino da amizade universal não pode vir a não ser da posse desta sabedoria, que quebra os limites ilusórios do «EU», fazendo-nos ver os «OUTROS» que habitam em nós e o «NÓS» que existe nos outros. Esta sabedoria eu não posso ensiná-la, nem de vos tornar capazes de divulgá-la no mundo. Eis o que resolvi fazer. Vou encerrar-me na minha cela durante três anos, três meses, três semanas e três dias. Se durante êste período eu conquistar a sabedoria que desejo, voltarei para iniciar aquêles que estão preparados. Caso não consiga a minha meta, continuarei recluso por tempo indefinido. É para obter êste conhecimento da sabedoria universal que eu voltei.»

A agitação entre os presentes era extrema. Todos queriam saudar o Venerável que tinha voltado para instruí-los. Mas o

menino desmaiou de repente. Alguns lamas correram para ampará-lo e colocaram-no deitado sôbre umas almofadas. O menino aos poucos voltou a si e olhou com espanto para aquêles que o cercavam.

— Sente-se melhor, Precioso lama?

— Eu não sei quem sou, parece que adormeci e tive um sonho...

— Precisas descansar, senhor — disse o abade. Acha que pode andar? Se isto o fatiga podemos levá-lo no colo.

— Estou bem... um pouco fraco... mas posso andar.

E o menino levantou-se. Antes de sair do parque olhou para o corpo do velho Lama, e, pálido e um pouco abatido, retirou-se apoiado no braço do abade.

Os sinos e os tambores continuaram a tocar, enquanto os lamas colocavam o cadáver do lama num esquife de prata e, carregando-o nos ombros, colocaram-no num subterrâneo e trancaram a pesada porta. Enfim, fêz-se silêncio e o povo começou a retirar-se convicto e feliz, porque o seu Buda tinha voltado...

Coisa estranha que não entendi.

Capítulo V

MILAREPA, ERMITÃO, FEITICEIRO E POETA — O SEGRÊDO DO YETI, O HOMEM DAS NEVES — MAGIA NEGRA NO TETO DO MUNDO — O MISTÉRIO DA SUCESSÃO DOS LAMAS — NOTAS SÔBRE O SISTEMA DE GOVÊRNO DO TIBET.

Nossa caravana serpenteia por um estreito caminho, ao lado de um abismo profundo. Pouco adiante encontramos alguns iaques, conduzidos por um camponês. Enormes e pesados, com seus chifres grossos e arqueados, marcham lentamente; os pêlos cinzentos e sujos que pendem de seus flancos formam um pesado manto que os protege do intenso frio. Seguimos rumo à Tashilumpo, em nossa rota para alcançar a cidade santa de Lhassa, capital do Tibet. Passamos por um lugarejo chamado Lapsché, onde há uma pequena ermida de pedra branca, centro de veneração dos tibetanos. Consta que lá viveu o famoso santo tibetano Milarepa, discípulo do mui venerado Mestre Marpa, que, por sua vez, foi discípulo do grande Tilopa. A sombra dêstes três ascetas há séculos que paira sôbre o Tibet. Os versos de Milarepa ainda hoje estão na bôca do povo e sua vida e sua lenda são das mais interessantes. Milarepa foi uma das figuras mais extraordinárias do Tibet. Feiticeiro, ermitão, poeta, profeta, filósofo e criminoso, alma tumultuosa, sempre angustiada entre o bem e o mal, gigantesca energia espiritual em meio às neves do Himalaia...

A vida de Milarepa nos é contada por seu discípulo Rechung num livro, que, após muitos séculos, não cessa de emocionar os tibetanos. * É uma espécie de romance policial e místico. Nêle, fala-se de crimes e de visões, de lutas e de magias. A infância de Milarepa foi feliz até certa época. Nasceu êle cêrca do ano 1030, duma família importante e rica do Tibet. Mas, quando o menino tinha sete anos, seu pai morreu e as dificul-

* Êste livro foi traduzido para o inglês pelo lama Dawa Sampubs e publicado em Londres, em 1928, pela Oxford University Press.

dades começaram. Nesta primeira parte da sua biografia, a figura predominante é a de sua mãe, mulher vingativa e prepotente, que ameaçou suicidar-se caso Milarepa não fôsse estudar magia negra a fim de destruir 35 pessoas que lhe eram hostis.

Mas o que teria sucedido para levar a mãe de Milarepa a tais extremos? Seu marido, antes de morrer, tinha deixado a administração dos seus bens a seu próprio irmão e à cunhada, estipulando que êles dariam tudo a sua viúva e a seus filhos. Mas o testamenteiro começou logo a dispor da fortuna do irmão como se ela lhe pertencesse, obrigando Milarepa, sua irmã e sua mãe a trabalharem constantemente para êle.

Um dia, quando Milarepa completou quinze anos, sua mãe vendeu um pedacinho de terra que possuía e convidou todos os parentes e amigos para uma festa. Após o jantar, ela releu o testamento do marido e pediu ao cunhado lhe desse tudo o que lhe pertencia por herança. Mas, o cunhado sorriu e declarou, cìnicamente, que tinha emprestado muito dinheiro ao irmão e, portanto, não tinha nenhuma dívida para com Milarepa, nem sua mãe. Como não dispunha de meios para provar o valor dos seus direitos, a viúva deixou a festa em prantos e partiu para longe com os filhos.

Certa noite, voltando de um passeio, Milarepa entrou em casa um pouco alegre demais. Furiosa, a mãe jogou-lhe no rosto um punhado de cinzas e, evocando o espírito do marido, caiu desmaiada. Milarepa voltou a si da embriaguez e, chorando, esfregava as mãos de sua mãe, procurando fazê-la despertar. Foi então que a mulher concebeu um plano vingativo. Resolveu que faria de seu filho um grande mago negro e, com seus sortilégios, destruiria todos os seus malditos parentes!

E fêz com que o filho partisse em busca de um grande feiticeiro que lhe ensinasse a sua arte maléfica. Ao despedir-se, ela deu a Milarepa uma pequena turquesa e um velho cavalo, dizendo:

— Se voltares sem saber magia negra, eu, tua velha mãe, me matarei diante dos teus olhos!

E foi assim que Milarepa partiu em busca de um mestre que lhe ensinasse magia negra. Após uma longa viagem, êle encontrou um feiticeiro, que o iniciou em seus segredos. E após algum tempo, chegou o dia da vingança. Na aldeia onde nasceu Milarepa, seu tio tinha convidado muita gente para a festa do casamento de sua filha mais nova; as fôrças mágicas agiram de longe e a casa ruiu. A carta que sua mãe lhe escreveu parece um boletim de guerra: «Trinta e cinco pessoas

morreram durante a festa. Agora, os desejos de sua velha mãe estão satisfeitos...»

Milarepa tornou-se homem em meio a ódios implacáveis, amôres desregrados, deboches, crimes e misérias. Mas um dia, eis que se produziu a conversão de Milarepa. Cheio de remorsos, êle voltou-se para a filosofia yogue e, deixando tudo, saiu em busca de um Guru (Mestre), que lhe ensinasse a ciência do bem. Após muito vagar, entrou em contato com o asceta Marpa, tradutor dos livros sagrados da Índia. Se a primeira parte da vida de Milarepa foi dominada pela figura de sua mãe, a segunda o foi pela figura memorável de Marpa, que, apesar de iniciado, era um homem violento, brigão, grande conhecedor das ciências esotéricas, mas cheio de caprichos, eternamente insatisfeito com os discípulos. Às vêzes, injusto e cruel, Marpa tinha por espôsa uma velha mulher que era tôda suavidade e doçura, que procurava interceder junto ao marido em favor dos discípulos.

Marpa, que previra as grandes possibilidades de Milarepa, procurava provar sua fôrça e sua paciência de tôdas as maneiras. Certa vez mandou-o construir, sem nenhuma ajuda, uma ampla casa, e assim que esta estava pronta, mandou-o desmanchar para construí-la de nôvo. Milarepa tinha que desenterrar as pedras para a construção num lugar bem longe e depois transportá-las às costas. O roçar das pedras acabou por produzir-lhe horríveis chagas, que logo infeccionaram. O pai espiritual do trabalhador parecia indiferente ao sofrimento de Mila, e continuou maltratando-o. Enfim, após duas fugas de Mila e duas voltas arrependido, chegou o momento de Marpa dar-lhe a iniciação.

A vida em comum de dois homens de caráter tão marcante era impossível. Por isso, Milarepa deixou o mestre e foi viver longe, numa montanha altíssima, em completa solidão. Antes, porém, Milarepa decidiu rever sua mãe. Voltou a sua cidade, mas encontrou a casa dos seus destruída. De sua mãe, só pôde recolher os ossos. Sua irmã Peta tinha desaparecido. Dzese, a pequena noiva de sua infância, ainda o esperava; mas suas vidas, separadas pela conversão de Mila, não podiam mais se unir. Milarepa partiu desiludido, e compôs um poema sôbre a vaidade da vida :

Pátria, casa, campos paternos
pertencem a um mundo sem realidade.
Quem quiser que os venere...
Eu, Mila, o ermitão, vou em busca
da grande libertação espiritual!

Refugiado numa gruta da montanha, Milarepa dedicou-se à meditação e ao ascetismo. Cada dia êle reduzia sua alimentação, e terminou por se nutrir apenas de algumas raízes. Passaram-se os meses, os anos; e êle já não tinha mais roupas, seus cabelos caíam-lhe pela cintura, seu corpo estava reduzido a um saco de pele sôbre um arbusto de ossos. Milarepa fazia abstração do mundo terreno e vivia no império do Absoluto; conhecia os êxtases inefáveis.

Tempos mais tarde, sua irmã veio ao seu encontro, na ermida. Chegou à gruta e ficou aterrorizada com o estado de magreza e de sujeira de Milarepa. E tentou dissuadi-lo de levar aquela vida insensata; pediu que voltasse ao convívio dos homens. Deu-lhe de comer e fêz-lhe uma tanga para cobrir a nudez. Milarepa, indiferente a tudo, respondeu com um poema :

Ó irmã, criatura apaixonada pelo mundo...
Êste laço parece com as rédeas que prendem os cavalos selvagens, a sua simples vista ficam cheios de indignação —
Meu alimento é igual ao dos cachorros, a sua vista, outros ficarão nauseados... mas eu... sinto-me livre...
Minha conduta parece a de um louco e minha irmã tem vergonha de mim, mas... meu espírito é verdadeiramente o de um Buda.

E assim, passaram-se, ainda, numerosos anos de solidão e penitência. Milarepa chegou a um tal estado de pureza, que realizou o prodígio da levitação e o domínio do «tumo», ou calor interno, tal como fazem os «lung-om-pas».

Um dia, quando Milarepa saiu de sua gruta para ir em busca de um outro lugar mais solitário ainda, o potiche de barro, onde êle cozinhava urtigas para comer, partiu-se em mil pedaços. Então, Mila sorriu e compôs um poema :

Há pouco eu tinha o meu potiche de barro,
agora já não o tenho...

Consolo-me pensando na lei da impermanência
das coisas e das criaturas.

Por isso, continuarei meditando sòzinho.

O potiche de barro que era o meu único tesouro,
quando quebrou-se ficou transformado
num mestre para mim.

Esta lição da fatal impermanência das coisas
é uma grande maravilha!

Precisamente quando Milarepa cantava êste seu poema, dois caçadores chegaram ao seu retiro. Ficaram estupefatos ao ver um ser humano naquele estado de magreza. E perguntaram?

— De onde vens, ó ermitão?

Milarepa compreendeu a surprêsa dos caçadores, e respondeu:

— Aos vossos olhos pareço um ser imundo e miserável, mas saibam que ninguém na terra é mais feliz do que eu.

E saiu cantando um outro poema:

«...o cavalo que é a minha alma voa como o vento...»

E assim, de gruta em gruta, sempre compondo versos e cantando, Milarepa envelheceu feliz. Mesmo o seu fim, cada um dos atos e cada uma das palavras do seu fim são um drama. Um famoso lama, chamado Tsapuwa, ofereceu-lhe hospitalidade durante uma de suas viagens. Mas, invejando os podêres miraculosos de Mila, mandou que sua concubina oferecesse ao ermitão uma comida envenenada. Mila abençoou-a mesmo sabendo que ela era o instrumento do seu fim. Antes de comer, êle disse mansamente :

— Irmã, procurarei libertar-te do Carma dêste crime. Saiba que esta comida envenenada não me afetaria em nada se eu não tivesse terminado a minha missão na terra. Mas, tranqüiliza-te, por enquanto ninguém saberá que fui envenenado...

Então, Milarepa enviou um discípulo em busca de todo o povo de Tingri e Nayaban e a todos que o conheciam e nêle tinham fé. E assim, durante vários dias Milarepa pregou a sua doutrina de Paz e Amor. E diz a tradição que todos viram sinais estranhos no céu, enquanto Mila falava. Quando terminou o seu último sermão, Milarepa abençoou a todos, e despedindo-se, falou :

— Minha vida e a minha influência em converter os outros alcançaram o seu fim. Agora, eu devo enfrentar a conseqüência de ter nascido.

E partiu para a sua gruta em Chubar. Lá, entrou em samádi (êxtase) e todos compreenderam que Milarepa tinha partido para o único mundo real, que tão completamente o absorvera.

Tôda esta história veio-me à lembrança, ao contemplar a pequena casa de pedra branca de Lapché, que dizem ter

sido construída pelo poeta Milarepa, quando ainda era discípulo de Marpa.

Pela estrada, caminhavam três camponeses a cantarolar trechos dos poemas de Milarepa. No horizonte, ultrapassando as nuvens, o Monte Guring ecoava em seus altivos picos a canção dos camponeses...

O SEGRÊDO DO YETI, O HOMEM DAS NEVES

— Além daquele Monte — disse Kázi — é que o povo diz habitar o Yeti, o homem das neves.

— Mas isto não passa de uma lenda, não é mesmo?

— Talvez... dizem que êle é uma reminiscência do gigantesco homem das cavernas, da idade da pedra. São sêres que seguiram um caminho de evolução diverso dos homens e só podem viver nos lugares nevosos, desertos e inóspitos. Freqüentemente, contam-se histórias de Yetis que deixam suas montanhas e são vistos rondando algumas zonas habitadas, tentando raptar mulheres. Talvez, por isso, continue a existência da raça dos Yetis.

— O estudo científico do homem, na História da Civilização — disse Pierre Julien —, calcula em cêrca de 500 mil anos o nosso aparecimento sôbre a terra. E verifica um fato natural, até hoje sem uma explicação satisfatória : — o salto brusco e enigmático que há na Evolução de Darwin, verdadeira lacuna entre o «macaco superior» e o homem inferior. Talvez, caso realmente exista, o Yeti seja êste ser desconhecido entre o homem e o macaco, que preenche esta lacuna que a ciência de Darwin não soube explicar.

O lama Kázi encarou Pierre e retrucou:

— Dizem nossas remotas tradições que existe na Criação, entre o homem e o macaco, um ser desconhecido na terra, que não se encarna nem reencarna na terra, mas em outras regiões do infinito. Êsse ser é, ao mesmo tempo, o primeiro homem e o último símio, ou melhor, o macaco que deixou de ser mono e vestiu a roupa biopsíquica do homem, alterando a sua anatomia, sua evolução e seu psiquismo. Nossos livros sagrados afirmam que, na verdade, o macaco é um parente próximo do homem, e o mesmo acontece com o Yeti, mas a evolução do princípio do animal à racionalidade humana se processa fora da terra, em condições e aspectos que a humanidade ainda não pode compreender...

Pierre ia retrucar com uma daquelas suas frases irônicas, quando Mahima exclamou :

— Vejam! Lá está Tashilumpo!

Do alto da colina avistamos a pequena cidade, situada numa planície sêca, rodeada de colinas. Ao longe, via-se, também, a cidade de Gobshi, às margens do rio Ralung.

Algum tempo depois, chegamos a Tashilumpo, que fica a 4 785 m de altitude. No horizonte destacava-se o perfil da colossal montanha Nojin Kang-Sang (7 920 m), ou a Nobre Geleira do Gênio.

Kázi estava visìvelmente contrariado em passar por Tashilumpo, pois dizia que ali era a região dos feitiços onde vive a maioria dos lamas de gorro negro, feiticeiros famosos pelo seu poder diabólico. Consta que a principal regra dêstes bruxos é ter ódio a tudo e a todos. São homens e mulheres de instintos baixos, que dominam, màgicamente, os sêres elementais inferiores, provocando uma série de fenômenos maléficos. Nossa intenção era ficar pouco tempo em Tashilumpo. Apenas o necessário para renovar nossa provisão de alimentos, ferrar os cavalos e tomar um banho.

Pelo caminho, cruzamos com vários pastôres, um velho tratador de iaques e algumas mulheres do campo, umas trazendo feixes de lenha, outras tirando água dos poços. Olharam o nosso grupo com interêsse. Paramos para fotografá-las e uma delas deu a Mahima uma florzinha silvestre chamada Fada das Delícias.

As casas, em sua maioria, eram de pedra, lembrando as velhas construções dos tempos de Ghengis Kam. O povo parecia triste e mal nutrido. Via-se pelas ruas uma grande quantidade de cachorros vadios, imundos e doentes. Paramos num albergue, sem o menor confôrto, onde a custo conseguimos um local para repousar. Enquanto se ultimavam os preparativos para prosseguirmos jornada, Vessantara e Mahima convidaram-me para darmos uma volta pela cidade.

MAGIA NEGRA NO TETO DO MUNDO

Saímos andando, em meio ao povo, e alcançamos a grande praça do mercado. Lá é que o povo troca peles por alimentos, compra roupas tecidas com pêlo de iaque, amuletos, rezas, elixires de longa vida. Vimos garras de pantera encastoadas em prata, rosários de sementes de roudrach, ídolos talhados em madeira e em pedra calcária. Vendo uma coisa e outra, fo-

mos nos afastando do centro e entramos, distraìdamente, por um caminho estreito que conduzia a um vale tristonho, povoado de uma vegetação exótica. Apaixonado por botânica, Vessantara começou a examinar aquelas plantas e a explicar-nos muitas coisas interessantes, que ignorávamos.

Ficamos tão distraídos, que nos surpreendeu bastante ver que a tarde ia morrendo. Súbito, já era noite. Uma chuva fina principiou a cair. O ar pareceu encher-se de uivos de lôbos. A impressão era de que as trevas pareciam vir não do alto, mas da própria terra em nossa volta. Retrocedemos sôbre os nossos passos, mas não conseguimos encontrar o caminho de volta. Não tínhamos nem uma lanterna de bôlso, nenhuma luz que nos ajudasse. Caminhamos sem saber por onde, lutando contra o vento forte que começou a soprar de repente. Depois de vaguear longo tempo, por entre a neblina, encontramos uma pequena gruta rochosa, e aí nos abrigamos. Mil histórias de duendes passaram-me pela cabeça. E se aquela gruta fôsse o antro de um tigre ou outra fera qualquer? Eu estava realmente muito nervosa. Parecia que as fôrças malignas queriam se apossar de mim. Vessantara, percebendo o meu estado, pronunciou uma estranha palavra sânscrita, num tom bizarro. Logo, senti-me melhor.

Então, Vessantara começou a conversar sôbre a nossa próxima chegada a Lhassa. Nossos planos para visitar o Dalai Lama, no palácio Potala, e aquela conversa foi me distraindo e acalmando. E assim, o tempo passou em revoada, sem que nós o percebêssemos. Quando deixamos a gruta, a madrugada ia alta. O ar ainda estava pesado e molhado de névoa, como os olhos depois do pranto. Uma rajada de vento rompeu a asfixiante cerração noturna, e seguimos andando pela mata. Era um caminho sinuoso, que findava numa encruzilhada. Perto, erguia-se um casarão cinzento e semi-iluminado. Começamos a ouvir o som cadenciado de um tambor. Vinha lá de dentro, da casa cinzenta. Paramos para escutar. Velas prêsas aos mourões ardiam com um odor acre e, seguindo a direção do vento, lambiam as sombras com uma língua fumacenta. Um rumor de vozes masculinas, lá dentro, anunciou que, certamente, ia começar algo estranho. Levados pela curiosidade, rodeamos a casa, com extremo cuidado e mêdo. Escondemo-nos atrás de uma moita e vimos o que se passava através de uma grande janela aberta.

Era uma sala ampla e sombria. A um canto, um grupo de mulheres, sentadas no chão, com as pernas cruzadas. No meio, um grupo de homens mal encarados parecia esperar a ordem de alguém. Sôbre um altar, erguia-se uma estátua de bronze, representando um bode. Era uma estátua singular. A

figura era humana da cintura até o pescoço; a cabeça e o resto, porém, eram de bode, com grandes chifres recurvos, pintados de prêto. Ao lado da estátua, estavam sentados cinco velhos decrépitos. Sôbre a pele escura e luzidia, vestiam apenas um grande avental parecendo feito de ossos humanos. * Na cabeça, um gorro de pele preta. Suas mãos curtas e grossas, e de longas unhas, batiam rìtmicamente sôbre tamborins cheios de guizos em volta. Súbito, abriu-se uma porta e entrou um ruidoso grupo de homens e mulheres, vestindo longas túnicas vermelhas. Fizeram uma roda e começaram a dançar frenèticamente. Seus rostos estavam crispados, seus olhos arregalados e as bôcas pintadas de roxo. Na mão esquerda, agitavam grandes máscaras monstruosas dos demônios Chi Kang, que, em dado momento, colocaram no rosto. Pareciam possessos, dominados por entes diabólicos. Súbito, por trás do altar, apareceu uma mulher coberta com um manto negro. Era alta e esguia. Usava um estranho penteado, em forma de chifres. Ela entrou na dança e, num segundo, seu rosto moreno e formoso transfigurou-se numa expressão de ódio. Rodearam-na sete homens, moços ainda, usando apenas o avental de ossos e com uma corneta na mão. Suas cabeças eram raspadas, os rostos bronzeados, ornados de profundas olheiras. Entraram no meio da roda e se ajoelharam, enquanto os outros entoavam um cântico misterioso.

Uma mulher entregou a um dos velhos uma cesta cheia de velas vermelhas e pretas e, uma a uma, êle as foi acendendo e colocando sôbre a cabeça dos que estavam ajoelhados. Depois, com a ponta de um punhal fêz uma leve incisão no braço da mulher que usava o manto negro. Em seguida, fêz um outro corte mais fundo e o sangue jorrou. Foi recolhido numa tigela de madeira. Os outros deram, também, um pouco do seu sangue, até encherem a tigela. Mergulhando os dedos da mão esquerda naquele sangue, o velho gritou uma invocação.

Houve uma breve pausa. E os feiticeiros queimaram um punhado de ervas num enorme braseiro de bronze. A sala encheu-se de vapôres espessos, projetando no ar imagens fantásticas e fugazes. Algumas pessoas do grupo torciam as mãos e os braços, agitados por espasmos convulsivos. Foi então que o velho que dirigia a macabra cerimônia derramou um pouco de sangue em seus pés e deu o resto para a sacerdotisa beber. Senti uma contração no estômago e, a custo, controlei a minha repugnância. Nisto, um homem abriu um pesado repos-

* Mais tarde tivemos a confirmação de que se tratava realmente de ossos humanos, o que, aliás, faz parte da feitiçaria tibetana.

teiro vermelho e surgiram sete bodes prêtos, que correram pela sala fazendo um barulho infernal. Os tamborins ressoaram lúgubres. A sacerdotisa tirou o manto e apareceu nua diante de todos. Tinha um belo corpo bronzeado. O velho aproximou-se e começou a untar-lhe os braços e as pernas com uma estranha pasta cinzenta.* Estávamos paralisados de nojo e de horror. Os bruxos seguraram os animais pelos chifres, colocando-os no centro do recinto. Em volta dêles o velho derramou um pó cinzento, ateando-lhe fogo. Ouvimos um estrondo. Momentos depois, um clarão ofuscante iluminou o aposento, e ouvimos um choque que parecia vir de cima, do teto da casa. Uma nuvem escura foi-se condensando, aos poucos. Lentamente, foi se materializando um ser monstruoso. Era um gigante peludo, com quatro cabeças e quatro braços. Acreditamo-nos vítimas de forte alucinação. Felizmente, a visão durou apenas um segundo. Em lentos passos de dança, a sacerdotisa aproximou-se de um tapête de pele de iaque prêto. Ali, deitou-se com a cabeça voltada para os bodes. Os braços e as pernas estendidos e abertos. Então... seguiu-se uma cena orgíaca, a qual deixamos de descrever por ser de uma baixeza indescritível. Os limites da repugnância foram ultrapassados.

O repique entrecortado dos tambores preludiou, ampliando-se num sombrio volume, que estalou sôbre a madrugada, e o cântico unânime subiu apoiado no ritmo antigo. Senti que ressuscitava da noite dos tempos a potência tenebrosa dos velhos demônios tibetanos. Adiantou-se um homem gordo, usando uma tanga vermelha. Vencido pela mágica pulsação do tambor, começou a dançar. Agitava um chocalho ritual, feito de uma cabeça vazia, e ornado com o que parecia ser vértebras de cobra. Depois, os tambores se acalmaram. Com o rosto convulsionado, vimos duas mulheres cambalearem. Dançavam, agora, debatendo-se no abraço violento dos demônios, que as possuíam. As mais estranhas coisas começaram a acontecer. Punhais e velas voavam sòzinhos pelo ar. Em volta do bode colocaram uma espécie de torta, redonda e chata como um pão árabe. Eram as famosas tortas voadoras, de que ouvíramos falar. Por meio de palavras misteriosas, os bruxos animaram as tortas, que começaram a voar como pássaros. Davam voltas pela sala, sem causar nenhum estrago. Depois, abriram uma brecha numa das paredes e desapareceram. O tambor ressoou, precipitando os cânticos num nôvo impulso. As vozes dos homens e das mulheres fundiram-se muito alto. E todos entregaram-se a uma dança desenfreada.

---

* Fui informada, depois, que essa pasta era feita de fuligem, gordura e excremento de bode, consoante o ritual da feitiçaria tibetana.

A custo, conseguimos nos libertar da fôrça oculta que parecia nos prender e proteger naquele lugar. Sentimos no rosto um ardor estranho. E dentro em pouco ficamos empolados, como se tivéssemos sido mordidos por mil abelhas. Não sabíamos a que atribuir tais sintomas. Andamos apressadamente para longe daquela região negromante e, finalmente, saímos num caminho que nos conduziu ao grande mercado e logo ao albergue, onde nossos companheiros nos esperavam apreensivos. Após ouvir o relato da nossa ventura, o lama Kázi falou :

— Os senhores estiveram junto da ermida do feiticeiro Tralung. Estão sentindo o efeito da magia que os bruxos praticaram...

— E o que devemos fazer ? — perguntei ansiosa.

— Vou preparar um antídoto com o suco de umas ervas que vendem no mercado. Esperem-me aqui !

Pouco depois êle voltava, trazendo uma tigela de madeira, na qual socara umas ervas muito verdes e cheirosas.

— Esfreguem isso na pele, enquanto eu digo, um Mantra (oração).

Assim o fizemos. E o mais inacreditável aconteceu. Assim que o suco da planta ia penetrando em nossos poros, o ardor e a vermelhidão iam desaparecendo completamente.

Contentes com os resultados, agradecemos a Kázi, e apressamo-nos em partir logo daquela região negromante. Horas depois, com tudo pronto, montamos a cavalo e deixamos Tushilampo para trás, um pouco tristes em ver o atraso daquelas mentes sinistras, que um dia, tão caro, hão de pagar as suas faltas, sob o poder implacável da eterna Lei do Retôrno.

Durante a jornada, Pierre Julien narrou uma curiosa história acêrca de uma notável experiência no mundo das bruxas, realizada pelo diretor do Instituto Alemão de Etnologia. A história é das mais curiosas e merece ser transcrita:

Anos antes da II Grande Guerra, o professor Will-Erich Peucker, um dos melhores conhecedores de lendas européias, teve a surprêsa de receber, entre numerosas cartas de tôda parte do mundo, a proposta da grande revista americana «Life», de repetir as suas recentes experiências em presença de um repórter. O diretor do Instituto Alemão de Etnologia não contava com êste forte eco internacional. Tratava-se, para êle, de uma receita de feitiçaria, descoberta num livro de bruxas da Idade Média, e que êle tivera a paciência de experimentar

60 vêzes, sempre com resultados surpreendentes. O professor Peucker seguira mais uma vez o princípio de se submeter a si próprio a esta curiosa experiência. Esperava provar novamente que, nestes documentos de crendices, há elementos altamente interessantes, assim como informações valiosas sôbre a época em questão.

O professor seguiu rigorosamente as indicações de uma receita anotada em 1568, e fabricou uma pomada cinzenta, cujos ingredientes principais são plantas venenosas, quase tôdas elas solamáceas, destacando-se o extramônio. Obteve, assim, uma autêntica «pomada de bruxas». Pediu a um advogado seu amigo que o acompanhasse na sua experiência. E um dia, fecharam-se no gabinete de trabalho do professor Peucker e aplicaram a pomada, em obediência à receita, na testa e nas axilas. Logo êles foram acometidos de um leve cansaço, que se foi aprofundando a ponto de caírem num estado de ebriedade; finalmente, adormeceram profundamente. Decorridas 20 horas — a experiência começara num dia à tarde —, acordaram ao cair da noite do dia seguinte, com dores de cabeça, a bôca sêca, a garganta a arder, num estado idêntico ao que se observa depois de uma forte embriaguez alcoólica.

Sem trocarem sequer uma palavra, o professor e o advogado anotaram as suas impressões físicas e psíquicas, os seus sonhos e as suas visões. A coincidência dos apontamentos é surpreendente: ambos tinham empreendido vôos fantásticos, encontrado entes fabulosos, com caretas em vez de fisionomias, celebrado festas grotescas, caído em abismos, empreendido cavalgadas por uma região infernal. Para ambos a aventura terminou com sonhos orgíacos acompanhados de visões horrendas, de extraordinária plasticidade. A surprêsa foi ainda maior quando se verificou que os seus relatos correspondiam, no seu conjunto, em inúmeros pormenores, às confissões arrancadas às bruxas pelos algôzes da Idade Média.

O professor Peucker concluiu, de sua experiência, que essas pretensas bruxas, ávidas de vivências, utilizaram a pomada como estupefaciente medieval. Contraíram, assim, o vício da sua utilização e, mais tarde, confundiam os sonhos com a realidade ou foram forçadas, por suplícios a contarem os seus sonhos. Não é de admirar que os homens da Idade Média acreditassem nestes relatos pormenorizados de cavalgadas com bruxas, de orgias com diabos e do «Sabat» dos feiticeiros. Segundo as investigações do professor, pomadas dêste gênero já foram conhecidas nas costas do Mar do Norte e do Báltico, há mais de setecentos anos.

O professor alemão tomou muito a sério as suas análises científicas sôbre as bruxas, bem como os seus testes. Nos

livros das bruxas e dos magos da Idade Média, êle encontrou receitas ainda hoje usadas por muitas donas de casa, como, por exemplo, o chá de tília para acalmar e produzir o sono, o chá de fôlha de pitanga para eliminar a febre, a canela, sassafrás e a raiz de suína contra as dores nevrálgicas, etc. O ilustre professor Peucker experimentou também certos conselhos mágicos, tais como o de se dar a um cão um pedaço de pão que estêve colocado debaixo da axila direita durante meia hora. Diz o professor que o cão transforma-se no mais fiel e dedicado dos companheiros e jamais abandona o seu dono. Conseguiu, ainda, provar que a maioria das receitas mágicas são derivadas de receitas de grandes médicos europeus dos tempos medievais.

Afirma o professor alemão que pretende repetir com um grupo de médicos, químicos e psiquiatras alemães, franceses e italianos alguns dos seus testes mais importantes. Ademais, deseja publicar mais tarde um «Manual de Lendas», obra monumental, em dez volumes, provando o que outrora disse Platão: «Os mitos são veículos de grandes verdades, dignas de serem estudadas e meditadas.»

O pico branco da montanha de Lhajagonak desapareceu a nossa direita, depois que passamos pela aldeia de Dzara e, gradualmente, seguimos trotando ao longo do rio Rulung. O vale abria-se e unia-se à planície de Tatang, que terminava aos pés do lago Yamdrok, o grande lago côr de turquesa. Entre nós e as águas azuis esverdeadas estava a importante cidade de Nagartse, no meio da planície, com suas milhares de bandeiras de preces, tremulando ao sôpro do vento. Atravessamos Nagartse, que é uma cidade muito parecida com Sikkim, e continuamos rumo a Shigatsé.

O tempo, magnífico naquela manhã, começou a ficar feio. O vale tornou-se sombrio. Os picos das montanhas se perderam na bruma, e logo começou a esfriar muito e a chover. Fomos constrangidos a parar numa cabana abandonada, que encontramos no meio do caminho. Os servos acenderam logo um bom fogo para nos secar e para fazerem chá: o fumo começou a picar os nossos olhos. Pouco a pouco a noite silenciosa e triste desceu sôbre nós, enquanto lá fora a chuva caía forte.

O MISTÉRIO DA SUCESSÃO DOS LAMAS

Após o jantar, conversamos sôbre uma coisa e outra, até que o assunto em pauta foi o mistério da sucessão dos Dalai Lamas.

— O mecanismo que preside a sucessão dos pontífices tibetanos é único no mundo — falou Kázi. — Não se trata de uma sucessão hereditária, nem eletiva. Cada vez, o Dalai Lama nasce num nôvo corpo. É sempre a mesma entidade espiritual que encarna em corpos diversos.

— E o Dalai nasce sempre no seio de famílias ricas?

— Não, o Precioso Protetor pode nascer em qualquer família, seja rica ou pobre, nobres ou camponeses. Não há privilégios. É uma espécie de democracia fundada sôbre bases populares e uma monarquia que repousa sôbre bases metapsíquicas. O pai do grande Dalai V, por exemplo, era um humilde camponês de Chung-gye.

— E quando êste mecanismo da sucessão tomou forma definitiva?

— Em época relativamente recente, a partir do século XVI.

— E quanto tempo demora para reencarnar um Dalai?

— Para a reencarnação de pessoas comuns, prevemos um período máximo de 49 dias; no caso de um Dalai, o período pode ser muito mais longo ou muito mais curto. Freqüentemente, a demora é de dois anos.

— Como descobrem a criança na qual renasceu o Dalai? — indagou Pierre.

Kázi olhou a chuva que caía forte, fêz uma pausa, e prosseguiu:

— Após a morte de cada Dalai, forma-se um concílio dos lamas mais importantes do Tibet, os quais consultam o oráculo oficial, cujas respostas têm um valor supremo. Êste oráculo reside no mosteiro de Nechung, que fica a uns seis quilômetros de Lhassa. Quando o oráculo se manifesta, os lamas tomam nota das respostas e começam as buscas. O caso do 13º Dalai foi muito interessante.

— Em que ano nasceu êle? — indaguei curiosa.

— Em 1878. Conta-se que o oráculo ficou em transe, como de costume, e revelou o nome do pai e da mãe da criança que seria o nôvo Dalai e que viviam em Tak-po, no Tibet meridional. E mandou que o importante lama Gyu fôsse contemplar as águas mágicas do lago Cho-kor-gye, que são como um espelho, onde se pode ver os acontecimentos futuros.

— E isto é realmente verdade? — perguntei.

— Dizem que sim. A água do lago é azul, mas quando alguém chega para consultá-las, começa a soprar uma leve brisa que muda a côr das águas. E elas ficam brancas. No centro do lago forma-se um turbilhão, uma nuvem se condensa por cima; logo por cima da nuvem, a pessoa percebe as imagens que mostram os acontecimentos futuros. Foi isto que aconteceu quando o lama Gyu observou as águas do lago. Parece que a princípio êle e os outros doutôres em teologia, que o acompanhavam, ficaram decepcionados, porque o lago estava gelado. Mas súbito, quebrou-se o gêlo e o lago apareceu brilhante como um espelho, oferecendo a visão de uma casa próxima a um pessegueiro florido. Naquela noite, o lama viu em sonhos uma mulher jovem, tendo nos braços uma criança de uns dois anos. Viajando alguns dias mais tarde, ao longo das margens do lago, o lama Gyu viu uma casa junto de um pessegueiro florido, tal e qual a visão que tivera no lago. Na casa êle encontrou a mulher e a criança que vira em sonhos.

— E assim, êle encontrou o Dalai?

— Sim, mas antes examinou-o atentamente, pois é preciso que tenha os sinais característicos de todo lama rei.

— E quais são êstes sinais?

O Bodhisattva Avalokitesvara é sempre representado com quatro braços: para ser uma encarnação desta divindade na terra, a criança tem que apresentar as protuberâncias carnais nas clavículas ou nas omoplatas (o garôto tinha êstes sinais); e isto não é tudo: suas orelhas devem ser um pouco mais longas que as orelhas normais, o que constitui um sinal de sabedoria (êle também as possuía); enfim, a palma de suas mãos deviam ter impressas uma pequena cruz suástica (estas marcas também existiam). Seguiu-se o segundo exame. No meio de diferentes objetos idênticos, a criança devia reconhecer os objetos pessoais que lhe pertenceram numa vida anterior: o rosário (threng-wa), o pequeno tambor litúrgico (nga-chung), a sinêta (tril-bu), o queimador de incenso (dor-je), uma taça de chá, e assim por diante. Foi sòmente após a criança ter triunfado em tôdas estas provas, e depois que o oráculo de Nechung confirmou o fato, que anunciaram, oficialmente, a descoberta, e procedeu-se à entronização do pequeno pontífice.

— A descoberta do 14º Dalai também foi semelhante?

Kázi sorriu, e respondeu:

— Não, foi bem diferente. Em 1935, após 11 anos de buscas vãs, o Lama Regente visitou mais uma vez o lago Cho-kor-gye, para ter uma visão capaz de ajudá-lo na busca. Os resultados foram estranhos. No lago, o Regente leu, claramente, as três sílabas : «A-Ka-Ma». Mas, em seguida, êle viu um mosteiro de três andares, encimado por uma cúpula dourada; viu, ainda um caminho que conduzia, à leste do mosteiro, a uma colina em forma de um pagode; em frente à colina, viu uma pequena choupana. Esta visão foi longamente discutida pelos teólogos mais competentes do Tibet. Chegaram à conclusão que ela devia indicar — embora de maneira vaga —, que a nova encarnação tinha se dado em Lhassa. E, após confirmarem com o oráculo, intensificaram as buscas. Foi então que ocorreu um prodígio, que os tibetanos lembram ainda hoje. Esperando que ficasse pronto o seu mausoléu definitivo, o corpo do lama defunto tinha sido colocado sôbre um trono, numa das salas do Potala, de modo que os milhares de peregrinos, que chegassem a Lhassa, pudessem render homenagem àquele que, durante cinqüenta e quatro anos, tinha sido o templo terrestre do deus Avalokitesvara. Aconteceu várias vêzes que os lamas guardiães encontravam, pela manhã, o corpo do Dalai, que, na sua posição normal, olhava para o Sul, voltado para o Leste. A tese de que o nôvo Dalai tinha aparecido a Leste de Lhassa encontrou, assim, mais crédito.

— Mas... não teriam sido os próprios lamas que mudavam a posição do cadáver? — indagou Pierre.

— Impossível ! — retrucou Kázi. Ninguém ousa tocar no corpo do lama defunto, com mêdo da maldição que há milênios foi lançada por um Rei Lama. Os tibetanos são muito supersticiosos e não se atreveriam a fazer uma coisa destas.

— E o que aconteceu depois? — perguntou Mahima, com uma curiosidade bem feminina.

— Bem... diante da repetição de outros sinais dando sempre as mesmas indicações, na primavera de 1937 grupos de lamas foram enviados para fazerem buscas nas regiões orientais do Tibet; cada grupo era portador de diferentes objetos que tinham pertencido ao Dalai anterior e diversas cópias idênticas dêstes objetos, a fim de procederem o exame de praxe. A escolha final recaiu sôbre três garotos. Mas um dêles morreu antes de ser examinado; o segundo fugiu chorando à vista dos lamas. Restava o terceiro. O chefe da delegação dos lamas, quando se aproximou da casa onde morava o menino, compreendeu que tinha alcançado a sua meta: com efeito, êle reconheceu o mosteiro de três andares da visão que

o Regente tinha tido, viu o caminho à Leste e a choupana. Depois, quando lhe disseram que o mosteiro era dedicado à memória do sábio Kamapa, êle compreendeu, igualmente, o sentido das duas sílabas Ka e Ma, vistas pelo Regente nas águas do Che-kor-gye. Mesmo assim, antes de entrar na choupana, o lama disfarçou-se em camponês. Assim que se apresentou à porta da choupana, viu um menino brincando no chão. Ao vê-lo, o garôto correu ao seu encontro, gritando alegremente: Lama! Lama! Depois, a primeira coisa que fêz foi segurar num colar que tinha pertencido ao 13º Dalai. A hipótese estava bem próxima da certeza. Contudo, o lama não disse nada a ninguém, porque êle desejava provas mais materiais. Em presença dos outros membros da delegação, êle fêz com que o menino escolhesse os objetos. Tudo o que êle escolheu era verdadeiro, as cópias foram deixadas de lado. Restava apenas uma taça e sua cópia idêntica. Em meio a expectativa geral, o menino escolheu a cópia, mas logo deixou-a cair e pegou no objeto verdadeiro e não mais o largou. Estava descoberto o 14º Dalai Lama.

— E levaram-no logo para o Potala?

— Não, por diversas razões misteriosas, a grande nova foi conservada em segrêdo. E foi sòmente em 20 de setembro de 1937 que o menino foi levado ao palácio Potala. A partir dêste dia, sua vida mudou inteiramente. Passou a ocupar um grande apartamento, neste imenso palácio, cheio de capelas, bibliotecas, salas subterrâneas, jardins e parques, que é o Potala. Seus pais receberam, também, um apartamento no palácio, onde deveriam residir com os títulos de duques. Mas, meses e meses passam sem que a mãe tornasse a ver o pequeno deus vivo. Como todos os religiosos, o Dalai deve morrer para a vida: até mesmo o seu nome é mudado. Desde o nascimento, o 14º Dalai chamava-se Lhamo Dhondup; êste nome humilde foi trocado por uma longa série de títulos esplêndidos: O Sagrado, A Glória Terna, o Intelecto Perfeito, o Precioso Protetor, a Sabedoria Perfeita, Aquêle que Conhece a Doutrina Secreta, O Oceano de Sabedoria, etc. A primeira — e a mais importante — cerimônia que o nôvo Dalai toma parte é a da reocupação do trono vazio. Esta cerimônia chama-se «Prece para o Poder do Trono de Ouro». Cumpre dizer que durante os anos de espera, todos os dias os alimentos das diversas refeições são colocados sôbre a pequena mesa de jade branco, ao lado do trono: esta é uma maneira de fazer crer que o pontífice não está morto, mas sim ausente, que só mudou esta coisa passageira, que é o corpo. A cerimônia consiste, principalmente, numa petição dos lamas ao Dalai, para que êle venha reocupar o trono, o qual deixou alguns anos antes.

— Já assistiu a uma destas cerimônias? — indaguei.

— Sim — respondeu Kázi —, quando eu era discípulo do Lama de Látchen, o Rimpotché levou-me consigo ao Potala, a fim de assisti-la. Começa antes da aurora. Na sala do trono de ouro, os diversos personagens que formam o clero superior estão reunidos. Lá, estão sempre os Ministros do Estado, o lama Regente (Poigyalpo), os abades dos grandes mosteiros, os chefes das principais famílias nobres e, às vêzes, as delegações estrangeiras. O menino sagrado, vestido com suas roupas bordadas a ouro, é conduzido ao salão e colocado sôbre o trono. Todos se ajoelham, e é dada a bênção individual a cada pessoa presente. Depois cantam-se os Mantras e, finalmente, tudo termina em paz.

— Como é feita a educação de um Dalai ? — indagou Vessantara.

— É extremamente severa e ascética. Desde cedo êle tem que se habituar às longas horas de estudo e meditação. Há, em tôrno dêle, um Grande Camareiro, um governante da casa (que sempre prova os alimentos do Dalai, para que se tenha certeza que não foram envenenados), um capelão da côrte (que faz em nome do Dalai as oferendas às divindades), um Mestre cozinheiro, um médico, um bibliotecário, em suma, tôda uma côrte, cuja etiquêta é extremamente estrita, e de onde as mulheres são excluídas de modo absoluto. Antes de completar dezoito anos, êle deve ir visitar os lagos sagrados do Tibet, onde uma visão lhe revelará as vicissitudes futuras de seu reinado. Depois do Dalai, a figura mais importante na vida espiritual do Tibet é a do Panchen Lama, que os europeus chamam errôneamente de Tashi-Lama.

— E por que isso?

— Talvez porque êle é o Superior do maior mosteiro de Tashilumpo.

— Lugar horrível! — exclamei, lembrando a triste experiência que tivemos com os feiticeiros.

— Sim — retrucou Kázi —, mas é justamente para poder combater, silenciosamente, o poder diabólico dos feiticeiros que o Panchen Lama vive em Tashilumpo. Na hierarquia budista, o Panchen ocupa uma posição superior a do Dalai. Todavia, o povo nunca reconheceu no Panchen a autoridade máxima do Tibet. Hoje, a zona de influência do Panchen é limitada ao mosteiro de Tashilumpo, onde vive juntamente com dois mil lamas. Para nós, tibetanos, o Dalai representa o Dhyani Bodhisatva, «O Momento Dinâmico da Criação», «O Contato Com

o Turbilhão Da Vida». O Panchen representa Dhyani Buda, vive mais no plano cósmico e no pensamento puro.

— E o Dalai reconhece esta superioridade?

— Sim. Conta-se que, certa vez, o Dalai V dirigiu-se ao Panchen, nos seguintes têrmos : «Tu, Panchen és superior a mim, isto é justo, e todos devem admiti-lo; mas, fica no domínio silencioso e sagrado do invisível; fica em Tashilumpo e goza a tua inefável beatitude; sou uma pura emanação de ti, deixa-me cuidar dos afazeres mundanos, muito baixos, efêmeros demais para tuas augustas preocupações...»

— O Panchen aceitou êste ponto de vista? — perguntou Pierre.

— Parece que não. O Panchen quis imiscuir-se nos negócios do Estado, mas teve que deixar o Tibet e refugiar-se na Mongólia e pouco depois morreu, ressuscitando mais tarde num nôvo corpo. A escolha para os Panchens é igual à dos Dalai.

Ante o curioso relato de Kázi, o tempo parecia ter sido aniquilado. Entretanto, na realidade, a noite avançava ràpidamente. Eram quase vinte e três horas quando resolvemos repousar e deixar a palestra para uma outra ocasião.

* * *

No dia seguinte, de madrugada ainda, deixamos a cabana e prosseguimos viagem, rumo a Shigatsé. O céu estava claro, de um azul puro e o ar leve e frio. Enveredamos pelo Passo de Karo-La, e fomos subindo o vale bordado de penhascos e rochedos. Súbito, à direita do vale, vimos surgir uma magnífica caravana, que são cada vez mais freqüentes quando nos aproximamos do Tibet Central. É difícil descrever o esplendor destas grandes caravanas, lideradas por ricos mercadores tibetanos, que mais parecem senhores feudais. A paisagem natural formava uma bela moldura para êles. Ao longe, os picos gelados da grande geleira Nojin e mais além o pico Kang--Sang-Nojin, coberto de uma neve branco-azulada.

Os mercadores tibetanos, vestidos com suas roupas de brocado cintilante, ornados de jóias de ouro e prata, montados em soberbos cavalos, com suas espadas reluzindo ao sol, eram, sem dúvida, uma tentadora prêsa para os ladrões assaltantes que, em certas épocas, infestam as estradas desertas do Tibet.

À medida que a caravana se aproximava, vimos diversas senhoras, luxuosamente vestidas, usando faceiras o tradicional

avental de sêda listrada sôbre as amplas saias de brocado rebordado. Na cabeça, usavam um longo capacete de veludo, ornado de pedras preciosas, e para protegerem o rosto delicado do vento, do frio e da poeira, tôdas elas usavam bonitas máscaras pintadas, feitas de couro de iaque.

— Hoje é véspera do Ano Nôvo — disse Kázi. Possìvelmente, esta caravana vai à Shigatsé tomar parte nos festejos populares.

— Mas que dia é hoje? — indagou Pierre.

— Estamos na véspera de 15 de fevereiro, que aqui corresponde ao primeiro dia do ano. Durante sete dias seguidos, sob o olhar complacente dos Lamas, o povo canta e dança feliz pelas ruas. Em cada casa, a família está reunida para uma festa solene. Os senhores terão uma bela oportunidade de assistir ao «São Silvestre» tibetano...

— Sem dúvida, os tibetanos usam o calendário lunar, não é mesmo? — perguntei interessada.

— Sim, tanto aqui no Tibet como na China e outros países do Extremo Oriente, o calendário é regulado pelos movimentos da Lua, e compreende doze meses de vinte e nove ou trinta dias. Ao final de um período de trinta meses, um nôvo mês é acrescido, a fim de coordenar a duração dos dias com o ciclo lunar. O Ano Nôvo tibetano se inicia na primeira Lua Nova, posterior à entrada do Sol no signo do Galo (Aquário no Zodíaco ocidental), caindo, geralmente, entre 21 de janeiro e 19 de fevereiro do calendário gregoriano.

— Qual é a origem dêste calendário? — indagou Mahima.

Kázi foi polido na resposta :

— Dizem uns que é oriundo da Índia e outros da China, mas o certo é que o calendário lunar foi introduzido, no Tibet, pela princesa chinesa Won Chang, que se casou com o rei Sron-Tsan-Gampo, em 642 A. C.

— Ah! aquela princesa, cuja vida vimos representada no teatro tibetano, no Templo do Ídolo Vermelho?

— Exatamente. Segundo o calendário lunar, o período dos anos é dividido em ciclo de doze anos e de sessenta anos. O período dos doze anos sucessivos é o mais usado, cada um representado por um animal simbólico do Zodíaco oriental, que são: Rato, Boi, Tigre, Lebre, Dragão, Serpente, Cavalo, Carneiro, Macaco, Pássaro, Cão, Porco. Aqui no Tibet os meses (Da-Wa) não têm um nome como no Ocidente, são chamados

apenas primeiro, segundo, etc., e a palavra «Da-Wa» precede a todos, tal como «Da-Wa-Tang-Po» ou primeiro mês. A semana é dividida em sete dias (Za), usando os nomes do Sol, Lua e cutros planêtas, e são representados por um símbolo que concretiza a idéia do nome:

Dias	Planêta	Símbolo
Domingo (Nima)	Sol	Sol
Segunda (Dawa)	Lua	Lua crescente
Têrça (Migmar)	Marte	um ôlho vermelho
Quarta (Lag-pa)	Mercúrio	mão em gesto místico
Quinta (Pur-bu)	Júpiter	corisco
Sexta (Pasan)	Vênus	uma fita
Sábado (Pen-ba)	Saturno	feixe de feno

Gostaríamos de saber algo mais sôbre êste curioso calendário tibetano, mas a cidade de Shigatsé já estava à vista e tôdas as nossas atenções se voltaram para aquêle interessante aglomerado de casas brancas, que surgia a nossa frente. Ao longe, víamos as águas azuis do lago Yandrok e, mais longe ainda, o famoso rio Tsang Po, que é para os tibetanos o que o Nilo é para os egípcios. Êste rio, segundo Kázi, nasce em Kashmir, atravessa o Tibet num curso de 1 550 quilômetros, passa através da floresta do nordeste de Assam, reaparece na Índia como rio Brahmaputra e une-se com as águas sagradas do Ganges. No horizonte longínquo, além do Tsang Po, inumeráveis picos cobertos de neve marcam o início da inexplorada região de Chang Tang.

Estávamos em pleno Tibet, e o mais longe possível da civilização industrial e dos transportes motorizados, chegando cada vez mais perto de Lhassa, a última cidade do mundo, onde uma civilização diferente e real ainda vive.

Afinal, entramos na cidade de Shigatsé e, como sempre, todo mundo veio para as portas e janelas verem os «Peling» (estrangeiros). As ruas eram bem pavimentadas e as casas

bonitas. Lindas árvores de salgueiro-chorão cercavam cada casa e cada jardim. Prosperidade e alegria estavam estampadas nas faces de todos que víamos. Ficamos hospedados numa pequena hospedaria, cujo dono deu-nos uma cordial acolhida. Recolhemo-nos cedo, pois estávamos bastante cansados da viagem. De madrugada, fomos acordados pelas canções dos mendigos errantes, que vão de casa em casa solicitar esmolas às almas piedosas. De manhãzinha, levantamo-nos e olhamos o dia pela janela. Fazia frio, mas o céu estava claro e formoso. Observamos que o povo tinha colocado longos rolos de sêda, pintados com imagens de deuses tutelares, que enfeitavam as varandas e janelas. Soubemos que estas pinturas são chamadas «tankas», e nota-se forte influência chinesa na pintura do Tibet.

As litanias se sucederam e desde cedo o povo, vestido com suas melhores roupas, se dirige aos templos para oferecer aos deuses as suas oferendas de «tsampa» e de manteiga, flôres, vinho e doces. Após satisfazer os deuses, cada um implora sua bênção, enquanto as brancas écharpes da felicidade vêm ornar as estátuas, diante das quais os fiéis se prosternam.

Jovens e velhos, ricos e pobres dão provas do seu fervor religioso. Nenhum povo pode rivalizar com o tibetano em matéria de devoção. Orações e preces não são as únicas manifestações do Ano Nôvo lamaísta. Estas comemorações duram sete dias, durante os quais o povo canta, dança e bebe alegremente. Ficamos em Shigatsé apenas dois dias e logo nos pusemos a caminho de Chusul. Depois que deixamos Shigatsé, atingimos um lugarejo chamado Partsi e seguimos o curso do majestoso rio Tsang Po. Algum tempo depois, deparamos com inúmeras dunas de areia clara e mais tarde encontramo-nos num deserto de areia, que nos levou à praia de Chaksan. Era ali que tínhamos de parar, a fim de tomar um barco que nos conduziria através do Tsang Po. Ao longe, vimos os tetos amarelos da Lamaseria de Chaksan. O vento trazia o canto dos Lamas, lento e suave.

Esperamos o barco, que chegou meia hora depois, cheio de carga e de homens sorridentes. Era uma grande barca, que parecia uma gigantesca caixa de bombons, com sua estranha forma quadrangular. Seis pares de remos eram manejados por homens e mulheres que cantavam alegres canções folclóricas do Tibet Central. A barca ficou a uns trinta passos da praia. Alguns homens saltaram, trazendo um grande carregamento de sal, que é um dos produtos mais importantes do comércio de exportação das caravanas que entram e saem no Tibet. Os animais e as nossas bagagens foram embarcados e, finalmente,

também subimos a bordo. O dono da barca era um indiano, que nos pediu dez rupias (dinheiro indiano) por pessoas.

Os homens começaram a remar, e logo a barca afastou-se da praia seguindo pelas tranqüilas águas do vasto rio Tsang Po, até alcançar a margem oposta. O desembarque foi sereno e sem nenhum atropêlo. E assim, continuamos a cavalgar através de lugarejos que, certamente, pouco mudaram no decorrer dos últimos séculos. Alguns quilômetros ao norte de uma fértil planície alcançamos o bonito vale de Kyi Chu. Dirigimo-nos para este e tempos depois, após passarmos por diversos lugares sem muita importância, chegamos a Chusul. É uma pequena cidade que consiste apenas de um grupo de algumas casas e campos férteis. Pedimos pousada a uma das casas que pertencia a um camponês e aí passamos a noite.

NOTAS SÔBRE O GOVÊRNO TIBETANO

Na manhã seguinte continuamos viajando. O caminho era constantemente ladeado por rochedos escarpados. Durante a jornada soubemos, por Kázi, de algumas notas curiosas sôbre a forma de Govêrno adotada no Teto do Mundo. É interessante lembrar que os ocidentais costumam pensar sempre no Tibet como um estranho país, onde vivem sábios misteriosos, que passam o tempo fazendo incríveis milagres. Um país de monges, enfim, governados por monges. Contudo, a realidade é um pouco diferente e, embora o Dalai Lama seja o chefe do Estado e do Govêrno e o Panchen Lama e os «tulks» ou sábios que possuem poder supernormal sejam a chave de tôdas as decisões importantes, os laicos ocupam, também, cargos de grande responsabilidade na conduta dos negócios públicos.

Ao Dalai cabem tanto os negócios eclesiásticos como os civis. Imediatamente abaixo dêle, temos dois principais órgãos governamentais: uma parte do Conselho eclesiástico (Yik--tsang), composta de quatro membros do clero, e outra parte composta pelo Conselho dos Ministros (Kashag), de quatro membros, chamados Sha-pe, sendo três laicos e um monge. Um primeiro-ministro eclesiástico (Chikyap) e um primeiro--ministro de Estado (Lonchen) assumem a ligação entre os dois Conselhos e o Dalai Lama. Todavia, o verdadeiro poder governamental está nas mãos dos dois Conselhos. Os Ministros do Conselho laico exercem um contrôle geral sôbre a política, o judiciário e fiscais do Tibet. Recentemente, foi criado um Ministério de Relações Exteriores, sob a direção do Chigye Lon-chen, mas parece que sua função é apenas informativa. A política estrangeira é sempre diretamente dirigida pelo Dalai Lama, ou pelo Regente.

Existe, ainda, uma Assembléia Nacional (tsong-du), que só se reúne nos casos graves, e é constituída por cinqüenta homens, escolhidos entre os mais importantes da cidade de Lhassa, capital do Tibet. Nas províncias, o Govêrno é representado por cinco Ministros eclesiásticos. Dêles dependem todos os comandantes das fortalezas, chamadas Dzong-pon, cuja função é manter a ordem e recolher as taxas locais.

Depois dos monges, a classe mais importante, no Tibet, é a dos ricos proprietários de terras, que constituem a grande e a pequena nobrezas. Contudo, há um fato curioso a assinalar: teòricamente, a posse de suas terras não é absoluta, pois estão obrigados a fornecer seus produtos de agricultura a um ou vários membros do Govêrno. Os jovens nobres seguem um curso especial num colégio importante de Lhassa, onde completam sua instrução e, após êste curso, são admitidos como funcionários dos Ministérios.

A nobreza importante é composta de número limitado de famílias, entre as quais se destacam os descendentes de um antigo rei do Tibet, que reinou nos séculos VII e VIII. Os nobres têm grandes privilégios e levam uma vida próspera, comparável aos europeus da Idade Média, com grandes podêres sôbre seus parentes e servos. Contudo, são obrigados a fazer o serviço militar e a viver uma grande parte de sua vida como oficiais.

Mesmo os nobres tibetanos viajam muito pouco fora do seu país. Sòmente os mercadores viajam e, geralmente, abrem lojas em Kalimpong ou Tachienlu, onde trabalham durante vários anos, fora das fronteiras de seu país. Mas sempre ficam contentes quando voltam a sua tranqüila terra natal, para gozar o que êles consideram da verdadeira civilização.

Tendo sido satisfeita a nossa curiosidade, Kázi terminou a conversa, dizendo :

— Certamente o nosso modo de governar tem falhas, mas talvez ainda não tenha chegado o tempo de têrmos um govêrno perfeito. Gostaria que o meu povo soubesse que o que realmente importa é o Carma e a procura da verdade. As coisas terrenas são efêmeras e pouco valem. O segrêdo da felicidade é simples. Basta que recordemos as palavras de Gautama Buda: «Onde existe a Verdade, não existe o Eu.» O Tibet é um país pequeno e fraco, materialmente falando. Acredito que a maioria do povo deseja ser deixada em paz, livre para praticar a sua religião.

E após uma breve pausa, Kázi acrescentou:

— Seria muito bom se todos recordassem sempre os ensinamentos sublimes do Mestre Gautama :

«Olhai ao vosso redor e contemplai a vida. Tudo é passageiro e nada duradouro. Só nascimento e morte, crescimento e decadência, combinação e dissolução. A glória do mundo é como uma flor, esplêndida pela manhã e murcha à tarde. Só a verdade é o dom imutável do espírito. Estabelecei a verdade em vosso espírito, porque a verdade é a imagem do Eterno. O seu retrato é imutável; revela o perdurável, imortaliza os homens.»

Capítulo VI

LHASSA, A CIDADE DOS DEUSES — ENCONTRO COM O LAMA REI — VISITA AO PALÁCIO POTALA — A PINTURA MÁGICA DO SANTO PADMA SAMBHAVA — O ORÁCULO DE NECHUNG — A YOGA TIBETANA — O CREPÚSCULO DOS LAMAS — VISITA AOS TEMPLOS DE LHASSA — INICIAÇÃO FINAL — ÚLTIMA VISÃO DA CIDADE PROIBIDA.

Uma vez mais nos encontramos viajando por um deserto de dunas de areia, que formava o vale de Kyi Chu, cercado de altas colinas. A este dêste vale, fica a cidadezinha de Nethang, à sombra de uma grande Lamaseria. Esta foi a nossa última parada, antes de alcançarmos Lhassa, a cidade dos deuses.

Esta última etapa de nossa viagem foi, talvez, a mais excitante e alegre. Afinal, íamos penetrar na misteriosa capital do mundo lamaísta, que tão poucos estrangeiros têm o privilégio de conhecer.

À medida que nossos cavalos prosseguiam, íamos avistando rochas e montanhas azuladas, à luz daquela clara manhã. Um fundo de picos nevados aparecia no longínquo horizonte embelezando, ainda mais, o panorama. Campos verdes e pequenas casas estavam espalhados em ambos os lados do grande e majetoso rio Kyi. Pelo caminho, encontramos inúmeros camponeses e mercadores, que nos olhavam curiosamente. Pendurados nas montanhas, havia um grande número de Mosteiros, cujos tetos dourados rebrilhavam ao sol. Sôbre as rochas, fomos vendo belos afrescos do Buda da Luz Infinita, Padma Sambhava — o santo de quatro mãos — e muitas divindades do panteão lamaísta, que pareciam advertir os viajantes de que iam penetrar na mais misteriosa cidade do mundo.

Numa grande rocha situada no meio do rio, vimos uma gigantesca estátua de Buda, esculpida no granito, sentado na

posição do lótus e olhando para a cidade proibida com suprema serenidade. À esquerda do caminho, via-se, sôbre uma colina, o grande Templo do Chakpori, o mais importante Colégio de Medicina do Tibet. Em frente, o maravilhoso palácio Potala, sôbre o qual tanto ouvíramos falar. Nossa alegria foi tanta que desejávamos desmontar e ajoelhar-nos para agradecer a Deus aquela imensa alegria.

Não pudemos reter um grito de admiração quando avistamos o Mosteiro do Drebung, verdadeira cidadela de pedra, com uma multidão de santuários coroados de tetos dourados. Esta Lamaseria, habitada por dez mil monges, ocupa tôda a largura do vale. Um pouco abaixo, encontra-se o convento de Nechung, onde vive o Oráculo oficial do Tibet. Consta que se trata de uma reencarnação de uma divindade budista, e que, através de suas predições, orienta o curso da política local. Freqüentemente, o Governador vem consultar o Oráculo. Um pouco além, vimos uma imensa muralha de pedra, que dissimula o palácio de verão do Dalai Lama. Mentalmente, comparei êste palácio com os grandes palácios do mundo ocidental e cheguei à conclusão de que tanto o famoso Escorial da Espanha como o palácio de Windsor na Inglaterra são pequenos castelos comparados com êste magnífico «Vaticano» do mundo lamaísta.

Pouco depois, avistamos o edifício branco da missão comercial britânica que fica nos arredores de Lhassa. Pierre Julien sugeriu que nos hospedássemos na missão, mas preferimos colocar nossa sorte nas mãos dos verdadeiros donos do país e ter confiança na hospitalidade tibetana.

Quanto mais nos aproximávamos, mais encontrávamos pessoas com aspecto próspero, vestindo ricas vestes de sêda ou brocado e montadas em bonitos cavalos. Ninguém parecia preocupar-se conosco. O fato de que estávamos às portas de Lhassa significava que possuíamos a autorização necessária para isto.

Chegamos a uma porta monumental, franqueada por dois «chortens» entre as duas colinas que dão acesso à cidade santa. Não vimos soldados. Os únicos guardiães eram os mendigos que pediam esmolas e um bando de cachorros vagabundos. É incrível a quantidade de cachorros que tem o Tibet, e Lhassa não foge à regra. Misturados com o povo, que ia e vinha despreocupadamente, franqueamos a porta. Em nosso grupo ninguém falava. O simples pensamento de que estávamos em Lhassa, sob o sol da cidade dos deuses, nos deixava mudos de emoção.

À nossa esquerda, o muro de um palácio parecia querer impedir a nossa marcha. Chegamos perto da ponte da Tur-

quesa e avistamos os sinos dourados da Missão Britânica-Indiana, residência alugada pelo abade do mosteiro de Kundeling ao Govêrno da Índia. Como nenhum hotel ou hospedaria existe em Lhassa, resolvemos pedir pousada na Missão, no que logo fomos atendidos. O chefe era um oficial indiano, que resultou ser um dos amigos de Vessantara. Dêsse modo, conseguimos uma hospedagem cordial e simpática.

Meu quarto ficava no andar superior, junto ao de Mahima e Vessantara. Da janela, eu podia ver o formoso jardim de Dekyi Linga, no centro de copadas árvores, e o pequeno pavilhão de orações. Eu mal podia acreditar que nossa incrível jornada tinha alcançado a sua meta e, por fim, eu estava em Lhassa. Pensei em minha família, tão longe, em terras brasileiras, e no sonho fantástico que desde a infância me acompanhava e agora se transformava em realidade. Naquele instante, o sol morria atrás do mosteiro de Drebung, num esplendor côr de púrpura. Desci para o jardim, a fim de melhor ouvir o som dos sinos e das trombetas, que anunciavam o último dia da festa do Ano Nôvo. Isto me fêz compreender melhor aquela maravilhosa realidade. Sim, eu estava em Lhassa!

Soubemos que, durante os festejos do Ano Nôvo, o poder temporal do Govêrno da cidade é retirado das mãos de seus membros usuais, e colocado nas mãos do abade do Mosteiro de Drebung, que, nesta ocasião, se transforma no «rex sacrorum», tal como nos tempos dos antigos romanos. É possível que isto seja um golpe político para com o mais poderoso Mosteiro da igreja tibetana, a fim de reconciliá-lo com o govêrno comum do país, que agora está restrito aos quatro Mosteiros principais de Lhassa, chamados Lings.

O abade de Drebung assume a soberania da cidade, em meio a inúmeras festas e honrarias, e à sua chegada todos os prisioneiros são libertados, exceto os que cometeram crimes muito graves. Um dos deveres do nôvo Rei Sagrado é o de fazer conferências sôbre religião, história e filosofia para a assembléia dos monges.

Consta que durante êste período Lhassa abriga cêrca de 30 000 monges, vindos dos Mosteiros de Sera, Drebung, Gah-ldam e outros. Culto aos deuses é feito diàriamente pelo povo, na grande catedral de Lhassa, desde a manhã até à noite, e nuvens de incenso enchem o ar de perfume. No último dia da festa do Ano Nôvo, os tibetanos celebram a Festa das Flôres em homenagem ao aniversário da concepção de Buda, e a deusa cultuada neste dia é a rainha Maya Devi, a mãe de Gautama Buda. O povo leva colares e guirlandas de flôres

vermelhas aos templos, trocam presentes entre si, e a festa atinge ao seu clímax. Algumas pessoas usam máscaras coloridas, com franjas de cabelo, imitando barbas. O Dalai Lama é especialmente reverenciado neste dia, e recebe muitos presentes.

Na noite do dia em que chegamos a Lhassa, saí para ver a grande procissão de gala, oriunda do templo de Ramo-ch'e. A procissão passou por uma grande ponte, chamada Mende, e dirigiu-se para o Templo do Dragão. Lá, num santuário dourado, os monges depositaram ofertas de ouro, prata e jóias preciosas. Depois, trancaram e lacraram o aposento, que só poderá ser aberto no mesmo dia do ano seguinte.

À frente da procissão vinham os grandes lamas dos Mosteiros de Sera e Drebung. Em seguida, a procissão descia o rio Tsang Po, em soberbas naves engalanadas de flôres e cheias de músicas e cantos aos deuses. A bordo, os monges representavam quadros vivos, referentes a antigas lendas tibetanas. Esta pomposa procissão descia o rio, entre multidões de adorantes, que pediam a bênção dos deuses com um entusiasmo frenético e profunda emoção. Depois, a procissão desembarcou e seguiu de volta para o Templo de onde saíra. Após fazerem oferendas de vinhos e doces às ninfas das águas e aos dragões aquáticos, o povo voltou aos seus lares, alegre e feliz, para apanhar uma imagem de argila e despachar o Ano Velho. Nesta imagem, colocam pedaços de roupa velha, uma ou duas moedas e invocam o demônio da doença e da má sorte para que entre na imagem. De madrugada os jovens lamas percorrem as casas recolhendo estas imagens e levam-nas para um lugar especial nas montanhas, onde são abandonadas.

Depois os lamas retornam aos seus templos e celebram um rito que completa a expulsão do Ano Velho e culmina com a dança de monges mascarados de reis demônios. As máscaras usadas nesta cerimônia merecem uma nota especial. No Tibet, as grandes máscaras são feitas de papelão pintado, misturado com corda e pano, e, ocasionalmente, em metal leve. Em Sikkim e Bhutan, onde a madeira é abundante, as máscaras se executam em madeira esculpida e depois pintadas em côres vivas. Geralmente, possuem barbas ou cabelos feitos com pêlos de iaque.

Amanhecia quase, quando retornamos à missão, exaustos e sonolentos.

* * *

No dia seguinte, depois do almôço, saímos para conhecer Lhassa. Nas ruas amplas e pavimentadas de pedras brancas, o

povo parecia jovial e transitava apressado. Algumas pessoas conduziam crianças, burricos e cestas com cereais. As mulheres usavam roupas bonitas e coloridas e o mesmo penteado alto, com as longas madeixas suspensas em arcos de madeira, tal como víramos em outras regiões tibetanas. Aliás, à primeira vista, Lhassa pouco difere das grandes cidades tibetanas por onde estivéramos. Vimos as mesmas casas baixas, de pedra, o mesmo batalhão de mendigos e de cachorros, crianças pálidas e com ar doentio, o mesmo cheiro insuportável de coisas deterioradas. Em Lhassa, como em todo o Tibet, não há instalações sanitárias, nem esgotos. Os grandes mosteiros possuem enormes fossas, muito profundas e completamente escondidas, destinadas aos detritos orgânicos. Mas o povo costuma jogá-los nos terrenos baldios. Há uma falta de higiene completa.

Lhassa é dividida em vários quarteirões planos. Em Lhassassem, ficam as lojas mais importantes. Aí, juntamente com os produtos regionais, encontramos, com surprêsa, cremes de beleza de origem americana, máquinas de costura Singer, canetas Parker, tapêtes da China, brocados da Índia e do Egito, Coca-Cola e uísque escocês. Êstes produtos são trazidos pelas inúmeras caravanas que constantemente chegam e partem, via Nepal.

É no quarteirão do Chö que está o grande edifício da Imprensa Nacional do Estado. Ali, vivem os monges literatos. Imprimem, com a maior perfeição, livros, folhetos, cartões e panfletos. Usam máquinas antiquíssimas. O papel é tipo pergaminho e dura séculos. É lá que se imprimem, também, os almanaques astrológicos e o único jornal do Tibet, que conta com poucos leitores! É interessante notar que nunca foi escrito nenhum romance no Tibet. Em geral, os livros versam sôbre religião, arte e filosofia oriental.

«Tôdas as estradas conduzem a Lhassa» — diz um provérbio tibetano —, e a principal rua de Lhassa é uma demonstração viva disto. Nas lojas desta rua encontramos todo o luxo da Ásia Central: ricas peles de leopardo, sabres, espadas, peles de urso e de rapôsa; sêdas e brocados multicoloridos, tapêtes belíssimos, taças e jarros de prata e de cobre finamente cinzelados, lanternas de óleo e lindas mesas tibetanas, que têm uma forte influência chinesa, como tôda mobília encontrada no Tibet. No mercado de gêneros alimentícios, vimos pêssegos apetitosos, amoras, chá, especiarias árabes. Mais adiante, encontramos lojas com perfumes indianos e chineses, porcelanas finas, pérolas, coral e âmbar da Mongólia, tabletes de açúcar confeitados, almíscar e arroz de Sikkim, tudo isso que é muito apreciado pelos quatro cantos da Ásia está à

disposição dos tibetanos abastados. Vimos, também, uma fabulosa quantidade de objetos de ouro oriundos do Tibet Central, que é reputado de ser a mais rica região do mundo, e é desconhecida dos ocidentais. Contudo, por questões religiosas, os tibetanos nunca recolhem pepitas de ouro, apesar de que haja grande quantidade delas. Só recolhem ouro em pó.

Discussões dos preços das mercadorias são freqüentes, mas, assim que realizam o negócio, risos e brincadeiras voltam a reinar entre os homens, com a ajuda de grandes copos da cerveja regional, chamada «chang».

E, acima de todo o bulício da cidade, acima dos bazares, de tôda a misteriosa cidade dos deuses, jaz a sombra colossal do Palácio Potala, onde vive o Rei-Deus do Tibet, o Dalai Lama, o mais precioso dos Budas Vivos, que, segundo dizem os tibetanos, conduz o Teto do Mundo rumo ao Nirvana. *

ENCONTRO COM O LAMA REI

— Amanhã, às oito horas, temos uma audiência com o Dalai Lama — falou Kázi, na sua voz grave e pausada.

Inútil é descrever a nossa alegria e como naquela noite mal pudemos conciliar o sono, na grande expectativa do encontro.

Na manhã seguinte, às sete e meia, já estávamos a caminho do Parque das Jóias. Cavalgamos por uma ampla estrada que separava as duas densas alas do Dekyi Lingka. Nossa cavalgada deteve-se momentos depois em frente ao amplo portão dourado da residência de verão do Dalai Lama.

Um pequeno esquadrão de soldados tibetanos apresentou armas em atenção à túnica de sêda amarela do lama Kázi. Desmontamos, entregamos nossos cavalos a um servo, e fomos

* Nirvana é um estado permanente e eterno de consciência desperta e liberta. Este têrmo significa literalmente: "sem combustível, extinto" e foi definido primitivamente por alguns orientalistas ocidentais, como um estado de aniquilamento do ser, à semelhança de uma gôta d'água diluída no oceano, o que é totalmente errado. Representa, ao contrário, um estado de plena consciência, cuja beleza e poder excedem a tôda capacidade descritiva da linguagem humana. E a vida do Espírito, que se desabrochou e expandiu em seu próprio mundo ou lar, liberto de qualquer limitação de espaço e tempo a que se condicionam as formas transitórias. Quem tenha a ventura de o atingir, longe de se aniquilar, converte-se numa grande fôrça libertadora, que eternamente projeta poderosas correntes de espiritualidade e vida sôbre a sofredora humanidade.

A venerada imagem do futuro Budha Maitreya, no Palácio Potala em Lhassa

andando em direção ao palácio de Norbu Lingka, onde o Dalai costuma ficar quando deixa o Potala. Seguimos Kázi, por uma ampla ala bordada de rododendros e salgueiros-chorões. À nossa direita, vimos um pequeno lago coberto de flôres de lótus e onde alguns alvos cisnes nadavam majestosamente. Numa pequena ilha, cercada de água límpida, avistamos um pavilhão chinês ligado à terra por uma linda ponte de mármore amarelo.

A nossa frente caminhavam diversos Lamas, imponentes nas suas túnicas côr de açafrão. Um grupo de quatro lamas, todos velhos e gordos, estava sentado no hall do pagode, passando as contas de seus rosários de pedras preciosas. Kázi fêz uma reverência e nós o imitamos, pois se tratava do Primeiro-Ministro da Côrte e seus secretários. Em silêncio, caminhamos até o fim de um longo corredor que conduzia à sala das audiências. Penetramos num magnífico salão, atapetado de verde, com cortinas de lã preta, cobertas de bordados de diagramas mágicos, e dragões verdes. Dezenas de monges transitavam de um lado para outro, lentos e solenes.

Exatamente às nove horas, soou um gongo e levantamo-nos apressadamente das almofadas onde estávamos sentados, à espera da audiência. Formou-se uma fila de lamas e logo as enormes portas douradas do salão se abriram e surgiu uma coorte de lamas gigantescos, que fazem parte da guarda pessoal do Dalai Lama. Soubemos, depois, que êstes gigantes de dois metros de altura são recrutados entre os habitantes do Tibet meridional, e especialmente na província de Kham, onde os homens e as mulheres são mais altos dos que os de tôda a Ásia. *

A longa fila de lamas e de visitantes começou a andar e, súbito, encontramo-nos no Santum Sanctorum. A princípio, quase não víamos nada, devido a grande penumbra. Depois, quando nossos olhos se acostumaram, vimos um chão de mármore polido e brilhante. Um grupo de guardas gigantes, dividido em duas filas e armados de chicotes e de um bastão, em pé ao lado das portas, parecia de estátuas de bronze.

No fundo da sala, destacando-se sôbre uma parede decorada com um enorme thanka (rôlo de sêda pintado), havia um altar dourado e, sentado aos pés do altar, na posição do lótus, vimos a encarnação do deus Chen-Re-Zi, o precioso Rei-Deus dos tibetanos. Conhecido como a mais elevada manifestação dos Budas Vivos na terra, o Precioso Protetor, Oceano de Sa-

* Consta que êstes lamas gigantes são descendentes dos mongóis de Ghengis Kham.

bedoria e outros nomes poéticos, um garôto de quatorze anos, usando as vestes usuais dos grandes lamas e o chapéu pontudo do santo Tson-Ka-Pa, muito parecido com a Mitra do Papa, tendo, porém, longas abas que caem sôbre os ombros; parecia sereno como um ídolo.

Trêmulos e reverentes, peregrinos dirigiam seus passos em direção ao Dalai, ofereciam suas brancas écharpes da felicidade, ajoelhavam-se para receber a bênção dada pelo jovem Dalai, com o seu cetro enjoiado e ornado de fitas multicores. Consta que um fluido benfazejo emana do bastão do Dalai e, dêste modo, o fluido penetra na pessoa tocada pelo bastão.

Após a bênção, os visitantes viravam à esquerda, faziam uma reverência ao local onde estava sentado o Regente e deixavam a sala. Quando chegou a minha vez, ajoelhei-me e senti o leve toque das mãos do Dalai nos meus cabelos. Êle tinha deixado o bastão sagrado no colo e conferiu-me a grande honra de uma bênção direta. Na *écharpe* de sêda branca que eu segurava com ambas as mãos, um monge colocou um pão e a imagem de um deus, feita de manteiga. O Dalai pegou as oferendas e entregou-as a um outro lama. A mesma cerimônia foi repetida com um pequeno chorten de ouro e uma estatueta de Gautama Buda. Depois, o monge colocou um pequeno livro dourado na *écharpe*. O Dalai pegou o livro, amarrou-o com uma longa fita de sêda vermelha e pendurou-o no meu pescoço.

Feito isto, Kázi ajoelhou-se e ofereceu ao Dalai os ricos presente que tínhamos levado. Virei à esquerda e ajoelhei-me diante do lama Regente. O velho sacerdote olhou-me bondosamente e eu depus, a seus pés, a *écharpe* e o livro dourado que o Dalai colocara em meu pescoço, tal como manda a etiquêta tibetana.

Tudo isto se passou no maior silêncio. Quando eu ia saindo, tal como os outros visitantes, Kázi fêz um sinal para que esperasse. Aproximou-se e disse :

— Fique, fomos convidados pelo Chefe dos Ministros a tomar chá com o Dalai. Sente-se naquele canto, na posição do lótus.

Pouco depois, Mahima, Pierre e Vessantara vieram sentar-se perto de mim. Em seguida, veio Kázi.

Olhando para o Dalai, vi um monge entregar-lhe uma taça de madeira. Um grande bule de chá amanteigado foi trazido por dois lamas. O chá foi colocado na taça do Dalai e logo bebido pelo lama provador. Depois, então, é que o Dalai foi servido.

Estátua de ouro representando o V Dalai Lama, e que se encontra na capela do Potala.

Tive de morder os lábios para acreditar que, de fato, eu não estava sonhando, que, realmente, encontrava-me sentada na Sala de Audiência do Dalai Lama, no Tibet. Olhando o contínuo fluxo de lamas entrando e saindo do recinto, pensei que apenas esta curiosa cerimônia bastava como uma recompensa à minha longa e penosa viagem através dos Himalaias. Olhei as nuvens aromáticas de incenso de rosas que cercavam o jovem Dalai, e pensei nas palavras de um Mestre, que eu ouvira certa vez dizer: «O verdadeiro Dalai morreu em 1924. Desde então, todos os Dalais serão apenas uma grande Maya (ilusão), resultante da política maldosa dos lamas de Lhassa, que não se conformam em saber que a sabedoria arcaica deixará o Tibet e emigrará para o longínquo Ocidente. Em tempos próximos, o verdadeiro Dalai renascerá nas terras de O-Fu-Sang (América do Sul), pois, já mudou o ciclo da evolução, segundo afirmam as nossas remotas profecias. Então... o Tibet será dominado pelas fôrças da Fênix Vermelha e a espiritualidade desaparecerá do Teto do Mundo...»

Meus pensamentos foram interrompidos, quando um monge se aproximou trazendo uma taça de madeira para cada um de nós, com chá quente amanteigado. Bebemos vagarosamente, enquanto aguardávamos ordem para deixar a sala. Afinal, um dos guardas gigantes tocou um gongo e disse algumas palavras solenes.

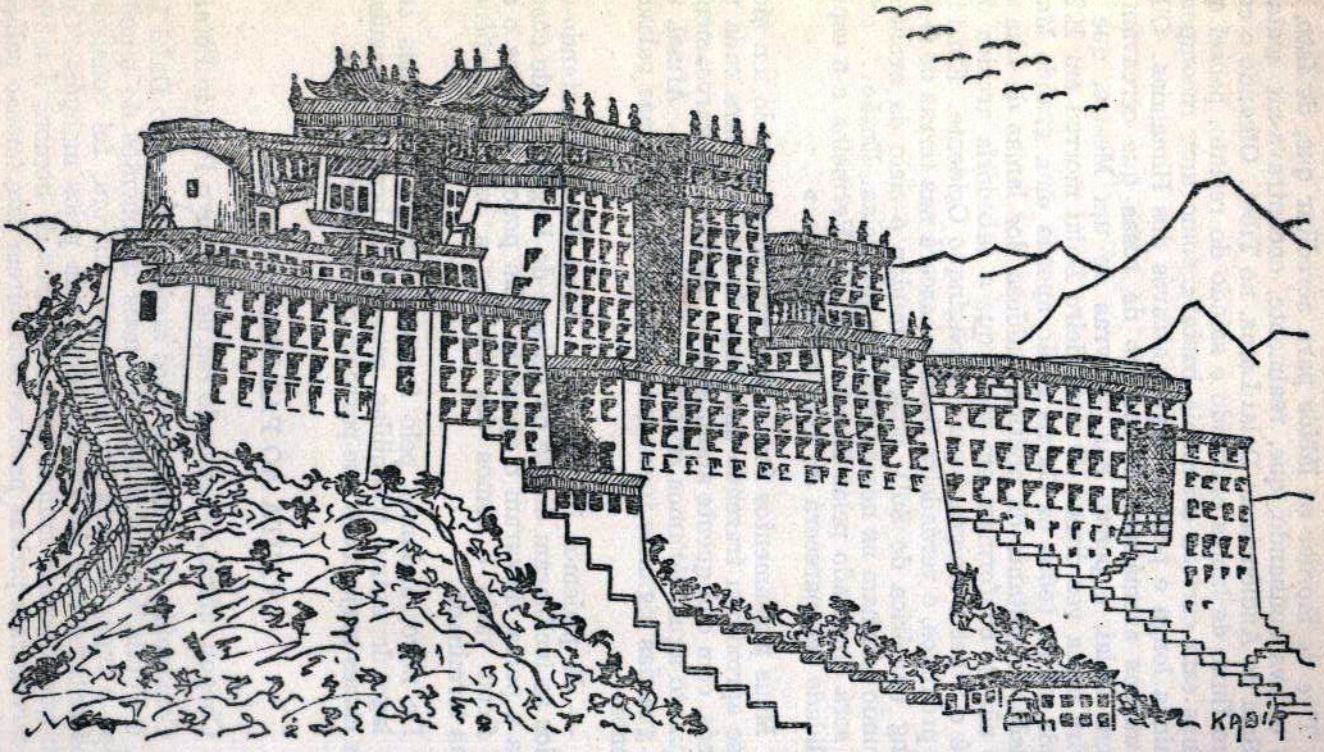
— Já podemos ir embora — falou Kázi, levantando-se. Todos se inclinaram diante do Dalai e do Regente e, de costas para a porta, deixaram o aposento. Em poucos minutos o salão ficou vazio e fomos dos últimos a sair. A audiência tinha terminado.

De nôvo, andamos pelo formoso Parque das Jóias com seu lago de águas tranqüilas, seus lótus brancos e azuis e seus cisnes majestosos que parecem princesas encantadas.

VISITA AO PALÁCIO POTALA

Chegou, afinal, o esperado dia de visitar o Palácio Potala.

Construído há trezentos anos atrás, pelo quinto Dalai Lama, o Potala é um dos palácios mais imponentes do mundo. Ocupa o lugar de uma fortaleza que, outrora, foi construída pelos antigos reis do Tibet, e destruída pelos mongóis. Conta-se que, durante muitos anos, milhares de homens e mulheres carregaram pedras para reconstruírem êste imenso palácio, cujas bases repousam diretamente na rocha. A morte do quinto Dalai parecia ameaçar esta construção e, por tal razão, o lama



O Palácio de Potala, residência oficial do Dalai Lama.

Regente resolveu ocultar a todos o desaparecimento do pontífice. E espalhou a notícia de que o Dalai estava doente, não podia aparecer em público e se comprazia em abismar-se em suas meditações solitárias. Durante dez anos os lamas conseguiram enganar o povo, até o dia em que o Potala ficou pronto.

No dia fixado para a visita, vestimos nossas melhores roupas, compramos as *écharpes* de sêda mais caras que encontramos e, depois, em companhia de numerosas pessoas, monges, nobres, camponeses, mulheres e crianças, subimos à montanha que conduz ao «Vaticano» lamaísta. O espetáculo que oferece a cidade é grandioso; de nossa posição pudemos ver os jardins, os Mosteiros, as casas brancas de Lhassa. Após andarmos por uma ala bordada de centenas de moinhos de preces, que os visitantes giram ao passar, franqueamos uma enorme porta e penetramos no grande parque. Por todos os lados vimos vendedores ambulantes. Alguns vendiam incenso, outros comidas de várias espécies, outros, amuletos abençoados pelo Dalai. Alguns velhos lá estavam vendendo horóscopos impressos ao povo. A um lado do parque, um outro grupo de homens vendia moinhos de prece portáteis, feitos em metal lavrado como um souvenir do Potala. Escribas lá estavam, também, para fazerem, por um preço módico, um documento que provava ter o visitante visitado o Potala e os lugares santos. Não tínhamos interêsse nestas coisas, pois nosso objetivo era conhecer o famoso Potala.

— Lá em cima — disse Kázi —, ficam os aposentos particulares do Dalai. São na parte mais alta dêste edifício porque ninguém pode viver acima do Poderoso Onisciente.

A grande escadaria de pedra mais parecia uma rua de escadas, e muitos visitantes sobem a cavalo para evitar o cansaço. Contudo, só os oficiais e os nobres é que podem fazer isto. O povo tem que subir e descer a pé. À medida que subíamos, fomos pensando nos grandes tesouros que se ocultam atrás daquelas grossas paredes centenárias.

Finalmente, chegamos a um pátio e depois ao grande hall, cheio de estátuas, pinturas e objetos religiosos. Começamos por visitar a ala ocidental do palácio, onde vivem duzentos e cinqüenta lamas. Esta parte, conhecida sob o nome de «Namgyetrachang», é um verdadeiro labirinto de côres sombrias e de passagens misteriosas. Através uma ampla janela, observamos o magnífico panorama: ao longe, o grande Templo Chakpori e seu Colégio de Medicina, no vale Kyitchu; embaixo, as casas do quarteirão de Chö, mais além, os tetos dos edifícios de Lhassa.

Após visitarmos as diversas salas e capelas da ala ocidental, passamos para a ala oriental onde fica o seminário de Tsedrung e os diversos escritórios e Ministérios. Não pudemos prosseguir a visita a esta ala porque dois gigantescos guardas tibetanos nos impediram dizendo que as visitas àqueles aposentos tinham sido proibidas por ordem do Dalai.

A PINTURA MÁGICA DE PADMA SAMBHAVA

Na ala norte aconteceu o mesmo, porém na ala sul do palácio, Kázi conduziu-nos a uma sala magnífica onde presenciamos a um verdadeiro prodígio. Pendurado na parede de fundo, perto de uma janela, estava um grande «Thanka» (pintura) representando uma linda paisagem ao luar, pintada sôbre pergaminho. O mais curioso era que se observássemos atentamente a luz da Lua Cheia, ela ia se transformando aos poucos em minguante, depois em Nova, Crescente e nova Lua Cheia. *

Que significa isto? — me perguntei cheia de curiosidade.

Ia indagar, quando Kázi falou :

— Esta é a pintura mágica do Tibet. Foi pintada há muitos séculos pelo mago Padma Sambhava, e tem o dom de adquirir vida e mudar as fases da lua sucessiva e ininterruptamente.

— Não será algum truque dos lamas ? — perguntou Pierre ao meu ouvido.

Kázi chamou um dos guardas, manteve com êle um breve diálogo e o gigante, aproximando-se, ergueu a pintura, afastando-a da parede para que víssemos que nada havia por trás.

— É inacreditável! — murmurei perplexa.

— Não mais inacreditável do que as magias que já presenciamos aqui no Tibet — retrucou Vessantara sorrindo benèvolamente.

— Passemos à sala ao lado — convidou Kázi.

E assim o fizemos.

---

* Alexandre Ksoma Kóros, sábio húngaro, e várias outras autoridades científicas ocidentais estudaram longamente êste fenômeno, quando estiveram no Tibet, sem contudo chegarem a uma conclusão lógica.

A outra sala era ampla e sombria. Tinha um altar de jade branco onde se viam quinze candelabros de ouro em forma de flor de lótus, cujas pétalas eram incrustadas de turquesas — a pedra sagrada do Tibet. Acima do altar, estava uma formosa estátua do deus Maitreya, em tamanho natural. Parecia talhada em madeira. Representava um bonito homem, sentado num trono, à maneira ocidental, com as pernas pendentes e as mãos sôbre o colo. O rosto e o corpo eram pintados de branco, pois segundo antiga tradição esta divindade lamaica, Buda do futuro, Redentor de épocas vindouras, nascerá no Ocidente sob a aparência de um homem de raça branca e terá cabelos castanho-escuros e olhos azuis. Ao lado, uma outra de Gautama Buda ainda adolescente. Ao lado do altar, o trono do Dalai Lama todo em ouro lavrado. Oposto a êste estava uma linda cadeira, destinada ao Regente. Atrás dela, os assentos dos 4 Ministros.

Observamos, atentamente, a estátua de Buda. Representa um jovem príncipe, de uns 16 anos. Sabe-se que ela foi esculpida por um grande artista de Magadha, durante a vida de Gautama e, depois, dada pelo rei de Magadha ao Imperador da China, como recompensa de seu apoio contra a invasão dos «Jávanas», isto é, os gregos, jônios de Alexandre Magno. Mais tarde, esta estátua foi dada pelo Imperador à sua filha Wen Chang, que se casou com um rei do Tibet, no século XVII A. C.

Além desta estátua, o Potala tem outras preciosidades, entre as quais podemos citar a estátua, em ouro, do Senhor da Grande Piedade ou Avalokita Svara, a deusa Tara, nas suas formas branca e verde. Segundo a tradição, esta deusa é a espôsa de Avalokita, e corresponde à deusa da misericórdia dos chineses e japonêses. Sua forma mais comum é a Tara Branca, como a luz do dia.

Nesta mesma sala, vimos, numa das paredes, um grande «Mandala», ou círculo mágico, que representa o Universo. Consta que todos os dias os lamas tibetanos oferecem aos deuses lamaístas uma representação simbólica do Universo. É uma cerimônia curiosa, na qual os lamas, ao fazerem o «Mandala», mentalizam que estão oferecendo as riquezas de todos os continentes às divindades.

Embora não pudéssemos visitar os aposentos do Dalai, pois o Grande Precioso encontrava-se meditando, tivemos permissão para visitar os túneis subterrâneos do Potala. Tomando uma tocha acesa, Kázi enveredou pelo túnel e nós o seguimos pressurosos. Descemos cautelosamente por uma escada estreita e longa. Êstes túneis foram feitos pela ação vulcâ-

nica durante incontáveis séculos. Nas paredes, viam-se estranhos desenhos místicos. Por fim, o túnel foi se alargando, até que, sùbitamente, vimos uma grande luz que não provinha de nossa tocha. Era uma espécie de redemoinho de luz, que nos envolvia em grandes ondas. Movia-me como num sonho. Estava ali, muda, imóvel, vestida de luz dourada, diante de um belo lago de águas fosforescentes, em cujo centro boiava uma enorme flor de lótus. Suas brancas pétalas brilhavam como pérolas. Fascinada, ali fiquei com os olhos muito abertos e os sentidos alerta. Um sentimento de indefinível vacuidade e afastamento de tôdas as coisas terrenas apoderou-se de mim, como se tivesse sido separada, repentina e misteriosamente, do resto da humanidade.

A voz serena de Kázi quebrou o silêncio :

— Êste lago vai se unir com as águas do rio Xyi Chu que é afluente do rio Tsang Po.

Não sei quanto tempo ficamos ali, imersos naquela quietude deliciosa, mas o fato era que ninguém se sentia com coragem de deixar aquêle lugar abençoado.

Afinal, Kázi pareceu quebrar o nosso encantamento :

— Precisamos voltar, está ficando tarde.

E, voltando-se, começou a subir as escadas, iluminando o caminho com a luz da tocha, que parecia inextinguível. À medida que subíamos, êle ia iluminando as paredes para que víssemos as bonitas pinturas feitas diretamente sôbre a pedra. Eram divindades tutelares, algumas belas e serenas, outras violentas e medonhas. Mais alguns passos e saímos novamente à luz do dia. O tempo claro de poucas horas antes tinha mudado completamente e grandes nuvens, ameaçando tempestade, corriam no céu.

— Apressemo-nos em voltar antes que venha a chuva! — disse Vessantara.

Todavia, por mais rápidos que andássemos, a tempestade nos surpreendeu no meio do caminho e chegamos à missão completamente encharcados de água e de lama.

* * *

A chuva nos estorvou tanto, que precisamos esperar 3 dias para podermos visitar o oráculo de Nechung. Os caminhos estavam intransitáveis, devido ao grande temporal. Aproveitamos o tempo para ler trechos dos fabulosos «Pitakas», as Escrituras Sagradas do Budismo, que o oficial indiano

O supremo Gurú, Buda

Narendra Sen tinha traduzido magnìficamente para o inglês. Cumpre dizer que a essência dos ensinamentos de Gautama Buda se acham condensados em três livros, chamados os cânones budistas «Tripitakas» (As três cestas), cuja idade não se pode fixar. O primeiro, chama-se «Vinaya Pitaka», e é atribuído aos primeiros budistas. Trata da Disciplina da Ordem Budista ou «Sangha»; o segundo, chama-se «Sutta Pitaka», e se refere às pregações budistas para os leigos e às regras para sacerdotes e ascetas; e o terceiro, «Abhidharma», condensa dissertações filosóficas e metafísicas, instruções sôbre a meditação e alguns Mantras.

Como, certamente, êstes «Pitakas» poderão servir como uma fonte maravilhosa de inspiração para inúmeros leitores, eis aqui uma singela tradução para o português de alguns trechos desta preciosa obra :

«Kutadanta, o prior dos brâmanes de Danamati, aproximou-se, respeitosamente, do Nosso Senhor Buda, saudou-o e falou:

— Disseram-me, ó asceta, que és o Buda, o Santo, o Onipotente, o Senhor do Mundo. Porém, se tal fôsses, não terias vindo como um rei, com tôda a tua glória e onipotência?

O Bem-aventurado respondeu-lhe:

— Por certo os teus olhos estão cegos. Se não estivesse turva a tua vista, verias a glória e onipotência da verdade.

Kutadanta redargüiu:

— Mostra-me a verdade e a verei. Mas tua doutrina não tem consistência. Se a tivesse perduraria, porém, como não tem, desaparecerá.

E Buda respondeu, sereno :

— A verdade é eterna. Não desaparecerá nunca.

Kutadanta retrucou, dizendo:

— Dizem que ensinas a Boa Lei; no entanto, desdenhas a religião. Teus discípulos menosprezam os ritos e as cerimônias, e negam se a sacrificar na ara dos deuses, dizendo que não é pelo sacrifício que se mostra a verdadeira devoção dos deuses. Mas eu entendo que no culto e no sacrifício está a essência da religião.

O Senhor Buda sorriu mansamente e respondeu:

— O sacrifício da personalidade vale muitíssimo mais do que a imolação das reses. Quem sacrifica aos deuses seus

maus desejos e vis paixões compreende a inutilidade de banhar em sangue de animais inocentes a ara dos altares. Em troca, o libertar-se da luxúria purifica o coração. Mais vale obedecer às Leis da justiça do que adorar os deuses.

Qualquer pessoa pode tirar a vida, mas é incapaz de a dar. Tôdas as criaturas amam a vida e lutam por ela.

A vida é uma dádiva divina, querida e grata para todos, mesmo para os mais humildes; por isto deve ser respeitada por todo homem piedoso, porque a piedade torna o homem terno para com os fracos e nobre para com os fortes.

O homem implora a misericórdia dos deuses e não tem misericórdia pelos animais, para os quais êle é como um deus. Tudo quanto vive está unido por laços de parentesco, e os animais que matais já vos deram o doce tributo do seu leite, o macio de sua lã, e depositam sua confiança nas mãos que os degolam.

Ninguém pode purificar seu espírito com sangue, pois se os deuses são bons, não lhes pode ser agradável o sangue, e se são maus, êste não basta para suborná-los.

Sôbre a inocente cabeça de um animal, não é possível colocar nem o pêso de um fio de cabelo das maldades e erros pelos quais cada um deve responder pessoalmente, porque cada qual deve prestar contas de si mesmo, segundo a imutável aritmética do universo. Esta distribui o bem para o bem e o mal para o mal, dando a cada um sua medida segundo suas ações, palavras e pensamentos, e vigilante, exata, imutável, e implacável, faz que o futuro seja o fruto do passado.

Feliz seria a terra se todos os sêres estivessem unidos pelos laços da benevolência e só se alimentassem de alimentos puros, sem derrame de sangue. Os dourados grãos, os reluzentes frutos e as saborosas ervas que nascem para todos bastariam para alimentar e dar fartura ao mundo.

Kutadanta era muito piedoso, e como havia sacrificado muitas vítimas, inquietou-se e encheu-se de remorsos de consciência, pois compreendeu quão insensato era crer que a efusão de sangue bastaria para apagar os pecados.

Então perguntou ao Bem-aventurado:

— Mestre, acreditas que a alma possa renascer e evoluir no transcurso das vidas e que, sujeita à lei do Carma, deve colhêr o que semeia? Pergunto-te, porque me disseram que ensinas a inexistência da alma, e que teus discípulos aspiram a completa aniquilação do EU, como a suprema felicidade do

Nirvana. Se eu sou apenas uma combinação de elementos, devo desintegrar-me e desaparecer ao morrer. Se sou mera combinação de idéias, pensamentos, sensações e desejos, que será de mim quando se desintegrar o meu corpo? Onde está esta infinita felicidade de que falam teus discípulos? É uma palavra vã, sem sentido, uma ilusão. Quando medito em teus ensinamentos, só vejo o nada, a aniquilação, o não-ser, como destino final do homem.

E Buda respondeu:

— Ó Brâmane, és religioso e tens zêlo. Inquietas-te pelo futuro; porém, em vão te atormentas, porque te falta o mais necessário. Por êrro ou por ignorância, os homens gozam na ilusão de que suas almas são entidades distintas e existentes por si mesmas. Teu coração, ó brâmane, ainda está apegado à personalidade. Aspiras o céu, porém buscas e esperas, no céu, os prazeres da personalidade, e assim não poderás encontrar a felicidade na Verdade imortal. O Bem-aventurado não veio ensinar a morte, e sim pregar a vida, e tu não discernes entre o morrer e o viver. Teu corpo morrerá, pois os sacrifícios não o salvarão. Busca, então, a vida do espírito. Onde está a personalidade, não pode estar a verdade, e quando se pratica e conhece a verdade, a personalidade desaparece.

Faze com que teu espírito repouse na verdade, difunda a verdade e ponha a verdade em tua alma. E na verdade viverás eternamente.

O EU é a morte; a verdade é a vida. O apêgo ao EU e à personalidade é morte contínua, ao passo que quem vive e se move na verdade alcança o Nirvana.

Kutadanta retrucou :

— Venerável Mestre, onde está o Nirvana?

— Onde quer que se obedeça à Lei — respondu Buda.

— Então o Nirvana não está em parte alguma — replicou Kutadanta — e, portanto, não tem realidade.

— Não me entendeste — falou Buda. — Escuta e responde. Qual é a morada do vento? Onde habita?

— Em parte alguma — respondeu Kutadanta.

— Então não existe o vento? É uma ilusão?

O brâmane não soube responder, e o Senhor Buda tornou a perguntar-lhe:

— Onde reside a sabedoria? Está em algum lugar?

— A sabedoria não tem lugar determinado — disse Kutadanta.

E o Buda falou:

— Dirás que não há sabedoria nem justiça, nem salvação porque, como o Nirvana, elas não têm lugar determinado? Assim como a brisa veloz atravessa o mundo durante o calor do dia, também o Tathágata vem refrigerar o espírito humano como o delicado e suave sôpro que alivia o calor de todo o sofrimento.

Kutadanta replicou:

— Mas, se não existe alma, como pode existir a imortalidade? Se a atividade da alma cessa, nossos pensamentos também cessarão.

E Buda respondeu:

— Nossa faculdade de pensar desaparece, porém nossos pensamentos continuam existindo. Cessa o raciocínio, porém continua o conhecimento. É como se durante a noite um homem tivesse necessidade de escrever uma carta. Êle acende a luz, escreve a carta e depois apaga a luz. Embora a luz esteja apagada a carta continua escrita. Da mesma maneira, o raciocínio cessa, mas o conhecimento persiste. A atividade mental cessa, porém a experiência, o conhecimento e o fruto de nossas boas ações não são perdidos.

— Dize-me, Senhor — falou Kutadanta —, que será de minha personalidade quando seus componentes se dissociarem? Se minhas idéias desaparecem, e meus pensamentos deixam de ser meus, e minha alma já não é minha alma, que é feito da personalidade? Dá-me um exemplo, Senhor meu.

E na sua mansa voz, o Buda respondeu:

— Supõe que um homem acenda uma lamparina. Arderá tôda a noite?

— Pode ser que sim — falou Kutadanta.

— Mas... a chama que arde na primeira metade da noite, arde na segunda?

Kutadanta pensou que era a mesma, porém, receoso de um sentido oculto, respondeu:

— Não; não é a mesma.

— Então haverá duas chamas? — perguntou Buda — uma durante a primeira metade da noite e outra durante a segunda?

— Num certo sentido não é a mesma chama, porém, em outro sim, porque se constitui da mesma matéria e da mesma luz, e serve para o mesmo fim.

E o Buda falou:

— Dirás que a chama que ardeu ontem é a mesma que arde hoje, na mesma lamparina, alimentada pelo mesmo óleo e iluminando o mesmo lugar?

— Bem... ela pode ter se apagado durante o dia.

— Mas, supõe que a lamparina tenha estado acesa durante a segunda. Se se tornar a acendê-la, dirás que sua chama é a mesma?

— Num sentido é diferente, e em outro é a mesma.

— O tempo durante a qual a lamparina estêve apagada — disse Buda — tem algo a ver com que a chama seja ou não a mesma?

— Não, meu Senhor. O tempo não interfere em nada, quer seja a mesma ou não.

— Bem, então admitamos que em certo sentido a chama de hoje é a mesma de ontem, e que em outro sentido ela muda a cada instante. Então, as chamas da mesma natureza e da mesma intensidade, que iluminam lugares idênticos, são de certa forma as mesmas.

— Sim, meu Senhor.

— Suponhamos, agora, um homem que pensa como tu, que sente como tu, que age como tu. Não será o mesmo que tu?

— Não, meu Senhor.

— Negas que a lógica que te parece boa para uma coisa também o seja para as coisas do mundo?

Kutadanta refletiu um instante e respondeu, lentamente:

— Não nego. A mesma lógica impera em todo o universo; porém em minha personalidade há algo que a distingue completamente das demais personalidades. Pode haver outro indivíduo que sinta, pense e proceda como eu, porém, não será eu.

— Na verdade, Kutadanta, êste outro homem não será tu. Porém, dize-me: o estudante que vai à escola é o mesmo depois de terminados os estudos ? O que cometeu um crime é a mesma pessoa quando, ao ser castigado, lhe cortam as mãos e os pés?

— Sim, são as mesmas pessoas.

— Estará, então, a identidade constituída pela continuidade?

— Não apenas pela continuidade, meu Senhor, mas também pela identidade da natureza.

— Pois, se admites que duas pessoas podem ser idênticas no mesmo sentido em que temos dito que as chamas são as mesmas, deves reconhecer que, em tal sentido, outro homem da mesma natureza, resultante do mesmo Carma, é o mesmo que tu.

— Reconheço, Senhor.

— Pois, em tal sentido, é o mesmo hoje que ontem. Tua natureza pessoal não consiste da matéria de que está formado o teu corpo, porém, da forma ou configuração do teu corpo, de tuas sensações e pensamentos. Tua personalidade é uma combinação de elementos. Onde quer que estejam, ali estás. Assim, pois, em certo sentido, reconheces tua personalidade, com ela te identificas e dá-lhe continuidade segundo o teu Carma. Chamá-la-as morte e aniquilação, ou vida e continuação de vida?

— Sim, porque é a continuação de minha existência. Mas o que me preocupa é a continuação de minha personalidade, de forma que todo homem, seja ou não igual a mim, é uma personalidade absolutamente diferente.

— Êsse é o êrro que te acarreta inquietudes inúteis. Aquêle que se apega à personalidade tem que passar por numerosos nascimentos e mortes. Morrerá continuamente, porque a natureza da personalidade é morte incessante.

— Como assim?

— Onde está a tua personalidade?

Kutadanta baixou os olhos e não soube responder.

— Esta personalidade que tanto estimas — continuou Buda — muda incessantemente. Há anos fôste menino, depois jovem e agora és homem. Que identidade pessoal há entre o menino e o homem? Não há, como também não havia, conforme vimos, na chama da lamparina que ardeu durante a primeira metade da noite e a que ardeu ao reacender-se depois de apagada. Qual é a tua verdadeira personalidade: a de ontem, a de hoje ou a de amanhã?

Kutadanta, perplexo, respondeu:

— Senhor do mundo, vejo o meu êrro, porém, ainda estou confuso.

— Os princípios constituintes de tua personalidade são o resultado de tuas ações em passadas vidas, e em futuras existências colherás o que com tuas ações semeias no presente.

— Certamente, Senhor, não me parece justo que outros colham o que eu semeei agora.

Buda ficou um momento silencioso e depois disse:

— Sem dúvida, o resultado de suas boas ações beneficia aquêles que passam desta vida para outra, se seguiram o caminho da justiça.

— Senhor — falou Kutadanta —, creio agora na excelência de tuas doutrinas. Minha vista não pode suportar o fulgor da luz; porém, agora, compreendo que a personalidade é ilusória, que as orações são palavras ociosas e que os sacrifícios não servem para a salvação. Como encontrar o caminho da verdade eterna? Aprendi, de memória, todos os Vedas e não encontrei a verdade.

— Não é má coisa a erudição — retrucou Buda —, porém, a verdadeira ciência, o conhecimento útil, só pode ser adquirido pela prática. Reconhece a verdade de que teu próximo é teu semelhante. Compreende que a personalidade é morte e a verdade é imortal.

E Kutadanta exclamou:

— Oxalá possa eu refugiar-me no Buda, no Dharma e na Ordem. Aceita-me por discípulo e faze-me compartilhar da felicidade da imortalidade.»

O ORÁCULO DE NECHUNG

Quando terminei de ler esta admirável tradução dos Pitakas, senti a alma mais leve que um ramo de salgueiro ao sôpro da brisa. Esta leitura me deixou mais resignada com o temporal, que ainda caía forte sôbre Lhassa e impedia a nossa saída.

Finalmente, à noite, a chuva começou a amainar e na manhã seguinte um sol tímido saiu entre as nuvens. À tarde, o tempo estava claro e firme. Pouco depois das duas horas da tarde, saímos rumo a Nechung passando por Parkhor, que é o coração da cidade de Lhassa. É lá que estão as grandes casas e as principais lojas e é também lá o ponto de partida e

de chegada da maioria das tradicionais procissões e dos desfiles militares. Na ocasião destas festas, todo o povo de Lhassa converge para Parkhor.

Fomos seguindo, passamos por uma planície e logo adiante vimos o Templo de Norbulinka, onde vive o oráculo de Gadong.

— Nesta planície — falou Kázi — em certas épocas do ano realizam-se procissões com a presença do oráculo de Gadong, o mais célebre do Tibet. A estas cerimônias acorrem o povo, os membros do govêrno e os representantes do clero reunidos sob a presidência do Dalai Lama.

Continuamos o caminho e afinal chegamos ao Templo de Nechung, que fica a oito quilômetros de Lhassa, com tempo bastante para assistirmos ao pronunciamento do oráculo. Vinha do interior do templo uma música bizarra e formosa.

Entramos no grande pátio. O espetáculo é fascinante. O povo se comprimia pelas alas do pátio e por tôdas as partes viam-se estandartes de sêda colorida com pinturas fantásticas de deuses e demônios. O ambiente estava perfumado de incenso que queimava nos grandes braseiros de bronze.

No momento em que chegamos, um jovem monge saía do templo. Vestia uma longa túnica amarela e sôbre o peito trazia um medalhão que parecia um espelho redondo de metal polido com umas inscrições estranhas, suspenso a uma longa e pesada corrente de ouro. Dois noviços seguravam-lhe as pontas do comprido manto de brocado violeta, até chegarem a um grande tablado, sôbre o qual havia uma espécie de trono coberto de sêda amarelo-ouro. O jovem lama sentou-se neste trono e os noviços ajoelharam-se a seus pés.

Nisso, uma procissão de jovens noviços começou a descer a longa escadaria do templo. Traziam estandartes de sêda amarela com a mística inscrição «Om Mani Padme Hum», bordada em sêda azul-índigo. O grupo de noviços parou a um canto do pátio, sombreado por velhas árvores, e ficou em silêncio. Em seguida, apareceram os velhos lamas, com suas togas côr de laranja, as cabeças raspadas e os olhos distantes. Sopravam trombetas de prata, produzindo um som claro e bonito. Dividiram-se em dois grupos e ficaram parados junto à escadaria. Surgiu, então, por entre os lamas, uma linda môça, vestida como uma deusa.

— É a abadêssa de Nechung! — murmurou Kázi — Seu nome é Dorge Pomo, ou «Neve Tempestuosa», uma das três mulheres Budas do Tibet!

WALTER

Olhei-a atentamente. Seu rosto oval tinha um tom branco amarelado, vagamente luminoso. Os olhos eram brilhantes e amendoados, o nariz perfeito e a bôca polpuda. Seus longos cabelos pretos estavam penteados numa grossa trança que lhe caía até os joelhos. Coroava-lhe a cabeça um diadema de ouro e pedras preciosas.

Recordei uma lenda que Kázi me contara a seu respeito. Conta-se que certa vez os muçulmanos tártaros invadiram Lhassa. Detiveram-se ante o templo de Nechung, o qual pretendiam ocupar. O general inimigo mandou dizer a Dorge Pomo que se ela lhe aparecesse na forma de uma porca, êle não destruiria o templo. Em resposta a formosa abadêssa pediu clemência, rogando-lhe que fôsse embora e deixasse o seu país em paz. Quando desobedecendo ao pedido da abadêssa o general tártaro e seus soldados entraram à fôrça no mosteiro, não encontraram nem um ser humano, mas inúmeros porcos e porcas corriam, atordoados, de um lado para outro...

Aterrorizados os tártaros fugiram e deixaram o Tibet para sempre. Atribuem-se a Dorge Pomo inúmeros podêres mágicos, inclusive êste de poder transformar-se no pássaro ou animal que ela desejar.

Não pudemos constatar se isto é verídico ou não, contudo, diz o povo que Dorge Pomo é uma das maiores magas do Tibet.

Observamos que o povo se ajoelhou reverente diante da mulher Buda. Os velhos lamas escoltaram-na até o trono ao lado do Oráculo. Começaram, então, as oferendas. Eram perfumes, objetos de ouro e prata, as *écharpes* da felicidade, uma pedra fulminária, chamada «Dordje», instrumento que é o símbolo do poder e tem um importante papel no ritual lamaico, flôres e doces. A um gesto da abadêssa, os noviços trouxeram varios tachos de cobre, cheios de vinho. Os fiéis se serviram à vontade em copos de madeira.

Soubemos que para a escolha da abadêssa os lamas empregam métodos análogos ao dos outros Budas Vivos. Após a morte da abadêssa, os lamas se reúnem em conselho. E, pela boca de um «médium», ela se manifesta, dizendo em que lugar e em que família vai renascer. Sôbre Dorge Pomo contam-se histórias curiosas. Já haviam decorrido sete anos após a morte da última prelada, sem que ela se manifestasse, como habitualmente. Os lamas estavam preocupados e não sabiam o que fazer. Disfarçados de camponeses, alguns dêles saíram, num dia propício, em busca da mulher Buda reencarnada. Andaram muito, até chegarem à região de Ngari. Súbito, dentre um grupo de crianças que brincavam perto, saiu uma menina

de uns sete anos, franzina e graciosa. Colocando a mãozinha sôbre o «ambag» (bôlso interno formado por dobras da túnica), falou:

— Dá-me a minha tiara!

O lama ficou perplexo. Realmente, trazia no bôlso a tiara de turquesas e brilhantes que pertencera à última abadêssa.

— Não me reconheces? Sou aquela que procuras há sete anos!

Diante destas palavras, o lama ajoelhou-se e beijou os pés da menina. Alguns dias depois, ela chegava, numa rica liteira, à Lamaseria de Nechung.

Após a distribuição do vinho, recomeçou o toque dos tambores. Dançarinos mascarados, em resplandecentes trajes de sêda bordada, ao som de uma música estranha, começaram as danças mais fantásticas.

O espetáculo das danças tibetanas é sempre curioso e cheio de exotismo. Os ágeis dançarinos formam grupos homogêneos. Com suas máscaras grotescas, encimadas de caveiras e guizos, mais parecem gênios monstruosos. Vimos, primeiro, um bailarino solista, que dançou o bailado da vida e da morte. Em seguida, vieram sete lindas crianças, de uns oito a nove anos, usando leves trajes brancos e máscaras de deusas sorridentes. Executaram uma dança cósmica, entre os gritos alegres da multidão. Seus movimentos eram leves como asas de andorinhas a perderem-se em peregrinações oníricas, através de matas nevoentas, onde medram urzes ao sôpro do vento. Lá, onde florescem rosas e sicômoros outonais, desprendendo as fôlhas enferrujadas que estalam sob os leves pés das fadas e dos silfos.

Assim que terminaram as danças, as crianças voltaram ao interior do Templo. Foi então que a jovem abadêssa ergueu-se e falou em tom macio e grave:

— Salve o Oráculo de Nechung!

Todos os olhares convergiram para o jovem lama sentado no trono. Com gestos lentos e andar seguro, êle se levantou, retirou o manto violeta, e veio para o centro do pátio, onde se via, desenhado no chão, um enorme círculo mágico, ou «Kiilkor».

Dois noviços colocaram em seus ombros uma rica estola de brocado dourado e na cabeça um capacete de pedrarias. E as rezas recomeçaram em voz alta. O Oráculo fechou os olhos e pareceu concentrar-se. Logo, seu corpo esguio teve

um estremecimento, denunciando que seu espírito abandonaria o corpo para que servisse de veículo às divindades tutelares.

Êste «pao» («médium») é famoso por seus podêres psíquicos. Dizem que desde muito criança demonstrou possuir dons mediúnicos. Caía em estado letárgico durante dias seguidos, e quando voltava a si, narrava visões maravilhosas. Dizia que podia ir, em espírito, a qualquer lugar dêste e de outros planêtas. Isto me fêz lembrar a curiosa experiência que tive com o Lama de Látchen. No Tibet, os «médiuns» são, também «Delog», isto é «Aquêle que voltou do além».

Do lugar onde estávamos podíamos perceber os menores movimentos do «médium». À medida que êle se concentrava, seu rosto empalidecia. Seu corpo começou a ser sacudido por grandes estremecimentos. Era o comêço do transe. Súbito, suas feições se modificaram. Os olhos abertos desmesuradamente pareciam saltar fora das órbitas. Soltando um grito estridente, êle começou a pular descontroladamente. Parecia um demônio encarnado num ser humano. Então, um dos lamas ergueu a mão direita e o Oráculo parou de repente e ficou rígido. O lama aproximou-se e colocou uma echarpe branca no pescoço do Oráculo.

Nisto, os lamas iniciaram um canto a meia voz. Seguiram-se vibrações de alegria, alternadas com sons nostálgicos; vieram, depois, sonoridades jubilosas; notas triunfais de todo o côro. O canto culminou numa maravilhosa torrente de sons e logo cessou repentinamente. As feições do Oráculo se abrandaram, e seu rosto môço pareceu envelhecer muito. Com o corpo recurvo, e a passos trôpegos, aproximou-se do lama que parecia dirigir a sua fôrça e fêz-lhe um sinal misterioso na cabeça. Ambos conversaram em voz baixa. Depois, o lama fêz um gesto e aproximou-se um noviço trazendo papel, tinta e pincel. O Oráculo continuou a conversar com o lama, enquanto o noviço anotava tudo. Depois o lama tirou do bôlso um punhado de ervas sêcas e deu-as ao «médium». Com gestos lentos, êle jogou-as no grande incensório de bronze, dizendo alto:

— Olhai, irmãos!

A princípio não vimos nada a não ser uma grande nuvem de fumaça odorante. Logo, porém, percebemos que, por entre o véu cinzento, estavam se formando figuras. Maravilha! Aparece, de repente, um grande palácio cercado de pinheirais. Junto a grande coluna central, passam e perpassam soldados, agitando flutuantes bandeirolas coloridas. Depois muda-se o cenário. Vultos imprecisos surgem em meio à fumaça. Lentamente, as figuras vão se desvanescendo, como que engolidas pelo fogo; primeiro ficam delgadas e brancas, logo desapa-

recem. Também formas de imensas divindades de muitos braços surgem e se vão; vemos exércitos em marcha, tremendas batalhas e cadáveres aos montes. Finalmente, tudo desaparece e só fica a fumaça.

Recomeçou a música. A falta de harmonia não podia ser maior e feriria os ouvidos do menos musical dos ocidentais. Mas, à medida que a música prosseguia e eu ficava acostumada com a desarmonia, uma estranha sensação musical penetrou em meus poros. Eu não podia explicar o poderoso efeito desta música, e pedi a Kázi, num murmúrio, que êle me explicasse o propósito desta música dissonante.

Para minha surprêsa êle sorriu e disse que estas vibrações musicais tinham sido descobertas após milhares de pesquisas, a fim de produzir a sensação de uma profunda devoção e veneração, na audiência. Isto porque estas vibrações são a contraparte dos sons naturais, produzidos pelos sons internos do corpo humano e que podem ser ouvidos quando colocamos dois dedos fechando os ouvidos aos sons externos. E assim dizendo, Kázi apontou para os instrumentos que formavam a orquestra e pediu que eu ouvisse atentamente a música de cada um. Observei primeiro o ruído dos tambores feitos de pele humana, depois o bater dos gongos, das sinêtas, trombetas e búzios de prata.

Mais tarde procurei testar o que me dissera Kázi. E, no suave silêncio do meu quarto, fechei os ouvidos com os dedos o mais profundamente possível, e ouvi os mesmos sons daquela música estranha dos lamas: a pulsação do coração, o barulho da água, o toque dos sinos, dos gongos e das trombetas. Fiz esta experiência muitas vêzes e, ainda hoje, quando a faço novamente, tenho a impressão de que estou num templo tibetano.

Meus olhos voltaram a fixar-se no Oráculo. Seu rosto ficou crispado de repente e êle caiu rijo no chão. A divindade tinha se afastado. Quatro noviços carregaram o «médium» para o interior do Templo.

— Afinal quais foram as predições do oráculo? — indagou Pierre, virando-se para Kázi.

— Não sei — retrucou êle —, as predições são estudadas pelo Conselho Superior dos Lamas durante vários dias para depois serem comunicadas ao Dalai e em seguida divulgadas entre o povo. Os oráculos não podem cometer erros nem dar respostas erradas. Muitos dêles já foram degradados e condenados à prisão perpétua, por terem feito falsas profecias.

Encerrando as cerimônias religiosas, a jovem abadêssa levantou-se tendo na mão direita um báculo de prata faiscante de pedras preciosas e começou a abençoar o povo. Todos se precipitaram para não perder o suave contato abençoador. Com bastante esfôrço conseguimos fugir à confusão reinante e sair em direção ao monte, onde tinha ficado um servo com os nossos cavalos.

Por um momento ficamos parados, olhando a maravilhosa paisagem. Sôbre nós brilhava docemente o sol do inverno e ao longe planavam algumas águias. Senti os pés afundarem em úmidas espessuras de relva. Colhi algumas amoras silvestres e fui comendo-as lentamente.

Lá no alto daquele monte relvoso, eu parei de ser eu mesma e fui o ritmo de tudo. Ofereci o rosto à brisa fria para que ela me despertasse longe de mim, lá no mundo oculto dos lamas onde vivem magias inacreditáveis!

A YOGA TIBETANA

As circunstâncias fizeram com que, ao deixarmos Nechung, subíssemos uma suave ladeira que conduzia a um planalto ondulado, por onde serpeava a estrada que demandava Lhassa. Durante algum tempo subimos e descemos aquêles declives, cortados de mansos regatos. Já no fim do planalto, a vereda começou a contornar o vale, e avistamos uma gruta que mais parecia um pequeno castelo. Ali habitava um «gontchen», ou ermitão, que, graças à intervenção de Kázi, teve a bondade de receber-nos e conversar conosco. O ermitão era um homem alto, magro, bronzeado, de idade indefinível. Rosto sem rugas, olhos brilhantes e límpidos, cabelos e barbas longos e muito brancos. Vestia uma espécie de sunga de algodão branco, característica dos «gontchen». A gruta estava inteiramente impregnada do perfume do incenso, que ardia a um canto, num braseiro.

As duas peças inferiores da gruta eram cercadas por um muro de pedra, que interceptava a vista. Em cima, ficava o quarto do ermitão, que dava para um pequeno terraço murado, de modo que êle podia fazer suas práticas meditativas sem ser visto de fora e sem ver nada além do céu sôbre a sua cabeça. Soubemos que sua reclusão era mitigada, de vez em quando, por uma ou outra visita que vinha buscar algum ensinamento yogue. Após conversarmos sôbre uma coisa e outra, aproveitamos o ensejo para aprender algo sôbre a yoga tibetana. E assim, perguntamos ao ermitão:

— Os métodos yogues tibetanos têm semelhança com os da Índia?

— Sim, os princípios fundamentais da yoga primitiva foram aproveitados pela yoga tibetana. Todavia, nossos métodos encerram muitos caracteres tântricos (mágicos). A yoga real é a mais usada aqui, com os mesmos métodos de concentração. Para esta concentração, recomenda-se um local êrmo e tranqüilo, capaz de proporcionar, juntamente com a atitude apropriada à meditação, a serenidade necessária para a realização interna. Nesse momento, não deve o discípulo pensar nem mesmo «agora medito». A fim de conter a corrente de idéias e fazê-la desaparecer, vários caminhos podem ser trilhados: entre êles ou se afoga o germe de qualquer pensamento que surja, ou, então, se deixa que despontem os pensamentos, uns após outros, sem lhes prestar atenção, até que a alma se esvazie por si mesma.

Mentalmente podemos formar a imagem de uma grande flor de lótus branco. As pétalas se abrem uma a uma e sôbre cada uma delas está sentada uma divindade lamaísta. Uma figura central ocupa o coração da flor. Depois de abrir-se, esta volta a fechar-se, e cada pétala, ao dobrar-se, lança um raio de luz que vai perder-se no coração do lótus. Por fim, quando a flor se fecha completamente, a luz que brota dela penetra na pessoa que está meditando e dando-lhe uma esplêndida sensação de bem-estar. Há, também, as meditações sem forma, muito usadas pelos budistas.

— Como assim? — indagou Pierre.

— Escolhemos, por exemplo, uma paisagem montanhosa ou mesmo um jardim. Olhamos o jardim e o observamos em todos os seus detalhes. Anotamos em pensamento as diferentes espécies de flôres que se encontram ali, o modo de estarem agrupadas, sua altura, forma e colorido, enfim tôdas as particularidades que podemos observar. Quando chegamos a formar uma idéia bem nítida dêste jardim, a ponto de podermos vê-lo claramente com os olhos fechados, começamos a eliminar um por um os diferentes detalhes do conjunto que representa o jardim. As flôres perdem gradualmente suas côres e suas formas e desaparecem da nossa mente. As árvores perdem as fôlhas, os galhos se encolhem, parecem penetrar no tronco, que afina e chega a ser uma simples linha para depois também desaparecer. Fica apenas o solo nu, e dêste vamos retirando as pedras, a terra e por fim o solo desaparece. Dêste modo, conseguimos eliminar a idéia do mundo, da forma e da matéria, e conceber, sucessivamente, a idéia do espaço puro e infinito, logo, a da infinidade da consciência, para chegar, depois, à esfera do vazio onde não existe nem consciência.

— Isto me parece muito difícil para ser praticado pela maioria das pessoas que se interessam pelo assunto — retrucou Pierre.

— É possível... — falou o ermitão — mas temos, também, um outro exercício mais simples, que se pratica dentro de um aposento escuro e silencioso. A pessoa senta-se no chão, em cima de uma esteira ou de uma manta, com as pernas cruzadas e a espinha ereta. Acende uma vareta de incenso ou uma vela, coloca-a em cima de uma mesa e concentra o olhar nesta chama, procurando não piscar. Quando sentir que os olhos estão muito cansados, fecha os olhos e procura ver, mentalmente, a chama, até conseguir vê-la com inteira nitidez. É preciso procurar esvaziar a mente de qualquer outro pensamento. Esta meditação pode ser feita várias vêzes ao dia ou à noite, e consiste em conduzir o espírito a uma tranqüilidade perfeita e a contemplação do minúsculo ponto de luz contribui para proporcionar serenidade. Em tibetano, êste exercício é chamado «niam par jag pa».

Esta prática é muito antiga entre os budistas. O sábio Budagosham, em uma de suas obras chamada «Manoratha Purani», fala da palavra mística «Utpalarvana» ou «que tem o espírito fixo na contemplação de sua lanterna e cuja contemplação serve como degrau para chegar ao conhecimento perfeito». As pesoas que praticam esta meditação diàriamente costumam sentir, depois que se sentam no aposento reservado para isto, a sensação de deixar cair um fardo, de penetrar numa região bela e silenciosa. Os místicos chamam a isto de «impressão de libertação e sossêgo» ou «niam par jag pa», ou melhor, apaziguar qualquer agitação que levanta ondas no espírito. Por isso, yoga é, entre outras coisas, o contrôle dos redemoinhos da mente. Só a mente serena pode refletir o Sol da Divindade.

O ermitão fêz uma pausa e olhou de soslaio para as montanhas longínquas, que a luz da tarde cobria de reflexos púrpura.

Redobrei a atenção com que o escutava. O assunto, de fato, era muito interessante. Talvez, nunca mais tivéssemos essa rara oportunidade de ouvir semelhante tema, explicado por alguém tão competente. E assim, quando êle recomeçou a falar, bebíamos suas palavras como um vinho raro.

— Uma das práticas muito usadas, aqui no Tibet, para vermos o grau da concentração do espírito durante a meditação, consiste em colocar uma lanterna acesa sôbre a cabeça do discípulo que vai meditar. Os que vivem sós colocam, êles mesmos, a lanterna de cobre ou de barro, em forma de uma

pequena taça com um pé largo por base. Enchem estas taças de manteiga de iaque derretida, depois de haverem colocado uma mecha acesa.

— E esta lanterna se sustem fàcilmente sôbre a cabeça?

— Sim, caso o discípulo fique numa completa imobilidade, pois ao menor movimento ela cai. Como a concentração perfeita produz esta imobilidade, seu defeito se prova quando a lanterna cai. Contam que, certa vez, um ermitão colocou uma destas lanternas sôbre a cabeça de um discípulo. Deixou-o sòzinho e voltou a vê-lo na manhã seguinte. Encontrou-o meditando, porém, sem a lanterna, que estava junto dêle, vazia de manteiga. Respondendo à pergunta do mestre, o discípulo, que não tinha percebido bem o objetivo do exercício, disse:

— A lanterna não caiu; eu tirei-a quando ela se apagou sòzinha.

— E como ias saber que ela estava apagada ou que tinhas uma lanterna sôbre a cabeça, se realmente tivesses alcançado a concentração do espírito? — replicou o mestre mansamente.

— Às vêzes — continuou o ermitão —, a lanterna é substituída por uma taça com água, cheia até as bordas. O sucesso da prova consiste em que durante a meditação não caia nem uma gôta de água. É uma maneira de registrar o grau de tranqüilidade de espírito. Conta-se que um mestre tinha um discípulo que considerava muito adiantado em perfeição espiritual. Contudo, desejando que o seu discípulo pudesse receber uma instrução complementar de Janaka, sábio real de grande renome, enviou-o a êste. O sábio deixou o viajante à porta do seu palácio durante vários dias, sem permissão para entrar, e o rapaz, apesar de pertencer à nobreza, não sentiu a menor mágoa com aquela falta de atenção. Quando, afinal, conduziram-no junto a Janaka, entregaram-lhe uma taça cheia de água, dizendo que tinha que dar volta à sala levando-a sôbre a cabeça.

Janaka estava rodeado de um fausto oriental: o ouro e as pedras preciosas brilhavam nas paredes do amplo salão; e formosas bailarinas, mui escassamente vestidas, sorriam ao jovem estrangeiro, enquanto êste passava junto delas. Contudo, êle venceu a prova, serenamente. Não lhe havia comovido o espetáculo que via diante dêle; Janaka devolveu o discípulo a seu mestre, dizendo que nada mais tinha para ensinar-lhe...

— É verdade que a concentração de pensamento transmite fôrça à distância? — indaguei.

— Sem dúvida — respondeu o ermitão. — Através da concentração, as pessoas capacitadas para isto podem projetar

formas concebidas pela sua mente e criar todo gênero de fantasmas: homens, divindades, animais, objetos diversos, paisagens, etc. O poder do pensamento é enorme e, aqui no Tibet, contam-se histórias populares cheias de exemplos. Entre elas, dizem que, certa vez, um mercador viajava com sua caravana em dia de muito vento. A borrasca arrebatou-lhe o chapéu, que foi lançado longe, entre os espinhos de um desfiladeiro.

O povo tibetano acredita que dá azar recolher qualquer objeto que cai, assim, numa viagem; obediente àquela remota superstição, o mercador abandonou o seu chapéu. Êle era pontudo, de fêltro macio, com longas abas de pele de rapôsa azul. Escondido entre as pedras, o chapéu era quase invisível. Semanas mais tarde, ao cair da noite, um homem, ao passar por ali, avistou uma forma imprecisa que parecia um fantasma azulado. Não sendo muito corajoso, apertou o passo e afastou-se. No dia seguinte, na primeira aldeia por onde passou, disse que tinha visto uma coisa estranha, escondida entre as pedras, perto do desfiladeiro.

Passou-se o tempo, e outros viajantes viram, também, no mesmo lugar, um objeto estranho, que não puderam definir. E assim, sucessivamente, outros mais viram o inocente chapéu e chamaram sôbre êle a atenção do povo.

Entretanto, o sol, a chuva e a poeira tinham mudado a côr do fêltro e das abas de pele que pareciam as orelhas peludas de algum animal. Assim, alguns pensavam que era um fantasma, outros que se tratava de um demônio escondido.

E aconteceu, um dia, uns viajantes virem as «coisas» querer libertar-se das pedras que as escondiam, e, finalmente, perseguirem aos que passavam, que, loucos de terror, fugiram velozmente.

O chapéu tinha se «animado de vida» pelo efeito de tantos pensamentos nêle concentrados.

O ermitão fêz uma pausa. Pierre Julien ia dizer qualquer coisa irônica, mas Vessantara fêz-lhe um sinal para que se calasse.

— Há, também, uma outra história curiosa sôbre o mesmo tema — disse o ermitão. A velha mãe de um mercador, que todos os anos ia à Índia, pediu, um dia, ao filho, que lhe trouxesse uma relíquia de Buda. O mercador prometeu cumprir o encargo, porém, preocupado com seus assuntos, esqueceu-se completamente. No meio do caminho, na viagem de volta, recordou o pedido de sua mãe e pensou na decepção que ela teria ao vê-lo chegar sem a relíquia. Enquanto refletia como solu-

cionar o assunto, seus olhos pousaram na mandíbula de um cachorro, que estava caído à beira do caminho. Teve uma súbita inspiração. Arrancou um dente da ossamenta ressequida, limpou-o bem, e envolveu-o num pedaço de sêda. Em casa, presenteou-o a sua mãe, dizendo que era um dente do grande Sariputra — um dos mais eminentes discípulos de Buda.

Louca de alegria e cheia de veneração, a boa mulher colocou o dente num relicário, sôbre um altar. Todos os dias rendia-lhe culto, acendendo velas e queimando incenso. Outros devotos se uniram a ela e, depois de algum tempo, o dente do cachorro, proclamado santa relíquia, emitia raios luminosos. Dêste modo, nasceu o provérbio tibetano: «da veneração surge a luz até de um dente de cachorro».

A tarde já ia avançada, quando o ermitão deu por encerrada a palestra, sem dúvida proveitosa para todos nós, reafirmando que no caminho da perfeição espiritual a yoga era, realmente, um poderoso elemento catalisador, através do qual o processo de evolução é mais rápido.

Quando deixamos a ermida já era quase noite. Durante o caminho, Vessantara disse:

— É estranho que o ermitão não tenha falado nada sôbre o «tchod», a yoga tibetana na qual se invoca o demônio para destruir a individualidade.

— Sim, realmente, porque teria evitado êste assunto? — indaguei.

— Talvez porque o venerável «gomtchen» não concorde com êste rito da yoga tibetana, como eu também não concordo. É um método muito perigoso que pode levar à loucura os discípulos de natureza fraca. Por isto a maioria dos Mestres desaconselha o «tchod».

VISITA AOS TEMPLOS DE LHASSA

A aventura desconhecida está diante de nós, no final do caminho tortuoso que sobe através do bosque e termina nos íngremes confins da parte sudoeste de Lhassa, onde está instalado o famoso Chakpori — Colégio de Medicina do Tibet. Ali, sob a proteção dos Oito Budas Curandeiros, estudam e meditam aquêles que mais tarde serão os médicos do Tibet.

Algumas horas depois, conduzidos por Kázi, atravessamos o pátio de Chakpori, desmontamos, entregamos nossos cavalos a um servo que nos acompanhava, e tocamos o grande gongo pendurado sôbre a porta.

Um lama alto e imponente veio ao nosso encontro, acompanhado por dois cachorros, um galgo negro de Turquestão e um pastor enorme de origem européia. Tem uma bela aparência, com suas vestes talares de sêda azul-cerúleo, de mangas tão amplas que ocultam totalmente as mãos. Completamente barbeado, tem a cabeça raspada, e seu rosto môço de pômulos salientes, nariz fino e bôca firme é simpático e agradável. Os olhos apertados perscrutam tudo sem nenhum constrangimento.

Os cães começaram a rosnar ameaçadoramente, mas a um gesto do lama logo se aquietaram. Kázi explicou-lhes a que vínhamos e o lama, que resultou ser o Mestre dos Acólitos, mandou-nos entrar. Andamos por amplos corredores, passamos por um pátio interno sombreado de árvores, onde um grupo de meninos de várias idades brincavam, vestidos como pequenos monges.

— São os futuros médicos — disse o lama —, acabaram as primeiras aulas matutinas e agora descansam.

Continuamos andando, até alcançarmos o ingresso aos santuários de paredes cobertas de pinturas místicas. Pouco variando no seu aspecto geral, as capelas maiores e menores, que visitamos, tinham alguns detalhes artísticos interessantes. Em um dos santuários, cheio de objetos sagrados, rezavam vários lamas, sentados no chão, na posição do lótus. Os dedos magros correndo pelas contas de seus rosários. Um altar precedido de grandes círios e de incensórios de prata serve de trono a várias imagens budistas e, entre elas, a de Manjusri — o deus da sabedoria.

Nas capelas, onde a claridade do dia é sempre escassa, mal podíamos, à primeira vista, divisar as imagens sagradas nos altares sobrecarregados de candelabros e vasos com flôres, de oferendas e de comidas para os santos.

Soubemos que estas comidas são mudadas diàriamente, e que cada santo aprecia uma qualidade especial de alimento. Em graciosas tigelas de porcelana, vemos diante da deusa-demônio Lha-mo, um prato contendo carne de cabra preta, sangue e manteiga. Ao lado, uma taça cheia de vinho. Junto à imagem de cada deus havia bolos de arroz em forma de pequenos chortens. Próximo às comidas notava-se uma oração, escrita num papel finíssimo, que dizia:

«A-va-ta-ya, A-va-ta-ya. Om vajra! Argham, Padyam, Pukh-po, Dhu-pe, A-loke, Gandhe, Nai-vi-dya, Shab-ta, Pratidsa-yi Swaha! Que pode ser traduzida literalmente, como: «Vem! Vem! Ó Senhor do raio! Partilha estas oferendas: excelente água de nascente para beber, água fresca para lavar vossos pés, flôres para ornar vossos cabelos, fumos de incenso perfumado, lanternas preciosas para iluminar a escuridão, água

perfumada para lavar vosso corpo, comida sagrada e música silenciosa dos címbalos! Come, fartamente, Senhor!

É costume dos fiéis oferecerem, em ocasiões especiais, cento e oito (número místico) lanternas, junto com igual número de tigelas de arroz e bôlos de manteiga, farinha de cevada e açúcar. Êstes são colocados em quatro tigelas, a ordem é a seguinte: junto da imagem, colocam primeiro o bôlo em forma de chorten, depois uma taça com vinho ou sangue de algum animal, em seguida, uma tigela com arroz-doce, uma torta, bolas de manteiga colorida e uma lamparina com manteiga de iaque.

Soubemos, ainda, que um arranjo mais elaborado de oferendas de comidas é visto durante o banquete a tôda assembléia de deuses e demônios, intitulada «Kon-ch'og-chi-du», ou sacrifício a tôda assembléia dos Sêres Raros, que é freqüentemente realizada na maioria dos templos lamaístas. Esta festa é observada pelos lamas de tôdas as seitas, e é um curioso exemplo de culto. Geralmente, êste banquete é realizado todos os meses, nos dias 10 ou 15. Após o banquete, os lamas realizam a cerimônia da expiação dos deveres religiosos deixados de ser feitos, e que lava a culpa dos lamas esquecidos. É, então, que o lama oficiante oferece aos elementais inferiores e aos demônios bolos e vinho. Depois um bôlo de «tsampa» é dado a cada lama, desde o mais importante ao mais simples noviço, pois, a comida foi consagrada aos deuses e deve ser partilhada irmãmente.

Todavia, cada lama deve deixar um pouco do bôlo, que é recolhido cuidadosamente num prato. Em cima dêstes pedaços de bôlo é colocado um bôlo inteiro. E, então, celebra-se um rito chamado «Lhak-dor»; e a oferenda do bôlo e as migalhas deixadas pelos lamas são jogadas ràpidamente na terra, para que os fantasmas famintos e os maus espíritos que ainda não foram dominados pelo santo Padma Shambhava possam matar a sua fome. Em seguida, os lamas lavam as contas dos seus rosários. Esta cerimônia implica, também, na idéia do pecado, por omissão e desleixo ao culto das divindades. Tem por objetivo aplacar a ira dos deuses, livrar a pessoa de preocupações e dar-lhe saúde. A lavagem das contas (que representam o Yidam ou divindade tutelar da pessoa), com sabão de benjoim e as fôlhas especiais do deus, é outra cerimônia de purificação muito usada nos templos lamaístas.

Cumpre dizer que o rosário ocupa um lugar importante no ritual lamaísta. Consta que o rosário apareceu sòmente no último estágio ritualista do budismo, quando surgiu a crença no poder das palavras murmuradas com fins de encantamento.

Em tibetano, o rosário chama-se «prenba» e, literalmente, significa um fio de contas. Aliás, todo rosário tibetano tem sempre 108 contas, por que se trata de um número místico. O algarismo 1 simboliza a harmonia e a ordem, o princípio do bem e da divindade. O zero simboliza o infinito. O 8 representa a perfeição, indica o movimento perfeito e regular do Universo.

Há uma grande variedade de rosários lamaístas. O material empregado varia de acôrdo com as posses dos lamas. O abade de um mosteiro rico pode ter rosários de pérolas e outras pedras preciosas. Conta-se que o Panchen-Lama possui rosários de esmeraldas, rubis, safiras e brilhantes. Todavia, os rosários mais usados pela maioria dos lamas é o de sementes de «rudraksha», uma árvore que cresce no Himalaia. Êste rosário pode ser usado em todos os cultos lamaicos.

Em Chakpori, além dos santuários, visitamos, ainda, as salas onde os lamas dão aulas de Medicina e que lembram muito as salas de um necrotério, com suas enormes paredes brancas, suas mesas de mármore, onde vê-se um ou outro cadáver dissecado, cheiro ativo de ervas medicinais e exóticos instrumentos operatórios.

Há, também, as salas dedicadas ao estudo da astrologia, que, no Tibet, está muito ligada à Medicina.

Isto me fêz recordar as palavras do grande yogue contemporâneo, Parahansa Yogananda, que, num dos seus livros, diz o seguinte: «A Astrologia é o estudo da resposta do homem ao estímulo planetário. As estrêlas não têm consciência de benevolência ou animosidade; elas enviam inúmeras irradiações positivas e negativas. Elas não ajudam nem prejudicam a humanidade, mas nos oferecem um cabal aprimoramento para a operação exterior do equilíbrio da causa e efeito que, no passado, foi pôsto em movimento pelos homens. Há uma Astrologia mais profunda, que não depende do testemunho dos calendários; cada homem é uma parte do Criador ou do homem Cósmico: êle tem um corpo celestial, assim como tem um corpo material. Os olhos humanos vêem a forma física, porém o ôlho interno penetrará mais profundamente, até o padrão invisível, do qual cada ser humano é uma parte íntegra e individual.» Talvez por esta razão os místicos tibetanos dêem tanta importância à ciência astrológica.

Como são tranqüilos e amáveis êstes lamas de Chakpori! Certamente, a morada nesta imponente cidadela é agradável. Muito vimos no decorrer dêste dia. Cansados de tanto caminhar e de experimentar mil sensações entre tanta coisa estranha e nova para nós, nos detivemos longamente no terraço que circunda o Templo, no último andar, e repousamos o espírito

contemplando a cidade de Lhassa, que, ao longe, se estende em direção ao Norte.

O encanto incomparável do ambiente e da paisagem, que em tôrno se desdobra, fêz-nos perder a noção das horas. O sol já havia se escondido atrás das nuvens.

Era tempo de partir de Chakpori — a Montanha de Ferro — e regressar a Lhassa. Ao tomar o caminho da saída, alongamos o trajeto para, uma vez, mais, passar pelo Altar dos Sacrifícios, onde alinhavam-se as estátuas douradas dos Oito Budas Curandeiros. E os revimos dentro em pouco, iluminados pela lua cheia que acabava de surgir atrás de um bosque de rododendros. Os terraços superpostos, com as suas balaustradas e colunas de mármore, apareceram-nos como um sonho, banhados pela claridade do luar que lhes prestava um aspecto vago e diluído das coisas que não mais pertencem a êste mundo...

* * *

Após conhecer Chakpori, ainda nos faltava visitar os célebres Mosteiros de Sera, Derpung e Nang-yul. Dedicamos tôda uma semana a visitar e a pesquisar êstes velhíssimos monumentos da fé tibetana. Derpung é um dos mais poderosos e populares mosteiros de Lhassa. Está situado cêrca de 3 milhas a Oeste de Lhassa, e nêle vivem sete mil lamas. Divide-se em quatro edifícios enormes. Contém um pequenino palácio para hospedar o Dalai Lama em sua visita anual. Nas paredes dêste palácio, entre pinturas religiosas, vemos um poema escrito pelo VI Dalai Lama, que era um renomado poeta e chamava-se Tsang Yang Gyatso. O poema nos assombrou pela sua delicadeza, e diz o seguinte:

«Pássaro branco, empresta-me tuas asas!
Não irei muito longe, amigo,
Após contornar o lago Li Tang,
aqui mesmo, pertinho, logo hei
de voltar, pássaro branco!
Calai-vos ruidosos papagaios!
No bosque dos salgueiros, o
pássaro «Djolmo» quer cantar
e saibam, o seu canto é mágico!
Ah! sejam ou não terríveis os
deuses e demônios que me seguem,
quero que sejas minha, doce maçã
que tenho ante os olhos!»

Sem dúvida não escapará ao leitor o velado tom pagão que parecem conter os versos do homem-deus do País das Neves. A poesia atua como drenagem para o Inconsciente...

Em frente ao pequeno palácio do Dalai, vê-se um estupa de pedra branca, que dizem conter o corpo do Grande Lama Yon-Tenu, que era mongol e possuía grandes podêres psíquicos. Os gênios tutelares dêste Templo são as Cinco Ninfas da Longa Vida (tseru-ma), cujas imagens, acompanhadas do deus Hayagriva, guardam a entrada. No umbral do Templo, vê-se, ainda, a efígie de seis deuses lamaístas. O interior de Depung é majestoso, porém, nada tem que o diferencie dos outros Templos que visitamos.

Quando saímos de Depung, dirigimo-nos para o Mosteiro de Sera, que fica a dois e meio quilômetros ao Norte de Lhassa, numa colina chamada Ta-ti-jun, famosa por conter minas de prata, e que rodeia Sera como se fôsse um anfiteatro. Seus lamas, cêrca de cinco mil e quinhentos, freqüentemente metem-se em lutas sanguinárias com os monges de Derpung, que é considerado um Mosteiro rival.

Sera fica na encosta de uma montanha plantada de ciprestes. Aqui e ali, vê-se um grande número de celas habitadas por certos lamas contemplativos, que nos pareceram completamente fora de lugar, num convento onde os lamas andam armados de punhais e parecem mais bandoleiros do que religiosos. É interessante observar que Sera é famoso pelos seus três grandes Templos de vários andares, cujos quartos são forrados de lâminas de ouro e prata. Dizem que num dêstes quartos está guardado o famoso «punhal mágico», que certa vez voou pelos ares, da Índia ao Tibet. O punhal de Sera é objeto de grande veneração e muitas vêzes é carregado em procissão através da cidade de Lhassa, para receber a adoração do povo. A arma chama-se «tam-din-purbu» e dizem ter pertencido a um sábio indiano por nome Grub-Thob. Foi encontrado por um grupo de lamas de Sera, na colina próxima do Templo. No 12º dia de cada mês, o punhal é retirado do seu relicário e levado ao Potala, para que o Dalai coloque-o em cima de sua augusta cabeça, a fim de impregná-lo de boas vibrações. Em seguida, o punhal é levado ao Governador de Lhassa e aos Ministros do Estado, os quais colocam o punhal sôbre a cabeça durante alguns minutos. Sòmente depois disso é que os lamas trazem o punhal de volta ao convento, em meio a admiração fanática do povo.

A mais bela imagem de Sera é uma enorme estátua de deus Avalokita Isvara, com 11 cabeças e 11 braços, cada um fazendo um gesto místico, ou Mudra.

Depois de Sera, partimos para Nam-Gul, que é o Mosteiro real de Lhassa, onde estudam todos os Dalais. Fica situado no alto da colina vermelha do Potala. Consta que foi fundado no século VII, no início da conversão do rei Sron-Tsan-Gampo, a fim de guardar as sagradas imagens budistas, que lhe trouxeram de presente suas duas espôsas, uma princesa nepalesa e uma princesa chinesa. Durante milênios, êste templo colossal recebeu inúmeras reformas e, no século XVII, foi inteiramente restaurado. Sua entrada principal fica do lado Este da montanha e, diante dela, há uma bandeira de preces, de 130 metros de altura, ornada na base com chifres de iaque.

Seu telhado pontudo é todo recoberto de fôlhas de ouro presenteadas ao Dalai pelo príncipe Ananmal, da Índia, em fins do século XII A.C. No centro do vestíbulo, há uma pesada porta de madeira de sândalo. Através dela penetra-se numa ante-sala, que dá para o primeiro andar. Na parede oposta à entrada, há uma outra porta de bronze, que nos conduz a um salão, em cujos cantos vêem-se as estátuas colossais dos reis guardiães dos 4 cantos do mundo. Através dela, entramos numa outra sala dividida por colunas. Uma escada em caracol conduz ao «Santum Sanctorum», que lembra muito o do Templo do Buda Vivo, em Sikkim, e cuja descrição seria inútil repetir.

No meio de um ou outro fiel, que se move devagar, os monges se insinuam e passam apressados. Trajados com sotainas vermelho-escuro, apertadas na cintura pelo cordão clássico dos lamas, raspados o crânio e o rosto em que apenas se mexem os lábios numa prece estranha e constante. Da mão direita pendente um rosário de coral, êles passam e não perdem de vista os vendedores de varetas de incenso e amuletos vários, que ficam parados no limiar do Mosteiro expondo suas mercadorias aos visitantes.

O CREPÚSCULO DOS LAMAS

Assim que nos aproximamos de Pargo Kaling, o Portão Ocidental do vale de Lhassa, um grupo de mendigos veio em nossa direção. Imundos e cobertos de farrapos, êles esmolavam com grande humildade. O Lama Kázi olhou-os com uma grande tristeza e depois que êles se afastaram com as esmolas, observou:

— Muitos dêsses mendigos são ricos e não precisam pedir esmolas. Bem, talvez depois que se cumpra a Profecia do Ano do Tigre e do Ferro (1950 — os comunistas invadirão o Tibet), êstes mendigos terão que trabalhar. Eu e vós

não mais estaremos aqui para ver isso. Para vós, terras distantes. Para mim, a volta ao país das fontes subterrâneas... será, então, o comêço do crepúsculo dos lamas...

— Então o Tibet será invadido? — indagou Vessantara.

— Sim — responde Kázi, convicto —, tal como o foi em 1904 pelas tropas inglêsas, comandadas pelo Coronel Younghusband, e os tibetanos opuseram a mesma resistência que oporão aos comunistas chineses no próximo Ano do Tigre e do Ferro, apesar de nossos oráculos predizerem que «tudo será inútil, pois é chegado o tempo do crepúsculo dos lamas».

Após breve pausa, Kázi prosseguiu:

— Em 1904, o tenente-coronel Wadell escreveu em seus apontamentos sôbre a história da invasão: «É realmente espantoso como os astrólogos tibetanos puderam prever, com grande antecedência, a tempestade que ora invade o seu país. Entretanto, eu mesmo copiei estas palavras proféticas de um velho almanaque tibetano publicado em 1850, que, com extrema exatidão, revela a hora, dia e ano em que isto sucederia.»

E assim, ficamos sabendo que desde que o Lamaísmo invadiu o terreno político, alcançando o poder temporal do País das Neves, os reis lamas tornaram-se meros bonecos nas mãos do clero. Esta supremacia religiosa, sôbre milhões de fiéis da Ásia, trouxe-lhe muito mais do que prestígio. Tornou-se uma fonte valiosa de rendimentos. Muitas contribuições de valor são enviadas da Índia, Mongólia, China e Birmânia para os cofres do palácio Potala. Após a morte do 13º Dalai, foi instalada no Potala uma seção especial do Ministério de Finanças do Tibet. Sua missão é recolher as oferendas religiosas de todo o mundo lamaísta. Incalculáveis quantidades de ouro e pratas, peles raras, pedras preciosas, sêdas e objetos de arte estão guardadas nos cofres secretos do Potala. Consta que são usados como reserva em caso de uma guerra inesperada. Mas, segundo Kázi, mesmo todo êste tesouro será inútil para salvar o Tibet do seu Carma, que permanecerá mesmo que a religião lamaica desapareça da face da terra. Contudo, suas poderosas idéias fundamentais jamais morrerão e a sua sutil influência irá um dia misturar-se com a fôrça política dominante que virá com a Fênix Vermelha. O atual 14º Dalai ensinará seu povo a matar os invasores chineses, que em 1950 dominarão o Tibet. Entretanto, Gautama Buda ensinava o contrário. A verdade é eterna e nenhuma pressão material pode destruí-la, pois ela está acima de tudo. A magia do misterioso encanto tibetano será desfeita. É bem possível que, diante do pânico e do terror que impera no Teto do Mundo, o povo tibetano volte a meditar nas palavras do testamento político do 13º

Dalai, falecido em 1924. Entre outras coisas, diz o documento, conservado ainda hoje no palácio Potala:

«No ano do Tigre e da Terra (1950), a religião e a administração secular do Tibet serão atacadas pelas fôrças da Fênix Vermelha (comunistas chineses). O 14º Dalai e o Panchen Lama serão vencidos pelos invasores. As terras e as propriedades dos Mosteiros lamaístas serão distribuídas. Os nobres e as altas personalidades do Estado terão suas terras e seus bens confiscados e serão obrigados a servir às fôrças invasoras.

Contudo, a grande luz espiritual, que, há séculos, brilha sôbre o Tibet, não se apagará. Ela aumentará, se difundirá e resplandecerá na América do Sul e, principalmente, nas terras de O Fu Sang, onde será iniciado um nôvo ciclo de progresso, com a nova sétima raça dourada.»

Segundo Kázi, o 14º Dalai, para não ser aprisionado, terá que fugir para a Índia. O incrível caos que há séculos reinou na Ásia voltará a reinar no País das Neves. Os lamas largarão os rosários e pegarão nas armas. Isto fêz-no lembrar que o destino do atual Dalai lembra o de Devadata — um dos discípulos de Gautama Buda, primo de sua espôsa Yasodhara.

Conta-se que, através das práticas da yoga, Devadata conseguiu desenvolver grandemente os podêres psíquicos. Certa vez, um Marajá ofereceu uma rica taça de ouro, incrustada de pedras preciosas, ao homem que pudesse alcançá-la sem subir no tôpo do bambu, onde estava pendurada. Vieram muitos yogues, magos e faquires para tentar a prova. Em vão invocaram os seus podêres ocultos. Sabendo do que se passava, Devadata resolveu competir. Sentou-se no chão, perto do Marajá, e concentrou tôda a sua fôrça mental. E o povo assombrado, viu que Devadata aos poucos ia se elevando no ar. E assim, levitando, conseguiu obter a taça sem subir no bambu. Contente com a sua façanha, Devadata foi procurar Gautama Buda e narrou-lhe o ocorrido. Buda sorriu, e respondeu mansamente.

— De que valem êstes podêres, meu filho? Nada significam para o teu progresso espiritual. São apenas demonstrações vãs...

Indignado, Devadata irritou-se com a resposta de Buda e abandonou-o. Foi para a cidade e começou a pregar contra êle. Mas êste continuou sereno e deixou Devadata entregue ao seu próprio destino. Certa tarde, Devadata caminhava pela floresta junto com um de seus discípulos quando, de repente, caiu dentro de areias movediças. Apesar de tôda a sua clari-

vidência, não viu o perigo e, desesperado, começou a afundar. O discípulo correu para salvá-lo, mas nada conseguiu. E Devadata morreu colhido pelas areias movediças.

Possìvelmente, apesar de todo o seu poder, o mesmo acontecerá com o 14º Dalai Lama, que breve dirá adeus aos títulos de encarnação viva do deus Chen-re-zi, Regente máximo do Teto do Mundo, Precioso Protetor do Povo, Grande Buda Vivo e tantos outros nomes poéticos e imaginosos, que não terão mais razão de ser...

A INICIAÇÃO FINAL

— Diga-me, Kázi, é verdade que aqui no Tibet existe uma espécie de conhecimentos psíquicos que permanece secreto, desconhecido para o resto da humanidade?

Os olhos serenos e brilhantes do lama fitaram-me atentamente. Estávamos sentados na grande biblioteca do Templo de Chakpori, onde êle ingressara alguns dias antes a fim de prosseguir os seus estudos de Medicina lamaica.

Faltavam poucos dias para partirmos de Lhassa e naquela tarde, deixando os meus companheiros entregues aos preparativos d viagem, fui sòzinha com um servo até o Templo de Chakpori despedir-me do velho Kázi. No horizonte longínquo, o sol morria docemente, por trás das montanhas nevadas.

Um leve sorriso esboçou-se no rosto moreno de Kázi quando êle falou :

— Sim, é verdade. São conhecimentos secretos que ainda não podem ser revelados à humanidade.

— E por que não ? — indaguei, curiosa.

Houve uma longa pausa. Pensei que o lama não tivesse ouvido a minha pergunta, mas não ousei insistir. Sua face permaneceu impassível e seus olhos perdidos na lonjura. Finalmente dignou-se responder:

— Esta sabedoria secreta não é para ser dada a todos, mas sòmente a alguns poucos que a compreenderão plenamente.

E na sua voz clara e metálica, escolhendo e pesando cada palavra, Kázi prosseguiu :

— Embora eu não possa revelar-te esta sabedoria secreta, vou transmitir-te alguns ensinamentos que me foram dados pelos Sêres da Hierarquia Divina que trabalham para a evolução espiritual da humanidade.

Palpitante de ávida emoção aguardei as palavras de Kázi sumamente interessada.

E o lama continuou :

— Êstes ensinamentos referem-se a como devemos invocar e mentalizar as Chamas Coloridas dos raios cósmicos. Estas chamas possuem uma poderosa fôrça de vibração positiva, quando ditas em voz alta. Tôdas as palavras destas invocações são calculadas para dar uma vibração positiva exata, permitindo que cheguem até os planos superiores onde vivem os Mestres excelsos da Fraternidade Branca do Oriente. Como sabes, êstes Mestres estão sempre dispostos a enviar sua proteção a todos os sêres bem intencionados que queiram difundir seus ensinamentos pelo mundo físico, ao seu redor. Os tempos são chegados para que possam difundir em linguagem clara algumas das principais realidades divinas.

O lama fêz uma pausa. Inclinou a cabeça para a frente e, uma vez mais, senti-lhe o olhar, perscrutando-me o íntimo.

— Ouve — disse por fim, muito lenta e demoradamente —, segundo nossas antigas tradições místicas, estas Chamas Coloridas dos raios cósmicos possuem o poder de anular por algum tempo tôdas as fôrças negativas. Quanto mais nós as utilizarmos em constantes invocações e mentalizações, mais elas nos protegerão e elevarão espiritualmente. Eis aqui a primeira das invocações. Diga-a em voz alta junto comigo :

Ó Tu, Presença infinita do Cosmos em meu coração!
Projeta em volta de mim um longo tubo branco de luz eletrônica. Torna-o tão possante que nenhum malefício possa atravessá-lo.
Faz com que eu seja invulnerável a tudo o que não é o teu amor, tua sabedoria e teu poder.
Graças vos dou, Presença infinita do Cosmos, pois atendestes a minha invocação!

— Mentalize um longo tubo branco de luz eletrônica em tua volta, a um metro e meio de distância.

Obedeci. Como estava acostumada a constantes mentalizações, sem nenhum esfôrço consegui ver diante de mim o tubo de luz eletrônica.

— Prossigamos — falou o lama percebendo que a minha visão espiritual estava aberta. Nós, lamas tibetanos, conhecemos muitas palavras especiais para invocarmos a Presença Divina. Entre estas encontra-se a palavra sagrada «AIE AM». Significa a atividade plena do Pai Celestial. A mais pura das atividades. É uma palavra de grande poder vibratório que usarei nesta segunda invocação que repetirás comigo:

Ó Tu, Presença do Pai Celestial em
meu coração!
Ó Sanat-Kumara, ergue um poderoso tubo
de Chamas Azuis em volta do meu tubo de
luz branca. Que êle seja uma proteção a
mais contra todos os malefícios.
Conserva-o eternamente em volta de tôdas
as criaturas até que a humanidade inteira
encotre a libertação pela ascensão
espiritual!
Eu te agradeço, Pai Celestial.
AIE AM AIE AM AIE AM.
AIE AM AIE AM AIE AM.
Eu sou AIE AM.

— Em volta do tubo de luz eletrônica — falou Kázi — vem pousar agora um espêsso tubo de chamas azuis, que aumentam o seu poder.

Com os olhos fechados, mentalizei o tubo de Chamas Azuis e logo senti a sua doce vibração passar do meu corpo etéreo para o meu corpo físico.

— Continuemos — disse Kázi. E com cálido timbre fêz um outra invocação :

Ó Tu, Presença infinita do Pai Celestial
que estás no meu coração !
Ó Marte, nosso planêta irmão, ó Mestres
excelsos do espaço, conjugai vossos podêres
para nos proteger, para dispor em volta de mim
um tubo invencível de Chama Rosa, que aumente
ainda mais o poder do tubo de luz branca e
do tubo de luz azul. Faz com que subam estas
luzes cintilantes até a oitava dos Mestres
e dos grandes Sêres da Hierarquia Divina.
Que estas luzes divinas brilhem deslumbrantemente
e que destruam as influências maléficas
que tentarem me atacar!

AIE AM AIE AM AIE AM.
E vos agradeço, Marte, meu irmão e todos os bem-amados mestres invisíveis!

— Mentalize um tubo de Chamas Rosadas em volta do tubo de Chamas Azuis — ordenou o lama. Estas chamas sobem alto, e vão ter à presença inefável dos Mestres da Fraternidade Branca.

Em silêncio obedeci a tôdas as indicações de Kázi. Quando sua voz voltou a soar era como se tivesse um timbre celestial:

— Invocaremos agora a Chama Violeta que tem o poder de consumir um pouco do nosso Carma, de afastar as formas-pensamento nefastas que nós criamos ou que outros projetam contra nós. Esta Chama Violeta deve ser mentalizada sôbre nossos amigos e parentes bem como sôbre os nossos inimigos, pois ela os envolve purifica e liberta. Podemos ainda enviar ondas vibratórias de Chamas Violetas para beneficiar os rios, os lagos, os mares, planícies e montanhas, bosques, prados, jardins e casas. Podemos ainda envolver no seu doce eflúvio os animais, contribuindo para que também subam na escala da evolução. É excelente mentalizarmos gigantescas fogueiras de chamas violetas, nas florestas virgens, nas cidades infestadas de malfeitores, nas prisões e nos hospitais. A Chama Violeta purifica tudo em que toca, liberta os pequenos sêres da quarta dimensão, os pequenos gnomos, as fadas, as ondinas...

Novamente Kázi reatou o fio de seus ensinamentos :

«Chama Violeta do Grande Sol Central!
Chama Violeta do Grande Sol Central!
Chama Violeta do Grande Sol Central!
Desce em meu coração,
desce em minha alma,
desce sôbre o meu corpo físico e espiritual
desce sôbre tôda a Natureza.
Desce sôbre tôda a humanidade.
Desce, desce, desce.
Defende-me, defende-me, defende-me.
Toma posse de todo o meu ser.
AIE AM AIE AM AIE AM
AIE AM AIE AM AIE AM
Pai, eu sou AIE AM!
Controla, controla, controla.
Sustém-me, sustém-me, sustém-me.
Envolve-me, envolve-me, envolve-me.

Espalha-te, espalha-te, espalha-te.
Liberta-me, liberta-me, liberta-me.
Eu estou em ti, eu estou em ti, eu
estou em ti.
AIE AM AIE AM AIE AM
AIE AM AIE AM AIE AM
Pai, eu sou AIE AM.
Eu sou a presença divina em ação
Eu peço e comando que esta invocação
seja manifestada fisicamente.
Eu ordeno que ela seja manifestada fisicamente.
Eu sou poder que a faz surgir sôbre
o plano físico.
Eu peço e comando que esta invocação seja
atendida com rapidez de relâmpago, pela
Luz do Grande Sol Central!

— Mentaliza uma grande Chama Violeta passando pelo teu corpo — disse Kázi. Faz subir esta Chama Violeta dos pés à cabeça e mais alto ainda, e que ela consuma todos os maus pensamentos que geraste nesta vida e em vidas anteriores. Sente como se esta chama divina passasse por teus músculos, teus ossos, tuas veias, teus nervos... que ela consuma tudo o que é impuro em ti e em volta de ti...

Procurei manter a minha atenção calma e concentrada enquanto obedecia às indicações do lama. E súbito, senti passar a Chama Violeta pelo meu corpo, dando-me uma sensação de grande bem-estar, alegria e felicidade. Senti que a Chama Violeta era a Misericórdia Divina. Sua grande pureza veio a mim e consumiu tudo o que não produzia o equilíbrio, deu-me a paz e a harmonia.

— Agora que nossos corpos estão purificados — falou Kázi — podemos invocar a luz sagrada do Pai Celestial. Mentaliza uma grande Chama Dourada envolvendo o teu corpo e depois repete comigo:

Ó CHAMA DOURADA DO GRANDE SOL CENTRAL!

Luz Sagrada do Pai Celestial, poderoso
e único!
Toma posse do meu coração, substitui
tôda a matéria consumida pelas Chamas
Azuis, Rosadas e Violáceas.
Aquece meu corpo e minha alma.
Preenche o vácuo criado pela eliminação
das vibrações negativas.

Enche o meu ser com o poder divino dos milhares de sóis do Grande Sol Central!
AIE AM AIE AM AIE AM!

Assim que terminei de proferir as últimas palavras da invocação, senti uma suave languidez e logo, sem perder o conhecimento, tive a impressão de que eu era uma gigantesca Chama Dourada. Uma maravilhosa sensação de leveza invadiu o meu ser e me senti integrada num mundo de luz...

Aos poucos voltei ao meu estado normal e novamente percebi o ambiente que me rodeava. Abri os olhos e vi Kázi, sentado imóvel ao meu lado. Um vento suave entrou pela janela e agitou as longas mangas do hábito amarelo do lama.

Afinal ouvi Kázi dizer quêdamente:

— Esta foi a fase final da tua iniciação aqui no Tibet. Teu corpo é um canal da Divindade. Lembra-te sempre disto e procura conservá-lo livre, para não impedires a manifestação do Pai dentro do santuário do teu próprio ser.

Após uma breve pausa, Kázi continuou:

— Já fiz descer sôbre ti os fluxos cósmicos abençoadores. Assim como me iniciaram eu te iniciei. Mas não penses que atingiste o Mestrado nem que aqui termina a tua iniciação. Diante de ti está o mundo e êle será o teu grande mestre. Sei que mais tarde, depois que voltares ao teu país, sucumbirás por causa de certas atrações mundanas, porém vejo também que, após os trinta e cito anos, tua vida seguirá um outro rumo e cumprirás a tua missão espiritual. Entretanto, não te deves inquietar, porque as tuas quedas são necessárias para que possas sentir a dor do êrro e a doçura do triunfo...

Baixei os olhos comovida enquanto o lama dizia :

— Agora vou ensinar-te uma invocação de proteção pessoal, que também serve para tôda pessoa ou lugar que se queira proteger. É uma invocação a Astréia, um Ser Cósmico representado por uma estrêla fulgurante. Êle cerca os focos de discórdia com uma Chama Azul que consome a fôrça maléfica. Esta Luz Azul queima e purifica, e o círculo se restringe até que tôdas as vibrações negativas são consumidas.

Seguiu-se um breve silêncio. Logo, Kázi falou:

ASTRÉIA, nosso Mestre, aplica teu círculo de Chamas Azuis em volta de mim, aplica-o, aplica-o, aplica-o.

Repita esta invocação 9 vêzes e para terminar diga:

Eu peço e comando que esta invocação seja atendida com a rapidez do relâmpago pela Luz do Grande Sol Central!

— Divulga esta e as outras invocações nos teus escritos — disse Kázi. — Que estas palavras inspiradas pelos espíritos superiores sejam um guia seguro para todos os que procuram o conhecimento celestial. Mentalizei a tua vinda hoje aqui, para que a sós, eu pudesse te transmitir esta iniciação final...

E erguendo a mão direita o lama abençoou-me dando por encerrado o nosso encontro.

ÚLTIMA VISÃO DA CIDADE PROIBIDA

Deixamos Lhassa no quinto dia da primeira Lua das Faias Amarelas. Foi nas primeiras horas da manhã que saímos da Rua Dekyi Lingka rumo às margens do rio Xyi. Deixávamos a cidade sagrada de Lhassa, talvez para sempre, iniciando a nossa longa viagem de volta para o mundo ocidental.

Levamos pouco tempo para cobrir quase um quilômetro que separa a Dekyi Linggka do rio e logo alcançamos o ponto de embarque. Íamos atravessar cêrca de sessenta milhas através do rio, até alcançar a junção de suas águas com o grande rio Tsang Po.

Senti uma certa nostalgia quando a grande barca quadrada começou a mover-se ao ritmo da canção bizarra dos remadores. A cidade dos deuses foi ficando distante. O imenso Palácio Potala e a bela colina de Chakpori, com seu imponente Colégio de Medicina, logo diminuíram de tamanho. Talvez, do alto de alguma janela do Templo de Chakpori, meu amigo e mestre, o Lama Kázi, me acenasse um adeus...

EPÍLOGO

Muita coisa ocorreu no Oriente e no mundo, desde o dia em que deixamos pela última vez o País das Neves. Cumpre dizer que escrevi êste livro há mais de quinze anos, logo após a minha chegada ao Brasil. Os originais ficaram guardados, adormecidos na gaveta da minha secretária, confundidos com a minha papelada. Creio que me faltava um estímulo para publicá-lo, pois sabia que o livro iria certamente causar um impacto na mente dos leitores, que fazem do Tibet uma visão de maravilha, quando a realidade é bem outra...

Hoje, resolvi trazer a público estas impressões de viagem. Daquela época distante, que evoco a cada momento, não posso deixar de assinalar o fatal cumprimento da profecia do 13º Dalai Lama que morreu em 1924, cujas palavras transcrevo nesta obra. Como é do conhecimento geral, em maio de 1950, o Tibet foi invadido pelas tropas chinesas. O atual rei lama, 14º Dalai, fugiu para Tzepur, última estação antes dos Himalaias, fronteiras da Índia com o Tibet. Voltou de nôvo à sua pátria, para anos depois fugir outra vez para a Índia, em 1959, onde permanece até hoje. Esta fuga ocasionou uma forte altercação entre o Govêrno indiano e o Govêrno chinês, fato que culminou num ataque das tropas chinesas à Índia em 1962, chegando depois os dois governos a um acôrdo de paz.

O que me levou a escrever esta obra foi o desejo sincero de mostrar aos leitores e, em especial, aos espiritualistas do mundo ocidental o verdadeiro Tibet dos nossos tempos, que conheci pessoalmente e que é bem diferente da imagem que a maioria das pessoas idealiza. Imagem esta que talvez tenha sido, há muitos milhares de anos atrás, e que justificou outrora o seu título de «Pátria Espiritual do Mundo».

Cumpre lembrar que, hoje obedecendo ao ciclo da evolução espiritual, é do Ocidente que se irradiará a luz.

ALGUMAS OPINIÕES SÔBRE CHIANG SING:

"Quem ler Chiang Sing estará dispensado de manusear dezenas de especialistas em matéria oriental e fará uma das mais amenas viagens às longínquas terras do Oriente.

LINCOLN DE SOUSA *(A Noite)*

"É uma fada. Sim, por que não? Aprendi com ela que as fadas existem. É claro, pois se a tive diante dos olhos, com tôda aquela sua formosa serenidade, as convicções profundas, o ar de sonho espalhado pela fisionomia, pela voz e gestos, pelas palavras que diz... Claro que as fadas existem! Ela o afirma. E quando se ouve Chiang Sing a gente acredita em qualquer coisa."

LÁZINHA LUIZ CARLOS *(Correio da Manhã)*

"A primeira vez que li Chiang Sing fiquei deslumbrado. E perplexo. Quem seria esta chinesa que dominava tão bem a nossa língua? Soube-o depois. Chiang Sing é pseudônimo. Brasileira. Especializou-se em assuntos orientais e desde pequena diz que é uma "avatar" (reencarnação) de uma princesa chinesa que viveu na China há mais de quatro mil anos."

GONDIN DA FONSECA *(Diário Carioca)*

"Nas mãos de Chiang Sing a vida se dilui em poesia."

VALDEMAR CAVALCANTE *(O Jornal)*

"Talvez por um atavismo milenar, Chiang Sing não descobriu primeiro as inspirações do meio em que nasceu. Sua sensibilidade artística despertou-se para as longínquas sensações, para a meia-luz dos ambientes cerebrais em que, no entanto, revela tão límpidas realidades. Chiang Sing não deixa vislumbrar no exotismo dos seus escritos, intenções que não sejam as que de fato tocam o seu coração."

AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE
Pres. da Academia Brasileira de Letras

"Chiang Sing é como uma nota de flauta perdida no mistério do misterioso além."

EDMUNDO LYS *(O Globo)*

"Chiang Sing a nós nos parece uma 'Bodhisatva' em missão de esclarecimento, porque semeia verdades, contando histórias; ensina deleitando, penetra na realidade oculta aos não-iniciados, através da irrealidade aparente."

JOSÉ BRÍGIDO *(Diário de Notícias)*